

GUARDIÃO DO AMOR

Aprendiz Sete
no Reino das Ninfas

Rubens Saraceni



MADRAS®

Rubens Saraceni

Guardião do Amor

**Aprendiz Sete no
Reino das Ninfas**



MADRAS

© 2014, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Revisão:

Arlete Genari

Sergio Scuoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saraceni, Rubens

Guardião do amor : Aprendiz Sete no reino das ninfas / Rubens Saraceni.

São Paulo : Madras, 2014.

ISBN 978-85-370-0408-1

1. Romance brasileiro 2. Umbanda (Culto)

I. Título.

08-07176 CDD-299.672

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances mediúnicos : Umbanda 299.672

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela:

MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 – Santana

02403-020 – São Paulo / SP

Caixa Postal 12183 — CEP 02098-970 – SP

Tel.: (11) 2285-5555 — Fax: (11) 2959-3090

<http://www.madras.com.br>



Guardião do Amor

Eu, Aprendiz Sete, havia conquistado meu primeiro grau como guardião na escola que havia me acolhido após uma caminhada de descobertas, fracassos e decepções.

No auge do desespero, o meu pai e senhor Ogum havia me conduzido até aquela fortaleza assentada no limiar entre a luz e as trevas.

Ali, em uma escola formadora de Guardiões da Lei e da Vida, eu começara a conhecer e descobrir coisas jamais imaginadas por mim, um espírito humano.

Como o tempo ali inexistia, não posso dizer quanto tempo já havia se passado desde que ingressara naquela escola de guardiões, mas eu havia descoberto que dali jamais sairia, ainda que pudesse viver uma eternidade dentro da realidade que eu adentrasse para reordená-la. E era justamente sobre isso que meu mestre-instrutor me falava:

– É isso, Aprendiz Sete! Daqui você jamais sairá, ainda que daqui você possa deslocar-se para todas as realidades já criadas pelo nosso Divino Criador!

– Mestre, como o senhor tem lidado com essa situação de aprisionamento em uma fortaleza regida por um dos mistérios do nosso pai Ogum?

– Resignação é a chave, Aprendiz Sete!

– Como me resignar se jamais sairei daqui?

– Reflita!

– Refletir sobre o quê?

– Sobre o desígnio que o conduziu até aqui e agregou-o a esta escola de guardiões, meu filho. Você vinha vagando sem rumo na dimensão espiritual humana, paralisado na forma humana de pensar.

– Fale-me sobre a dimensão espiritual humana, mestre-instrutor.

– O que você quer saber sobre ela, Aprendiz Sete?

- Tudo o que preciso saber, mestre.
 - Vou comentá-la segundo o meu entendimento, que tanto pode ser correto quanto pode ser questionado por quem tiver outro entendimento sobre ela, pois a última palavra sobre ela só o Divino Criador poderá dá-la!
 - Então, terei que me basear em seu entendimento ainda que outros possam discordar dele?
 - Foi o que eu disse, Aprendiz Sete. Não seja repetitivo, está bem?
 - Sim, senhor.
 - Você terá de aceitar o meu entendimento até que tenha desenvolvido o seu, que você usará para instruir seus discípulos. Mas, até que o tenha desenvolvido, será do meu que se servirá para poder refletir.
 - Está certo, mestre.
 - Pois bem, eu observei a dimensão humana da vida e cheguei à conclusão de que ela é uma escola aplicada de suma importância para o aperfeiçoamento da natureza dos espíritos indômitos.
 - Como é que é?!!
 - Você não entendeu o que eu disse?
 - Não entendi nada. Por favor, seja mais claro!
 - Está certo. Vamos nos deslocar até a dimensão humana da vida. Só que você vai abrir um portal de acesso a ela para que, caso algo o retenha por lá, eu possa voltar ao meu posto de vigia sem ter que aguardar que você resolva alguma das suas encrencas ou pendências, certo?
 - Precaução nunca fez mal a ninguém, não é mesmo?
 - Foi o que eu disse, Aprendiz Sete!
 - Como faço para abrir uma passagem atemporal até a dimensão humana da vida?
 - Ajoelhe-se, invoque o poder do nosso Pai Obaluaiê e clame-lhe para que abra uma passagem atemporal, que ela se plasmará bem aí, na sua frente!
- Procedi como o meu mestre-instrutor havia dito e, de fato, abriu-se uma passagem, um portal atemporal através do qual eu sairia do meu posto de vigia das realidades sob minha guarda e vigilância e voltaria a ele no mesmo instante, não me ausentando uma fração de segundo sequer.
- Eu me projetei através daquela passagem atemporal e, quando saí do outro lado, já na dimensão humana, deparei-me com o meu mestre-instrutor, que me perguntou:
- Por que você demorou tanto para atravessar o portal, Aprendiz Sete?
 - Eu não demorei nada, mestre. Um segundo atrás eu ainda estava do outro lado dele, oras!

– Um segundo é muito tempo para o deslocamento de um guardião da Lei, Aprendiz Sete. Nossos deslocamentos devem ser instantâneos, sabe?

– Preciso aperfeiçoar-me.

– Precisa mesmo! Agora, vamos ao que nos trouxe até aqui.

– Estou curioso, mestre.

– Siga-me, meu dileto discípulo!

No mesmo instante, ele desapareceu e fiquei sem saber para onde me dirigir, já que ele não deixara um só indício para eu me guiar. Mas, no segundo seguinte, ele reapareceu e perguntou-me:

– Você vem ou não?

– Como posso acompanhá-lo se não tenho essa sua capacidade de deslocamento?

– Use sua mente, Aprendiz Sete!

– Como devo usá-la, se não sei como voitar à sua velocidade?

– Mentalmente, e você me seguirá.

– Está certo, mestre!

De fato, ele sumiu e eu o mentalizei e projetei-me, alcançando-o em uma fração de segundo.

– Você já melhorou um pouco, Aprendiz Sete! Mas ainda terá de desenvolver sua velocidade de deslocamento. Deixe-se guiar pelo seu mental que seus deslocamentos serão instantâneos, pois ele se desloca sem gastar tempo algum, enquanto o deslocamento espiritual, ainda que seja rapidíssimo, gasta algum tempo, certo?

– Por que essa diferença entre o deslocamento mental e o espiritual, mestre?

– O mental move-se pelo centro da Criação. Já o espírito, este se desloca pela periferia dela.

– Como é que é isso, mestre?

– Aprendiz Sete, o deslocamento mental se processa por dentro da Criação enquanto o deslocamento espiritual ocorre pelo exterior dela. O mental desloca-se pelo lado de dentro e o espírito, pelo lado de fora, meu filho.

– Por que isso, se o mental e o espírito são partes de um mesmo ser?

– O mental é imaterial. Já o espírito, este é a materialização do ser. O mental não ocupa espaço, enquanto que o espírito ocupa, e a mente tem de transportá-lo de um lugar para outro através do meio onde o ser está.

– Entendo. Mas como é esse deslocamento mental, se o seu corpo espiritual acompanha-o?

– Ele se desmaterializa e ressurge aonde minha mente me leva. Ele se desloca como uma energia que se move à velocidade superior à da luz,

que aqui no lado espiritual viaja mais rápido que no lado material da Criação.

– Qual a velocidade da luz no lado espiritual, mestre?

– Ela é de 450 mil quilômetros por segundo, mais ou menos. Mas, no deslocamento mental, por ser “por dentro” da Criação, não há uma velocidade e sim o deslocamento instantâneo de um lugar a outro. Você agora está aqui e no instante seguinte, que é uma fração de segundo, um milionésimo, está onde deseja estar.

– Isso eu preciso aprender a fazer, mestre!

– Daqui, do alto desse pico rochoso, você vê muito bem as estrelas, não?

– Vejo sim.

– Escolha uma, bem distante, Aprendiz Sete.

– O senhor irá levar-me até ela?

– Escolha uma, está bem?

– Sim senhor, mestre. Eu escolhi aquela, que fica um pouco abaixo da constelação formada pelas estrelas que no plano material chamam de Três Marias.

– A que distância ela está do planeta Terra, Aprendiz Sete?

– Não sei, mestre. Talvez uns 15 milhões de anos-luz, não?

– Deixe-me ver a que distância ela está.

O meu mestre-instrutor olhou fixamente para a estrela que eu escolheira e vi sair dos olhos dele dois raios multicoloridos que se projetaram instantaneamente até ela, que se mostrava como um pontinho luminoso no fundo escuro à sua volta.

No instante seguinte, aqueles dois raios refluíram para os seus olhos e ele falou:

– É, esta estrela está a 17,3 milhões de anos-luz do planeta Terra, Aprendiz Sete!

– Como o senhor fez essa medida, mestre?

– Minha visão deslocou-se por dentro da Criação e pude medir a distância. Só isso eu fiz, Aprendiz Sete.

– Só isso!!! Se a luz daquela estrela viajou 17,3 milhões de anos-luz até se tornar visível aqui na Terra, como o senhor em poucos segundos chegou até ela e voltou? Ou não foi isso que o senhor fez?

– Eu fiz isso sim, Aprendiz Sete. Mas só me desloquei mentalmente através da minha visão, sabe?

– Não sei, não. Eu nem imagino como isso é feito, mestre.

– Por isso você ainda é um aprendiz, certo?

– É, sou um aprendiz, sim.

– Quanto tempo você calcula que, deslocando-se à velocidade da luz no plano espiritual, nós demoraríamos para chegar até ela?

– Bom, basta fazer uma continha básica que chego ao resultado, já que espiritualmente podemos nos deslocar a 450 mil quilômetros por segundo, certo?

– Isto mesmo. Daqui a uns 13 mil anos-luz nós chegaríamos até ela, não?

– É mais ou menos isto, mestre.

– Demorando esse tempo para ir e outro tanto para voltar até o planeta Terra, provavelmente quando voltássemos ele já não existiria mais, certo?

– Isto é certo.

– Então, espiritualmente é impossível ir até ela e voltar, certo?

– Isto também é certo. Mas, visualmente, o senhor já foi e voltou em poucos segundos, certo?

– Não só fui como dei uma olhada superficial no sistema formado por aquela estrela, e vi que há 18 planetas orbitando em seu campo gravitacional.

– Meu criador, como isso é possível?!!!

– Olhe nos meus olhos e verá como isso é possível, Aprendiz Sete!

Eu olhei nos olhos do meu mestre-instrutor e, ainda não sei como, mergulhei num vazio absoluto para, no instante seguinte, estar diante de um majestoso Trono, ocupado por um ser divino enorme que irradiava luz como um Sol, como uma estrela multicolorida!

Ajoelhei-me diante dos seus pés e encostei minha testa no solo cintilante ali existente.

– Levante-se, Aprendiz Sete! – ordenou-me aquele ser divino.

– Abençoa-me, meu senhor! – clamei, com a voz entrecortada pelos soluços que brotavam do meu peito.

– Eu já te abençoei, meu filho amado. Agora, levante-se para que eu possa contemplá-lo por inteiro e ver como você está, desde que o nosso Divino Criador o amoldou nessa forma humana.

– Não sou digno de levantar-me diante do senhor, meu senhor.

– O que você entende por ser digno ou indigno, Aprendiz Sete?

– Sou um espírito pecador, meu senhor. Sou um ser impuro que cometeu tantos erros, falhas e pecados que não tenho coragem de levantar-me diante do senhor.

– Levante-se, Aprendiz Sete! – ordenou-me aquele ser divino.

Impulsionado por uma força exterior, levantei-me e meus olhos fixaram-se nos dele que, não sei como, passou-me uma carga de informações e eu comecei a saber de tantas coisas até então inimaginadas, que me assustei.

– Não perca seu equilíbrio, meu filho. O que lhe transmiti foi apenas o que você está apto a saber e exercitar de agora em diante como guardião

da Lei, assentado em um dos muitos níveis vibratórios da infinita Criação do nosso Divino Criador.

- Quem é o senhor, meu senhor?
- Eu sou seu pai Ogum Sete Estrelas, meu filho.
- E eu, quem sou eu, meu senhor? – perguntei aos prantos.
- Você é meu filho Ogum Sete Estrelas, meu filho amado.
- Como posso ser seu filho Ogum Sete Estrelas, se o senhor é o senhor Ogum Sete Estrelas e eu sou só um espírito humano?
- O Divino Criador gera os seres como consciências adormecidas que, para serem despertadas, devem ser exteriorizadas e amadurecidas nos planos exteriores da sua infinita Criação. E você foi exteriorizado através da sua mãe Iemanjá Sete Estrelas que, quando o exteriorizou, também exteriorizou toda uma onda viva formada por muitas outras consciências que precisavam iniciar seu despertar no exterior do nosso Divino Criador.

Portanto, se você é filho de sua mãe Iemanjá Sete Estrelas e de mim, seu pai Ogum Sete Estrelas, então você é meu filho Ogum Sete Estrelas, ainda contido nessa sua forma humana por causa dessa sua natureza indômita, que tantos dissabores tem lhe causado, porque ela está fora do seu controle mental.

Somente quando você dominar mentalmente a sua natureza, o seu ser imortal se libertará dessa forma humana e a sua forma divina desabrochará.

Então, daí em diante, você não só será visto e reconhecido como se sentirá um Ogum Sete Estrelas.

Eu nada respondi, porque eu chorava como uma criança: aos berros!

O meu pranto era tão dolorido que até ele derramou lágrimas por mim. E mais alto se tornou o meu choro quando vi surgir ao lado do Trono dele o Trono de minha mãe Iemanjá Sete Estrelas.

Dos olhos dela corriam lágrimas que cintilavam mil cores ao mesmo tempo e que se cristalizavam quando tocavam o solo.

Ao olhá-los, por eles ela me falou isto:

– Este solo cristalino que cintila mil cores foi formado pelas lágrimas que venho derramando por você e por todos os meus filhos e filhas que não conseguem dominar suas naturezas, e cada vez mais estão se afastando da nossa visão, meu filho amado.

Até quando vocês, os de natureza indômita, vão nos fazer derramar lágrimas pelo vosso afastamento?

Até quando irão se deixar dominar pelo negativismo dessa vossa natureza, que joga uns contra os outros e todos vocês contra o que trazem em vosso íntimo, que é a divindade do vosso Divino Criador, que em vocês, os nossos filhos e filhas, assumem as nossas formas e aparências?

Até quando o Divino Criador terá de emprestar-lhes a forma espiritual humana para que deem vazão a essas vossas naturezas indômitas?

Até quando, meu filho?

Eu não respondi a nenhuma de suas indagações por causa do meu pranto e do meu desespero por ser um dos muitos responsáveis pelas lágrimas derramadas pelos nossos genitores divinos.

Apenas caí de joelhos e cobri meu rosto em função da dor e da vergonha que eu sentia... e ainda sinto até hoje, por ser como sou e por não ser como eu deveria ser.

Não há dor pior que a da vergonha que sentimos quando nos vemos diante dos nossos genitores divinos! Não só não nos vemos como eles, como nos vimos como causa de suas lágrimas sentidas.

Essa dor é indescritível e não há uma só palavra que a sintetize. Apenas a vergonha melhor a define. Mas ela é mil vezes mais dolorida do que tudo o que possam imaginar.

Disso, não tenham dúvida!

A minha vergonha era tanta naquele momento que refluí pelo mesmo meio que havia chegado até eles. E, no instante seguinte, eu estava sendo amparado pelo meu mestre-instrutor, que me abraçou comovido e irradiou-me um pouco de sua luz e força interior, reequilibrando-me parcialmente.

Então, com palavras meigas e ponderadas, foi me reequilibrando até eu poder me sustentar, ainda que de tempo em tempo brotava um soluço profundo e voltava a correr lágrimas dos meus olhos.

Quando voltei a dominar meu emocional, falei-lhe:

– Mestre-instrutor, a dimensão humana da vida é uma escola aplicada de suma importância para o aperfeiçoamento de todos nós, cujas naturezas indômitas só são contidas nela.

– Você aceitou as minhas observações e conclusões sobre a dimensão humana da vida?

– Não só as aceitei como as adotei. Obrigado por me instruir num campo em que tudo eu ignorava. Essa foi mais uma lição inesquecível que recebo do senhor. Muito obrigado!

– Lição bem aprendida é lição inesquecível, Aprendiz Sete.

– Tenho certeza que é, mestre amado.

– Vamos visitar aquela longínqua estrela, meu filho amado?

– Nós podemos visitá-la?

– Algo nos impede?

– Só nossas limitações, creio eu.

– Então podemos visitá-la e descobrir como ela é realmente, certo?

– É, se podemos chegar até ela, pois agora eu também sei como viajar 17,3 milhões de anos-luz em um milionésimo de segundo, então nada nos impede de gastarmos dois milionésimos de nossa existência eterna numa instrutiva viagem de reconhecimento da magnânima Criação do nosso Divino Criador, certo?

– Certíssimo, meu dileto discípulo! O último a chegar até ela terá que carregar as nossas bagagens na viagem de volta. Combinado?

– Combinado, mestre-instrutor!

Eu não sei se gastamos um milionésimo de segundo para chegar até aquela estrela. Mas quem carregaria nossa bagagem na viagem de volta ao planeta Terra seria eu, pois ele já estava pairando no espaço à volta dela quando lá cheguei.

O que ele quis dizer com “bagagem” na nossa volta, não sabia o seu significado. Mas logo saberia.

A uma distancia considerável, contemplamos aquela estrela e todo o seu sistema planetário, um pouco mais complexo que o Sistema Solar. E, além disso, aquela estrela era muito maior que o nosso Sol, a estrela sustentadora do nosso amado planeta Terra.

Aquela era uma estrela de “primeira” grandeza!

Dali, contemplamos cada um dos 18 planetas e, quando terminamos o reconhecimento deles, meu mestre-instrutor optou por entrar na dimensão espiritual de um bem maior que a Terra, mas que também tem seu lado material habitado por incontáveis formas de vida... que não vou descrever porque é proibido e porque daí, do lado material, jamais conseguirão chegar até ele, pois vossa vida no corpo carnal não dura mais que um século e nunca conseguirão construir uma nave espacial que se desloque à velocidade da luz.

Mas, mesmo que conseguissem tal proeza, ainda assim, não viveriam encarnados para percorrerem cerca de 17 milhões de anos-luz, não é mesmo?

Bem, voltemos ao meu relato!

De onde estávamos, abrimos passagens de acesso ao lado espiritual daquele imenso planeta e, no instante seguinte, já estávamos dentro dele.

Fomos recepcionados por um grupo de seres não muito diferentes de nós, que se apresentaram como Guardiões das Passagens.

Seus traços fisionômicos diferiam dos nossos em alguns detalhes, mas, no geral, haviam poucas diferenças. Também eram um pouco maiores e mediam uns 2,20 metros, mais ou menos.

Eles portavam uns instrumentos desconhecidos, mas que deduzi que eram “armas” de defesa ou de ataque.

Um deles segurava em sua mão direita um instrumento reluzente que era cilíndrico e do qual saíam pontas compridas parecidas com longos espinhos metálicos.

Já em sua mão esquerda, ele segurava outro instrumento esférico de cujo corpo saíam uns tubos finos e cujas pontas se abriam como cornetas.

Só de olhar rapidamente para aqueles dois instrumentos, deduzi que o da mão direita projetava aqueles “espinhos metálicos” e o da esquerda absorvia “coisas” pelas suas aberturas cônicas.

Ainda observei todos os instrumentos visíveis usados por aqueles guardiões das passagens daquele planeta.

Mas, enquanto eu fazia um levantamento daqueles instrumentos, meu mestre-instrutor se comunicava mentalmente com eles, e já haviam estabelecido um diálogo, relatando-lhes o motivo de termos adentrado em seu lado espiritual.

Quando voltei meus olhos e a atenção para o mestre-instrutor, este segurava dois colares metálicos. E ele me estendeu um e ordenou-me que o colocasse no meu pescoço.

– Por quê? – perguntei curioso.

– Nós somos visitantes, Aprendiz Sete. Eles permitiram nossa visita de reconhecimento desde que nos submetamos às suas regras.

Estes colares permitirão que eles nos monitorem e intervenham caso nos excedamos ou façamos algo que cause transtornos ou desequilíbrios em alguma dimensão da vida ligada a este planeta.

– O que estes aros metálicos farão conosco caso algo assim aconteça?

– Eles nos paralisarão num primeiro momento. Mas nos degolarão e nos absorverão, caso só a nossa paralisação não seja suficiente.

– Entendo! – assenti enquanto engolia a seco.

– Coloque-o, Aprendiz Sete... ou então retroceda e volte ao planeta Terra! – ordenou-me um daqueles guardiões, já se comunicando comigo mentalmente.

Concordei e, ao fechar aquele aro ao redor do meu pescoço, um arrepio percorreu meu corpo, indicando-me que eu já era seu prisioneiro.

Eles desapareceram e ficamos a sós novamente, livres para nos deslocarmos no lado espiritual daquele imenso planeta.

Meu mestre, usando de um recurso ainda desconhecido por mim, começou a elevar-se e só parou quando ficou a uma distância de uns cem quilômetros acima da crosta planetária, e então me perguntou:

– Você vem ou não?

– Como faço para ir até onde o senhor está se não sei como fazê-lo?

– Localize o campo gravitacional planetário e desloque seu corpo por dentro dele,oras!

– Ainda que seja fácil para o senhor, não se esqueça de que desconheço tudo o que realiza, mestre-instrutor.

Ele, lá do alto onde pairava como uma luz azulada, olhou-me nos olhos e transmitiu-me todo o conhecimento indispensável para eu poder acompanhá-lo.

Pouco depois, já ao seu lado, iniciamos um reconhecimento da crosta daquele planeta imenso e ainda desconhecido.

Algun tempo depois, já sabíamos como era sua topografia e baixamos até um local aprazível, montando ali nosso posto de observação e contemplação do seu lado espiritual, identificando um conjunto gigantesco de dimensões da vida.

À medida que íamos contemplando as dimensões ali existentes, extasiávamo-nos com a grandeza do Divino Criador que, a partir de um único planeta, criara tantos meios para a vida fluir em seu esplendor divino.

Quando nos sentimos satisfeitos em nosso reconhecimento, retornamos ao portal usado para entrarmos no lado espiritual daquele planeta.

Íamos nos retirar e meu mestre-instrutor solicitou a presença dos guardiões que haviam nos recepcionado.

Logo eles surgiram e, após ouvirem que íamos nos retirar, um deles adiantou-se e retirou aquele colar do pescoço do meu mestre, mas, quanto a mim, ele falou:

– Guardião aprendiz, você foi convidado a permanecer em nosso planeta.

– Quem quer que eu permaneça aqui, se sou de outro planeta e tenho meu posto de vigia em uma de suas faixas vibratórias?

– Nós o estudamos e descobrimos que você pode permanecer aqui por quanto tempo for necessário, que retornará ao seu posto de vigia no mesmo instante em que partiu para essa sua viagem de estudos e aprendizado. Logo, não haverá problemas em permanecer aqui, certo?

– Vocês não me perguntaram se eu quero permanecer prisioneiro aqui. Logo, solicito que tirem esse colar do meu pescoço para que eu possa retornar ao meu planeta e possa reassumir meu posto de vigia das realidades confiadas à minha guarda pelo nosso Senhor e nosso Divino Criador. Por favor, tirem esse colar do meu pescoço!

– Não posso fazer isso, guardião aprendiz. Recebi ordens de levá-lo até meu senhor e meu regente. Por favor, acompanhe-nos, sim?

Eu voltei meus olhos para o meu mestre-instrutor, mas ele se limitou a uma impassibilidade total, como que me dizendo: “esse é um problema seu, sabe?”.

Lembrei-me da minha natureza indômita e soltei o cabo de minha espada de guardião, assentindo em acompanhar passivamente aqueles guardiões à minha frente. Despedi-me do meu mestre-instrutor, que, em seguida, desapareceu, retornando a Terra.

Acompanhei aqueles guardiões e, aí sim, entrei por “dentro” de uma dimensão da vida daquele planeta, pois antes só as contemplamos sem entrar em nenhuma delas, para não interferirmos em nada.

Logo eu estava diante de um majestoso Trono energético ocupado por um ser divino e majestoso, mas cujas radiações luminosas praticamente haviam desaparecido.

Seu magnetismo impressionava todo o meu corpo energético.

De joelhos e com a cabeça encostada no solo, diante do seu Trono, ouvi suas ordens:

– Aprendiz Sete, ordeno-lhe que permaneças aqui até que humanizes os seres espirituais confiados à minha guarda nessa faixa vibratória.

– Assim ordenas, assim farei... ainda que eu não saiba a quem humanizarei nem como farei tal coisa, meu senhor.

– O teu bom senso e tua razão te conduzirão nessa sua missão, meu filho humano. Procedas como tens procedido na guarda dos domínios colocados sob tua vigilância pelo nosso Pai e nosso Senhor.

– Como saberei quando estarei agindo de forma aceitável ou não aos princípios que regem a vida neste planeta, meu senhor?

– Estude-o, conheça os seres que vivem nesta faixa regida por mim e pela minha senhora e, a partir daí, atues com o seu poderoso mistério humano, meu filho.

– Com o meu poderoso mistério? Essa não!

– Por que o espanto, Aprendiz Sete?

– Se observei corretamente as muitas realidades existentes neste planeta, nem em um milhão de anos conseguirei resgatar e reordenar tantos reinos e domínios negativados, meu senhor.

– Gaste quantos milhões de anos for preciso, Aprendiz Sete. Mas humanizes os seres espirituais confiados à minha guarda, está bem?

– Se, para o senhor estiver, então para mim também está, meu senhor.

– Honres teu pai e tua mãe e me honrarás, assim como à minha senhora, Aprendiz Sete.

– Sim, senhor. – concordei engolindo a seco.

– Ótimo! Agora vá até minha senhora e ouça as instruções dela para melhor realizares tua missão humanizadora.

– Sim senhor, meu senhor “Guardião dos Mistérios da Pedra Roxa”.
Com sua licença!

– Licença concedida, Aprendiz Sete, meu filho Sete Estrelas.

Sem levantar a cabeça, retirei-me com aqueles guardiões e, pouco depois, eu já estava ajoelhado e com a testa encostada no solo diante dos pés da senhora regente daquela faixa vibratória pouco luminosa.

Eu a saudei respeitosamente e pedi-lhe sua bênção e amparo divino. Após dá-los, ela me perguntou:

– Aprendiz Sete, você aceita adotar-me como sua segunda mãe divina.

– Aceito, minha senhora e minha mãe Guardiã dos Mistérios da Pedra Cristalina. Já a adotei como minha segunda mãe e a tenho como guia divina na minha caminhada de retorno ao mistério onde fui gerado pelo nosso Divino Criador.

– Você me honrará muito e por toda a eternidade, Aprendiz Sete, meu filho!

– Assim a senhora disse, assim será para mim de agora em diante, minha mãe amada.

– Levante-se, meu mais esperado filho!

– Ainda não sou digno de levantar-me diante de um ser divino, minha mãe e minha senhora.

– Eu lhe concedo a licença e o direito de levantar-se e ficar de pé diante de mim, após você saudar-me e pedir-me bênção em nome do nosso Divino Criador, meu filho.

– Minha senhora, desde que cheguei ao seu centro-neutro, um vulcão energético existente em meu íntimo entrou em ebulição e temo perder meu controle mental sobre ele caso eu me levante, sabe?

– Sei sim, Aprendiz Sete. Você já sabe o que despertou o seu mistério energético humano?

– Eu não quis abrir minha visão para descobrir a razão de ele ter despertado e entrado em aceleradíssima geração energética. Só pelo que está acontecendo em meu íntimo, temo olhar para o que me aguarda, minha senhora.

– Você não deve temer o que o aguarda no seu campo de ação, porque foi para poder atuar com desenvoltura nele que o Divino Criador dotou-o com esse mistério tão poderoso e tão necessário ao equilíbrio dos seres e dos meios onde eles vivem.

– Mas eu temo, minha senhora.

– Você ainda se lembra de quando ele foi ativado em seu íntimo?

– Lembro-me, sim. Ainda que já não me lembre de quase nada do que foi feito, do que eu fiz, do que me foi dito e do que eu disse na época.

- Por que você já não se lembra de quase nada, meu filho?
- Eu me sinto constrangido de ser como sou e de ter que fazer o que tenho de fazer.
- Você se envergonha de ser como é e de ter que fazer o que tem que fazer, ainda que tenha sido o seu Criador que o fez como você é para que possa fazer o que só você pode fazer, porque só você herdou esse mistério do seu pai Ogum Sete Estrelas?
- Eu sinto, minha senhora.
- Mesmo sabendo que o seu Criador tenha depositado e ativado em teu íntimo o mistério que você se recusava a manifestar e havia adormecido-o conscientemente em teu íntimo, ainda assim você sente vergonha por ser um portador natural desse seu mistério?
- Sinto, minha senhora.
- Por que você sente tanta vergonha de ser como é, meu filho?
- Não preciso dizer-lhe a razão de sentir vergonha, porque sei que a senhora a conhece.
- Ainda assim, quero ouvir de você a razão para assim agir, meu filho.
- A senhora quer a minha confissão dos meus erros, falhas e pecados, ainda que já os conheça, pois sois onisciente?
- Eu não quero ouvir a tua confissão e sim quero que digas com todas as palavras a razão de sentir tanta vergonha por ser como o teu Criador o pensou e criou. Só isso que quero ouvir de ti, meu filho ausente!
- É porque, de todos os mistérios existentes na Criação, o mistério que trago em meu íntimo é o mais difícil de ser manifestado.
- Por quê, se é um mistério cujas funções são imprescindíveis ao equilíbrio da vida?
- Uns me olham com inveja, outros me olham com ódio, outros me olham com desprezo, outros evitam aproximarem-se de mim por medo de serem contagiados pelo meu mistério.
- Explique os sentimentos que despertas nos teus semelhantes, Aprendiz Sete.
- Os que me invejam, é porque gostariam de ter um mistério igual ao meu. Os que me odeiam, é porque se sentem ameaçados por mim por causa desse meu mistério. Os que demonstram desprezo, é porque me julgam portador de um mistério inferior ao deles. Os que evitam se aproximar de mim, há duas razões: porque uns temem ser contagiados por meu mistério e outros se sentem inferiorizados e temem perder suas conquistas, conseguidas a duras penas ou provações.
- E você se isola para não incomodar ninguém, certo?

– É isto mesmo que tenho feito, minha senhora.

– Enquanto você se isola, outros seres desprovidos do humanismo, mas possuidores de mistérios análogos-opostos ao seu, vão expandindo seus campos de ação e atuação, levando a desarmonia e o desequilíbrio a vastos domínios da Criação, certo?

– Compete à Lei conter a ação deles, não?

– Por que a Lei faria isso, se você se recolheu em sua vergonha e isolou-se, ausentando-se e deixando abertos os campos de ação de atuação confiados a você pelo seu Pai e seu Divino Criador?

– É competência da Lei conter o avanço desses meus análogos-opostos, minha senhora.

– Não é não, Aprendiz Sete. Dos seus campos de ação e atuação, quem deve cuidar é você. Neles, você é a lei manifestada. Ou você a aplica ou a desarmonia e o desequilíbrio continuarão avançando e dominando a mente de todos, desequilibrando-os e desarmonizando-os.

Ou você os contém e os faz recuarem para seus campos originais de ação e atuação ou estará faltando com seu dever perante teu Criador, que o dotou com um mistério original sustentador da Criação.

Honre teu pai, tua mãe e teu Criador, Aprendiz Sete!

Aquela senhora regente do polo feminino sustentador de uma faixa vibratória falava-me com tanta emoção em sua voz que me levantei e, resolutamente, falei-lhe:

– Minha senhora e minha mãe, estou pronto para deixar fluir pelo meu ser imortal o mistério que vive em meu íntimo. Só não sei como proceder para que esse vulcão energético flua de forma ordenada.

– Eu o ensinarei a manifestar esse seu mistério, se você me conceder a posse dele. Só possuindo-o poderei controlar suas vibrações e emissões energéticas até que você consiga dominá-lo conscientemente e impor seu ritmo humano a todas as suas ações e atuações, sejam elas individuais ou coletivas.

– Concedo-lhe a posse dele, minha senhora! – aquiesci, olhando para o solo cristalino.

– Ótimo! Olhe nos meus olhos e começará a visualizar o vasto campo onde deverá atuar.

Eu olhei nos olhos daquela divindade regente do polo feminino de toda uma faixa vibratória planetária e mergulhei no horror: um abismo sem fim coalhado de seres aprisionados nos seus desequilíbrios.

Talvez o inferno descrito por Dante seja o mais próximo do que eu via através dos olhos daquela senhora regente.

Eu via milhões incontáveis de seres nos estados mais degradantes de regressão consciencial, todos prisioneiros daquele abismo de horrores. Eu estava impressionado com o que via e que parecia não ter fim. Então, aquela senhora falou-me:

– Aprendiz Sete, aí nesse abismo estão retidas muitos bilhões de filhas minhas, subjugadas pelo negativismo que brotou no polo negativo delas quando faltou nessa faixa vibratória um portador natural de um mistério igual ao seu.

Vê como és importante para a Criação do teu Divino Criador?

– Por que o Divino Criador permite tanto sofrimento, senhora?

– Ele não permite, Aprendiz Sete.

– Se não, então por que tantos seres, tanto os algozes quanto as vítimas sofrem tanto? Por quê, Deus?

– Compete aos senhores de mistérios manterem os seres em harmonia e equilíbrio. Não atribua a Ele a responsabilidade pelo que compete a nós, os seres responsáveis pelo equilíbrio em Sua Criação.

Na verdade, aqui Ele estava ausente no sentido em que seu mistério se manifesta. Mas agora, com você aqui, Ele está contemplando sua criação através dos seus olhos, Aprendiz Sete.

– Meu Deus!

– Finalmente Ele vê parte da dor e sofrimento aqui existentes por causa da ausência de um portador natural do seu mistério, Aprendiz Sete.

– Onde está quem deveria manifestar um mistério análogo ao meu?

– Você não o viu no abismo?

– Só vi algozes e vítimas numa simbiose entre a crueldade e a dor. Não vi ninguém em especial que se destacasse em meio ao horror.

– Ele é o abismo, Aprendiz Sete!

– Como?!!!

– Ele sucumbiu aos adeptos do esgotamento dos negativismos através da dor.

– Como isso aconteceu?

– Ele deu ouvidos aos seres-mistérios que creem que o Divino Criador abandonou-nos à nossa própria sorte, esquecendo-se de que o amor é a única via que reconduz os seres a Ele, pois Ele é em si o amor, Aprendiz Sete!

– Meu pai!!!

– Ele está em nós, Aprendiz Sete. Ou nós o manifestamos ou Ele deixa de chegar aos seres confiados a nós, seus meios por onde Ele chega a tudo e a todos sob nossa guarda.

– Divino Criador! Perdoe-me por tê-Lo bloqueado em meu íntimo só porque, como espírito humano, acreditei e dei ouvidos a seres que nada entendem sobre Seus mistérios e a função deles como mantenedores da harmonia e do equilíbrio entre os seres e os meios onde eles vivem. Perdoe-me, meu Pai e meu Criador!

Após dizer aquilo, caí de joelhos e comecei a chorar de arrependimento e de remorso por não ter reassumido conscientemente meu mistério energético.

Aquela senhora esperou que eu desse vazão ao meu sofrimento por ter dado importância ao que diziam ou faziam os seres que não davam a devida importância ao mistério que eu manifestava e faziam com que eu sentisse vergonha de manifestá-lo naturalmente. Quando aquele choro cessou, através das lágrimas que ofuscavam minha visão, contemplei aquela senhora regente e, finalmente, vi a extensão do seu sofrimento.

Vi bilhões de cordões energéticos que saíam dela e ligavam-se a todas as filhas dela aprisionadas naquele abismo sem fim.

Ela suportava estoicamente todo o sofrimento vibrado o tempo todo por todas as suas filhas negativadas.

Mas também vi muitos bilhões de outras filhas dela luminosas, radiantes e esperançosas em Deus de que suas irmãs de mistério superariam suas dificuldades, negativismos e regressões profundas. Elas vibravam amor e, creiam-me, naquele momento todas me olhavam fixamente aguardando que eu assumisse o lugar de um meu “irmão de mistério” que havia sucumbido à mensagem de que a dor é mais eficiente que o amor no estogamento dos negativismos que brotam no íntimo dos seres colocados sob suas guardas.

Levantei-me sem desviar meus olhos, para não deixar de ver todas as filhas dela ao mesmo tempo, e disse-lhe:

– Minha senhora, estou pronto para conceder-lhe a posse desse meu mistério. Ensine-me como manifestá-lo, ordenada e equilibradamente, para que eu me transforme em um harmonizador dos meios e dos seres por meio do amor.

– Agora você está honrando o seu pai e o seu Divino Criador, Aprendiz Sete! Não desvie seus olhos dos meus enquanto estiver concedendo a posse do seu mistério. Aconteça o que tiver que acontecer, ainda assim, não desvie os seus olhos dos meus porque quero que veja toda a ação, seu alcance e a reação das minhas filhas ao serem alcançadas pelas suas irradiações energéticas. Assim como quero que veja o que acontecerá aos algozes delas.

– Sim, senhora!

– Ative seu mistério, Aprendiz Sete! Ative-o e coloque-o sob meu domínio mental! – ordenou-me ela.

– Ele já está ativado desde que cheguei aqui. Só não está irradiando porque estou bloqueando-o mentalmente.

– Então, confie em mim e desbloqueie-o para que ele inicie sua ação irradiadora.

Eu confiei e deixei fluir sem bloqueio algum o mistério energético existente em meu íntimo, sempre sob o controle mental dela, que em momento algum deixou de olhar-me fixamente para que eu visse o que acontecia durante aquela ação.

Devo dizer que nada do que eu já havia realizado antes se comparava ao que acontecia, bem diante dos meus olhos.

Raios luminosos projetavam-se aos feixes e cada um deles alcançava uma das filhas dela, entrando em sete pontos diferentes dos seus corpos energéticos ou espirituais.

Aqueles feixes eram sétuplos e cada um se ligava a um ponto do corpo delas fazendo surgir vórtices ou chacras iguais aos existentes nos espíritos humanos, ou humanizados.

Aquela ação era nova para mim e não se comparava às poucas que eu havia realizado até então desde que eu entrara naquela fortaleza localizada no limiar entre luz e trevas.

Quando aqueles feixes de raios luminosos se instalavam em uma delas, além de fazerem surgir os chacras iguais aos nossos, eles se alastravam por dentro de seu corpo energético e criavam toda uma estrutura corpórea humana fazendo fluir as energias luminosas irradiadas por eles. E, pouco a pouco, seus corpos iam assumindo aparências humanas belíssimas, perfeitas mesmo!

Os grossos e escuros cordões energéticos ligados ao frontal e ao básico delas iam sendo diluídos e novos cordões ou feixes de raios luminosos iam ligando-se a elas, inundando-as com as energias geradas em meu íntimo pelo meu mistério. E, à medida que elas iam passando por aquela impressionante transmutação, iam iluminando-se e refazendo-se totalmente.

A tudo eu assistia extasiado com a visão do que acontecia dentro de um abismo até há pouco escuro e coalhado de horrores.

Algum tempo depois, elas começaram a ser transportadas para fora daquele abismo e eram deixadas em um plano infinito em tudo parecido com a nossa crosta terrestre, pois ali havia rios, lagos, bosques, campos floridos e, por mais incrível que pareça, cidadelas belíssimas!

Eu não desviava os meus olhos dos daquela minha senhora e mãe Oxum da Pedra Cristalina, mas percebia que ela também estava mergulhada em um



êxtase semelhante ao de suas filhas, que estavam sendo “humanizadas” pela ação do mistério existente em meu íntimo.

Em dado momento, ela me ordenou:

– Aprendiz Sete, expanda sua visão e contemple tudo e todos alcançados pelo seu poderoso mistério, meu filho humano e humanizador.

Fiz o que ela ordenara e vi toda a faixa regida por ela, desde o seu grau vibratório mais elevado até o mais baixo. E vi que todas as suas filhas, desde as que estiveram no abismo até as mais luminosas, estavam ligadas a mim e recebendo aqueles feixes de raios luminosos e multicoloridos.

Era como se do meu mistério milhões de finíssimos arco-íris se ligassem a elas e as inundassem com energias humanas até então nunca recebidas.

Ouvindo o que eu pensava, aquela senhora me falou:

– São suas energias humanas, Aprendiz Sete! Elas não conheciam esse tipo de energia até há pouco. Mas, a partir de agora, nunca mais deixarão de recebê-las de você, pois se ligaram ao seu mistério e passarão a recebê-las sempre que estiverem carentes delas, sabe?

– Não sei ainda. Como é isso, minha senhora?

– Você se ligou a cada uma delas por meio do seu mistério sétuplo e abriu no íntimo delas um mistério análogo ao seu, porém feminino, sabe?

– Já estou sabendo o que aconteceu. Mas, o que isso significará de agora em diante, já que elas se servirão das energias geradas por esse meu mistério?

– Segundo seu entendimento humano das coisas, compreenda que agora elas estão unidas a você e o têm como senhor e Trono humano sustentador.

– Traduzindo o que dissestes, tornei-me o responsável por elas. É isso, não?

– É isso mesmo.

– Que encrenca eu arrumei para mim agora!

– Você as considera encrencas?

– Não, não! Apenas me referi ao compromisso que acabei de assumir com tantos seres que, quer eu queira ou não, agora me vêm como par delas. Isso é o que me preocupa, sabe?

– Não sei, não. Se pode sustentar a todas e elas o aceitaram como par ideal para sustentá-las energeticamente até que desenvolvam no íntimo o mistério que acabaram de receber de você e através de você, então deve sentir-se honrado como portador de um mistério divino humanizado para melhor servir o Criador servindo à Criação necessitada dele. Certo?

– É, isso é certo. Devo parar de pensar como um ser humano comum e limitado pelas doutrinas terrenas que bloqueiam nossa natureza indômita.

– Já é hora de você se libertar das amarras e dos bloqueios impostos a você para refrear essa sua natureza íntima que, se é indômita, é porque resguarda um mistério de primeira grandeza.

– O que isso significa, minha senhora?

– Significa que seu mistério é muito mais abrangente do que possa imaginar e ele, após ligar-se a alguém, liga-se nos sete sentidos da vida. Seu mistério é sétuplo e, após ser ativado, nada e ninguém detém sua ação ou limita-a a um único sentido. Ele inicia sua ação por um sentido, mas no instante seguinte alcança os outros seis e possui por completo quem for alcançado por ele.

– Ter uma natureza íntima indômita significa isto?

– Significa, Aprendiz Sete. Por isso você é invejado, odiado, desprezado, evitado ou repellido. Não são todos que desejam ter alguém como você por perto, porque podem perder suas importâncias ou terão que submeter seus mistérios limitados a um sentido, ao seu.

– Então é por isso que sou invejado, odiado, repellido, evitado e desprezado?

– Foi o que eu disse. Não seja redundante, meu filho!

– Desculpe-me por esse meu jeito humano de expressar o que acabo de saber.

– Esse seu jeito é comum nos espíritos humanos?

– Ele é, minha senhora.

– Então é melhor eu me acostumar a ele porque logo minhas filhas irão agir como você.

– Por quê?

– Bom, junto com suas irradiações está indo seu modo de ser, de pensar e de agir. E, mais um pouco, você verá em cada uma delas uma réplica sua, ainda que em seres femininos, sabe?

– Já estou sabendo que sou o modelo para elas... e que isso explica o porquê de elas terem passado por essa transmutação em seus corpos energéticos, agora humanos.

– Você as pensou assim?

– Não conscientemente. Mas creio que meu mistério tem muito a ver com o que aconteceu com o corpo energético delas.

– Elas agora possuem a forma feminina ideal para o padrão humano?

– Olhando-as bem, tenho certeza de que possuem a forma ideal feminina segundo meu padrão humano de avaliação.

– Então você possui uma natureza mais indômita do que pensei que possuísses e, observando-me, vejo que até eu fui alcançada por essa sua natureza indômita regida pelo seu inconsciente, humanizado integralmente por causa do longo período que você viveu entre os espíritos humanos.

– Fiz algo errado, ainda que inconscientemente?

– De forma alguma. Já que por aqui você vai ser o modelador de tudo e de todos, é melhor eu me adaptar humanamente ao seu íntimo, ao seu mistério e à sua forma humana de atuar com seu mistério.

– Será que não é melhor eu reformular meu inconsciente e livrá-lo das coisas humanas que nele se manifestam sem que eu perceba que estão fluindo junto com minhas ações?

– Se o bem-estar que eu e minhas filhas estamos sentindo é resultado desse seu modo de ser, então não tens que reformular nada no seu inconsciente. Deixe-o fluir naturalmente que tudo ficará muito bem no final de suas ações. Afinal, se até a mim, que sou uma mãe divina da vida, você remodelou, então não há o que mudar ou reformular em você ou no seu inconsciente. Seja como é e tudo estará bem, muito bem!

– Bom, se a senhora crê que nada deva ser mudado em mim, então assim vou continuar a ser.

– Seja como é. Só deixe de sentir vergonha de ser possuidor de um mistério gerador de energias humanas, tão importante para a harmonia e o equilíbrio dos seres e dos meios.

– Já não sinto vergonha nem constrangimento. Agora, só preciso descobrir um jeito de ocultar as irradiações desse meu mistério. Afinal, se já não sinto vergonha ou constrangimento, também não vou querer envergonhar ou constranger quem não possui outro análogo ao meu.

– Como você fará isso, se é impossível a alguém ocultar esse seu mistério, que se ativa assim que detecta um dos seus campos de ação? Você não conseguirá impedir que se ative assim que ele detectar excessos ou carências nos seus campos de ação e atuação.

– Ele até poderá se ativar. Mas bastará eu contê-lo em meu íntimo que ninguém perceberá que ele detectou excessos ou carências nos seres ou nos meios à minha volta.

– Não será fácil para você dissimular o que estará vibrando em seu íntimo, meu filho.

– Entre os seres humanos circula um fator muito importante e que nos distingue das outras espécies. E esse fator, chamado de dissimulador, servirá muito bem para mim, que sou possuidor de uma natureza íntima indômita.

Se não posso dominá-la por enquanto, então dissimularei quando meu mistério se autoativar, e ninguém perceberá o que estará acontecendo em meu íntimo. Afinal, dissimular é com os seres humanos!

E como eles dissimulam bem, minha senhora!

– Se você diz que conseguirá ocultar com a dissimulação essa sua natureza indômita, então o faça. Só não deixes de atuar no momento certo com ele, senão você estará desonrando-o, está bem?

– Está sim, minha senhora e minha mãe da Pedra Cristalina. Agora, para onde foram enviados todos aqueles seres que eram os algozes das suas filhas, subjugadas pelo negativismo instalado em seus emocionais?

– Seu mistério é tripolar, Aprendiz Sete.

– O que isso significa?

– Ora, ele separou esta faixa vibratória em três graus ou subfaixas: agora temos uma faixa positiva, uma neutra e outra negativa. Com isso, os seres que você chama de algozes agora vivem na faixa negativa. As minhas filhas vivem na faixa positiva e há uma faixa neutra que abrigará quem nela quiser viver, tal como é a divisão das dimensões da vida no planeta Terra.

– Bem, creio que minha missão foi cumprida, minha senhora e minha mãe da Pedra Cristalina.

– Foi sim, Aprendiz Sete. Você se mostrou à altura da confiança que depositamos em você quando o vimos chegar ao nosso planeta.

– Então já posso voltar ao meu posto de vigia na fortaleza onde estou agregado.

– Por que a pressa em retornar ao seu posto de vigia se aqui ainda há muito a ser feito, tanto nesse quanto nos outros planetas regidos por essa nossa estrela. Afinal, você retornará no mesmo instante em que partiu, certo?

– É, isto é certo.

– Então, conheça e vivencie um pouco a vida aqui existente e não se sentirá prisioneiro de um posto de vigia. Aprenda a usufruir as dádivas que a vida lhe oferece onde você está e não se sentirá vítima de nenhuma injustiça ou mesmo um prisioneiro em uma fortaleza incrustada no meio da Criação.

– A senhora tem razão. Por que pressa, se quando eu retornar, lá estará o meu posto de vigia. Além do mais, acho que por aqui há outras faixas e suas respectivas regentes necessitando do auxílio do meu mistério, não?

– Se você acha, eu tenho certeza de que sua presença por aqui será muito benéfica.

Aprendiz Sete no Reino das Ninfas

Despedi-me daquela senhora regente e fui conduzido novamente até o senhor Ogum, guardião daquela faixa vibratória “humanizada” pelo meu mistério gerador de energias humanas.

Dela, eu havia recebido um colar de pedras cristalinas que refulgiam mil cores ao mesmo tempo. Já dele, ganhei uma réplica de sua espada guardiã, além de outras armas e símbolos que guardo em meu íntimo para usar quando surgir a necessidade.

Então, já livre daquele colar em meu pescoço, recorri ao que havia aprendido com meu mestre-instrutor e parei a uma distância considerável daquele sistema planetário e abri minha nova visão abrangente, desenvolvida enquanto concedia a posse do meu mistério à senhora da Pedra Cristalina.

Com ela expandida ao extremo, visualizei e contemplei “por dentro” todo o lado espiritual daquele sistema e fiz um levantamento total dos meus campos de ação e de atuação. E quando tive certeza de que nada havia sido deixado de lado, dei início ao meu trabalho reordenador.

Quanto tempo demorou, não sei. Com quantas mãos regentes estive e lhes concedi a posse do meu mistério, também não sei, de tantas que ali havia. Mas chegou um momento em que voltei minha visão à estrela que regia aquele sistema planetário e disse para mim mesmo:

– Aprendiz Sete, você também é uma estrela. Logo, vá ao âmago espiritual dessa aí na sua frente e viva sua sina e seu destino, filho das Sete Estrelas!

– É, porque temer uma belíssima estrela, filho da mãe das estrelas? – falou-me alguém invisível aos meus olhos, mas bem ao meu lado.

Sua voz suave e aveludada encantou meus ouvidos e fez com que eu virasse meu rosto para o lado por onde ela viera, mas não vi ninguém, então perguntei:

– Quem é você, voz que encantou meus ouvidos?

– Eu sou uma ninfa, Aprendiz Sete. Vim recepcioná-lo em sua entrada no lado encantado dessa estrela sustentadora desse sistema planetário já conhecido por você.

– Mostre-se, ninfa estelar! Vejo que aqui os guardiões das passagens são outros.

Uma nuvem diáfana começou a se formar do nada e, pouco depois, eu via uma ninfa estelar bem na minha frente. Sua silhueta foi densificando-se até ela tornar-se visível aos meus olhos.

Quando a vi por inteira, meu coração acelerou suas batidas, pois eu via o ser mais lindo que poderia existir. E não fiz segredo sobre o que pensava.

– Meu pai! Aqui nessa estrela não nos aprisionam com colares, e sim, com ninfas belíssimas e encantadoras! Sou seu prisioneiro, ninfa dos meus sonhos!

– Até posso ser a ninfa dos seus sonhos, Aprendiz Sete. Mas você não é prisioneiro meu ou de alguém mais. Só fui designada para recepcioná-lo em sua entrada no lado encantado dessa estrela. Agora, se o encantei, então me sinto lisonjeada por ter conseguido o que nenhuma mãe da vida conseguiu, mesmo elas tendo aberto seus mistérios mais ocultos!

– É, algo foi despertado em meu íntimo, ninfa estelar. Você me conquistou! Sou seu escravo, seu prisioneiro, seu servo... ou o que você quiser que eu seja!

– Não acredito no que ouço, Aprendiz Sete. O que mudou em seu íntimo para mostrar-se um espírito apaixonado aos meus olhos?

– Não sei o que houve, ou melhor, encantei-me pela sua beleza, doçura e meiguice, sabe?

– Não sei, não. Creio que você está sofrendo de algum tipo de desequilíbrio após tantas ações com esse seu mistério fascinante.

– Será isso ou será você, ninfa estelar?

– Aprendiz Sete, recomponha-se, está bem? Só fui designada pela minha regente para recepcioná-lo, não para desequilibrá-lo. Siga-me, que vou conduzi-lo até ela, que está ansiosa para conhecê-lo.

Eu a segui e, pouco depois, estava diante do inimaginado por mim até então: a morada de uma ninfa estelar mãe da vida.

Ela é majestosa, divina e encantadora. E se digo que ela é, é porque ainda hoje ela reina sobre aquele sistema planetário a partir do âmago daquela estrela magnífica.

Ajoelhei-me, curvei meu corpo e encostei minha testa no solo cristalino. E dos meus olhos correram lágrimas, pois eu estava diante da divindade geradora daquela estrela e sustentadora de tudo o que ali havia.

Todos aquele planetas e as muitas dimensões da vida e suas infinitas realidades se deviam a ela, uma ninfa da vida estelar.

Sua divindade irradiava-se ao infinito, fluindo junto com a luz e energia irradiada por aquela estrela de primeira grandeza.

Eu me sentia um nada diante de tanta grandeza divina, visualizada por mim numa fração de segundo quando a olhei e a vi por inteiro.

Como eu conseguira, não sei, pois o micro não possui faculdade visual capaz de olhar e ver o macro. Mas eu consegui vê-la por um instante. E aquilo me bastou e satisfez mais que qualquer descrição de uma ninfa da vida.

Ela é bela, divina, majestosa!

O que estava acontecendo comigo ali, não sei ao certo. Mas eu estava diante de uma mãe da vida geradora e sustentadora de uma estrela e de todo o seu sistema planetário.

Emocionado, fui surpreendido pela sua voz suave e divina ordenando-me que levantasse.

– Não sou digno de levantar-me diante da senhora, minha mãe ninfa geradora estelar.

– És digno, meu filho Aprendiz Sete. Sua permanência em minha morada celeste dignificou-o tanto que se tornou merecedor de ter seu mistério possuído por mim, unindo-o a tudo e a todos aqui existente.

– O que isso significa, minha mãe divina?

– Isso significa que o aprovei como par energético e humano ideal para minhas filhas ninfas sustentadoras desse sistema planetário.

Agora, levante-se e venha até mim para que eu possa abraçá-lo, envolvê-lo no meu amor e possuir esse seu mistério, único até agora entre os muitos que já vi manifestados e que apenas se assemelham a ele, mas possuem limitações que os impedem de ser possuídos por mim.

– Eu... minha mãe...

– Venha, meu filho amado. Honre essa tua mãe da vida com o teu mistério estelar. Una sua estrela da vida à minha para que, daí em diante, minhas filhas ninfas possam amadurecer seus mistérios geradores no teu, tão maduro, desenvolvido e fértil, que se mostra aos meus olhos como uma estrela que cintila mil cores diferentes ao mesmo tempo.

Venha! Não tema viver o teu destino, filho do Pai gerador da vida!

– Minha mãe divina, sou só um guardião do mistério manifestado pelo meu pai e senhor Ogum Sete Estrelas.

– Você não só é guardião do mistério manifestado por ele como também é uma manifestação humanizada do Pai gerador da vida, meu filho. Você é único no mistério que manifesta, porque você é ele em si mesmo. Você foi confiado ao seu pai Ogum Sete Estrelas porque ele é o guardião celeste dos mistérios geradores das ninfas geradoras da vida no mundo manifestado. Mas você, e nunca se esqueça disso, não é o que pensa ou acredita que é, ou o que dizem que você é.

Você até pode ser tudo o que acreditar que é ou que o fizerem crer que é. Mas você é mais que tudo o que tem sido até agora, meu filho. Você é um genuíno filho do Pai gerador da vida.

– Todos somos filhos dele, não?

– Todos somos, é verdade. Mas você é unigênito, meu filho.

– O que isso significa, minha mãe?

– Significa que não existe outro igual a você, ainda que você não tenha noção disso.

– Ainda não apreendi o significado do que acabou de revelar-me, minha mãe.

– O significado é este: o mistério que você manifesta é único e independe de quem quer que seja além do teu Pai gerador da vida, que também é meu Pai.

Assim como eu sou unigênita e independo de quem quer que seja para sustentar a vida aqui neste sistema planetário, você independe de quem quer que seja para sustentar suas ações.

Suas ações brotam do seu íntimo como algo que se sustenta por si mesmo, bastando você iniciá-las para que todos os recursos surjam quando necessários, pois você os gera de si e serve-se deles, ainda que não tenha ciência disso, não é mesmo?

– Bom, acho que algo assim acontece, pois esse meu mistério não se esgotou em momento algum desde que aqui cheguei, ainda que não tenha parado de conceder a posse dele a quantas senhoras regentes quiseram possuí-lo. Parece-me que quanto mais ele é possuído, mais poderoso ele se torna, sabe?

– Sei, sim. Eu o observo desde que o Pai gerador da vida o conduziu até este sistema regido por mim.

– A senhora já vinha observando-me?

– Você está repetindo o que eu afirmei. Não seja repetitivo, está bem?

– Perdoe-me. Eu sempre faço isto quando me surpreendo, sabe?

– Já estou sabendo que você se surpreende. Agora, levante-se e caminhe até mim, está bem?

– Está, sim. Só não sei como proceder diante de uma Nífa mãe da vida, sabe?

– Proceda como você é, e tem procedido desde que chegou a esta estrela, meu filho.

– Desde que cheguei aqui não fiz outra coisa a não ser conceder a posse do meu mistério, reordenar domínios da vida e sustentar suas regentes nas suas necessidades energéticas básicas e imediatas. Na verdade, não tive até agora um tempo livre para desativar esse meu mistério, sabe?

– Sei, sim. Você se mostrou muito eficiente como guardião do mistério manifestado por cada uma delas e como sustentador da expansão dos limites dos domínios regidos por elas. Mas chegou o tempo de você ter um pouco de descanso e desenvolver outras atividades, tão importantes quanto as que o têm ocupado o tempo todo. Afinal, esta morada celeste já é parte de sua vida e pertence-lhe por direito adquirido.

– Se a senhora está dizendo, então significa que daqui não sairei jamais. É isso?

– Você é infeliz aqui?

– Não, senhora. Mas eu tenho um posto de vigia em uma fortaleza localizada...

– Mas você não precisa abandonar seu posto de vigia dos domínios colocados sob sua guarda pelo seu Pai e seu Criador, meu filho. Bastará você retornar ao seu posto através de uma passagem atemporal aberta daqui para lá, que você nunca sairá dele ou dessa sua nova morada.

– Eu não havia pensado nisso!

– Mas eu sim. Ou você acreditou que iria conceder a posse do seu mistério e possuir os de tantas filhas minhas e depois poderia retornar ao seu posto de vigia abandonando-as e a tudo o que você assumiu aqui?

– É, não tenho como deixar tudo para trás sem causar um grande desequilíbrio, não é mesmo?

– Foi o que eu disse, meu filho. Elas agora o têm como par energético ideal que, segundo seu limitado entendimento humano, é como se você tivesse se “casado” com cada uma delas, que esperam tê-lo sempre por perto.

– A concessão da posse do meu mistério implicou um compromisso análogo a um casamento eterno?

– Foi o que eu disse. E assim será até que teu Pai e teu Criador o separe delas... e de mim, sabe?

– Já estou sabendo... que através dessa estrela em meu peito me liguei para sempre com vários milhares de senhoras regentes de faixas, domínios e reinos! – murmurei, já preocupado.

– Por acaso, alguma delas o desagradou ou não lhe concedeu o que de mais sagrado possui?

– Não. Todas foram francas, sinceras e generosas e abriram-me seus mistérios, dos quais me tornei guardião humano.

– Tornar-se guardião de algo ou do mistério de alguém implica um compromisso permanente de fidelidade, lealdade e amparo, meu filho. Seja um genuíno guardião e terá em cada uma delas a mais fiel, leal e amparadora companheira de jornada na eternidade.

– Entendo. É melhor eu dominar muito bem essas passagens atemporais, senão acabarei confundindo-me e retornando adiantado ou atrasado a algum domínio ou realidade da vida.

– Isso não acontecerá porque você, ao abrir uma passagem para entrar, sairá por ela. E se a abri para sair, quando retornar entrará por ela.

– Bom, assim é melhor.

– Fique tranquilo! Agora, levante-se e caminhe até mim, meu filho.

Levantei-me e, sem voltar a olhar para ela, caminhei em sua direção. Ao entrar em seu centro neutro tudo mudou, e à medida que eu avançava em direção a ela minhas vestes iam esfacelando-se e diluindo-se, chegando a um momento em que até os calçados que cobriam meus pés começaram a ser desfeitos pelo impressionante magnetismo ali existente.

A estrela em meu peito brilhava e irradiava como um pequeno sol, prestes a explodir!

Hoje sei que dei 33 passos para chegar diante dela e que a cada passo eu atravessava uma esfera ou camada eletromagnética. E quando parei na sua frente, senti-me vulnerável e totalmente desarmado, além de estar seminu. Mas, quando recuei os mesmos 33 passos, tudo foi retornando e, quando saí do seu centro neutro, eu estava com tudo de volta.

O que posso dizer é que após ter possuído o mistério da minha estrela e ela me concedido a posse do seu, análogo ao meu mas de natureza geradora feminina, ela me revelou que eu era possuidor de outros seis, um para cada sentido da vida, e não tive como lhe negar a posse deles também, ainda que eu nada soubesse sobre a existência deles em mim.

Ainda posso dizer que a concessão da posse do meu mistério a ela facilitou minhas ações, porque dali em diante bastaria eu ativá-lo e irradiar da minha estrela para a dela que todas as senhoras regentes de faixas vibratórias, domínios e reinos receberiam todas as vibrações, irradiações e energias indispensáveis à harmonia e ao equilíbrio em seus campos de ação.

De fato, eu ganhei muito tempo livre a partir dali e pude conhecer coisas até então inimaginadas por mim.

Conheci um reino povoado unicamente por ninfas na mais tenra idade, crianças mesmo, e outro destinado a ninfas já “mocinhas”.

Aquelas ainda infantis vinham em bandos abraçar-me e beijar meu rosto, chamando-me de papai, pedindo-me para adotá-las.

Após adotá-las como filhas, o difícil era fazê-las se soltarem de mim para que outras viessem me abraçar e receber minha bênção. Transmitiam-me tanto amor que não havia como não amá-las de imediato.

Após ter me tornado, por adoção, o pai de todas elas, foi a vez de ir conhecer o reino destinado às ninfas já mocinhas. Só que em vez de pedirem-me para adotá-las com filhas, imploravam-me que as assumisse como par energético ideal para que pudessem amadurecer mais rapidamente.

Eram tantas que não sei quanto tempo se passou até que a última delas me abraçasse e se ligasse aos meus sete mistérios, já conhecidos por todas elas.

Com elas foi mais difícil fazê-las me soltarem dos seus braços porque, além de vibrarem tanto amor quanto suas irmãs mais novas, choravam compulsivamente quando eu as acolhia em meus braços e suas estrelas uniam-se à minha. Eu não tinha como dispensar a que estava abraçada a mim, pois me apertava fortemente com seus braços delicados enquanto chorava. Mas chegava um momento em que toda a emoção delas era extravasada e, daí em diante, o choro cessava e aos poucos os soluços se transformavam em um meigo sorriso de alegria por já ter um par energético ideal sendo ainda tão jovens.

Para elas era uma conquista importantíssima em seus amadurecimentos, que dali em diante eles seriam acelerados porque passariam a receber o meu fator humano, acelerador da evolução e do crescimento delas como ninfas.

E não houve uma que antes de me soltar dos seus braços não me dissesse que um dia me honraria com um domínio só dela, mas regido por ela e guardado por mim, seu amado par energético ideal humano.

Como ali estabeleci morada, passei a conhecer o que faziam. E conheci as artes na sua expressão mais elevada, pois canto, dança, poesia, pintura e outras atividades artísticas eram seus campos de ação.

Na verdade, uma ninfa é o seu mistério em si mesma e, se ela canta seus cantos, encanta nossos ouvidos e sentidos, e, se dança suas danças ou bailados, envolve-nos de tal forma que começamos a querer dançar.

Aquela ninfa que me recepcionara não saíra do meu lado um instante sequer e, ao ver-me enlevado pelas atividades artísticas, ofereceu-me para ser minha orientadora.

– Como é isso, ninfa dos meus sonhos?

– Que sonhos, se você não dorme? Como você pode sonhar acordado, Aprendiz Sete?

– Não preciso dormir para sonhar com você, ninfa que me encantou.

– Humm! Então você é capaz de sonhar acordado, é?

– Sou, sim. Por que o espanto?

– Creio que isso me agrada, se for verdade que você sonha acordado.

– Quer que eu lhe conte o que andei sonhando acordado?

– Por enquanto não. Primeiro quero saber se você me aceita como sua orientadora artística. Você aceita?

– Aceito, sim. Como será essa minha preparação artística?

– O que você conhece sobre instrumentos musicais?

– Bom, acho que não sei nada.

– Então é hora de aprender tudo sobre eles para depois você escolher um no qual concentrará sua atenção. Siga-me!

Pouco depois estávamos em um local parecido com uma imensa loja de instrumentos musicais.

Ela me falou de cada um com um ar professoral. E quando terminou sua aula, ordenou-me:

– Escolha um instrumento, Aprendiz Sete!

– Escolher um? Isso está parecendo com a sala de armas lá na fortaleza onde tenho um posto de vigia, sabe?

– Não sei, não. Como é lá?

– Bom, o mestre armeiro nos manda escolher uma arma e depois temos que descobrir tudo sobre ela, dominar seus mistérios e ocuparmos seus campos de ação, dos quais nos tornamos guardiões.

– Então é assim que preparam um guardião nessa sua escola?

– É, sim.

– Quantas espadas você já adquiriu nessa escola de guardiões?

– Bom, até agora só duas, sabe?

– Já estou sabendo que só duas das espadas que você carrega são realmente suas. Mas por que você carrega tantas se não lhe pertencem?

– Creio que essas outras também me pertencem. Só não me lembro quando as consegui porque, quando reencarnei, todo o meu passado adormeceu em meu íntimo.

– Você não procurou saber nada sobre elas?

– Desde que me descobri possuidor delas não tive um só instante de descanso para examiná-las. Mas... como você viu essas espadas, se estão ocultas às minhas costas?

– Você não sabe ver essas coisas nos seres?
– Não sei mesmo. Isso é possível?
– Você quer aprender isso ou quer aprimorar seus dons artísticos?
– As duas coisas, pois aí poderei saber quantos instrumentos musicais você domina.

– Então escolha um instrumento e, quando você dominá-lo, eu lhe revelo o mistério da visão dos mistérios.

– Visão dos mistérios, é?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. Não dá para revelar-me o mistério da visão antes?

– Por que você quer conhecê-lo agora?

– Bom, vai que seja preciso eu ter que atuar em alguma ação urgente, nada melhor que poder visualizar as armas ocultas dos meus adversários, sabe?

– Creio que você está pensando em estabelecer aqui um segundo posto de vigia, certo?

– Não é uma ideia descartável, já que posso sair e retornar no mesmo instante. Mas não é isso que tenho em mente.

– O que você fará com o mistério da visão que revela os mistérios ocultos de um ser?

– Eu vou visualizar os mistérios ocultados por essas espadas que carrego mas que nada sei sobre elas, sabe?

– Já estou sabendo que uso você dará a ela. Então escolha seu primeiro instrumento musical que lhe concederei a posse desse mistério visual que em nós, as ninfas, é natural.

Eu escolhi um instrumento muito parecido com uma flauta e recebi um elogio dela por ter optado por aquele instrumento que me ensinaria a usar corretamente o poder do ar na produção de sons harmoniosos.

Após me transmitir o mistério da visão dos mistérios, ela me levou até uma construção arquitetônica impressionante cuja beleza advinha justamente de suas formas inéditas.

Após me confiar a uma ninfa cuja aparência era a de uma senhora de avançada idade e que seria minha “professora”, ela se despediu dando um suave beijo em minhas faces.

Quando ela partiu, aquela ninfa anciã exclamou:

– Ela está apaixonada por você, jovem guardião!

– Apaixonada?!

– Por que o espanto, meu jovem?

– Para mim ela se parece com uma rocha cristalina fria e impenetrável, sabe?

– Não sei, não. Eu vi muito amor sendo irradiado a você através dos olhos dela.

– Como é isso, minha senhora?

– Como é isso o quê, meu jovem aprendiz?

– Isso de transmitir o que sentimos através dos olhos.

– Qual o meio que você usa para transmitir o que sente?

– Uso a voz, o pensamento e a expressão facial.

– Mas você também usa os seus olhos, pois posso ver o amor que você irradia através deles... além de outros meios um tanto ostensivos a meu ver, sabe?

– Não sei, não.

– Como não, se está tão visível aos meus olhos? – perguntou-me ela, olhando-me significativamente.

– Essa não! Aos vossos olhos nada escapa? Como a senhora consegue ver através dessas impenetráveis vestes energéticas?

– Você veio até aqui para aprender música ou para possuir meus mistérios?

– Bem, conversando com a senhora, estou descobrindo que sou um perfeito ignorante, sabe?

– Sei, sim. Mas você me parece bastante promissor. Bastará ser menos curioso e mais atencioso que se descobrirá possuidor de mistérios magníficos e até agora insondados pela falta de atenção consigo mesmo.

Não procure tanto os mistérios alheios, e sim procure detectar em você os que já desenvolveu mas que foram sendo recolhidos ao seu íntimo sempre que reencarnou, sabe?

– Já estou sabendo que o melhor que tenho a fazer é estudar-me, certo?

– Certíssimo, meu promissor discípulo. Siga-me que vou mostrar seus aposentos enquanto aqui permanecer.

Pouco depois eu entrava em um aposento estranho para os padrões terrenos, mas que ali era natural.

Após mostrá-lo, ela me levou a uma espécie de jardim, que era imenso e todo florido. Desde a menor até a maior das plantas ali existentes exibiam flores ou frutos belíssimos... mas muito estranhos ou diferentes dos que eu conhecia.

Como parei diante de vários deles para observá-los melhor, ela comentou:

– Você tem certeza de que quer mesmo estudar música?

– Por que a senhora me pergunta isso?

– Ora, você tem um dom natural para a botânica, sabe?

– Já estou sabendo que tenho muito que aprender por aqui; afinal, já vi uma fruta similar a um coração. Vi um fruto parecido com olhos. Vi um outro que é um triângulo equilátero... e estou diante de uma arvorezinha coalhada de frutos que são réplicas de estrelas.

– Certo, jovem abismado diante do que desconhecia. Quer prová-los?

– Quero sim.

– Quer provar o sabor dessas outras frutas tão interessantes aos teus olhos curiosos, meu jovem aprendiz?

– Primeiro preciso estudar cada planta aqui existente. Depois, talvez eu prove o sabor delas e de outras, sabe?

– Já estou sabendo que não saborearás fruta alguma se antes não conhecê-la muito bem.

– É, ver não faz mal a quem observa. Mas, caso provemos algo sem conhecê-lo bem, podemos nos intoxicar, sabe?

– Isso eu sei, e foi por saber disso muito bem que deixei de provar certos frutos. Mas se não passei por dissabores, também não saboreei frutos que até agora me são estranhos, ainda que eu os tenha estudado muito bem.

Eu a olhei nos olhos e detectei um fundo triste neles. Além do mais, eu já havia detectado uma grande deficiência em um dos seus sentidos. Mas dissimulei muito bem e apenas concordei com a cabeça.

Como ela continuou a olhar-me nos olhos, comentei:

– Às vezes, eles não eram para serem saboreados, pois poderiam viciá-la em sabores estranhos aos seres da sua natureza e isso a desviaria do seu destino.

– Pode ser que sim, pode ser que não, meu jovem discípulo. Quem sabe, não?

– O nosso Pai e nosso Divino Criador sabe. E supre nossas necessidades no momento certo. Nem antes, nem depois. Mas Ele nunca deixa de suprir nossas necessidades se aguardamos resignados pelo seu auxílio.

Ela me olhou de forma estranha por um bom tempo, como se percrustasse o meu íntimo. Então me falou:

– Eu acredito que assim seja, jovem muito bem amadurecido num sentido onde ainda sou pouco desenvolvida.

– Muito bem amadurecido, é?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. Sabia que nunca é tarde para algo ou alguém ser amadurecido e desenvolvido?

– Já estou sabendo do seu interesse pelo meu amadurecimento e desenvolvimento num certo sentido. Para você, isso é um dom ou uma qualidade?

– Não sei se é um ou outro. Mas para mim isso é tão natural como tocar e ensinar a tocar flauta o é para a senhora.

– Entendo.

– Tenho certeza de que entendes.

Não há acasos em nossas vidas, minha senhora.

– É isso mesmo, aprendiz, que se mostra muito mais maduro que sua aparência.

– Em nós, os espíritos humanos, nem sempre a aparência mostra nossa maturidade. Ela só se torna conhecida de fato se souberem detectá-la no sentido em que nos destacamos e não temos como ocultá-lo, ainda que dissimulemos o máximo que nos é possível.

– Vou estudar sua natureza humana enquanto lhe ensino música, está bem?

– Está, sim. Estude-me à vontade e talvez a senhora venha a me ajudar a conhecê-lo melhor, pois tenho dificuldade em fazê-lo sozinho.

– São os outros seres que o têm revelado ao seu entendimento?

– São, sim.

– Então vamos nos sentar debaixo daquela árvore e iniciaremos seu aprendizado na música para que, mais adiante, possas aprender a tocar esse instrumento em sua mão.

Pouco depois, sentados confortavelmente em poltronas plasmadas por ela, iniciei meus estudos nos mistérios da música em livros plasmados por ela bem na minha frente.

Estudamos até um momento em que a claridade foi diminuindo e o firmamento começou a ficar coalhado de estrelas que, de tão brilhantes que eram, iluminaram o jardim com suas luzes multicoloridas, criando nele uma profusão indescritível de cores.

Ela ficou tão admirada quanto eu e murmurou:

– Minha mãe! É a primeira vez que vejo algo assim por aqui!

– Quanto a mim, é a primeira vez que vejo algo assim! – exclamei extasiado.

Daquela imenso conjunto arquitetônico começaram a sair ninfas das mais diversas idades. E todas vieram para o jardim para melhor apreciar o espetáculo inusitado de cores e luzes.

Algum tempo depois, grupos de jovens ninfas bailavam ao som de uma melodia belíssima tocada por um grupo de instrumentos com uma técnica ímpar e que não usavam do recurso das partituras.

Como estavam meio afastadas de onde nos encontrávamos, falei:

– Minha senhora, vamos até perto delas para melhor apreciarmos esse lindo balé?

– Daqui já vemos muito bem, jovem aprendiz!

– À senhora uma apresentação de balé pode ser algo corriqueiro. Mas eu não assisto a uma desde que desencarnei. E isso já faz muito tempo, sabe?

– Se lhe agrada tanto, então vamos nos aproximar.

Eu estendi meu braço para ela segurá-lo e, como ela não entendeu, expliquei-lhe que no meu mundo de origem, a Terra, os cavalheiros oferecem o braço para as damas se apoiarem enquanto caminham.

– Hábito interessante esse seu, meu jovem instrutor nos procedimentos humanos.

Até então não havíamos nos tocado em momento algum e, quando ela passou um dos seus braços por dentro do meu, percebi um estremecimento no seu corpo. E quando segurei sua mão entre as minhas, ela estremeceu outra vez, só que mais forte.

– A senhora está se sentindo bem?

– Estou, sim, meu jovem aprendiz. O que ocorreu comigo foi uma reação à sua vibração e energias, sabe?

– Já estou sabendo. Quer que eu solte sua mão ou quer soltar-se do meu braço?

– Não, pois preciso sentir sua vibração e energia para melhor estudá-lo e entender sua natureza humana.

– Então está bem para a senhora, não?

– Está, sim. Agora, deleite-se com a dança executada por essas exímias bailarinas, pois outras mais aptas que elas não existem em lugar algum desse universo infinito. Nelas a dança é natural, Aprendiz Sete!

– Vejo que é. Para cada nota musical executam um passo diferente e, toda vez que uma se repete, os pés delas repetem o mesmo passo e os mesmos movimentos no resto do corpo. Até parecem bailarinas indianas que dançam ao som de músicas hindus!

– Vejo que você é um apreciador das danças!

– Sou, sim. Muito me agrada assistir a uma dança clássica ou folclórica.

– Você era um dançarino?

– Não, não! Só aprecio assistir.

– Que pena!

– Por quê?

– Bom, se você soubesse dançar, então poderíamos participar junto com elas, sabe?

– Já estou sabendo que a decepcionei. Mas quero que saiba que já dancei músicas populares lentas, tal como algumas valsas ou músicas românticas.

– Músicas populares, valsas, músicas românticas? Que músicas são essas?

– Desculpe-me, mas me esqueci de que por aqui as realidades da vida são outras. Elas são típicas da dimensão humana terrena ou material. Que música é esta?

– É alusiva às estrelas que estão iluminando essa nossa morada. Você pode classificá-la no seu modo humano como música e dança das estrelas, está bem?

– Está, sim, minha senhora.

Enquanto assistíamos ao balé, uma das bailarinas não tirava os olhos de mim. E quando a música cessou, ela correu em nossa direção e atirou-se contra mim, abraçou-me forte enquanto me chamava de “meu senhor” e dizia-se muito feliz por poder abraçar-me novamente.

Como ela colara seu corpo ao meu e, além de não me soltar, ainda cobria-me de beijos no rosto, pedi-lhe que se contivesse, pois estávamos em meio a muitas outras ninfas.

Eu já havia detectado que ela era uma das que eu havia assumido como par em outro reino daquela fascinante morada celeste.

Ela parou de beijar meu rosto e perguntou-me se não me agradava.

– É claro que você me agrada, minha querida e jovem ninfa. Mas não é assim que procedemos em público, sabe?

– Já estou sabendo, meu senhor. Apenas estou procedendo como visualizei o procedimento das humanas apaixonadas pelos seus senhores.

– Entendo! De alguma forma, ainda desconhecida por mim, você visualizou algo em minha memória e o adotou como procedimento natural. É isso, não?

– Foi isso mesmo que eu fiz, meu senhor. É muito gostoso, sabe? – falou ela, estremeecendo seguidas vezes em meus braços. E quando cessaram os estremecimentos, ela falou: – Acabei de vivenciar um delicioso êxtase por poder senti-lo bem junto de mim, meu senhor!

– Eu percebi isso acontecer com você.

– Estou muito sensível ao senhor, às suas energias humanas e ao seu magnetismo, sabe?

– Tenho certeza de que você está.

– Também o sinto muito sensível em relação a mim, meu senhor.

– É, estou, sim. Essas suas fortes vibrações e emanções energéticas despertaram algo em meu íntimo.

– Ótimo! Saiba que já amadureci bastante desde que o senhor me assumiu como par ideal.

– Já amadureceu bastante, é?

– Foi o que eu disse, meu senhor. Sinta como amadureci! – exclamou ela, pegando minhas mãos e encostando-as nas dela. Em seguida, ela me falou: – Logo começarei a gerar e poderei tornar-me apta a ser uma mãe da vida, sabe?

– Já estou sabendo como as ninfas são preciosas em muitos sentidos.

– Meu senhor, beije meus lábios como eu vi o senhor beijar os de uma humana! – pediu-me aquela jovem ninfa, fechando os olhos e oferecendo seus lábios, muito rosados naquele momento.

Como ela estava “grudada” em mim e com seus lábios quase encostados aos meus... e nada me impedia de beijá-la, pois estávamos ligados para sempre, dei-lhe o tão desejado beijo humano visualizado por ela em algum momento do meu passado.

Aí, eu também a apertei contra meu corpo e a senti estremecer sucessivamente até quase desfalecer em meus braços. Com ela já estava quase sem sentidos, afastei meus lábios dos dela e perguntei-lhe:

– Satisfeita, minha querida ninfa?

– Sim, meu senhor. Já o beijei e fui beijada pelo senhor. Agora, só falta concluirmos minha iniciação no seu mistério humano para me sentir completa e plena nele, sabe?

– Iniciar-se, é?

– Foi o que eu disse, meu senhor. Estou pronta, pois meu mistério gerador aflorou e minha estrela está pronta para ser possuída pela sua.

– O seu mistério gerador aflorou? Como é isso?

– Sinta-o, meu senhor! Estou pronta e vou desmaiar se o senhor não possuí-lo rapidamente, pois só após fazer isso ele se recolherá.

– Essa não! – exclamei preocupado. Então pedi licença à minha professora de música e, sem soltar aquela jovem e exuberante ninfa dos meus braços, volitei com ela até o meu novo aposento. E, já dentro dele, ela me mostrou sem a menor parcimônia seu afluoradíssimo mistério gerador.

Após olhá-la bem e ver que não havia outra alternativa e eu não poderia dispensá-la daquele jeito, fiz o inevitável e tão desejado por ela... e por mim também.

Certas coisas não são para serem comentadas, mas só voltei para junto da minha professora quando daquela jovem ninfa adormeceu profundamente. E qual não foi minha surpresa ao ver as colegas dela à nossa espera. Ou melhor, à minha espera!

Como não tiravam os olhos de mim, olhando-me fixamente, perguntei-lhes:

– Vocês, usando dos vossos poderes visuais, por acaso, ficaram nos observando?

– Sim, senhor, meu senhor! – exclamaram quase duas centenas de jovens ninfas, ansiosas para formarem par comigo. E se eu lhes negasse tal coisa, cairiam em uma profunda depressão que as enviaria ao plano negativo oposto ao que elas se encontravam. E aquilo eu não ia permitir. Não mesmo!

A ordem que eu recebera da ninfa regente daquela estrela fora esta: meu amado filho, não deixe que mais nenhuma de minhas filhas caia no plano oposto a este, onde agora elas se encontram. Também quero que você descubra em si um meio de resgatar todas as que desapareceram desse plano da vida, está bem?

Eu contemplei cada uma delas e detectei que todas estavam com seus “mistérios geradores” aflorados e prontos para serem possuídos pelo meu.

Usando de um recurso aprendido por mim em outra realidade da vida, realizei uma ação coletiva e todos aqueles mistérios aflorados recolheram-se, acalmando-as. Então ordenei que se recolhessem, que depois falaria com elas.

Após se recolherem, fui até onde estava minha professora e a encontrei soluçando. Ainda que eu soubesse a razão de sua tristeza, perguntei-lhe:

– Por que razão a senhora está triste e chorosa?

– Você não sabe, meu desejado discípulo?

– Sei, sim. Mas gostaria de ouvir da senhora a razão, está bem?

– Por que você quer ouvir-me repetir o que já sabes?

– Cada mistério tem sua forma de fluir. Mas eles dependem dos seus manifestadores para melhor se realizarem enquanto tal.

– Você quer uma confissão minha?

– Não. O que espero para poder ajudá-la é sua aceitação de que cada coisa é como é e que cada uma delas tem a sua forma de se processar e que cada uma nos proporciona um tipo de satisfação e prazer, impossíveis de serem descritos ou avaliados se antes não forem vivenciados.

Temos que correr certos riscos se quisermos experimentar as coisas que nos atraem ou nos são necessárias.

O objetivo das encarnações no meu planeta de origem tem essa finalidade: obrigar os seres a vivenciarem certas sensações, quer eles queiram ou não, pois são lançados em um meio onde os acontecimentos são imprevisíveis porque dependem de muitas variáveis ou fatores se recombinao o tempo todo para nos manter em equilíbrio e prosseguirmos nossa jornada evolutiva.

– Eu envelheci e não evoluí em alguns sentidos por não ter tido a coragem de lançar-me em algum meio desconhecido ou de submeter-me ao que eu não tinha controle total.

– O que a senhora conhece sobre o meu mistério?

– Menos que você conhece sobre música ou dança, Aprendiz Sete.

– Então temos algo em comum. Ambos apreciamos alguma coisa que nos atrai ou nos é necessária, mas não ousamos sair da fase da contemplação.

– É isso mesmo. Ambos somos deficientes em alguns aspectos.

– Podemos nos tornar autossuficientes se soubermos dosar nossas ações, não?

– Na música ou na dança, caso você erre alguma nota ou passo, ainda é possível repeti-los...

– Saiba que, diferentemente dos mistérios naturais, os que são humanizados também permitem que refaçamos o que não saiu como esperávamos. E podemos repetir quantas vezes forem necessárias até que tudo saia como desejamos.

– Entendo. Humanizar-se significa poder repetir as lições até que elas tenham sido aprendidas corretamente. É isso?

– É isso mesmo, minha senhora.

– Entendo.

– Dê-me suas mãos, minha senhora. Ensina-me os passos de alguma dança bem lenta!

– Por que uma dança lenta?

– Assim, enquanto vou aprendendo meus primeiros passos, e repetindo os que errar, a senhora poderá provar certas sensações quantas vezes forem necessárias para poder decidir-se a passar para uma posterior, assim é melhor, não?

– É, sim. Sempre poderemos parar se algum passo ou sensação não nos agradar.

– É isso mesmo que imaginei para as nossas deficiências, sabe?

– Já estou sabendo que no seu mistério você é um mestre sapientíssimo!

– exclamou aquela ninfa anciã estendendo-me suas mãos.

Eu a enlacei e pedi-lhe:

– Ensine-me meus primeiros passos, minha mais bela instrutora!

– Você tem alguma outra instrutora?

– Não. Mas duvido que outra mais bela venha a surgir em minha vida.

Não imaginas como és bela!

– Aprendiz Sete, você está tentando iludir-me, já que sei que sou uma ninfa anciã?

– Não estou, não! – exclamei enquanto olhava-a fixamente nos olhos e mergulhava em sua alma ou essência.

– Então por que disse que sou a mais bela instrutora se aquela ninfa que o trouxe até mim é belíssima aos seus olhos humanos enquanto sou vista por você como uma ninfa anciã?

– Eu a via assim até poucos minutos atrás. Mas agora que posso vê-la através de sua alma, outra tão bela ainda não vi. Não com a visão do meu mistério.

– Ouvindo-o falar assim, até sinto vontade de ser abraçada por você, Aprendiz Sete.

– Algo me impede de abraçá-la?

– De minha parte, nada o impede.

– Então, se nada me impede, não serei eu que irei perder oportunidade tão agradável, sabe?

– Já estou sabendo que não será desta vez que irei ensiná-lo a dar seus primeiros passos.

– Por que não?

– Minhas pernas estão trêmulas e não sei por quanto tempo ainda aguentarei ficar de pé.

– Aguentarás até que seja necessário, sabe?

– Ainda não sei. Mas se você diz que só ficarei de pé enquanto for necessário, então...

E mais nada ela conseguiu dizer porque a envolvi num amoroso abraço que a fez estremecer da cabeça aos pés devido ao choque energético. E quando comecei a irradiar em abundância as energias geradas no meu íntimo, aí ela se extasiou toda e deixou cair todas as barreiras e bloqueios que se impusera para resistir às suas necessidades e desejos.

Usando de um dos recursos do meu mistério, fiz aflorar a belíssima ninfa ocultada por trás da aparência anciã. E, no instante seguinte, eu tinha nos meus braços uma ninfa que explodia em luzes e cores indescritíveis.

O êxtase energético vivenciado por ela era tão intenso que optei por volitar com ela nos meus braços até o meu aposento onde, aí sim, eu vi como era o desabrochar do mistério gerador em uma ninfa amadurecida no tempo, mas não nas coisas da vida. E deixei que ela unisse sua estrela à minha quantas vezes foram necessárias até que ela se sentiu satisfeita e adormeceu feliz o seu mais merecido sono.

Como eu não sentia sono algum, retornei ao jardim celestial, já deserto. Então comecei a examinar cada uma daquelas flores e frutas.

Concentrei-me tanto no que fazia e era do meu agrado que não percebi quando tudo clareou e aquela profusão de estrelas tornou-se invisível.

Eu já havia examinado uma dezena de plantas floríferas e outro tanto de frutíferas quando me dei por satisfeito. Então me recompus e espreguicei-me todo, como a destravar e descontraír meu espírito, um pouco arqueado pela posição de observação daquelas espécies vegetais até então desconhecidas por mim.

Quando me virei para retornar ao meu aposento, deparei-me com uma austera e professoral ninfa dos vegetais que, logo descobri, estivera me observando e estudando-me enquanto eu estudava aquelas estranhas plantas. Sem saber o que dizer, falei:

– Como vai, senhora ninfa dos vegetais?

– Meu jovem aprendiz dos mistérios dos vegetais, você está usando de um método de estudos errado, sabe?

– Não sei, não. Por quê?

– Ora, você as estuda de fora para dentro, ou seja, do exterior para o interior, da aparência para a forma. A forma correta é estudá-las de dentro para fora.

Você precisa conhecer o início das coisas para entender seus desdobramentos posteriores, senão nunca entenderá realmente a forma e as funções das plantas, importantíssimas para o equilíbrio dos meios e dos seres.

– É?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim, minha sábia ninfa dos vegetais.

– Você está adotando-me como sua instrutora nesse seu campo de ação e atuação?

– Esse não é meu campo de ação e atuação, minha senhora!

– É, sim. Tanto é que as plantas que você estudou se ligaram ao seu poderoso mistério gerador e já se beneficiam do seu fator humano, que já começou a acelerar a maturação e o crescimento delas. Ou você não notou isso?

– Não só não notei como desconheço como isso acontece, minha senhora. Explique-me esse processo, por favor!

– Você está me adotando como sua instrutora, jovem espírito humano?

– Já a adotei. A senhora me aceita como aprendiz do seu imenso saber?

– Só vou aceitá-lo porque o vejo como um promissor aprendiz. Mas só se você aceitar certas condições, deveres e obrigações para com as realidades vegetais que visitaremos enquanto se instrui.

Após observá-la por um instante e ver que ela era seriedade e austeridade da cabeça aos pés, achei que nada perderia em aceitar suas condições.

– Condições aceitas, minha senhora ninfa dos vegetais.

– Ótimo! Você está correspondendo às minhas expectativas, jovem aprendiz humano! Venha, vamos observar as plantas que você já estudou, que vou lhe mostrar como você interage facilmente com as plantas que atraíram sua atenção.

Eu a segui, e logo paramos diante daquela que produzia frutos em forma de triângulos.

– Por que essa fruta atraiu sua atenção, jovem aprendiz?

– Como cresceram esses frutos! Até o pé que as produz tornou-se mais robusto!!!

– É, cresceu, sim.

– Como isso é possível?

– Ora, essa planta projetou finíssimos filamentos até você e começou a receber seu fator humano que acelerou seu crescimento.

Você a tornou mais forte e mais fértil!

– Essa não! Uma planta vampira de energias alheias!!!

– Ela não é uma planta vampira, e sim, estabeleceu com você um sistema de finíssimos vasos comunicantes que tanto recebem quanto lhe enviam as energias sutilíssimas geradas por ela, sabe?

– Já estou sabendo.

– Não há vampirismo, mas trocas equilibradas de energias, indispensáveis ao equilíbrio dos seres e dos meios. Foi só isso que aconteceu nessa sua interação com algumas plantas.

– Entendo. Se as interações forem equilibradas não há prejuízo.

– Nós não usamos a palavra prejuízo. Preferimos dizer compensação para as ligações equilibradas e estáveis e descompensação para as ligações desequilibradas e instáveis.

– Compensação e descompensação!

– Por que a surpresa?

– Bom, agora entendo por que venho assumindo tantas ninfas como par ideal e, mesmo estando ligado a elas também por fios finíssimos, não me sinto esgotado.

– É porque lhe devolvem na mesma proporção as energias que recebem de você.

– Só pode ser isso, senão eu já teria sido exaurido energeticamente. Mas, ao contrário, sinto-me muito bem e até mais forte e disposto, sabe?

Ela, após olhar-me da cabeça aos pés, comentou:

– É, você está muito vigoroso mesmo. Com quantas ninfas você já formou par ideal?

- Com todas que quiseram formá-los.
- Entendo. Você deve trazer em seu íntimo algum mistério energético original que flui através das ligações, pois observando o número de ligações, um espírito comum não conseguiria ter formado tantos pares ideais.
- Como é isso, senhora ninfa dos vegetais?
- Bem, cada ser possui um limite no estabelecimento de ligações energéticas. E quando um alcança o seu, daí em diante ele não consegue ligar-se a mais ninguém e estaciona até que algum fato novo venha a lhe possibilitar novas ligações.
- Entendo. A qualquer momento posso alcançar meu limite, certo?
- Foi o que eu disse, jovem repetitivo.
- Bom, espero ficar sabendo quando isso acontecer comigo, senhora ninfa dos vegetais.
- Com certeza você saberá, pois vou ensiná-lo a conhecer-se a partir do seu amor pelos vegetais, sabe?
- Já estou sabendo que terei na senhora uma instrutora muito importante para o meu autoconhecimento. Obrigado por ter me adotado como seu pupilo, minha senhora!
- Aprendiz encantador, se eu não soubesse que você é um espírito humano, eu diria que você é um mistério fascinante. Por que os outros humanos não são como você?
- No que eu me diferencio dos meus irmãos humanos?
- Ainda não sei. Mas logo saberei. Vamos observar as outras plantas já estudadas por você?
- Estou sob sua orientação, minha mestra!
- Após observar novamente aquelas plantas e comprovar com o auxílio dela que, de fato, algo acontecia, então ela falou:
- Aprendiz Sete, agora vou conduzi-lo até o lado de dentro dos reinos regidos pelas ninfas vegetais. Dê-me suas mãos!
- Eu lhe dei as mãos e a senti estremecer. Mas, como ela nada comentou, volitamos a uma velocidade vertiginosa. No instante seguinte me vi dentro de uma realidade toda vegetal.
- Ali, tendo-a como professora dedicada, fui aprendendo sobre as plantas já por meio do seu método: “por dentro”!
- Ela me revelou coisas que por mim mesmo jamais sequer desconfiaria que existem ou são possíveis.
- A cada nova planta estudada, um novo campo de atuação se abria. E chegou um momento em que ela me revelou (e comprovou-me) que não há um só ser que não esteja ligado a várias espécies de plantas.

Seres naturais (da natureza); seres espiritualizados; seres encantados; seres divinos; seres elementais e seres elementares, enfim, todos estão ligados às suas plantas afins.

Usando do meio aprendido com ela para deslocar-me por dentro da Criação, e que diferia do meio usado pelo meu mestre-instrutor, eu voltei ao planeta Terra e comprovei que cada espírito, encarnado ou não, está ligado às suas plantas afins.

Cada chakra existente em nosso corpo espiritual está ligado a uma planta principal e às suas auxiliares, que tanto removem nossos excessos de energias como nos enviam os delas, mantendo-nos em equilíbrio.

A partir da sua informação já confirmada, minha mente expandiu-se e comecei a ver as ligações existentes com outros elementos formadores da natureza terrestre, ligações estas que não se rompem segundo nossa vontade, pois são fundamentais para o nosso equilíbrio energético.

Observando “por dentro” da Criação, descobri o que cada erva, rocha ou minério faz em nosso benefício se estamos em equilíbrio com elas, ou deixam de fazer se nos desequilibramos em nossas relações energéticas com elas.

Descobri que e como cada um dos nossos chacras está ligado a um dos sete elementos formadores do nosso lado material da vida.

E foi por “dentro da Criação” que estudei o corpo energético dos espíritos recolhidos às esferas negativas.

A desarmonia com os elementos formadores da natureza era tão visível à minha nova visão que me bastava olhá-los e já identificava com qual ou quais haviam se desequilibrado... e haviam passado por alterações comportamentais, emocionais, racionais, consciências, espirituais e mentais.

Mudanças sutis de comportamento; emocional, fragilizado ou exacerbado; disfunções no raciocínio; alteração no estado de consciência; deformações ou transmutações no corpo plasmático, ou espiritual, ou energético; mental em contínua oscilação eletromagnética, colocavam os espíritos estudados por mim em contínuos choques energéticos, desequilibrando-os em um ou vários sentidos da vida.

Quanto mais eu me aprofundei naquele novo campo de estudos, mais minha nova visão se abriu e chegou um momento que comecei a ver de uma só vez o todo de um ser.

Minerais, vegetais, águas, terras, cristais, gases e fogo formavam entre si uma cadeia energética alimentadora da Criação.

Na verdade, a Criação só existia por causa deles, porque tudo e todos são formados a partir deles.

Avançando em meus estudos, estudei por dentro as “magias” e descobri que todos os tipos ou formas de ser dependem da “rede elemental”, e basta ativarmos determinados “mecanismos-mistérios” para desmanchar as magias negativas ou ativar as magias positivas.

Nesse campo, demorei-me um pouco mais porque, com o auxílio daquela minha mestra, estudei “por dentro” o mistério das espadas que eu carregava ocultas mas que, em algum momento da minha existência, eu as adquirira.

Cada uma daquelas espadas tinha muitas funções e, só de segurar o cabo de uma delas, eu já visualizava seus campos de atuação, vendo se em algum deles havia algum tipo de desequilíbrio.

E, se havia, aprendi como ativá-la para que ela reordenasse e redirecionasse a tudo e a todos ao mesmo tempo.

Em pouco tempo reordenei e reequilibrei todos os campos de ação daquelas “minhas” espadas e senti um alívio no meu íntimo.

Aqui na Terra, ainda estudei muitas outras coisas antes de retornar a uma dimensão vegetal existente no lado espiritual de uma longínqua estrela regida por uma mãe da vida.

Já de volta, ela me olhou demoradamente, examinado-me com sua visão superior. E, quando se deu por satisfeita, falou-me:

– Aprendiz Sete, não me enganei! Você é o mais promissor dos meus pupilos, agora sim você pode ser aceito como meu discípulo, sabe?

– Já estou sabendo, minha senhora. Muito obrigado por ter sido tão paciente, didática, compreensiva e tolerante com minha ignorância.

Ela ainda existe em meu íntimo. Mas é só uma questão de tempo para eu diminuí-la em minha vida.

– Também penso assim, meu filho amado!

– A senhora adotou-me como filho?!! – perguntei exclamando ou exclamei perguntando, pois meu íntimo alegrara-se ao ouvi-la chamar-me de “filho”.

Ser chamado de filho por uma ninfa-mãe é ser honrado de tal forma que outra mais elevada não existe nos domínios delas na Criação.

Só é adotado como filho por uma ninfa-mãe quem passar por todos os testes e provas impostos por elas.

Para sermos adotados como pais, precisamos possuir e gerar em abundância o que sustentará nossos filhos adotivos.

Para sermos aceitos como par ideal, temos de ter em nosso íntimo os requisitos necessários para que nossa par-ideal tenha seu mistério gerador completado pelo nosso, que poderá gerar muito mais do que elas precisam.

Mas nunca poderá gerar menos, senão elas se tornam estéreis ou inférteis, não alcançando o grau de “mãe da vida”.

E só uma ninfa-mãe da vida conquista, com o auxílio do seu par ideal, o seu domínio ou reino na Criação, tornando-se em si mesma uma réplica de sua mãe.

Para ser um par ideal temos de possuir em nosso mistério gerador a chave que ativa algo no âmago delas e desencadeia uma sucessão de desdobramentos do mistério gerador delas, que passará a depender umbilicalmente do nosso.

Por isso, formar um par ideal com uma ninfa é “casar-me” com ela no sentido em que o par foi formado.

Difícilmente elas formam par com alguém em mais de um sentido. Raramente formam em dois e, excepcionalmente, formam nos sete.

Como o meu mistério é sétuplo, comigo elas formavam nos sete sentidos, pois, para elas, esse é o tipo de par mais desejado e é chamado de par perfeito, porque, ligadas a mim nos sete sentidos, não dependiam de mais ninguém para gerirem em harmonia e equilíbrio seus domínios ou reinos e suas hereditariedades.

Formando um par perfeito, uma ninfa mantém seu domínio ou reino fechado e ninguém mais além do seu par entra nele.

Para elas, formar um par perfeito é algo excepcional. Divino mesmo, pois daí em diante seu senhor único e único senhor lhes fornecerá tudo o que precisa, pois basta enviar-lhes continuamente as vibrações-chave ao mistério gerador que, tal como uma “fonte criadora”, elas começam a gerar tudo o que estiver necessitando para si, para seu domínio ou reino e para sua hereditariedade, não precisando de nada mais que isso para viver seu mistério de “mãe da vida”. O resto, o próprio Divino Criador e a Mãe Divina da Vida lhes fornecem, porque é através delas que Ele “exterioriza” os seres que gera em Si e de Si.

Sem a existência das Ninfas Mães da Vida não haveria vida no mundo manifestado e tudo seria um imenso vazio.

Sem elas não haveria nada!

Amar uma ninfa é amar a vida. E, ser amado por uma, é ser amado por ela.

Ali, no reino delas, eu tanto amava quanto era amado pela Vida na sua forma mais simbólica e singela, pois amava e era amado pelas ninfas.

Mesmo as que eu ia adotando como filhas do “meu amor à Vida”, no futuro se tornariam mães da vida quando fossem graduadas pelo meu mistério gerador, o único que elas aceitariam como par ideal para sustentá-las no novo grau, pois haviam sido amadurecidas por ele, o meu mistério maior!

Para elas, eu era um pai da vida cujo mistério gerador havia amadurecido, e habilitava-me como par ideal. E, como ele podia ser possuído por quantas que o quisessem, então me qualificavam como um “filho do pai Gerador”, como uma exteriorização e uma individualização humana d’Ele, o Pai da Vida.

Se elas tivessem que escolher entre mim e um ser natural ou um espírito não humanizado, com certeza me escolheriam por causa da minha carga genética fatorial humana, desenvolvida durante minhas muitas encarnações.

A elas interessava o meu fator humano porque, adquirindo-o através do meu mistério, isso desobrigava suas hereditariedades de terem de encarnar para desenvolvê-la.

Humanizar os seres naturais é isso: transmitir-lhes nossa carga genética fatorial humana, que é sétupla e possibilita um amadurecimento deles nos sete sentidos ao mesmo tempo, facilitando seus processos evolutivos e acelerando a abertura dos seus mistérios originais.

Para mim, conceder a posse do meu mistério gerador humano já era algo natural. E, sempre que uma delas se aproximava, eu já detectava em qual ou quais sentidos ainda precisavam amadurecer ou em quais haviam se tornado insuficientes por causa de deficiências existentes nos seus pares naturais.

Como o meu mistério era sétuplo e pleno nos sete sentidos, assim que elas possuíam meu mistério, os cordões que mantinham com outros seres se desligavam automaticamente e isso os desobrigava de continuar a dar sustentação a elas, cada vez maior. E a maioria deles estavam exauridos ou esgotados em suas capacidades geradoras de energias.

Para a maioria era um alívio e um auxílio bem-vindo. Mas, para os seres naturais que eram seus análogos-opostos, retirá-las do alcance deles era uma afronta imperdoável.

Quando eu fechava um abismo, coalhado de ninfas caídas nos seus polos-opostos, antes eu tinha de fechar o mistério de cada um dos meus pares-opostos. E isso implicava choques violentos.

Era nesses momentos que eu desembainhava minhas espadas e dava-lhes combate até subjugá-los e redirecioná-los ou recolhê-los no interior das lâminas delas, onde seriam totalmente esgotados dos seus “negativismos”.

Eu já possuía alguma experiência nesse campo de atuação. Mas era nada se comparado à de guardiões muito mais graduados. Quanto a mim, ainda era um guardião iniciante que pouco conhecia. Eu era só um aprendiz!

Aquela senhora ninfa vegetal estava instruindo-me e ensinando-me coisas antes inimaginadas. E isto ia abrindo-me novos campos de estudos e

descobertas impressionantes e imprescindíveis às minhas ações e atuações como guardião da Lei e da Vida no sentido do amor.

Quando dominei o conhecimento sobre minhas “ervas” pessoais, comecei a identificar e estudar cada uma das ligadas a cada um dos meus sentidos e mistérios.

Cada uma daquelas plantas estava ligada a um domínio ou reino vegetal e, instruído pela minha mestra, projetei-me só mentalmente para dentro deles e os estudei por dentro até obter todo um conhecimento geral sobre as realidades vegetais ligadas umbilicalmente a mim.

Eram ligações eternas que nunca se desfariam, pois antes de o Divino Criador “exteriorizar-me”, eu já estava ligado àquelas plantas e aos seus domínios; para onde quer que eu fosse, as ligações continuariam; e, se aqueles domínios estivessem negativados, o negativismo deles refletiria em mim, desequilibrando-me em algum aspecto. E o inverso se aplicava àquelas domínios.

É claro que não vou revelar as minhas “plantas de forças”, senão qualquer um, entendido nesse campo magístico, poderia “virá-las” contra mim, não é mesmo?

Quando identifiquei e estudei todos os domínios vegetais ligados a mim por meio das minhas “plantas de forças”, instruído por aquela minha mãe ninfa dos vegetais, dei início à positividade deles e dos seres agregados a eles. E quando tudo terminou, senti um imenso alívio em meu íntimo.

Era como que se um “peso” tivesse sido removido do meu ser imortal. E quando ela comprovou que eu estava em equilíbrio dentro do seu campo de ação, falou-me:

– Meu amado filho humano, sua instrução comigo chegou ao fim. Agora você está liberado para voltar aos domínios das senhoras ninfas dos sons. Tenha um bom aprendizado com elas, meu filho!

– Minha amada mãe ninfa dos vegetais, eu agradeço sua atenção comigo. Mas não retornarei satisfeito aos domínios das senhoras ninfas dos sons se não lhe retribuir tudo o que fez por mim, por amor e com amor, pelo conhecimento. Permita que eu atue como seu filho e seu servo dentro dos seus domínios, por favor!

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e ela me abraçou comovida pela minha gratidão. Entre soluços, ela voltou seus olhos para o alto e exclamou:

– Obrigada, minha mãe! Finalmente enviastes um filho teu digno do meu amor à vida e ao saber sobre os mistérios da vida!

– Minha amada mãe, meu íntimo ordena-me que eu lhe conceda a posse integral de quantos mistérios a senhora encontrar nele e lhe forem úteis.

– Meu filho, como você é generoso! Por que todos os filhos da Mãe Geradora da Vida não são como você?

Se eles fossem, não haveria desequilíbrio algum aqui no mundo manifestado e o vazio existente no lado oposto dele estaria como era no início dos tempos: completamente vazio!

Mas, não! O egoísmo, a inveja, o ódio, a raiva, o desprezo, a ambição, a prepotência, a insatisfação e outros sentimentos negativos têm tornado tudo mais difícil e complicado, paralisando a evolução dos seres colocados sob nossa regência ou guarda.

– Eu devo ter uma parcela de culpa pelo atual estado das coisas. Sinto muito, sabe?

– Sei, sim, meu filho. Mas sempre é tempo de mudarmos para melhor, não?

– É, sempre é tempo, mamãe. Perdoe-me por ter virado as costas para os mistérios da vida e ter dado ouvidos aos anuladores dela nos meios e nos seres. Perdoe-me, por favor!

– Eu já o havia perdoado antes de assumi-lo como meu pupilo, meu filho.

– Então possua e use em benefício dos seus domínios quando dos meus mistérios lhe forem úteis ou necessários, está bem?

– Eu não posso possuir nenhum dos seus mistérios, meu filho.

– Por que não, se detectei a carência de vários deles em seus domínios?

– Eu tenho o meu par perfeito, meu filho.

– Se tens, onde ele está para deixar teus domínios com tantas deficiências. Isto não é normal, sabe?

– Sei, sim. Mas ele está preso ou retido em algum abismo sombrio, e a escuridão e o desequilíbrio que o possuíram estão refletindo em meu Trono, causando deficiências e desequilíbrios nos domínios regidos por meus mistérios.

– Como isso aconteceu com ele?

– Ele é tão generoso quanto você. Ou melhor, era!

– Era?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. Presumo que atualmente ele não está podendo se doar para ninguém.

– Isto é certo. Dele só recebo dores e tormentos indescritíveis. Não sei por quanto tempo ainda resistirei, mas...



– Mas... o quê?

– Se esse desequilíbrio continuar se intensificando cada vez mais chegará a um ponto que não resistirei mais e aí só me restará o suicídio.

– O que isso significa, minha sofrida mãe ninfa dos vegetais?

– Significa que serei obrigada a diluir-me, senão serei atraída pelo magnetismo do abismo onde meu par perfeito está aprisionado.

– Se a senhora se diluir, o que acontecerá com seus domínios?

– Eles se escurecerão imediatamente, lançando minha hereditariedade na confusão. Mas isso é menos doloroso para mim e para elas do que eu ser tragada pelo abismo onde ele se encontra, sabe?

– Não sei, não. Como é isso?

– Bom, aí toda a minha hereditariedade será arrastada comigo para dentro dele e todas as minhas filhas sucumbirão ante os tormentos que aflorarão e desabrocharão em seus polos negativos, tornando-as escravas de seres portadores de mistérios opostos aos delas.

Minha hereditariedade sucumbirá e se desagregará, meu filho!

– Entendo. Dos males, o menor. É isso, não?

– É isso mesmo. Caso eu venha a me diluir, aí você poderá assumi-las e sustentá-las evitando que um ser qualquer degenerado invada meus domínios e torne-as suas escravas, está bem?

– Não está, não. Eu observei o semblante de muitas das suas filhas e em todas só vi tristeza. Para mim isto não está bem.

– Eu sei. Mas não há outra alternativa, sabe?

– Não sei, não. O nosso Divino Criador sempre nos proporciona uma alternativa quando tudo parece perdido.

– Eu não a vislumbro, meu filho. A única foi confiar-lhe meus domínios após me diluir.

– Mas...

– Prometa-me que os assumirá e às minhas filhas.

– Não vou prometer-lhe algo que não acontecerá. Conceda-me o tempo necessário, que solucionarei essa sua dificuldade transitória.

– Não tenho muito tempo, meu filho. Na verdade, só preciso que você prometa assumir meus domínios e minha hereditariedade para diluir-me, sabe?

– Já estou sabendo que a senhora revelou-me e ensinou-me tudo o que podia sobre as plantas e seus domínios para poder “suicidar-se” em paz.

– Foi o que eu fiz. Meus domínios e minha hereditariedade estarão guardados, iluminados e amparados por um generoso filho da mãe da vida. Com o tempo, você trará a alegria para a vida das minhas filhas.

– Bom, vou encontrar uma alternativa para solucionar os seus problemas e dificuldades. Mas, enquanto isso, vou fazer algo que evitará que a senhora se dilua em seus domínios, sabe?

– Não sei, não. Proíbo-o de fazer algo que prolongue o meu sofrimento.

– A religião que eu segui enquanto vivi no plano material proibiu o suicídio, pois enquanto há vida há esperança. Não desista agora que a adoitei como mãe do meu amor à vida!

– Meu filho, eu já não tenho forças para resistir a tantos tormentos!

– Vou ajudá-la a suportá-los até eu encontrar e resgatar seu par-perfeito.

Após lhe dizer aquilo, plasmei algo semelhante a um capacete de ouro e o coloquei sobre sua cabeça. Imediatamente, ela sentiu um alívio e perguntou-me o que era aquilo.

– É um protetor mental. A partir de agora, não o tire mais até eu retornar, está bem?

– Meu filho, o que é isso em minha cabeça?

– Uma mãe ninfa mineral concedeu-me a posse do mistério dessas coberturas mentais. Elas impedem que seres mentalmente poderosos capturem nossas vibrações mentais.

– Então minhas filhas deixaram de receber minhas vibrações mentais, não?

– Não, senhora. Só que agora elas só estão recebendo as positivas e benéficas, pois as tormentosas estão sendo anuladas por essa cobertura mental. Logo isso refletirá nelas, beneficiando-as também.

– E quanto às que já sucumbiram e foram subtraídas dos meus domínios?

– Quando eu resgatar seu par-perfeito, elas serão resgatadas por ele.

– Você sabe o que aconteceu de fato com ele?

– Não. Mas imagino que entrou em algum abismo e deparou-se com o inimiginado.

– Ele foi resgatar o par natural de uma mãe ninfa que havia se negativado e estava arrastando toda a hereditariedade dela para o lado negativo da Criação.

Para ele tudo parecia ser fácil, tal como você está crendo. Não vou permitir que cometa o mesmo erro, meu filho.

– Não cometerei. Vou iniciar minha busca pelo lado oposto da Criação para não atrair a atenção do ser-mistério que conseguiu subjugar seu par-perfeito.

– Você sabe quem reina no lado oposto?

– Não, senhora. Mas imagino que nele só os mentalmente poderosíssimos reinem.

– Eles o subjugarão e se apossarão dos seus mistérios assim que descobrirem que você é um filho do pai sétuplo da Criação.

Eu o proíbo de iniciar essa ação tão perigosa. Você assumiu muitas ninfas como o par ideal. Se você sucumbir, eles as arrastarão para seus domínios e irão transformá-las em geradoras de energias alimentadoras de suas degenerações e viciações.

– Eu tenho que ir.

– Meu filho amado, você ainda não viu o que eles fazem com uma ninfa da vida, pois são as mais visadas por eles.

Não respeitam nem as de mais tenra idade. Violam seus mistérios, violentam suas naturezas geradoras e as deformam de tal forma que se tornam estéreis e inaptas para os mistérios da vida.

Fique aqui e preserve tanto as que o adotaram como par ideal como as que o adotaram como pai. Não as coloque em risco por causa da queda do meu par perfeito.

– Minha mãe, ele não caiu. Se isso tivesse acontecido, o ser-mistério que o atingiu já teria se apossado dos seus domínios.

Além do mais, não iniciarei minha busca a partir daqui, e sim, o farei a partir do meu posto de vigia na fortaleza onde meu mistério guardião está baseado.

Retornarei pelo mesmo caminho que fiz para chegar aqui, pois assim ninguém conseguirá chegar até aqui através de mim.

Alguém só conseguiria acessá-las se eu abrisse aqui uma passagem para o lado oposto da Criação.

Quanto à fortaleza, ela já está aberta naturalmente para o lado oposto, pois ela é tripolar.

– Se a sua fortaleza é tripolar, então você também é um guardião tripolar.

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. Só ocupa um posto de vigia em uma fortaleza tripolar quem também é tripolar.

– Eu posso transitar no lado oposto da Criação com a mesma desenvoltura com que transito nesse lado. Logo, não há o que temer.

– Há, sim. Aqui nesse lado o seu conhecimento é pequeno, limitado mesmo. Imagino que o mesmo acontece no outro lado, certo?

– É, isso é certo. Mas aprenderei e dominarei seus mistérios durante minha busca.

– Não vá, meu filho. Amadureças primeiro!
– Já me decidi... e nada me impedirá de trazê-lo de volta. Não mesmo! Isso eu lhe prometo!

– Está certo. Vejo que nada que eu diga irá demovê-lo dessa sua decisão temerária.

– É só o meu destino. Estou indo ao encontro dele, sabe?

– Não sei, não.

– Então, mais adiante saberá que eu é que não tenho alternativas. Ou vivo meu destino ou ele me vive.

– O que você quis dizer com essa sua afirmação fatalista?

– Ele me trouxe até aqui para eu ter um motivo para assumi-lo. Vou ao encontro dele, minha amada mãe ninfa dos vegetais. Ore por mim e pelo sucesso nessa minha nova missão.

– Eu e todas as minhas filhas oraremos por você, meu filho humano. Que a força e o poder do teu Criador e do teu Pai te acompanhem!

– Obrigado, mamãe! – exclamei enquanto lhe beijava as faces para, no instante seguinte, já estar no jardim do “conservatório musical” das ninfas dos sons, retornando no mesmo instante que partira com ela para estudar a natureza das plantas.

E, ali mesmo, abri um portal atemporal e retornei ao planeta Terra para, em seguida, retornar ao meu posto de vigia na fortaleza que havia me acolhido como guardião.

Já ao lado do meu mestre-instrutor, falei-lhe:

– Mestre, eu trouxe a bagagem, como combinamos.

– Trouxe, é?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. Vejo que você conversou muito com aquelas mães ninfas da vida.

– Por que o senhor acha que fiz isso?

– O seu modo de falar está parecido com o delas.

– O meio forma o ser, não?

– Forma, sim. O que você trouxe em sua mochila bagageira?

– Para o senhor tenho estes presentes aqui, sabe?


– Já estou sabendo que você andou falando sobre mim, certo?

– Eu não disse uma só palavra sobre o senhor. Mas elas, não sei como, sabem tudo sobre nós. Como isso é possível?

– Esse é um mistério e tanto, não?

– Qual deles? O que está em suas mãos ou o das mães ninfas?

– Ambos, meu filho. Ambos!



– Pois é! A senhora mãe ninfa regente daquela estrela também lhe enviou isso aqui, e enviou este outro, que não sei o que é, ao nosso regente nessa fortaleza.

– Essa não!

– Algo errado com o presente, mestre?

– Não há nada de errado, mas, como será a reação dele ao receber um presente de uma ninfa-mãe estelar?

– Ele poderá reagir negativamente?

– Ainda não sei. Mas ele não gosta de ser lembrado por elas dos compromissos assumidos. E, caso eu não esteja enganado, essa sua mãe ninfa estelar deve estar cobrando dele os compromissos assumidos com algumas das filhas dela, sabe?

– Não sei, não. Como é isso?

– Bom, você está vendo esses pontinhos pretos nessas esferas simbolizadoras daquele sistema planetário?

– Estou, sim. O que eles significam?

– Domínios negativados ou parados no tempo. Uma dessas duas coisas eles significam e, se eu não estiver enganado, são domínios colocados por ela sob a guarda dele, sabe?

– Já estou sabendo... que, caso eu lhe entregue esse presente, ele poderá reagir negativamente, não?

– Foi o que eu disse, guardião Aprendiz Sete. Venha, vamos entregar-lhe o presente!

– Não é melhor deixarmos para uma ocasião propícia?

– Para que adiar, se uma hora você terá que o entregar? Vamos!

Eu o segui e pouco depois o ouvi gritar:

– Guardião Sagineh, pode entrar!

Meu mestre entrou e pouco depois me chamou. E quando terminei as saudações, ele me ordenou:

– Passe para as mãos do nosso regente o presente enviado a ele por aquela senhora sua mãe ninfa estelar.

– Não é melhor o senhor entregá-lo, mestre? Afinal, temos uma hierarquia.

– Você foi incumbido. Logo, a honra é toda sua. Entregue-o!

– Eu... sim, senhor. E engoli a seco ao caminhar até a frente do nosso regente, que me olhava fixamente com aqueles olhos que pareciam virar-me pelo avesso.

Sim, ele impunha respeito!

Após cruzar o solo diante dos seus pés, continuei ajoelhado à espera de que ordenasse que eu me levantasse e lhe entregasse o tal presente. Mas ele apenas me perguntou:

- O que você tem para mim, guardião Aprendiz Sete?
- Meu senhor, eu sou o portador de um presente para o senhor.
- Quem lhe deu esse presente?
- Foi minha senhora e mãe ninfa divina sustentadora de um sistema planetário.
- Por que você a chama de sua senhora e sua mãe, Aprendiz Sete?
- Bom, ela é minha mãe porque é uma ninfa estelar. Agora, quanto a ser minha senhora, aí, sabe como é, não?
- Não sei, não. Fale de forma reta e direta ou o penalizarei rigorosamente, pois não admito desvios locucionais.
- Essa não! Estou encrencado.
- Aprendiz Sete, você é um guardião que não honra o seu grau.
- Por que, meu senhor?
- Você fala como os exus naturais, sempre recorrendo a desvios locucionais quando não quer dizer o que quero ouvir.
- Mas nos falamos tão pouco, meu senhor. Como pode dizer isso?
- Você está complicando-se cada vez mais.
- Como devo proceder quando não posso dizer certas coisas porque não sei como dizê-las?
- O seu mestre-instrutor não o ensinou?
- Eu não comentei com ele que eu não sabia isso. Portanto, não o envolva com o que não diz respeito a ele. Puna-me logo e acabemos com esse diálogo entre mudo e surdo.
- Quem é o mudo e quem é o surdo, Aprendiz Sete?
- O mudo sou eu, pois não consigo me expressar. Já o surdo, é o senhor, pois não consegue ouvir o que não pode ser dito e deve ser subentendido.
- Não sei o que fazer com você, Aprendiz Sete.
- Faça o que melhor aprouver-lhe que, para mim, está tudo bem. Afinal, já perdi o grau que havia conquistado, não?
- É, você o perdeu. Voltou a ser só Aprendiz Sete.
- O que acha de expulsar-me dessa escola egrégia? Talvez eu não seja digno dela... ou...
- Ou... o quê?
- Ou aqui não seja o meu lugar e eu esteja ocupando o tempo precioso de guardiões que têm mais coisas a fazer que perder tempo com um apren-

diz sem futuro. Expulse-me e ponha um fim ao seu desagrado com minha presença nessa sua escola, meu senhor.

– Daqui ninguém é expulso, Aprendiz Sete. Ou enquadra-se às rígidas normas dessa escola ou é executado. Afinal, se um espírito não se mostra digno dela, ele não será digno de mais nada.

– Sim, senhor, meu senhor.

– Passe-me o presente que essa sua senhora e mãe enviou-me, Aprendiz Sete.

Ainda ajoelhado e com a testa encostada no solo, passei-lhe o presente. Ele, após examiná-lo demoradamente, gritou:

– Guardiã Sagunã, venha aqui imediatamente!

No mesmo instante surgiu ali o guardião chamado e ele lhe perguntou:

– Onde está o presente enviado a mim por intermédio de você quando visitastes um sistema planetário distante do seu planeta de origem, meio e fim?

– Como o senhor o recusou, eu o guardei em um armário em meu aposento. Observando este em sua mesa, eles são bem parecidos, não?

– São, sim. Mas este está quase todo iluminado e aquele era todo escuro, vá buscá-lo para que eu possa compará-los.

– Sim, senhor, meu senhor.

Pouco depois o guardião Sagunã retornou e entregou o outro sistema planetário.

– Impressionante! São idênticos, guardião Sagunã! – exclamou o regente da minha “escola-prisão”.

– Eles são iguais, meu senhor. Só não entendo o que aconteceu com este para iluminá-lo.

– Eu entendo o que aconteceu, guardião Sagunã. Eu entendo!

– Então, dê-me sua licença para eu retornar ao meu posto de vigia, meu senhor.

– Antes, diga-me como você recebeu esse presente.

– Bom, eu fui até esse sistema para dar combate a um ser degenerado que havia fugido do lado escuro da Criação e se comprazia em apossar-se do mistério de ninfas estacionadas na faixa neutra da Criação. Eu o enviei de volta ao seu reino de origem e uma ninfa guardiã entregou-me essa réplica do sistema planetário regido pela senhora mãe dela, recomendando-me que lhe entregasse. Foi isso, meu senhor.

– Agora tem minha licença para retirar-se, guardião Sagunã!

Após a saída do guardião, o nosso regente ordenou-me:

– Levante-se, guardião de 2º grau Aprendiz Sete!

– Sim, senhor.

Eu me levantei mas mantive os olhos voltados para o solo, ao que ele ordenou:

– Levante a cabeça e olhe-me de frente e nos olhos, pois acabei de elevá-lo a guardião de 2º grau, ainda que eu não saiba o que você fez para merecê-lo.

– Sim, senhor.

– Você não irá revelar-me?

– Não, senhor. O mistério que se manifesta através de mim não permite comentários ou revelações. Apenas a sua aceitação e nada mais. Ou aceitam-no e são possuídos por ele ou silenciam e não olham para ele.

Após ouvir aquelas palavras, ele desviou os olhos dos meus e, apontando para os sistemas planetários, falou-me:

– Você quase honrou essa escola de guardiões. Mas, mesmo sendo um espírito humano, até que fez um bom trabalho como guardião.

– Sim, senhor.

– Que pena que você é um humano!

– Sim, senhor.

– Se você fosse um guardião natural, com certeza teria me trazido um sistema todo iluminado.

– Sim, senhor.

– E teria sido elevado em três graus, e agora seria um guardião de 4º grau.

– Sim, senhor.

– Por que você se retirou desse sistema deixando esses pontos escuros, guardião Aprendiz Sete? Por que você não atuou até iluminá-lo completamente? Não vê que desonrou seu grau, pois um guardião da Lei nunca se retira antes de reordenar, reequilibrar e redirecionar tudo e todos em seu campo de ação e atuações?

– Sinto muito, senhor. Sou só um espírito humano, meu senhor.

– Talvez, no futuro, você venha a adotar o procedimento dos guardiões naturais, certo?

– Sim, senhor. Posso retirar-me, meu senhor?

– Pode, sim. Mas leve um desses sistemas planetários para que nunca mais se esqueça dessa sua falha, inadmissível para essa escola de guardiões.

– Sim, senhor. Peço sua licença para retirar-me.

– Licença concedida, guardião de 2º grau Aprendiz Sete.

Eu o saudei e ao meu mestre-instrutor. Em seguida, retornei ao meu posto de vigia e encontrei Davináh à minha espera.

Ela me olhou nos olhos e vi que corriam lágrimas dos dela. Então lhe perguntei:

- Por que você está chorando em silêncio, querida Davináh?
- Eu choro pela perda de dois graus por você, querido e amado senhor.
- Não chore por mim, está bem?
- Não está, não. Você perdeu um grau e deixou de conquistar outro, e isto é gravíssimo para um guardião em cujo mistério tantas vidas estão ligadas.
- Para o meu mistério, tanto faz eu ter algum grau quanto não ter nenhum, pois não depende deles para fazer o que só ele pode fazer. Além do mais, eu esperava ser expulso dessa escola e enviado a alguma nas trevas, mas como eu ia saber que aquela minha senhora e mãe já havia enviado um presente ao seu pai. Mas, paciência!
- Como é que é? Você queria ser expulso?
- Sim, eu queria.
- Por quê?
- Aqui, sou limitado por inúmeros fatores, sabe?
- Não sei, não. O que o impede de atuar se você está no centro da Criação e tudo está à volta dessa fortaleza?
- Ela impõe limites e regras de procedimentos que limitam minhas ações.
- Creio que você ainda não atinou com a importância dessa fortaleza e de sua escola de guardiões.
- É, talvez seja isso, não?
- Tenho certeza que é.
- Então vamos deixar de falar em coisas desagradáveis e passemos para algo que irá alegrá-la, está bem?
- O que você tem para alegrar-me?
- Que tal eu tocar minha flauta para você?
- Como é que é?
- É o que eu disse, oras! Ou você não sabe o que é uma flauta, ainda que existam várias, cada uma mais agradável do que a outra de se ouvir?
- Você usou parte do seu tempo para aprender a tocar flauta?
- Por que não, se eu tinha todo o tempo que precisava à minha disposição?
- Um guardião da Lei flautista! Isso é algo impensado, amado e querido Aprendiz Sete!
- Não sei se é ou não. Mas eu aprecio a música e gostei de aprender a tocar flauta, sabe?

- Quanto tempo você demorou para aprender a tocar esse instrumento?
- Só o necessário.
- Como devo entender esse seu gosto pela música?
- Entenda como quiser, certo?
- Você foi encantado por alguma ninfa musical?
- Sempre gostei de música.
- Então você encantou alguma e roubou-lhe seu mistério, certo?
- Pense o que quiser que não mudará nada.
- Por que não?
- Bom, já perdi a vontade de alegrá-la com umas melodias agradabilíssimas, pois acabei de descobrir que não aprecia os músicos.
- Eu sou uma guardiã, querido. Não tenho tempo disponível para esses arroubos emocionais, sabe?
- Já estou sabendo.
- Me abraça?
- Claro. A cada um, segundo seu gosto e suas necessidades, certo?
- É isto mesmo – concordou ela, apertando-me bem forte contra seu corpo, quase se fundindo ao meu.

Mas em outro lugar da fortaleza meu mestre-instrutor dialogava com nosso regente e este lhe perguntou:

- Guardiã Sagineh, você acreditou no que esse seu discípulo disse?
- Não, senhor.
- Você sabe o que significam esses pontos pretos nessas réplicas dos planetas desse sistema?
- Eles são domínios que foram arrastados para o lado vazio da Criação, meu senhor.
- Você crê que seu discípulo saiba o que eles significam?
- Não tenho certeza.
- Descubra se ele sabe ou não. Provavelmente ele tem em mente algum plano para resgatar esses domínios.
- Se tem, isso é temerário para um guardião de 2º grau.
- Eu o havia rebaixado para protegê-lo. Afinal, o que alguém encantado pelas ninfas não é capaz de fazer, não é mesmo?
- É, sim, meu senhor.
- Pois é! Mas fui obrigado a conceder-lhe mais um grau além do que ele já possuía, e agora ele voltou ao seu posto de vigia, de onde poderá deslocar-se até algum lugar e colocar seu plano em ação, indo ao encontro do seu fim nos domínios dos Senhores do Vazio.
- Eu também temo algo nesse sentido, meu senhor.

– Vigie-o, guardião Sagineh. Será uma perda irreparável se esta fortaleza perdê-lo para o lado vazio da Criação.

– Será, sim, meu senhor. Vou vigiá-lo como redobrada atenção, está bem?

– Faça isso, guardião Sagineh. Se o perdermos por causa dessas ninfas caídas, não me perdoarei nunca. O mistério dele é único!

– Não se preocupe. Eu o vigiarei, meu senhor.

– Está certo. Pode voltar ao seu posto de vigia.

– Com sua licença, meu senhor.

– Licença concedida!

Pouco depois, ele retornou ao seu posto de vigia e vendo Davináh comigo, ordenou-lhe:

– Davináh, volte para seu posto de vigia, pois o guardião Aprendiz Sete tem que vigiar os domínios colocados sob sua guarda pelo nosso Divino Criador.

– Ele me assumiu, guardião Sagineh! Tenho o direito de ficar um pouco com ele, sabe?

– Sei, sim. Mas não creio que este seja o local mais indicado ou adequado para ficarem juntos. E tem um agravante, sabe?

– Qual é?

– Se o seu pai vê-la aqui, abraçada a ele, com certeza rebaixará a ambos. Portanto, volte para o seu posto e deixe-o vigiar seus campos de ação e atuação.

– Sinto muito, guardião Sagineh. Peço ao senhor que não comunique ao meu pai esse meu erro.

– Não vou relevá-lo caso você prometa nunca mais vir distrair o guardião Aprendiz Sete com seus arroubos amorosos.

– Eu nunca mais voltarei a distraí-los, eu prometo.

– Ótimo! Agora retorne ao seu posto de vigia.

– Sim, senhor. Peço sua licença.

– Licença concedida, guardião Davináh.

Assim que ela se retirou, ele me falou:

– Guardião Aprendiz Sete, caso seja necessário, você poderá ir ter com Davináh no aposento dela no outro lado dessa fortaleza. Afinal, você a assumiu e às irmãs dela como suas protegidas, não?

– É, assumi sim.

– Então tens certos deveres com elas, não?

– Tenho, sim. Mas eu não sabia que podia sair desse posto de vigia.

– Você não pode. Mas aquela porta que dá acesso ao interior da fortaleza é atemporal, e o tempo não conta enquanto fazemos algo lá

dentro. Só que, se ficarmos muito tempo dentro dela, o nosso regente nos impõe uma punição.

– Entendo.

– Ótimo! Se quiser ficar um pouco com ela, pode ir.

– Agora, não. O que eu gostaria de fazer é tocar um pouco de flauta, sabe?

– Não sei, não. Fale-me sobre esse seu desejo, meu filho.

– Bom, eu aprendi a tocar flauta lá naquela estrela.

– Você aprendeu na estrela, é?

– Foi o que eu disse.

– Não foi em algum dos planetas que formam aquele sistema?

– Não foi, não. As ninfas dos sons têm uma escola no âmago daquela estrela de primeira grandeza. E uma delas, uma já bem idosa, ensinou-me a tocar flautas, sabe?

– Já estou sabendo... que ela o encantou com seu dom e mistério musical.

– O senhor acha que ela me encantou?

– Não acho. Eu tenho certeza, pois uma ninfa é em si o dom e o mistério que ela manifesta de si, ainda que assuma uma forma aceitável aos nossos olhos.

– O senhor está me dizendo que elas não têm uma forma própria conhecida por nós?

– É algo assim. Elas assumem qualquer forma. Elas são muito parecidas com os gênios, sabe?

– Já estou sabendo... e acho que fui encantado o tempo todo em que permaneci nos domínios delas, pois se pareciam com os espíritos, ainda que seus corpos fossem mais sutis. Mas, após algum tempo comigo, isto é, perto de mim, aí seus corpos se densificavam e eu já não via diferenças entre elas e os espíritos humanos.

– Elas absorviam seu fator humano e assumiam formas humanas.

– Puxa!!!

– As ninfas atuam pelo lado de dentro da Criação, meu filho ingênuo.

– Isso elas me revelaram. Nelas é natural.

– O que mais elas lhe revelaram?

– Elas precisam de alguém que viva no lado de fora e que possa formar um par ideal, pois só assim se tornam aptas a serem mães da vida.

– Você sabe o que acontece com quem, aqui no lado de fora, forma um par ideal com alguma delas?

– Não sei, não.

- Você quer saber?
- Acho que não.
- Por que não?
- Bom, formei tantos pares que acho que estou encrencado.
- Com quantas você formou par?
- Com todas as que quiseram adotar-me, sabe?
- Já estou sabendo. E também acho que você está encrencado. Logo elas o exaurirão e você se tornará um espectro do que é agora.
- Essa não!
- Essa sim. Foi bom conhecê-lo, guardião Aprendiz Sete.
- Puxa! Ouvindo-o despedido-se assim, sinto-me condenado a uma sina horrível, sabe?
- Sei, sim. A cada um segundo os seus desejos e suas necessidades, certo?
- É. É isso mesmo.
- O que pretende fazer, agora que já se sabe condenado ao mundo dos espectros?
- Já que estou condenado, vou tocar um pouco de flauta para esquecer essa minha sina.

– É, faça isso, meu quase ex-discípulo. – murmurou meu mestre-instrutor, meio triste com minha sina espectral.

Ele voltou sua atenção aos seus campos de ação e atuação. Então apanhei uma das minhas flautas e, após pigarrear para abrir minha garganta, travada com o que ele revelara, comecei a tocá-la.

Uma música suave e meio melancólica começou a ser tocada por mim. E, não sei como, ela saía do meu íntimo e se espalhava pelo espaço.

Eu nunca antes a ouvira e estava sem uma partitura na minha frente, ainda assim eu sabia que notas deveria tocar. E quanto mais eu a tocava, mais eu queria tocá-la.

Chegou um momento em que comecei a ver espectros se movendo nos escuros domínios dentro do meu campo visual. E eles começaram a deslocar-se em minha direção, chegando a ficar bem próximos da amurada da fortaleza.

Eram tantos espectros se deslocando na minha frente que até me senti zozzo. E só não parei de tocar minha flauta porque fechei os olhos e concentrei-me na música que saía automaticamente.

Quando parei de tocá-la, abri os olhos e me assustei com a imensa “nuvem” de espectros ali, na minha frente!

Eu não sabia o que fazer e perguntei ao meu mestre-instrutor se algo se alterara em seu campo visual.

- Ele clareou mais, meu filho. Por que essa pergunta sobre algo que não lhe compete?
- Bom, o meu está pior do que estava antes de eu começar a tocar esta flauta encantada, sabe?
- Não sei, não. O que alterou em seu campo visual?
- Tudo! Agora só vejo espectros horríveis e nada mais. Acho que a música que toquei atraiu todos os espectros das trevas!
- Serão eles o que restou de outros espíritos ingênuos que se deixaram encantar pelas ninfas?
- Não sei. O senhor não os vê?
- Como eu poderia vê-los se estão dentro do seu campo visual?
- Bom, eu creio que muitos desses espectros saíram do seu campo e passaram para o meu.
- Como você pode ter certeza disso se você não tem acesso ao meu campo visual.
- Não sei como, mas eu vi muito desses espectros saindo dos domínios localizados dentro do seu campo visual.
- Essa não! Você está vendo o meu campo visual?
- Não. Só vi os espectros saírem de domínios colocados sob sua guarda. Mas vi isso acontecer sem olhar para eles, pois eu estava tocando minha flauta.
- Como isso é possível, Aprendiz Sete?
- Não sei, mestre-instrutor. O que sei é que vi de onde vinham esses espectros, todos agora dentro do meu campo visual e olhando-me fixamente, sabe?
- De onde eles vieram?
- Bom, creio que foi dos campos visuais dos outros guardiões assentados nessa fortaleza.
- Você tem certeza disso?
- Certeza absoluta, não. Mas me pareceu acontecer isso.
- Que música você tocou?
- Uma meio melancólica, pois eu me entristeci quando soube de minha sina. Acho que atraí meus futuros afins, não?
- Não sei. Por que você não conversa com esses espectros? Talvez encontre um meio de dispersá-los ou de enviá-los para o Vazio, que é o lugar deles, sabe?
- O Vazio está reservado para os espectros?
- Está, sim. Quem é enviado para o Vazio logo vira um espectro do que já foi.

– Puxa! Que sina!

– Não é nada agradável tornar-se um espectro vazio em todos os sentidos.

– Vou ver se consigo conversar com algum deles.

Voltei minha atenção para aqueles espectros e, usando de um recurso de um mistério possuído por mim de uma daquelas ninfas, logo conseguia comunicar-me com um deles.

E, para minha surpresa, descobri que eram ninfas totalmente exauridas em seus mistérios, que são elas em si mesmas.

– O que lhes aconteceu para ficarem nesse estado?

– Nossos pares naturais ou ideais se negativaram e aí começaram a nos esgotar e exaurir nossos dons e mistérios. Então chegou um momento em que nos tornamos espectros do que já fomos, e um sofrimento sem fim tomou conta de nós.

– O que as atraiu para dentro do meu campo visual?

– A música de sua flauta. Ela nos indicou um caminho para sairmos dos Abismos ou do Vazio onde nos encontrávamos aprisionadas e atormentadas por seres espectrais que, mesmo assim, conosco reduzidas ao nada, ainda nos possuíam e nos atormentavam ainda mais, tornando insuportável nossa existência.

– Meu Deus e meu pai! Que horror é esse, meu Deus! – exclamei, já com os olhos cheios de lágrimas, pois elas eram pura dor, angústia, tristeza, remorso e sofrimentos indescritíveis.

– Assuma-nos, guardião divino! Liberte-nos dos nossos tormentos e aflições! Conduza-nos de volta à vida, meu senhor!

– Essa não! Vocês já me adotaram como vosso senhor?

– Sim, meu senhor! – exclamou uma infinidade de vozes lamurientas e sofridas.

Dos meus olhos corriam tantas lágrimas que minhas faces ficaram cobertas delas. E, sem saber o que fazer diante daquele horror, elevei meus olhos e mãos para o alto e clamei:

– Meu Deus, venha em auxílio dessas suas filhas ninfas, todas atormentadas e aflitas, meu pai amado! Acuda-as, meu pai misericordioso!

Não sei como, mas uma voz, que era a Dele, falou-me a partir do meu íntimo e disse-me mais ou menos isto:

– Meu filho amado, eu estou “dentro” de tudo e de todos. Portanto, só através de você eu poderei atender esse teu clamor, tão justo quanto sentido, meu filho!

– Meu pai amado e misericordioso, faça-me instrumento da Tua vontade e, através de mim, devolva-as às suas realidades de origem, meu pai!

– Elas já não têm condições de retornar ao lado de dentro da Criação onde tinham suas moradas, meu filho. Assuma-as em meu nome e acolha-as nos domínios do seu mistério, meu filho amado e generoso.

– Que domínios são esses, meu pai amado e misericordioso?

– São os que reservei para esse teu mistério, tão importante e tão necessário quanto todos os outros, meu filho amado. Assuma-as em meu nome e acolha-as nos seus domínios que elas ficarão amparadas e, tendo-o como par ideal, um dia retornarão ao lado de dentro da minha Criação reservado para elas.

– Meu pai, se eu as assumir, logo me tornarei um espectro irreconhecível.

– Assuma-as em meu nome e terá em cada uma delas uma fonte energética natural a alimentar seu mistério. Saiba que todas as que você assumir em meu nome e conduzir para os seus domínios, eu estarei amparando-as e a você.

– Se assim o Senhor me ordena, assim farei. Só não sei como possuí-las, pois estão reduzidas a espectros do que já foram.

– Como você as quer dentro dos domínios desse seu mistério?

– Se tenho o direito de escolher, quero que elas assumam formas humanas, pois são compreensivas aos meus olhos e sentidos, meu pai amado e generoso para com todos nós.

– Então ative e abra seu mistério gerador de energias, pois será ele que gerará tanto as formas humanas para elas quanto os meios onde passarão a viver até que Eu as encaminhe para suas realidades de origem, meu filho inseguro.

– Eu temo o que ainda desconheço, meu pai amado. Ampare-me!

– Eu estou em você e você é parte de Mim, meu filho. Assuma-as em meu nome e eu estarei auxiliando-as através de você.

– Sim, senhor, meu pai amado e misericordioso! – exclamei, já com o meu mistério gerador de energias prestes a explodir de forma incontável.

E, no instante seguinte, ele se irradiou e eu vi milhões incontáveis de raios luminosos e multicoloridos projetarem-se para elas, penetrando naqueles espectros em vários pontos.

Rapidamente foram assumindo formas humanas belíssimas. Perfeitas, eu diria, se soubesse como é uma forma humana feminina perfeita.

O alívio foi imediato para elas, que me olhavam fixamente. E, numa nova explosão energética, milhões de cordões saíram do meu mistério gerador e penetraram nos delas, enraizando-se por dentro dos seus corpos. E cada um criou por dentro delas uma teia alimentadora dos seus sentidos, dons e mistérios. E o bem-estar que se apossou delas foi tão intenso que eu

via, bem diante dos meus olhos, milhões de belíssimos espíritos femininos mergulhados no mais intenso êxtase do retorno à vida.

O prazer que estavam sentindo era tão intenso e maravilhoso aos meus olhos que impressionavam os meus sentidos, estimulando ainda mais a geração de energias em meu íntimo. E, com isso, os cordões engrossavam e mais energias fluíam através deles, aumentando ainda mais o bem-estar e o prazer que sentiam.

Então chegou um momento em que começaram a acontecer explosões energéticas no íntimo delas e começaram a enviar-me suas energias, geradas no âmago do mistério que traziam em seus íntimos.

Ao explodirem em luzes e cores, elas se tornavam irradiantes e uma aura belíssima envolvia cada uma delas.

Aquela troca de energias através daqueles cordões parecia não ter fim. Mas chegou um momento em que alcançaram seus limites de absorção e irradiação de energias e seus mistérios começaram a desativar-se.

Um sono profundo foi tomando conta delas e logo todas estavam adormecidas. Então, não sei como, um fluxo multicolorido as envolveu e começou a conduzi-las para uma dimensão belíssima, mas muito parecida com o plano material da vida no planeta Terra.

Ali, naquela dimensão aberta na minha frente e bem diante dos meus olhos, elas foram sendo depositadas sobre leitos em aposentos dentro de incontáveis cidadelas, belíssimas aos meus olhos e padrões humanos.

Então tudo se fechou e voltei a ver o vasto campo escuro à minha frente, mas já não tão sombrio. E aí eu chorei em silêncio enquanto ouvia em meu íntimo a voz do meu pai e meu Divino Criador.

Algum tempo depois, aquela voz já havia dito tudo o que eu precisava saber. Ele me abençoou e não mais o ouvi.

Enxuguei meu rosto e respirei fundo, reassumindo meu emocional. Então me voltei para meu mestre-instrutor e disse-lhe:

– Agora está tudo bem, mestre. Os espectros foram encaminhados para um domínio onde adormeceram, sendo aliviados dos seus tormentos e aflições.

– É melhor assim, não?

– É melhor, sim.

– Como você conseguiu convencê-las a irem para esse domínio dentro do seu campo visual?

– Bom, na verdade, não fui eu quem as convenceu. O nosso pai e nosso Divino Criador fez isso por elas, sabe?

– Sei, sim. O que é feito sem que o seja por Ele, meu filho?

– Nossos erros, nossas falhas e nossos pecados não são feitos por Ele ou com a ajuda Dele. Esses, sim, devemos creditar em nossa conta, certo?

– Isto é certo, guardião de 4º grau, Aprendiz Sete. – falou nosso regente, logo atrás de mim. Virei-me assustado e perguntei-lhe:

– Meu senhor, ao que devo creditar para ter obtido meu 4º grau?

– Depois que fiquei a sós, refleti muito sobre você, Aprendiz Sete.

– Devo creditar esse meu grau às suas reflexões, meu senhor?

– Não a elas, mas a você e ao seu humanismo exacerbado. Jamais vi um guardião sentir tanto orgulho por ter sido humanizado.

– Talvez eu já tenha sido gerado humano em minha origem, meu senhor.

– É, talvez seja isso que o impede de se renaturalizar como gostaríamos. Mas o que importa é que saiba que refleti e cheguei à conclusão de que não devia tê-lo rebaixado por você ser como é, e sim, devia tê-lo elevado de grau, pois tem se mantido autêntico mesmo vivendo em meios não humanos.

Isso pesou em minha decisão, guardião Aprendiz Sete!

– Obrigado, meu senhor. Sinto-me aliviado por não ter desonrado o meu mestre-instrutor.

– Você não me desonrou em momento algum, meu filho. Se tivesse me desonrado, meu mistério detector de desonras teria sido ativado e eu teria sabido assim que tivesse acontecido tal coisa.

– Bom, então assim é melhor ainda, não?

– É, sim. Por que você não toca uma música alegre nessa sua flauta encantada?

– Não adianta, mestre.

– Por que não?

– Só eu e os espíritos afins com os sons emitidos por ela ouvem, ora!

– É, você está certo. Volte ao seu posto de vigia, guardião de 4º grau Aprendiz Sete.

– Sim, senhor, mestre-instrutor.

Voltei-me para o exterior da fortaleza e reassumi meu posto de vigia. Mas ele me alertou:


– Aprendiz Sete, eu o proíbo de projetar-se para algum lugar sem antes me avisar e revelar-me o que irá realizar.

– Sim, senhor. Com sua licença, pois vou tocar para meus ouvidos um pouco de músicas com esta minha flauta encantada.

– Cuidado com os espectros, certo?

– Sim, senhor.

Eu fechei meus olhos, concentrei-me e comecei a tocar uma música que expressava amor e gratidão ao nosso pai e nosso Divino Criador.



E, sem abri-los, eles começaram a derramar lágrimas, pois os sons harmônicos que chegavam aos meus ouvidos emocionavam-me.

Eu a toquei várias vezes e, quando parei, ainda fiquei um longo tempo de olhos fechados, deleitando-me com os sons agradáveis emitidos por aquela minha flauta encantada.

Quando abri os olhos e passei as costas das mãos para remover as lágrimas que me turvavam a visão, eis que vi Davináh ao meu lado, com as faces banhadas pelas lágrimas que derramava.

– Essa não! O que eu fiz agora para fazê-la chorar, Davináh?
– Foi essa melodia que você tocou em sua flauta, sabe?
– Não sei, não. Como é que você a ouviu, se ninguém aqui pode ouvir?
– É claro que podem. Não sou a única que o ouviu.
– Bom, ao menos, espero que tenham gostado.
– Tenho certeza de que gostaram. Que música é essa que você tocou?
– Bom, é uma que expressa amor e gratidão ao nosso Divino Criador.
– Eu senti muita vontade de voltar para Ele, o meu amado Senhor. Como eu senti vontade de estar com Ele e de ser abraçada com todo o amor que Ele vibra por nós! Meu pai e meu criador, como eu gostaria de ser abraçada pelo Senhor, meu pai amado!

– Bom, não é a mesma coisa. Mas, caso queira, posso abraçá-la e envolvê-la com todo o meu amor, está bem?

– Faça isso por mim, meu amado guardião!

Eu a abracei com amor e ternura e recostei seu rosto em meu ombro, ficando a acariciar sua cabeça e seus cabelos.

Meu mestre alertou-me para o fato de ela não estar de guarda no seu posto de vigia.

– Não se preocupe, mestre. Eu a assumi, também assumi seus campos de atuação e tenho vigiado-os o tempo todo.

– Você vê os campos sob a guarda dela?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim.

– Como você faz isso?

– Olhando-os de vez em quando para ver se está tudo bem.

– Entendo. Você sabe o que isso significa?

– Não, senhor. Mas creio que, ao assumi-la, também assumi seus campos de ação e atuação. Creio que isso é natural, pois quando assumia uma ninfa, imediatamente passava a ver seu domínio e seu campo de ação e de atuações na Criação. Até entrei em muitos deles para ajudá-las a reequilibrá-los, sabe?

– Já estou sabendo que ainda há muita coisa a ser aprendida por mim. Agora, leve Davináh ao aposento dela, senão serei obrigado a repreendê-los rigorosamente, e não quero fazê-lo. Não depois de ter ouvido uma música tão agradável. Vamos, saiam já daqui. É uma ordem! – bradou o meu mestre-instrutor.

Após nos recolhermos, quem voltou à amurada foi o nosso regente, que lhe perguntou:

– Guardião Sagineh, você viu o que eu vi?

– Vi sim, meu senhor.

– Temos um problema em nossa fortaleza.

– Temos, sim. O que será que aquelas ninfas concederam ao meu discípulo Aprendiz Sete?

– Provavelmente o apreciaram tanto que o elegeram o rei das ninfas e concederam-lhe poderosos e desconhecidos mistérios.

– É, ele está dando sinais de possuir mistérios ainda inimagináveis ou desconhecidos por mim.

– Não só de você, guardião Sagineh. Eu jamais vi uma flauta mágica tão poderosa.

– Eu também não. O que nossas espadas não fazem, essas melodias tocadas por ele fazem.

– Como lidar com alguém assim, leal guardião?

– Não sei, meu senhor.

– Vou refletir e ver se recebo alguma inspiração de como proceder.


– Faça isso, meu senhor, porque o meu discípulo escapou do meu controle e quem o orienta são as ninfas. Elas estão conduzindo-o para onde mais elas precisam dele. E ele, ingênuo como é, faz o que elas desejam que faça, não percebendo que quando elas não precisarem mais dele o lançarão nos tormentos daquele seu mistério, muito poderoso, porque elas estão alimentando-o e estimulando-o.

– Bom, perdido para elas ele já foi, guardião Sagineh. Precisamos agir rapidamente antes que ele nos arraste junto.

– Basta não abriremos nossa guarda, que elas não conseguirão nos envolver com seus temidos encantamentos.

– Mais algumas vezes que elas nos olhem e estaremos perdidos. Já me basta a que me envolveu há muito tempo atrás. Sofri muito ao ver parte de sua hereditariedade sucumbir quando aflorou nelas seus mistérios geradores.

– Eu sei como o senhor sofreu. Davináh quase foi arrastada para o polo negativo do mistério dela, não?



– Guardião Sagineh, não há dor pior do que ver uma filha amada sucumbir ante o furor do seu mistério gerador. E foram tantas, sabe?

– Não sei de todas. Mas, das que vi, sofri muito ao vê-las clamando para que alguém as possuísse e acalmasse no íntimo delas o clamor dos seus sexos. Imagino que a visão delas sendo arrastadas para os abismos o atormente muito porque a mim nunca deixou de atormentar.

– Não me lembre do que não consigo esquecer, guardião Sagineh. E muito menos do desespero da mãe delas, que se diluiu quando não resistiu mais à perda de suas filhas.

– Saiba que, enquanto ele tocava aquela melodia de amor e gratidão, eu clamei ao nosso Divino Criador que, por misericórdia, resgatasse sua esposa e filhas e às acolhesse em Seu Amor Divino, meu senhor.

– Obrigado, guardião Sagineh. Espero que Ele tenha ouvido nossos clamores, pois eu lhe pedi a mesma coisa.

– Aguardemos, meu senhor!

– Volte à sua eterna vigiância, guardião.

– Com sua licença, meu senhor.

– Licença concedida.

Eu estava no aposento de Davináh conversando com ela quando seu pai, que era o dirigente daquela fortaleza, entrou. Mas ele estancou assim que me viu e falou-lhe:

– Voltarei mais tarde, minha filha.

– Fique um pouco conosco, papai! – pediu ela, quase implorando – Faz tempo que o senhor não fica comigo ou suas outras filhas.

– Você assumiu um posto de guardiã na amurada dessa fortaleza e tem pouco tempo disponível para ficar comigo. Quando tiver tempo, vá até minha sala.

– Sim, senhor, papai.

Ele saiu do jeito que havia entrado e não me dirigiu a palavra. Pouco depois, eu voltei à amurada e reassumi meu posto de vigia, contemplando os campos colocados sob minha guarda!

Dali, contemplava o infinito plano colocado sob minha guarda pelo meu Criador e Senhor dos mistérios que em mim se manifestavam com uma potência incomum, mesmo para espíritos guardiões.

Minha capacidade em formar par e dar sustentação às ninfas multiplicadoras da vida, nas muitas dimensões da vida, já estava incomodando meu mestre-instrutor e meu regente naquela fortaleza, que não se sentia à vontade por ter entre os guardiões colocados sob seu comando um que fosse tão poderoso gerador de energias.

Para eles, eu era um caso a ser tratado com cautela, pois era portador de um mistério perigoso e difícil de ser dominado e anulado.

Eu era perigoso para eles!

Isso eu pensava quando vi o plano colocado sob minha guarda se escurecer todo e mais uma vez ficar coalhado de espectros irreconhecíveis, de tão exauridos que haviam sido.

Não pensei duas vezes e peguei aquela flauta encantada dada a mim por uma senhora ninfa dos sons. E, após mentalizar o meu Criador, pedindo-Lhe licença, comecei a tocá-la.

Dela saía uma melodia que começou a impressionar aqueles espectros, outrora espíritos plenos.

O poder do som era inegável e mais uma vez tudo se repetiu, devolvendo-lhes a beleza e a luminosidade de outro, devolvendo-as à vida plena, pois todos eram espíritos femininos que haviam caído por causa dos desequilíbrios desenvolvidos em seus sétimos sentidos da vida.

Quando tudo se encerrou, vi o plano à minha frente ficar mais claro. E logo surgiu às minhas costas o meu regente, que me graduou com mais um grau.

Algum tempo depois, que entendi como um ciclo de tempo ou uma volta completa do plano sob minha guarda, mais uma vez tudo escureceu e nova leva de espectros ocupou-o à espera de que eu os acolhesse, curasse e redirecionasse.

Procedi da mesma forma com minha flauta e logo tudo voltava a ficar claro. Assim como um novo grau me foi concedido.

Eu não achava justo ou certo receber aqueles graus, porque nada fazia além de repetir o mesmo procedimento. Mas chegou o momento em que meu regente falou-me:

– Aprendiz Sete, agora você é um guardião de grau 111 e terá que ser deslocado para uma outra fortaleza, porque aqui só permanecem os com 77 graus.

– Eu mereci mesmo esses graus, meu senhor?

– Se não fosses merecedor deles, não os teria recebido, pois quem os concede não sou eu, e sim o meu senhor, que também é seu senhor.

– Entendo. Alguém me quer fora dessa aprazível fortaleza, não é mesmo?

– Eu não entendo dessa forma, guardião Aprendiz Sete. O fato é que você traz em si um mistério superior ou mais abrangente que os que aqui se sustentam, é hora de você ir ao encontro do seu destino final, meu filho.

– Sim, senhor.

– Acompanhe-me, que o teu senhor indicará para qual fortaleza você será transferido!

– Sim, senhor.

Pouco depois, fui conduzido a uma sala que estava trancada e em cujo portal de acesso estavam dois sentinelas a guardá-la. E ela só se abriu quando ele introduziu sua espada toda dourada numa abertura que seria sua fechadura.

Então uma pesada porta girou sobre si mesma e deixou uma estreita passagem através da qual entramos na sala. E, já dentro dela, vi espadas cujas aparências despertavam respeito e medo.

Após olhá-las por algum tempo, ele me ordenou:

– Escolha sua nova sina e seu destino final, guardião Aprendiz Sete!

– Sim, senhor, meu senhor – concordei preocupado. Então me ajoelhei e clamei a Deus e ao meu Pai e senhor Ogum que me armassem com a espada que eu fosse merecedor de ostentar em minha nova jornada evolutiva.

Eu estava com as mãos voltadas para cima e, não sei como, vieram duas delas que pairavam bem nas palmas. Eu fechei os dedos ao redor dos seus cabos e senti um fluxo energético fluir para o meu íntimo.

No instante seguinte, coloquei-as cruzadas em minhas costas e, levantando-me, falei:

– Meu senhor, estou pronto para ser conduzido à minha nova fortaleza.

– Parabéns, guardião Aprendiz Sete! Se você não fosse portador do grau 111, essas espadas o teriam destruído. Por isso, nunca duvides do seu grau, pois, por aqui, quem dá grau a alguém são os nossos senhores divinos, meu filho.

– Sim, senhor, meu senhor. Que espadas são estas que recebi?

– Na mão direita recebestes uma espada da Lei. E na mão esquerda recebestes uma espada da Morte.

– Entendo, meu senhor.

– Entendes mesmo?

– Não entendo, sabe?

– Sei, sim. Mas isto é assim mesmo, meu filho. Só o tempo nos ensinará o que temos de fazer ou o que nossos regentes esperam que façamos em nossos campos de ação e atuações. Com você não será diferente!

– Entendo, meu senhor.

– Venha, pois seus irmãos e irmãs guardiões aqui assentados o aguardam para prestar-lhe uma homenagem.

Após a homenagem e a despedida, fui conduzido a uma outra fortaleza localizada em outro plano da vida.

O meu mestre me conduziu até seu portal de acesso e, após despedir-se, desejou-me uma boa sina e um luminoso destino.

Quando ele se foi, bati no imenso portal com um malhete que estava preso no seu batente.

Fiz como meu mestre-instrutor havia me indicado e bati por três vezes. Na terceira, ele se abriu e eu entrei em algo semelhante a um pátio medieval de uma fortaleza militar.

Olhei-o todo e vi em volta dele bancos toscos nos quais haviam espíritos sentados relaxadamente, que ficaram a me observar sem nada dizerem.

Aproximei-me de um deles, saudei-o respeitosamente e apresentei-me antes de perguntar como proceder dali em diante.

– Aprendiz Sete, certo? – perguntou-me ele.

– Isso mesmo, meu senhor.

– Como você conquistou seu grau 111, Aprendiz Sete?

– Bom, acho que foi com essa minha flauta, sabe?

– Essa não! Um músico de grau 111 nos foi enviado para nos alegrar enquanto esperamos que chegue algum discípulo digno do nosso grau e poder, meus companheiros de sina e destino! – exclamou aquele guardião, caindo na risada.

As gargalhadas foram tantas que escondi minha flauta encantada. Mas ele, quando parou de rir, ordenou-me:

– Toque uma música para nós, guardião Aprendiz Sete!

– Meu senhor, essa flauta não se presta ao lazer ou à distração de espíritos desocupados, sabe?


– Você nos chamou de espíritos desocupados? Foi isso?

– Bom, aos meus olhos, ou estão de folga ou não têm nada a fazer além de importunarem quem aqui chega imbuído dos melhores propósitos, meu senhor.

– Retires o que acabou de dizer ou serás punido rigorosamente, Aprendiz Sete!

– Que venha a punição, pois não vou tolerar o escárnio de quem quer que seja. Afinal, não cheguei até aqui para ser humilhado!

– Aqui não há uma terceira vez. Portanto, pela segunda vez, ordeno-te que retires tudo o que dissestes desde que entrou nesta fortaleza, Aprendiz Sete!



Eu refleti um pouco e achei melhor não continuar aquele confronto. Então dissimulei minha vontade de acabar com aquele espírito insolente, retirei tudo o que havia dito, inclusive a saudação a ele, que me ordenou:

– Como punição, vá até o centro do pátio e toque alguma música para alegrar-me e fazer-me esquecer que eu deveria parti-lo com minha espada, Aprendiz Sete!

– Sim, senhor. Quando eu terminar minha música, o que menos desejarás será estar na minha frente, meu senhor.

– O que você quis dizer com isso, Aprendiz Sete?

– É que sou um mau músico ou um músico mau, sabe?

– Só ouvindo-o poderei avaliar seu virtuosismo. Agora, cale-se e comece a tocar sua flauta.

Eu fui até o centro do imenso pátio e concentrei-me para dar início a uma audição com meu “virtuosismo musical”.

Então dei início!

Os sons que saíam da minha flauta eram a expressão do que se passava em meu íntimo. E ele estava caótico, pois o que eu desejava era punir aqueles que haviam se divertido às minhas custas.

Então o caos se formou naquele pátio, pois algo similar a um terremoto começou a rachar o solo e as paredes daquela construção medieval.

Tudo tremia e os elementos começaram a se condensar no éter, causando explosões assustadoras, acompanhadas de espectros ainda mais assustadores, que se deslocavam de um lado para o outro, como que à procura de alguém para estraçalhar e destruir.

Algo assustador estava acontecendo ali, e eu não desejava parar até dar vazão ao que vibrava em meu íntimo.

A fortaleza sacudia-se toda, ou melhor, era sacudida pelo som de minha flauta encantada.

Sua melodia frenética fazia aqueles espíritos taparem os ouvidos e caírem no solo, desesperados pela dor aguda em seus tímpanos, prestes a explodirem.

E eu acabaria com tudo e todos ali se uma silhueta luminosa não tivesse surgido ao longe, na linha do horizonte espiritual à minha frente e ordenando-me que parasse de tocar aquela música e começasse a tocar outra que revertesse todo aquele caos.

Eu obedeci, porque distingui claramente a figurar exuberante do meu pai Ogum de Ronda a ordenar-me.

No instante seguinte, respirei fundo e dei início à outra melodia que começou a reverter todo aquele caos elemental.

Quando tudo acalmou e voltou ao “normal”, olhei para o espírito que fizera pilhérias sobre o meu grau de músico e perguntei-lhe:

– Meu senhor, já chega ou quer que eu toque outra música e lhe mostre como consegui o grau III de Guardiã da Lei e da Vida com minha flauta encantada?

– Não, não! Guarde esse seu instrumento antes que destruas tudo por aqui, Aprendiz Sete!

– Talvez o senhor queira comprovar se sou um guardião afeminado, ou não foi isso que passou por sua mente enquanto se divertia às minhas custas?

Saiba que posso tocar uma melodia que irá fazê-lo rastejar como uma serpente. Já outra, irá torná-lo a mais lasciva das fêmeas, sabe?

– Pare, Aprendiz Sete! – ordenou-me uma voz metálica às minhas costas – Não ouse concretizar seus desejos destrutivos aqui dentro dessa fortaleza!

Virei-me e fiquei de frente com um espírito com ares marciais, que me encarou e ordenou-me:

– Não ouse concluir o que tem em mente, senão serei obrigado a fulminá-lo imediatamente!

– Quem é o senhor para ordenar-me algo?

– Eu sou o regente desta fortaleza. E não gostei dessa sua entrada caótica, sabe?

– Sei, sim. Se tivesse gostado não estaria com as duas mãos fechadas ao redor dos cabos de suas espadas, meu senhor! Mas alerto-o que não serei humilhado por quem quer que seja e, ou estes seus servos se desculpam ou eu não responderei pelos meus atos de agora em diante!

– Você está me desafiando? É isso, Aprendiz Sete?

– Não, senhor. Mas tudo farei e farei de tudo para ser recebido com respeito, pois não serão lixos como esses aí que haverão de se divertirem às minhas custas ou de um instrumento sagrado confiado à minha guarda com todos os seus mistérios, poderes e deveres.

– Por acaso você queria ser recebido por uma guarda de honra?

– Para mim, seria o mínimo que seres responsáveis pela vida de tantos outros poderiam fazer quando um novo guardião consegue chegar até aqui às próprias custas.

– Saiba que, para esta fortaleza, só são enviados os guardiões que desagradaram em algum sentido o senhor Ogum de Ronda. Em que sentido você o desagradou, Aprendiz Sete?

– Não sei, meu senhor! O que tenho feito é reequilibrar a vida e seus meios, e nada mais.

– Onde está sua veste simbólica que distingue os servos do senhor Ogum de Ronda?

– Não recebi veste alguma, meu senhor. Só uso esta roupa de médium umbandista que cobre o meu corpo desde que desencarnei.

– Há quanto tempo você desencarnou?

– Não sei, meu senhor. Já perdi a noção de tempo.

– Ótimo! Você é mais um que nunca mais sairá daqui.

– Já me disseram isso antes, meu senhor.

– Veremos! Dispa-se dessa sua veste terrena e siga-me, Aprendiz Sete.

– Sim, senhor, meu senhor!

Eu recolhi ao meu íntimo aquela minha veste e ele, após dar uma rápida olhada em mim, falou-me:

– Acho que já sei em que sentido você desagradou o senhor Ogum de Ronda, o nosso senhor, sabe?

– Não sei não, meu senhor.

– Você é mais um espírito ingênuo que caiu sob o domínio de ninfas insaciáveis, não?

– Não sei se caí ou não. O senhor sabe?

– Ainda não. Mas logo saberei, pois nada fica oculto por muito tempo dentro desta fortaleza. Siga-me!

– Sim, senhor.

Ele entrou por uma porta e eu o segui. Do outro lado havia um salão enorme com guardiões e guardiãs perfilados e em posição de sentido.

Quando atravessamos o imenso salão, ele se virou e perguntou-me:

– Satisfeito, Aprendiz Sete?

– Com o quê, meu senhor?

– Você foi recebido por uma guarda de honra, não foi? Nem do tapete vermelho eu me esqueci!

– Sinto muito se lhe dei esse trabalho. Eu pensei que aqueles guardiões lá fora...

– Eles estão à espera de que algum dos aqui assentados os assumam como seus discípulos.

– Essa não! Fui vítima de um bando de iguais ou inferiores!

– Foi, sim. Aprenda a, quando chegar a um lugar, esperar que algum responsável por ele se apresente e dirija-lhe a palavra:

– Sim, senhor.

– Agora, vamos ver se algum guardião ou guardiã aqui assentado o quer como discípulo, Aprendiz Sete!

Ele me apresentou desta forma:

– Este é o guardião Aprendiz Sete. Ele conseguiu seu 111º grau através do seu instrumento de trabalho, que vocês já sabem qual é, pois quase destruiu esta fortaleza.

Também não devem se esquecer de que ele desagradou o senhor Ogum de Ronda, o nosso senhor, porque caiu sob o domínio das insaciáveis ninfas da vida!

Alguém se habilita a assumi-lo como seu discípulo?

Todos os olhares daqueles guardiões e guardiãs convergiram para mim e, após algum tempo, todos voltaram a desviá-los, voltando à posição de sentido. Então ele sentenciou:

– Lamento, guardião Aprendiz Sete! Se nenhum quer ser seu tutor, então não é deste lado dessa fortaleza que você será agregado. É grande o desagrado do senhor Ogum de Ronda com você, sabe?

– É, deve ser sim, meu senhor. Que fortaleza é esta?

– É uma fortaleza estelar. Você está no lado de cima ou positivo dela.

– Se o lado de cima é assim, como será o seu lado de baixo?

– Isso, só você saberá como é... daqui a pouco.

– Sim, senhor.

– É, sim. Retire-se, guardião Aprendiz Sete.

– Com sua licença, meu senhor.

– Licença concedida!

Eu caminhei por aquele corredor de guardiões sisudos e perfilados na mais perfeita ordem. Quando passei pelo pórtico encimado por uma espada, uma lança e um escudo, a porta se fechou às minhas costas.

Dirigi-me ao centro do imenso pátio e fiquei no aguardo da noite. Mas, como ela não chegava, resolvi tocar minha flauta para passar o tempo.

Respirei fundo e fechei os olhos antes de começar a tocá-la. Quando iniciei uma música que expressaria os meus sentimentos mais íntimos, eis que saiu uma das mais lindas melodias já entoadas até então por mim.

De olhos fechados, deleitava-me com as notas harmoniosas e de uma emotividade ímpar.

Dos meus olhos fechados corriam lágrimas, de tão linda que ela era. Quando a música terminou, tive que respirar fundo para conter minha emoção e sentimentos nobres e virtuosos.

Ainda enxugava as faces e os olhos quando ouvi o ranger dos gonzos da porta de acesso ao interior daquela fortaleza. Voltei-me na direção dela e vi uma daquelas guardiãs sisudas caminhando em minha direção. Quando ela ficou a dois passos de mim, perguntou-me:

– Guardiã Aprendiz Sete, você me honra com sua tutela?

– O que a senhora quer com essa mudança brusca em relação a mim?

– Eu havia conhecido o seu lado negativo. Mas agora que vi seu lado positivo, tenho certeza de que és digno da minha tutela.

– Obrigado, minha senhora. Mas prefiro conhecer o lado de baixo desta fortaleza tripolar do meu senhor Ogum de Ronda.

– Caso mude de ideia, procure-me, está bem?

– Está, sim, minha senhora. Obrigado por sua oferta.

– Sou uma guardiã de grau 222, Aprendiz Sete!

– Sim, senhora.

– Mesmo assim você recusa minha oferta de tutelá-lo nesta fortaleza?

– Sim, senhora. Prefiro ir ao encontro do meu fim no outro lado desta fortaleza, minha senhora.

– Cubra o seu corpo com sua veste branca e entre comigo, pois todos os outros guardiões e guardiãs tutores gostariam de tê-lo como discípulo aqui neste lado desta fortaleza do nosso amado pai e senhor Ogum de Ronda, meu filho.

– Muito obrigado, minha senhora. Já recebi minha sentença e vou cumpri-la. Do outro lado desta fortaleza só sairei quando o senhor Ogum de Ronda me ordenar.

– Talvez tenha ocorrido um terrível engano, sabe?

– Não sei, não.

– Olhe à sua volta e veja o que sua música fez nesta e com esta fortaleza, meu filho!

Eu olhei e vi as íngremes paredes construídas de imensos blocos de granito reluzindo em meio a cascatas que brotavam das pedras.

E entre os enormes blocos haviam brotado plantas floridas que caíam metros abaixo, enfeitando-as de tal maneira que as tornavam possuidoras de uma beleza e harmonia únicas.

– É, agora esta fortaleza está mais bonita, não?

– Você tem noção do que fez?

– Tenho, sim. Eu toquei uma música que é um hino de amor à Mãe da Vida, sabe?

– Não sei, não. Mas sua música espalhou-se por toda esta fortaleza e a alterou totalmente!

– Sinto muito, minha senhora. Eu não tive a intenção de alterar nada por aqui. Eu só queria honrar e homenagear minha amada Mãe da Vida com uma melodia agradável aos Seus ouvidos divinos. Foi só isso que fiz, sabe?

- Agora sei. Venha comigo!
- Obrigado, senhora. Aqui demora muito para anoitecer?
- Logo anoitecerá.
- Bom, até outro encontro. Obrigado por sua oferta.
- Você não quer mesmo rever sua decisão e ser acolhido dentro desta nossa fortaleza?
- Minha sentença já foi emitida e vou cumpri-la até o seu fim, custe-me o que custar, sabe?
- Não sei, não. Por que você recusa ser acolhido pelo lado luminoso e prefere se submeter ao lado escuro desta fortaleza?
- Aí dentro tudo é muito hierarquizado e eu já ando meio cansado disso. Era muito melhor quando eu estava entre as mães da vida, pois com elas eu não era odiado, temido, humilhado, ofendido, magoado ou diminuído.
- Não, senhora! Com elas eu era o que sou: um ser humano amado, respeitado e tratado com amor por todas elas, sabe?
- Sei como são amorosas as nossas amadas mães da vida. Nós as servimos com o que temos de mais nobre e virtuosos em nosso íntimo.
- Isso é bom, minha senhora.
- Não vá ao outro lado, pois nele estão assentados os senhores e senhoras de mistérios em tudo opostos aos nossos. Venha comigo!
- Não, não! Vou ao encontro do meu fim entre os que odeiam a vida, pois pressinto que lá, sim, há muito a ser feito.
- Eles irão anular em seu íntimo todo esse amor que você nutre pela vida, meu filho!
- Quem saberá se será isso que acontecerá realmente?
- Você já esteve no lado negativo de uma fortaleza tripolar?
- Que eu me lembre, não. Mas sempre é tempo de conhecer, não?
- Ou de anular de nosso íntimo nossos mais nobres e elevados sentimentos de amor à vida e ao nosso Divino Criador.
- Se eu não resistir ao meio e sua inclemência, não serei digno do amor do meu Divino Criador. Preciso ser testado para ver se resisto às coisas adversas e, ainda assim, mantenho intacto o meu amor à vida.
- Lá, hordas de seres devassos e insaciáveis irão esgotar esse seu mistério e o reduzirão a um espectro, uma sombra do que você é agora.
- Se desagradei ao meu senhor Ogum de Ronda por causa do uso que andei dando ao meu mistério, nada mais justo que ser reduzido ao nada, não é mesmo?
- Tudo não passou de um engano. Você não o desagradou!

– Desagradei, sim, minha senhora. Justa é a minha sentença e a cumprirei até que Ele venha pessoalmente suspendê-la. Até lá, as trevas serão meu túmulo, minha prisão ou meus campos de ação e atuações. Mas delas não sairei até que Ele suspenda minha sentença.

– Você está possuído por um sentimento suicida ou autopunitivo, meu filho.

– Não é isso, minha senhora. Veja, começou a escurecer!

– Venha comigo, pois tenho que me recolher, senão serei puxada para o lado de baixo dessa fortaleza.

– Eu não irei. Logo, é melhor a senhora se recolher, senão piorará minha sentença, está bem?

– Não vou convencê-lo nunca, não é mesmo?

Eu olhei a linha do horizonte e vi o senhor Ogum de Ronda olhando-me impávido e fixamente. Então respondi:

– Não irá mesmo. Recolha-se logo, senão irás ao encontro do seu par oposto negativo, totalmente desequilibrado.

– Você não me deixa escolha.

– Recolha-se, por favor!

Ela se recolheu e, no instante seguinte, o espaço do pátio ficou escuro como breu. E no outro instante, senti-me puxado para baixo por uma força descomunal.

Desci tanto que perdi a noção de tempo ou de espaço. E quando aquela queda cessou, estatei no solo frio e duro de um local escuro, só iluminado por umas tochas de fogo rubro.

– Meu pai! Estou no inferno! – exclamei atônito.

– O inferno fica um pouco mais em cima, espírito idiota! Que diabo o enviou a esta fortaleza da Lei?

– Não fui enviado...

– Cale-se, idiota! Só fale quando eu ordenar.

Eu curvei a cabeça e encostei a testa no solo, pois estava deitado de bruços como havia caído.

– Assim é melhor, espírito idiota. Quem o enviou até este lado desta fortaleza tripolar regida pelo senhor Ogum de Ronda?

Como eu me mantive calado, ele ordenou:

– Pode falar, idiota!

– Meu senhor, fui enviado para este lado por causa de uma sentença emitida por ele contra mim, sabe?

– Não sei, não. Que sentença ele emitiu contra você, que não fiquei sabendo? E olhe que sentença alguma me escapa!

- A sentença condenava o uso que andei dando ao meu mistério.
- O que aconteceu de fato?
- Eu me deixei possuir por umas ninfas da vida.
- Essa não! Mais um escravo do sexo!
- Sinto muito, senhor.

- Nós iremos libertá-lo dessa sua escravidão, espírito ingênuo! Quando terminarmos com você, as ninfas rastejarão aos seus pés, clamando pela sua misericórdia. Ha, ha, ha... levante-se, espírito ingênuo e idiota por crer no que elas lhe mostraram. Ha, ha, ha... que tolo!

Eu me levantei e senti o corpo meio dolorido pelo impacto da queda. Quando fiquei de pé, meu mistério ativou-se de tal forma que parecia que ia explodir. E no instante seguinte, fios pretos finíssimos começaram a ligar-se nele. Em poucos segundos, eu já não o via mais, e sim um enorme tufo negro de cordões energéticos negativos que haviam se ligado a mim através dele.

Aquele ser gargalhou tanto que quase caiu do seu assento. E tanto ele riu que começou a atrair a atenção de outros seres, tão trevosos quanto ele que, ao me verem possuído por bilhões de cordões energéticos negativos, também começaram a gargalhar.

Só após muito tempo as gargalhadas cessaram e ele voltou a dirigir-me a palavra, dizendo-me:

- Viu no que aquelas atraentes e sedutoras ninfas o meteram, espírito ingênuo e tolo?

- O que é isso que aconteceu comigo, meu senhor?
- Você não sabe?
- Não sei não, meu senhor. Posso saber?
- Claro!
- Então, o que aconteceu, meu senhor?

- Cada Ninfa da Vida possui no lado de baixo um par feminino oposto, conhecidas como Ninfas da Morte. E esses cordões energéticos ligaram-no a tantas quantas haviam se ligado a você no lado de cima da Criação. Você está encrencado até a raiz desse seu mistério gerador, sabe?

- Já estou sabendo! - exclamei preocupado e olhando para aquela infinidade de cordões energéticos negativos.

- Qual é o seu nome, espírito encrencado até a raiz do seu mistério?
- Chamo-me Aprendiz Sete, meu senhor.
- Qual é o seu grau, Aprendiz Sete?
- Sou portador do grau III, meu senhor.
- Ótimo! Tenho um posto de vigia na sua justa necessidade!

– Obrigado, meu senhor. Procurarei não o decepcionar por ter me assumido como seu discípulo!

– Eu não o assumi, Aprendiz Sete. Por acaso se acha um ingênuo, tolo ou idiota?

– Não, senhor. É que eu pensei que...

– Aqui é cada um por si e o senhor Ogum de Ronda vigiando a todos, sabe?

– Já estou sabendo – murmurei preocupado.

– Espero que o tenham preparado bem, Aprendiz Sete!

– Eu também, meu senhor.

– Ótimo! Vá assumir seu posto, pois tenho mais o que fazer, certo?

– Certo, meu senhor. Como faço para chegar ao meu novo posto de vigia?

– Procure na sala sul o guardião dela e apresente-se, que ele o enviará ao seu novo posto de vigia.

– Obrigado, senhor. Peço sua licença para retirar-me!

– Licença concedida, Aprendiz Sete.

– Por onde devo sair para dirigir-me à ala sul, meu senhor?

– Saia por aquela porta, Aprendiz Sete.

Saí por onde ele indicava e caminhei por um longo e sombrio corredor.

Quando ele terminou, entrei num pátio coalhado de “moças” insinuantes que voltaram seus olhos na minha direção.

Uma delas se adiantou e ofereceu-me:

– Você quer me servir, Aprendiz Sete?

– Servi-la?

– Você é surdo ou idiota?

– Desculpe-me, senhora. Mas é que não entendi sua pergunta. O que significa “servi-la”?

– Você está muito encrencado, mas eu posso livrá-lo desses cordões energéticos negativos num piscar de olhos.

– Pode?

– Posso, sim. Mas o preço é sua servidão.

– Não, obrigado. Onde fica a ala sul, minha senhora?

– Você vai servir na ala dos condenados?

– É isso que é a ala sul?

– Foi o que eu disse, não foi?

– É, foi sim. Posso saber seu nome?

– Sou a Pombagira Rainha das Trevas. E poderei assumi-lo como meu escravo caso se submeta a mim.

– Agradeço sua oferta, minha senhora. Mas já fui designado para assumir meu posto de vigia na ala sul desta fortaleza, sabe?

– Já sabia, sim. Por isso lhe fiz essa oferta. Aquelas ninfas vorazes irão acabar com você em pouco tempo. Mas, sob minha proteção, você durará mais no seu posto. E, caso se mostre digno do meu mistério, aí durará muito, sabe?

– Ainda não sei, não – respondi-lhe, olhando-a da cabeça aos pés, pois estava nua em pelo e só uma capa vermelho-encarnada cobria-lhe as costas até a altura das coxas. Após examiná-la, falei:

– Bom, obrigado pela oferta, mas prefiro ir ao encontro do meu fim no meu posto de vigia. Com sua licença!

– Licença concedida, espírito ingênuo!

Continuei caminhando pelo meio daquela multidão de Pombagiras, pois eu as conhecia desde o tempo em que vivia no plano material. Mas nunca as havia visto.

Eu caminhava devagar e ia observando-as superficialmente para não incomodá-las. Mas não havia como não ouvir seus convites e insinuações maliciosos, picantes ou provocantes.

Respirei aliviado quando saí daquele pátio da “tentação” e entrei em outro corredor sombrio. Mas, para azar meu, ele desembocava em outro pátio mil vezes maior, também coalhado de Pombagiras ainda sem um grau, pois não possuíam capas com símbolos.

Elas só faltavam me agarrar para que as assumisse como auxiliares. Não foi fácil resistir a tantas ofertas de servidão, mesmo! Mas consegui sair daquele pátio da “perdição” e entrei em um imenso salão onde havia uns 50 sujeitos mal encarados, e todos voltaram seus olhos em minha direção.

– O que você quer aqui, espírito humano?

– Onde encontro o guardião da ala sul?

– Siga em frente, que logo você chegará à sala de comando dele, condenado!

– Obrigado, senhores.

Pouco depois eu chegava a uma sala escura, pois só uma tocha a iluminava.

– Com sua licença, meu senhor! Procuo o guardião comandante da ala sul.

– Sou eu mesmo. E você, quem é?

– Fui designado para ocupar um posto de vigia na ala sob seu comando, meu senhor.

– Ótimo! Assuma o comando dela, pois ele é todo seu.

– Mas...

– Até nunca mais, espírito humano!

– Não poderia dar-me algumas orientações até eu saber como são as coisas por aqui?

– Elas serão segundo o seu entendimento e até quando você resistir ao horror do lado de fora dessas amuradas, sabe?

– Ainda não sei, porque acabei de chegar. O que há do lado de fora dessas amuradas?

– Vá ver com seus próprios olhos, porque eu já olhei uma vez e nunca mais farei tal coisa. Essa ala é toda sua, guardião humano! Até nunca mais!

– falou ele, saindo apressadamente dali.

Eu comecei a fazer um levantamento das instalações ali existentes e, quando me dei por satisfeito, fui até a amurada para examinar os campos à minha frente. Quando meus olhos se acostumaram com a escuridão, eu comecei a ver o horror dos horrores.

Os campos à minha frente se pareciam com campos de guerra, todos cheios de buracos ou crateras tão escuras que se destacavam em meio à escuridão ali existente.

Estendi minha visão ao máximo e, até onde consegui ver, o horror só aumentava de intensidade. Mas também vi ao longe a figura impávida do meu senhor Ogum de Ronda, que continuava a contemplar-me de forma impassível.

Não sei como, mas eu via seu olhar enérgico e atento. Curvei-me e o saudei com respeito.

Quando me levantei, ouvi-o dizer-me:

– Honres teu pai e tua mãe e serás honrado por mim, meu filho!

– Assim será, meu senhor.

– Esses campos da Morte agora são teus. Neles você é a lei, a vida e a morte!

– Se assim o senhor diz, assim será.

– Voltarei quando tudo tiver sido consumado, meu filho.

– Aqui estarei quando o senhor retornar, meu senhor.

– Eu sei que aqui estarás. Até o meu retorno, meu filho.

– Até, meu pai.

Aquela silhueta luminosa desapareceu no horizonte e voltei a ficar a sós com o horror à minha frente.

Como eu estava em uma guarita, saí dela e entrei em outra, e novos campos, tão horrorosos como os anteriores, se mostraram aos meus olhos.

E a cada guarita que eu entrava, novos campos se mostravam aos meus olhos.

Contei 77 em um lado e 77 do outro, e ambos se encontravam formando um vértice.

Dirigi-me a ele e entrei na sua guarita, que era maior e mais elevada que as outras.

No centro dela havia uma poltrona toda empoeirada, mas confortável o suficiente para eu descansar meu corpo, dolorido por causa da queda.

Bati com as palmas da mão para desempoeirá-la e sentei-me para refletir.

Algum tempo depois, já tendo refletido muito sobre as razões de ali ter chegado, contemplei o enorme feixe de cordões e, aos poucos, comecei a divisar quem estava nas pontas deles.

Eram espíritos femininos totalmente exauridos, mergulhados na dor extrema. Seus corpos se mostravam esqueléticos, rasgados, putrefatos, incompletos, etc.

Apurei minha audição e comecei a ouvir seus clamores íntimos. Elas clamavam a Deus por seu auxílio divino!

– Pai! – exclamei num gemido angustiante – Por que o Senhor me retirou de onde vibrava o amor e lançou-me onde impera o horror? Quais são os seus propósitos para comigo, meu pai amado?

E, no meu íntimo, aquela voz divina falou comigo:

– Meu filho amado! Eu confiei esses campos a você porque sei que você poderá transformar cada um desses gemidos de dor em emocionado suspiro de amor, de fé e de esperança!

– Não sei por onde começar, meu pai. O horror é geral e não tem um início ou um fim, pois de cada ângulo visual ele se mostra infinito em todas as direções.

– Ele é todo seu, meu filho. O início está em você e o final está no mistério de cada uma das Sete Mães da Vida. Sirva-as através do polo negativo da Criação, assim como já as serve através do polo positivo. Menos que isso não quero de você, meu filho!

– Sim senhor, meu pai.

– Vamos, ative o meu mistério que vive em teu íntimo e manifeste-o segundo suas necessidades e seus desejos.

– Assim o Senhor ordena e assim farei, meu pai amado!

Eu ativei e abri o mistério que vivia em meu íntimo. E no meu íntimo aconteceu uma explosão energética tão poderosa que cada um daqueles finíssimos cordões se iluminou e começou a alcançar cada uma delas ligadas ao meu mistério. E no instante seguinte, seus corpos começaram a ser regenerados, curados e revivificados.

E mais alguns instantes foram necessários para eu ver a todas em geral e cada uma em particular em perfeito estado.

Era como que se eu estivesse diante de todas e de cada uma ao mesmo tempo. Eu me via frente a frente com cada uma delas. Então aquela voz divina ordenou-me:

– Abrace a todas em geral e a cada uma em particular, e assumas-as como tuas irmãs e companheiras, como pares ideais, e passarás a sustentá-las até que venham a estar aptas a transporem os portais que as conduzirão ao encontro dos seus fins em Mim, meu filho.

– Assim farei, meu Senhor.

Eu fiz o que aquela voz me ordenava e, no instante seguinte, tinha a todas em geral e a cada uma em particular em meus braços.

E cada uma delas me abraçou como um naufrago faz com quem tenta salvá-lo. Então aquela voz divina ordenou-me:

– Possua-as com o seu mistério e inunde-as com suas energias até que elas os transbordem pelos sete sentidos, mergulhadas num intenso êxtase do mais puro amor pela vida, meu filho!

Mais uma vez fiz como me era ordenado e logo cada uma delas emitia os mais intensos suspiros de amor pela vida. E seus êxtases eram tão intensos que impressionavam meu emocional, induzindo-me a gerar mais e mais energias e irradiá-las para elas, até que chegou um momento em que começaram a irradiá-las pelos sete sentidos, iluminando-se totalmente.

E não demorou muito para elas adormecerem profundamente. Eu, sem saber o que fazer, clamei:

– E agora, meu pai amado?

– Conduza-as para os seus domínios na Criação e acomode-as em uma morada acolhedora, onde ficarão recolhidas até que possam ser encaminhadas para um plano superior da vida. Até lá, zele pelo bem-estar delas com todos os seus poderes e mistérios.

– Como faço para conduzi-las?

Ele me ensinou e logo comecei a ver os “meus” domínios na Criação. Quando as encaminhei, tudo se fechou diante dos meus olhos e não as vi mais. Mas, segundo aquela voz divina, elas me veriam o tempo todo... e de mim receberiam todas as energias que precisassem, assim como me enviariam todas as que viessem a gerar em excesso, mantendo-me em equilíbrio.

Quando tudo terminou, senti-me leve e todas as dores do meu corpo haviam desaparecido.

Recostei-me no encosto da poltrona e fechei os olhos, refletindo sobre tudo o que havia se passado ali. E assim que os fechei, comecei a ver milhões de domínios da vida negativados. Quando centrei minha visão em um deles, vi sua regente toda negativada.

Não sei como, mas ela começou a falar comigo:

– Amado filho do Pai, assumo-me e ao meu domínio e à minha hereditariedade, toda ela ferida, magoada, ofendida e deformada, porque, em dado momento, faltou-me um par ideal capaz de sustentar-me e às minhas filhas energeticamente.

– Minha senhora, eu não sei se posso fazer tal coisa, sabe?

– Por que você não sabe, filho do Pai?

– Acabei de chegar a este posto de vigia e não sei como proceder. Não por enquanto!

– Procedas como fez há pouco, pois já me liguei e à minha hereditariedade ao teu mistério, sabe?

Eu olhei e, assustado, me vi mais uma vez possuído por outro tanto de cordões energéticos negativos.

Confuso com aquele fenômeno, voltei meus olhos, mentes e pensamentos para o alto e clamei:

– Pai, mais uma vez clamo por teu auxílio e tua orientação. Ajude-me, meu pai!

– Meu filho, amolde com sua mente cada uma delas segundo sua concepção humana das aparências e as dê a elas, pois estas ficarão retidas nos campos delas, dentro dos “seus” domínios.

– O que isso significa, meu pai?

– Que você assumirá a sina e o destino delas e os fundirá aos teus, pois daí em diante só a Lei o desligará delas e de suas hereditariedades.

– Eu não sei o que pensar sobre isso.

– Não pense. Faça-o, pois Eu estou em você e você é parte de Mim. E será através de você que enviarei a todas elas o auxílio necessário à manutenção dos domínios da vida ocupados por elas, que são elas em si mesmas.

– Isso eu não entendo... ainda, meu Pai.

– Então eu lhe ensino, para que nunca mais elas venham sofrer por não terem sustentadores à altura de suas necessidades energéticas e geracionistas.

– Ensine-me, meu Pai!

Aquela voz ensinou-me tudo o que eu precisava saber e fazer, e logo eu via diante dos meus olhos um domínio todo regenerado e luminoso, assim como via aquela sua regente e toda a sua hereditariedade sorridente

e maravilhada com o poder do meu mistério gerador de energias, além do poder renovador transmitido através dos fluxos energéticos que as deixou parecidas com jovens exuberantes.

O que estava acontecendo ali era novo para mim e deixou-me preocupado. Mas após olhar para o horizonte e ver um ponto brilhante em meio à escuridão, quietei-me e pensei:

– O meu Pai sabe o que faz. Quanto a mim, sou só um instrumento de Sua vontade divina. Então, que eu seja um instrumento fiel, leal, obediente e submisso às Suas Vontades Divinas.

O tempo foi passando e, de tempo em tempo predeterminado, tudo o que relatei se repetia... e pontos luminosos iam surgindo naquele imenso plano escuro à minha frente.

Um dia, olhando o “presente” que meu antigo regente havia me dado, vi que não havia mais pontinhos pretos em nenhuma das esferas que formavam aquele sistema planetário.

– Melhor assim! – murmurei para mim mesmo. Mas assustei-me ao ouvir uma pergunta às minhas costas:

– O que é melhor, guardião solitário?

– Não entre assim, sem me avisar, senhora. Esse é o meu posto de vigia dos campos à minha frente e não posso ser incomodado por intrusos.

– Desculpe-me, guardião! – exclamou aquela senhora que há muito tempo havia se apresentado como Pombagira Rainha das Trevas.

– O que você faz aqui?

– Eu só vim ver se você está bem. Afinal, nunca mais voltou para dentro da fortaleza!

– Eu tenho tido muito trabalho por aqui e não tenho tempo para ficar andando por aí.

– Vejo que você tem feito um ótimo trabalho nesta ala, guardião. Os campos em volta dela estão muito melhor do que estavam antes de você assumir esse seu posto de vigia.

– Aos poucos tudo está se iluminando e os horrores estão desaparecendo.

– Posso ficar um pouco com você aqui no seu posto de vigia?

– Sinta-se à vontade, minha senhora.

– Você sabe o que são aqueles buracos escuros, Aprendiz Sete?

– Não sei. Ainda não voltei minha atenção para eles, pois preferi reordenar a superfície desses campos.

– Esses círculos negros e impenetráveis à mais poderosa visão são abismos. Eles são um mistério em si, sabe?

- Não sei, não.
- Você não quer saber? Afinal, estão em seu campo de ação e atuações, não?
- Estão, sim. Mas por que você quer me ensinar sobre eles?
- Achei que você gostaria de aprender sobre o que terá de solucionar através de nós, as Pombagiras Guardiãs dos Mistérios dos Abismos!
- Guardiãs dos Mistérios dos Abismos, é?
- Foi o que eu disse, não?
- É, foi sim – falei, já preocupado, pois ela não tirava os olhos de certo órgão de um dos meus sentidos. Olhei no órgão correspondente nela e, após examiná-lo bem, perguntei-lhe:
 - Você está com algum problema, guardiã?
 - Estou, sim. Se você tivesse aceitado ser meu servo, agora eu não estaria assim, como você está me vendo!
 - É, algo aconteceu, pois vejo que esse seu sentido escapou do seu controle, não?
 - Escapou, sim. Será só uma questão de tempo para eu ser arrastada para algum domínio em alguma esfera extraplanetária onde me diluirei e me tornarei um abismo em mim mesmo.
 - Como isso chega a acontecer?
 - Quando não encontramos um par que nos dê sustentação, se alcançarmos nossos limites, começamos a ser atormentadas pelo nosso sétimo sentido. E chega um momento em que o tormento é tanto que perdemos o controle e somos arrastadas para alguma esfera onde nosso negativismo começará a ser diluído até nos exaurirmos totalmente.
 - Que coisa, não? Já ouvi um relato parecido de uma ninfa mãe da vida.
 - Como você a ajudou?
 - Não ajudei.
 - Por que não?
 - Se eu fizesse isso, meu mistério a possuiria em todos os sentidos e nunca mais ela poderia voltar ao seu par perfeito.
 - Você a possuiria em todos os sentidos, é?
 - Foi o que eu disse.
 - Por que ela não poderia voltar ao seu par perfeito?
 - Meu mistério foi humanizado e só se manifesta de forma humana. Logo, ela seria humanizada e não poderia retornar para ele quando eu a devolvesse ao seu posto de vigia nos domínios dela.
 - Entendo.
 - Entendes mesmo?

– Acho que sim. Mas, na dúvida, é melhor não lhe conceder a posse do meu mistério, certo?

– Certo mesmo! Afinal, não a ouvi oferecer-me a posse do seu mistério.

– Eu não lhe havia oferecido a posse dele?

– Não havia, minha senhora.

– Vocês, os humanos, não entendem as entrelinhas?

– Quanto aos outros humanos, não sei. Mas eu só falo de forma reta e direta e só entendo o que é dito da mesma forma. Portanto, ou a senhora fala de forma compreensível para mim ou nunca saberei se quer me oferecer a posse desse seu mistério em total desequilíbrio ou se só quer possuir o meu para continuar a se manter lúcida.

– Você não é nem um pouco sutil!

– No meu campo de ação são as sutilezas que têm levado poderosos guardiões à exaustão total, sabe?

– Sei, sim.

– Pois é! Acho melhor a senhora voltar ao seu posto de vigia e aguardar o seu fim, pois tenho mais o que fazer do que a ouvir falar dos seus problemas eminentes. Já me bastam os meus, sabe?

– Já estou sabendo que você não se importa nem um pouco comigo.

– Importo-me, sim. Mas bastou-me dar uma olhada no seu mistério gerador para ver nessa atraente passagem para ele a existência de um imensurável abismo. Pela frente é impossível possuí-lo, sabe?

– Sei, sim. Mas, se eu lhe entregar a posse dele por trás, aí perderei meu livre-arbítrio e terei de lhe conceder a posse da minha sina e do meu destino.

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim.

– Agora, com sua licença, que preciso ativar meu mistério gerador porque mais alguns domínios caídos se ligaram a ele.

– O seu mistério já não está ativado?

– Ainda não. Por enquanto ele só está alerta ou de prontidão.

– Isso que estou vendo não é o seu mistério ativado?

– Não é, não. Agora, retire-se, porque não gosto de ter alguém por perto quando ativo meu mistério.

– Eu não consigo mover-me, de tão fascinada que estou, sabe?

– Não sei, não. Por que se fascinou, se é você quem fascina os outros?

– É porque descobri que você exibe algo fascinante aos meus olhos para ocultar a razão de minha salvação de um fim tormentoso.

– Essa não é minha intenção. Isso em mim é natural, sabe?

– Já estou sabendo... e concedendo-lhe a posse total do meu mistério gerador. Pode possuir-me do jeito que você quiser.

– Você quer que eu possua seu mistério, você ou ambos?

– Eu não me expressei de forma reta e direta? – perguntou ela, já tapando com as mãos o portal frontal de acesso ao seu mistério gerador, que começou a verter energias na forma de um caldo grosso e escuro.

– Não mesmo! Possuir seu mistério gerador é eu começar a sustentá-la a partir desse seu mistério desequilibrado.

Possuir você é assumi-la por inteira, em todos os sentidos, e passar a dar-lhe sustentação integral.

Agora, assumir a ambos, aí eu assumo sua sina e o seu destino, e daí em diante sua vida mudará completamente porque, mesmo continuando a atuar com seu mistério maior, o fará a partir dos meus domínios na minha faixa vibratória, que é onde venho assentando todos os domínios que tenho resgatado e possuído aqui, nesse meu posto de vigia.

– Como é isso, se eles continuam aqui, ainda que agora estejam luminosos e reequilibrados?

– É porque esta região toda está dentro da minha faixa vibratória, sabe?

– Não sei não. Guardiões não têm faixas vibratórias, e sim, campos de atuação.

– Bom, isso você só saberá se me conceder a sua posse integral e a do seu mistério gerador, certo?

– O que estarei perdendo ao proceder como você quer para ajudar-me?

– Só tudo o que agora a atormenta e desequilibra.

– O que eu ganharei se me deixar possuir como você quer?

– Tudo o que sempre almejou e jamais encontrou em todos os seres, em todos os mistérios e em todos os seres-mistérios que você já possuiu mas que não passaram de ilusões passageiras. De todos ficará livres, sabe?

– Já estou sabendo que só tenho a ganhar, não?

– Foi o que eu disse.

– Posso ver como é a atuação desse seu mistério?

– Claro! Você não conseguirá sair daqui mesmo!

– Por que não?

– Ora, o seu mistério gerador já ativou o seu portal de trás ou reverso, e daqui você não conseguirá sair, pois quando isso acontece com uma Pom-bagira, ela perde o poder de voitar ou caminhar.

– Isso eu não sabia, guardião enigmático.

– Mas eu sim! Uma das atribuições desse meu mistério é detectar tudo e todos em meu campo de ação e de atuações.

– Resta-me alguma alternativa?

– Claro! Você será absorvida por esse portal escuro que se abriu embaixo dos seus pés.

– Possua-me como você achar melhor, porque já estou me sentindo uma condenada à dor da exaustão do mistério que sou em mim mesma.

– Tudo bem. Mas só farei isso após cumprir o meu dever para com esses campos à minha frente. Aguarde um pouco, está bem?

– Está sim. Isso eu quero ver!

– Você verá!

Concentrei-me e ativei mais uma vez meu mistério gerador de energias. Pouco depois, todos aqueles cordões energéticos negativos já estavam positivados e tornados invisíveis até aos olhos dela, que possuía uma visão apuradíssima.

Quanto a ela, num piscar de olhos já havia me concedido a posse integral de si e do seu mistério gerador, abrindo-me novos e vastíssimos campos de ação e de atuações.

E eu comecei a atuar neles intensamente esvaziando os abismos regidos por ela, mas que estavam sobrecarregadíssimos de espíritos, de seres naturais e de domínios inteiros que haviam se negatizado.

Dos abismos regidos por ela saíram milhões de seres reduzidos a espectros exauridos em todos os sentidos, aos quais curei, regenerei, conscientizei e redirecionei para que pudessem retomar suas evoluções amparadas pela Lei e pela Vida.

Minha atuação através do mistério dela foi muito demorada por causa da grande quantidade de abismos-domínios guardados por ela, mas que haviam ultrapassado sua capacidade de sustentá-los energeticamente sem se desequilibrar.

Quando alcancei o último deles e nele irradiei intensamente, ela perdeu os sentidos e adormeceu profundamente, só acordando muito tempo depois. Suas feições haviam relaxado e ela estava descontraída e feliz por, finalmente, ter encontrado um par ideal que a sustentaria dali em diante e nunca mais voltaria a sobrecarregar-se e correr o risco de ser absorvida por alguma esfera extraplanetária.

Agradecida, abraçou-me e fez juras de servidão eterna ao seu senhor humano, que era eu.

Também prometi ampará-la por toda a eternidade, desde que se mantivesse fiel aos ditames do meu mistério, que só atua de forma reta e direta

mesmo sendo tripolar, e que eu pudesse possuir naturalmente o mistério dela pelo seu portal de acesso reverso ou de trás.

Ela ficaria ali para sempre, se eu não tivesse ordenado-lhe que voltasse a assumir seu posto de vigia e só retornasse quando fosse necessário eu esvaziar os abismos-domínios colocados sob sua guarda eterna.

Voltei minha atenção aos campos sob minha guarda e fiquei no mais absoluto silêncio, refletindo sobre os insondáveis mistérios da Criação que ali vinham se abrindo diante dos meus olhos.

Cada um que eu via e possuía tinha sua forma de atuar, mas, no geral, havia algo em comum entre todos: só através do sétimo sentido eles eram acessados e ativados, voltando a realizar suas funções. Então me lembrei das palavras daquela minha senhora mãe regente estelar, que me alertou dizendo-me:

– Meu filho amado, nunca se surpreenda com a forma como os seres-mistérios se mostrarem aos seus olhos porque, se eles têm suas formas originais, no entanto todos assumem naturalmente a forma humana. Resta a você modelá-los segundo sua concepção do que é humano.

– Sim, senhora, minha mãe amada. Refletindo um pouco, percebo que as divindades cultuadas em todos os tempos no plano material humano, na verdade, são poucas porque a única diferença está na forma.

A essência é a mesma em todas as formas humanas dadas a elas, se atuam através de um sentido.

– Forma e essência, eis aí uma chave interpretativa importantíssima, meu filho. Formas podem ser remodeladas. Já a essência, essa é imutável!


Conheça as essências e dê-lhes as formas que as tornem mais aceitáveis e agradáveis aos seus sentidos humanos, pois, se assim não o fizerdes, logo se cansará delas e procurará outras que se mostrem agradáveis ou desagradáveis aos seus olhos, também humanos.

– Assim farei, minha amada mãe da vida.

– Faça-o e nunca uma forma esgotará seu encanto natural aos seus olhos, está bem?

– Está, sim. Obrigado pela lição de como proceder com os seres-mistérios da Criação.

Eu refletia sobre isso, pois havia dado uma forma deveras atraente e encantadora àquela Pombagira. Afinal, se eu iria conviver com ela por toda a eternidade e eu nunca deixaria de ser humano, o jeito era modelá-la numa forma humana que jamais deixaria de se mostrar atraente e encantadora aos meus olhos.



O tempo foi passando e os campos à minha frente foram se iluminando cada vez mais. E chegou um momento em que só restavam aqueles círculos abismais para serem iluminados e reordenados.

Eu os contemplava continuamente, mas eles se mostravam impetráveis aos meus olhos.

Após muito tempo contemplando-os sem descobrir como atuar sobre eles, decidi aquietar-me e aguardar que a Divina Providência me proporcionasse um meio de concluir minha missão ali.

Como nem isso aconteceu, decidi conhecer aquela fortaleza por dentro.

Só então saí pela primeira vez da guarita e me surpreendi porque as instalações estavam iluminadas por dentro, ainda que ali não houvesse luz alguma a iluminá-las.

Elas se mostravam belas e confortáveis, amplas e bem arejadas. Sentei-me em uma poltrona e comecei a refletir. Então, algum tempo depois, emiti minhas conclusões:

– Essa luminosidade interna é um reflexo da iluminação dos campos sob minha guarda.

Logo, o exterior também influencia o interior!

Se isso acontece com as instalações, também deve acontecer com os seres. Então, o mais indicado é mantermos em equilíbrio tudo à nossa volta para que nosso íntimo também se mantenha equilibrado e luminoso.

Sem pressa, refleti sobre as muitas coisas já acontecidas desde que eu ingressara em um reino mineral.

Repassei cada situação, ação e atuação e de nenhum detalhe me esqueci ou deixei de analisar e refletir. E cheguei à conclusão de que eu não me pertencia, e sim, que eu era uma fonte única geradora de energias vivas muito apreciadas por quem estivesse sofrendo algum tipo de desequilíbrio energético ou se ressentisse de um doador delas. E eu era um doador inesgotável, pois, mesmo estando ali, eu podia seguir os quase invisíveis cordões energéticos que continuavam a alimentar as primeiras mães da vida que manifestaram o desejo de formar par comigo.

Eu nunca mais as visitara e, no entanto, elas continuavam a receber e a doar-me energias, num processo que funcionava por si e independia de nossas vontades ou de distâncias.

– Há muitas coisas que preciso saber, se quiser entender de fato esse meu mistério! – pensei.

Abri os olhos e já ia sair para conhecer o interior daquela fortaleza quando minha curiosidade me levou a descer por uma escada não vista por mim antes por causa da escuridão ali reinante.

Ela descia e parecia não ter mais fim, mas em dado momento ela terminou e vi um portal majestoso encimado por esta inscrição:

– Honra, fidelidade, lealdade, respeito e servidão, este é o caminho dos iniciados!

Respeitosamente, ajoelhei-me e cruzei o solo diante daquele portal. Então bati palmas e pedi licença para passar por ele. E não foi preciso pegar o malhete e bater, porque ele se abriu, deixando-me ver um amplo vestíbulo.

Entrei e contemplei demoradamente cada uma das portas até que decidi entrar em uma. Quando a abri, vi que era uma sala de armas muito maior que a existente na primeira fortaleza onde eu assumira meu primeiro posto de vigia:

– Onde estarão seus portadores, meu pai? Com certeza, caídos em algum abismo impenetrável, não?

Como é ingrato o grau de Guardiã da Lei e da Vida! Às vezes cremos estar fazendo o melhor e só estamos nos encrocando. Em outras, pensamos que estamos errando e aí é que acertamos.

Como é difícil servi-Lo, meu Pai! Em que reino, domínio, dimensão, realidade ou plano da vida sucumbiram esses Teus servos?

Após dar uma nova olhada, retirei-me e fechei a porta daquela sala de armas. Então abri outra e vi o que havia no seu interior, fechando-a novamente. E só parei de abrir as portas quando me deparei com uma enorme biblioteca, em tudo parecida com as existentes no plano material.

Vasculhei-a toda até que encontrei um livro que me interessou. Então me sentei em uma confortável poltrona e comecei a lê-lo atentamente, instruindo-me sobre alguns mistérios da Criação até então desconhecidos por mim.

Aquele livro devia ter umas 2 mil páginas, e todo o seu conteúdo era muito instrutivo.

De vez em quando eu me via sobrecarregado de cordões energéticos negativos e, dali mesmo, eu ativava meu mistério e positivava todos os espíritos ligados a mim pela Lei e pela Vida.

Eu não percebia o tempo passar de tão voltado que estava para a leitura e o aprendizado.

Quanto tempo fiquei ali, não sei!

Mas que foi muito, disso não tenho dúvidas, pois chegou um momento que já havia lido tudo o que me interessava.

Então voltei ao meu posto de vigia e me surpreendi com a luminosidade reinante nos meus campos de ação e atuação. Fora aqueles abismos, o resto era iluminado.

Como já sabia como fazer para atuar naqueles abismos, dei início ao esvaziamento deles.

E via sair milhões e milhões de espíritos, aos quais eu curava e enviava aos planos superiores, onde seriam reconduzidos às suas sendas evolucionistas.

De um daqueles abismos resgatei o par perfeito daquela senhora Ninfa dos Vegetais.

Após curá-lo e reequilibrá-lo até ele voltar a manifestar novamente o seu mistério gerador, usando de um meio aprendido com a leitura instrutiva, enviei-o de volta pelo mesmo portal que eu havia usado para sair dos domínios dela. E consegui que ele chegasse no instante seguinte ao que eu saíra.

Dali eu podia vê-los e derramei lágrimas quando ele ativou seu mistério e reordenou e reequilibrou todos os domínios regidos por ela.

Então olhei para a linha do horizonte e exclamei:

– Missão cumprida, meu amado pai Ogum de Ronda! Estou pronto para ser enviado para onde o senhor achar melhor para esse seu filho Aprendiz Sete.

Sentei-me na poltrona existente na minha guarita e fiquei contemplando o horizonte à espera de que ele surgisse.

Muito tempo se passou e ele não apareceu, fato esse que me convenceu de que ainda não era hora de ser conduzido a outra fortaleza.

Decidi conhecer a fortaleza pentagonal e, finalmente, saí daquela ala e comecei a percorrer o mesmo caminho que até ali me conduzira.

Quando cheguei ao pátio onde encontrara muitas “moças”, o que vi deixou-me estarecido: muitas estavam prestes a sucumbirem e serem arastadas pelo poderoso magnetismo dos seus polos negativos, porque seus mistérios haviam a florado e nenhuma conseguira formar par ideal com alguém que quisesse assumi-las e aos seus mistérios.

Eram tantas, e seus olhos tristes voltaram-se para mim. Muitas estavam tão desesperançadas que já haviam se entregado à morte e nem se animaram a olhar quem chegara.

A beleza e a naturalidade delas haviam sido ofuscadas pela tristeza e inexorabilidade dos seus destinos.

Olhei para uma delas e perguntei-lhe:

– Amada irmã à minha esquerda, o que está acontecendo aqui?

– Nenhum guardião quis nos assumir porque temem possuir-nos e tornarem-se responsáveis por nós, por nossa sina e o nosso destino. Muitas já foram puxadas para os seus polos negativos e agora, atormentadas, vagam pelos abismos sem fim, meu senhor.

– Entendo. Vossos mistérios afloraram e não estão sendo alimentados energeticamente.

– Assuma-nos, meu senhor! Não deixe que o nosso tormento nos conduza aos abismos sem saídas, onde só sofreremos mais ainda porque neles vagam seres assustadores que se alimentam das nossas energias e nos exaurem até nos tornarmos espectros vazios e sem vontade própria. Se cairmos, nossa agonia não terá mais fim!

– Bom, só posso assumi-las se concordarem em conceder-me a cabeça do par e deixarem que eu possua seus mistérios segundo minha forma e modo humanos, sabem?

– Nós sabemos, generoso guardião humano. Nós nos adaptaremos facilmente à sua forma e ao seu modo humanos.

– E quanto à cabeça dos pares?

– A cabeça é sua, meu senhor. Assuma-nos porque até a escravidão é melhor que os abismos.

– Sigam-me as que quiserem ter-me como o seu par sustentador humano.

Não houve uma só que recusasse formar par energético comigo, pois, como uma delas dissera, qualquer coisa era melhor do que ser absorvida pelo avassalador magnetismo do seu polo negativo.

Conduzi-as por aquela escada e abri uma porta que dava para um imenso salão ajardinado. E o número delas era tão grande que ficou pequeno para tantas. Então ordenei que se acomodassem nos aposentos à volta dele, que logo eu começaria a formar par com todas elas.

– Daqui vocês só sairão quando estiverem totalmente reequilibradas, maduras e aptas a assumirem suas funções na Criação. Está bem para vocês?

– Está, sim, meu senhor! – concordaram elas, já mais animadas e já recebendo um fluxo energético alimentador dos seus mistérios que haviam aflorado fora de controle.

Elas se recolheram aos aposentos enquanto eu refletia sobre aquela ação. Por fim, falei:

– Que seja como o meu Senhor quer!

Quando entrei no aposento mais próximo de onde eu estava, uma surpresa me aguardava: ele se parecia tão grande quanto o salão e estava lotado de espíritos femininos que pareciam ser clones umas das outras.

– O que é isso? – perguntei preocupado.

– Meu amado senhor, essas são as minhas irmãs de onda vida, sabe.

– Não sei não. Como é isso?

– Bom, nós formamos uma onda viva, e eu sou a filha primogênita da minha mãe, portadora natural do meu mistério.

– E elas?

– Elas são dependentes do meu mistério. Assim, ao assumires a posse dele, elas se tornaram beneficiárias do seu, sabe?

– Já estou sabendo que, ao assumir uma, assumi milhares. As outras que estão nos outros aposentos também são as herdeiras naturais de suas mães?

– São, sim, meu senhor.

– Então todos os aposentos são mistérios em si e estão lotados?

– Estão, sim.

– É por causa da obrigação de assumir suas irmãs que nenhum guardião quis assumi-las?

– É, sim. Eles temem ser esgotados pelas nossas necessidades energéticas, sabe?

– Já estou sabendo que vocês são grandes consumidoras das energias geradas pelos seus pares masculinos.

– Mas também somos grandes doadoras, meu senhor!

– Por que vocês vêm aqui para arranjam um par energético ideal?

– Os domínios de nossas mães estão no campo dessa fortaleza. Mas aqui tem muito menos guardiões de mistérios do que são necessários e muitos estão sobrecarregados de pares.

– Se recolhi alguns milhares de vocês, então estou me ligando a alguns milhares de domínios. É isso?

– É, sim, meu senhor. Como o senhor assumiu a cabeça dos pares, agora eles são teus, sabe?

– Já estou sabendo porque ninguém quis assumir uma só de vocês.

– Meu senhor, já estou, ou melhor, estamos prontas para lhe conceder a posse total do nosso mistério. E, pelo que estou vendo, será muito agradável começar a receber as suas energias e podermos enviar-lhes as que geramos.

– Bem, agora não adianta recuar. Então o jeito é relaxar e aproveitar o que de melhor vocês tiverem a oferecer, sabem?

– Sabemos, sim, meu senhor. A iniciativa é sua. Portanto, vou posicionar-me para melhor receber seu poderoso fluxo energético.

– Disso não tenho dúvidas. Preparem-se, pois quando eu enviar o fluxo, o direcionarei para todas de uma vez.

– Faça isso logo, senhor do meu mistério!

Eu fiz!

Ativei meu mistério gerador de energias e irradiei para todas em geral e para cada uma em particular. E assim que elas começaram a recebê-las, uma expressão de satisfação estampou-se nos seus rostos e olhares, reavivando-as e revivificando seus corpos.

Aumentei a intensidade e vi que todas sentiram um prazer imenso, alcançando um êxtase fascinante!

Por quanto tempo durou aquele processo de energização não sei ao certo, pois delas o fluxo alcançou seus domínios, suas irmãs mais velhas e mais novas para, finalmente, alcançar a Mãe da Vida delas, e que as regiam.

Chegou um momento em que todas adormeceram profundamente e só a mãe delas, assentada em seu trono, me contemplava com um olhar de amor e um sorriso de satisfação e alegria.

Sorri-lhe também e ela levantou-se do seu trono e, não sei como, deslocou-se até ficar na minha frente. E ficou tão próxima que eu sentia suas vibrações. Então ela me pediu:

– Meu senhor, abrace-me para eu poder senti-lo e ver se não estou sofrendo uma ilusão!

– Por que você acha que é uma ilusão?

– Eu não acho que seja uma ilusão. Apenas quero senti-lo para confirmar que não é uma, sabe?

– Vendo-a aqui, tão perto, tão bela e atraente, seu eu abraçá-la aí...

– Algo o impede?

– Não, nada me impede.

– Então não me deixe sofrer, pois como a cabeça do par lhe pertence, todas as iniciativas têm de partir de você, meu senhor.

– Bom, se é assim, então vamos aos meus deveres, certo?

– Certíssimo, meu esperado senhor. Por que demorou tanto em assumir o que sempre foi seu?

– Foi, é?

– Foi o que eu disse.

E mais ela não pode dizer, porque a abracei e beijei seus tentadores lábios. E só a soltei quando ela adormeceu em meus braços, feliz e satisfeita.

Só muito tempo depois ela acordou e abraçou-me agradecida. Então voltou ao seu trono, assentou-se nele e, com um movimento com as mãos, recolheu para dentro do seu domínio todas aquelas suas filhas ainda adormecidas. A seguir, fechou o portal e desapareceu do meu campo de visão.

Retirei-me daquele estranho aposento e entrei em outro, tão cheio quanto o anterior de seres femininos naturais “tripolares”, pois seus mistérios, tal como o meu, manifestavam-se no lado negativo ou no positivo assim como na faixa neutra da Criação.

Mas elas estavam no lado negativo porque os domínios de suas mães haviam sido deslocados da faixa neutra para a negativa por causa da não sustentação energética delas.

Eu as observei atentamente e vi ansiedade e expectativa em seus olhos, brilhantes por causa das lágrimas de alegria que derramavam porque, finalmente, um genuíno senhor de mistério iria assumi-las e aos seus mistérios.

Vendo-as tão ansiosas, dos meus olhos correram lágrimas de tristeza porque comecei a imaginar as muitas que já haviam sido absorvidas pelo polo negativo do mistério que manifestavam.

– Quantas não devem estar sofrendo, meu pai? – pensei, enquanto olhava para os rostos delicados e sofridos daquelas fêmeas naturais na minha frente.

– São muitas, meu senhor! – murmurou entre soluços a primogênita daquela onda viva. A sua preocupação com o sofrimento delas e suas lágrimas irão ajudá-las. Quanto a mim e minhas irmãs, sentimo-nos muito honradas por formarmos par energético com o senhor. Nós o honraremos, generoso senhor!

– Tenho certeza de que sim, querida irmã e companheira de jornada eterna. Venha, abrace-me e satisfaça essa sua vontade de abraçar-me e esse seu desejo de receber um pouco das minhas energias, está bem?

– Está, sim, meu senhor!

Ela me abraçou tão forte que parecia ter medo de ser arrastada para baixo. E seus soluços transformaram-se num choro convulsivo, acompanhada pelas suas irmãs, também sofridas pela falta de um par.

Eu acomodei seu corpo bem junto do meu e no meu peito se abriu um vórtice que começou a irradiar-lhe um fluxo energético tão poderoso que, num piscar de olhos, alcançou a todas ali reunidas e as no domínio de sua mãe, que se estremeceu toda em seu trono quando ele entrou em seu peito.

Meu peito não parou de irradiar aquela energia diferente enquanto durou a posse do mistério de todas elas. Quando tudo terminou, o vórtice em meu peito se fechou e ela desfaleceu, só não caindo porque a amparei e levei até um leito, onde a deitei e a acomodei para que ficasse bem confortável durante seu merecido sono.

Então me sentei na beira da cama e comecei a observá-la, não como um espírito, mas sim como um mistério em si. Deixei de vê-la como um belíssimo espírito feminino e passei a observá-la como um campo de estudo contido em uma forma a ser mais bem conhecida.

Como ela dormia profundamente, com as pontas dos dedos acariciei, ou melhor dizendo, deslizei-as sobre seu corpo, perfeito aos meus olhos.

Não deixei de deslizá-los enquanto não a senti toda através da ponta dos meus dedos.

Quando terminei de examiná-la com o tato, iniciei um dos mais profundos exames visuais já realizados por mim até então.

Em dado momento, deixei de ver um corpo e passei a ver uma energia contida numa forma conhecida como corpo feminino.

Então estudei à exaustão cada parte daquela magnífica estrutura energética.

Na verdade, um corpo é um complexo onde cada uma de suas partes, ou componentes, está ligada a algo ou alguém, localizado em outra realidade, dimensão, esfera ou plano da vida.

Isolei o coração dela com minha visão superior e comecei a expandi-la através dos, até então, invisíveis cordões energéticos, e eles me levaram a uma realidade sutilíssima e infinita em si.

Essa realidade era de uma vibração única cujo padrão é inalterável. Por meio de seu coração tentei alterar a vibração de uma cópia análoga à qual estava ligada por dutos energéticos e não aconteceu nada, pois minha irradiação avançou até chegar àquela realidade, mas nela não conseguiu entrar, dissipando-se.

Centrei minha visão naquela cópia sutil e expandi mais uma vez meu campo visual. Pouco depois, consegui ver um imenso coração em que cada um dos que estavam dentro dele se parecia com uma célula.

Expandi mais ainda minha visão e vi muitos outros corações iguais àquele, formando outro coração, impossível de ser visualizado porque esgotei minha capacidade de expandir minha visão. Então murmurei para mim mesmo:

– Meu pai, estou dentro do Coração da Criação? – e aquela voz interior falou comigo: – Sim, meu filho amado e curioso. Você chegou ao limite do cognoscível. Daí em diante só o incognoscível existe e não está ao seu alcance visual.

– Todos os “órgãos energéticos” dessa tua filha estão ligados a um desses mistérios, meu pai?

– Estão sim, meu filho. A vida é formada de muitos mistérios que estão dentro de um mistério maior e único, pois está sustentando a todos como um corpo sustenta seus órgãos formadores, e vice-versa.

– Se entendi o que vi, então o corpo que estudo está ligado a muitos mistérios, meu pai!

– Está, sim. Desde o mais curto pelo até o mais longo fio de cabelo dessa minha filha, todos estão ligados a mistérios da Vida. Acompanhe o desdobramento de um deles e comprove isso, filho meu!

Fiz como ele ordenara e pouco depois alcançava visualmente a fonte viva sustentadora de todos os ossos daquela minha irmã adormecida. E dele alcancei os limites do cognoscível, pois dali em diante não consegui avançar mais.

Então aquela voz ordenou-me:

– Examine o sangue, o fígado, os rins, os dentes, as orelhas, os lábios e dessa minha filha.

Eu fui examinando cada parte que formava um todo, e que era o corpo que eu estava usando como ponto de partida em meu novo campo de estudos.

Quando cheguei à última parte a ser estudada, cheguei à uma realidade formada só por órgãos genitais femininos. E a hierarquia se repetia, indo do micro até o macro.

No instante em que alcancei visualmente o macro e vi um gigantesco órgão reprodutor feminino, algo parecido com um poderoso magnetismo começou a puxar-me ao seu encontro. Reagi, tentando recuar minha mente e a visão, mas não consegui. Então clamei:

– Meu pai, ajude-me, senão serei absorvido por esse mistério poderosíssimo!

– Não reajas, meu filho.

– Os outros não agiram assim comigo, atraindo-me. Por que esse faz isso comigo, meu pai?

– Para você, os outros eram neutros. Mas esse é o oposto feminino do mistério que se manifesta através de você no nível vibratório onde você estiver.

Diante dele, você fechou as duas polaridades de um mistério da vida. Então relaxe e deixe que os dois polos se fundam e comecem a realizar suas funções na Criação.

– Eu vou ser absorvido por esse mistério, meu pai?

– Não será isso que acontecerá se você deixar de reagir e relaxar.

– O que acontecerá então?

– Esse mistério possuirá o seu e começará a servir-se dele e de você para reequilibrar todos os seres femininos contidos nessa forma espiritual, mas que estão sofrendo algum desequilíbrio em seus órgãos reprodutores.

– O que acontecerá comigo daí em diante?

– Daí em diante o macro se servirá de você para que, através do micro, você reequilibre e revivifique as partes do macro que estão degeneradas justamente porque suas micropartes estão negativadas, tal como estava esta minha filha antes de você reequilibrá-la e regenerar todo o corpo energético

dela, atrofiado porque não estava sendo alimentado energeticamente com as energias de um polo masculino.

– Por que esse macromistério está querendo possuir o meu, se não possuo sua magnitude e alcance, que é universal?

– Quando você manifestou tristeza por saber que muitas irmãs dessas minhas filhas acolhidas por você haviam sido absorvidas por seus polos negativos e estão atormentadas ao extremo, esse macropolo gerador captou seu sentimento.

Este seu sentimento ressonou nas telas vibratórias sustentadoras da vida e foi captado por esse Mistério da Vida. Ele foi interpretado como positivo e você foi aprovado pelo Guardião Divino desse macromistério.

– Quem é esse guardião divino, meu pai?

– Ele é o senhor Trono Guardião da Vida, meu filho. Será ele que sustentará, a partir do macro, suas macroações nas faixas vibratórias ocupadas pelas filhas desse mistério que agora o possuirá ou o transformará em uma fonte viva geradora de energias alimentadoras delas.

– Como faço para não ser transformado em uma fonte viva geradora de energias?

– Você é humano, não?

– Sou, sim, meu pai.

– Então conceda a posse do seu mistério, mas exija desse aí na sua frente que a posse se processe na sua forma e modo humanos que, daí em diante, tudo o que você tiver de fazer nos campos desse mistério, o fará na sua forma e modo humanos. A cabeça do par será tua, mesmo você sendo micro e este mistério sendo macro.

– Qual será o preço a ser pago para eu manter a cabeça do par?

– Não poderá negar a posse do seu mistério a todos os espíritos femininos que venham a se ligar ao seu mistério naturalmente, mas poderá negá-la a todos os que se ligarem de forma antinatural.

Na verdade, você estará ganhando, pois às “fontes vivas inconscientes” elas se ligam das duas formas. E disso elas não têm consciência, sabe?

– Já estou sabendo que estou preso a um macromistério.

– Antes você já estava, só que não sabia disso, como também estão ligados a ele todos os seus irmãos humanos. Todos eles possuem sexo, não?

– Entendo. É por meio dos mistérios que a máxima “os extremos se tocam” se aplica, não?

– É, sim. Os humanos saíram do âmago de macrosmistérios e alcançaram sua máxima expansão e desdobramentos. E, só quando do ponto máximo se ligarem de fora para dentro com seus macromistérios opostos

complementares é que alcançarão um ponto de equilíbrio na Criação e a terão, conscientemente, às suas voltas, tornando-se, cada um, um centro da Criação na Criação.

– Isto me parece complexo, meu pai.

– E é, meu filho. Mas nada é simples, e você só sairá do lugar comum caso domine essa complexidade e coloque-a em harmonia à sua volta.

– Isso tem a ver com o campo à minha volta?

– Tem, sim. Você está no seu centro, e nele é o seu eixo sustentador e equilibrador.

Ele é seu e de mais ninguém! Você é o responsável por ele e por tudo o que acontecer dentro dele, seja positivo ou negativo.

Tem mais uma coisa: tudo o que acontecer dentro do seu campo refletirá ou reverterá para você, quer queira ou não.

– Eu, ao assentar em meu domínio os das regentes desses reinos naturais, estou fazendo o quê?

– Você está abrindo-lhes a possibilidade de passarem a viver em paz e está concedendo às filhas delas um amadurecimento estável dos seus mistérios geradores que, quando tiverem alcançado o ponto ideal de maturidade, permitirá que cada uma abra seu domínio pessoal dentro do seu, pois você recepcionará todas as ondas vivas que cada uma delas vier a acolher dentro dos seus domínios particulares.

– Então chegará um tempo que este meu campo estará ocupado por domínios e mais domínios, pois deduzo que as filhas das filhas delas repetirão tudo, abrindo mais e mais domínios.

– Isto o preocupa?

– Eu não devo preocupar-me?

– Não, porque esse seu campo tem o exato tamanho da Criação, mas, dentro dela, ele é o seu campo e de ninguém mais!

– A Criação é infinita, meu pai.

– O seu campo também, meu filho. Por isso o chamam de “filho do Pai”. Dentro da Criação, você herdou do seu Criador um campo do tamanho da Criação Dele e, nesse seu campo, cabe tudo o que houver nela, sabe?

– Já estou sabendo... que isto não tem fim.

– Não tem mesmo, pois é infinito!

– Agora entendo o que todas as ninfas que já possuíram esse meu mistério contemplam-no por algum tempo e depois, felizes e satisfeitas, abraçam-me e dizem no meu ouvido que, “agora, sim, poderei me multiplicar por toda a eternidade”!

– Isto é assim mesmo. Aos olhos da Lei e da Vida, elas são suas e você é o único responsável pelo que vier a acontecer com elas dali em diante.

– No ponto em que cheguei, já não posso pensar em recuar, posso?

– Você deseja suicidar-se e deixá-las entregues à própria sorte?

– Isso não! Afinal, as que aceitei amparar já estavam entregues à própria sorte.

– Foi o que eu disse, não?

– Foi, sim, meu pai.

– Então relaxe e vá confiante ao encontro do seu fim, meu filho.

– Este é o meu fim na Criação?

– É. E o seu fim encontra-se no início da Criação. Só quem encontra seu fim no início da Criação consegue, em si mesmo, tornar-se um meio para a vida continuar a fluir continuamente.

– Quando eu me ligar ao meu fim, tornar-me-ei um meio da vida fluir?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. E a alternativa é tornar-me uma fonte viva geradora de energias, inconsciente e aberta a quantos delas quiserem se servir, certo?

– Isso eu já lhe disse, meu filho.

– Bom... já que não tenho outra alternativa, que seja o que Deus quiser!

– Será! Disso não tenha dúvida alguma!

– Então eu vou ao encontro do meu fim. Afinal, com um mistério como o meu, até que, pensando bem, é um fim atraente e muito promissor. E isso sem contar que é uma fonte inesgotável de surpresas e de surpreendentes mistérios, certo?

– Todo fim reserva surpresas, satisfação e prazer. Torne o seu isso para você e nunca reclamará dele.

– O meu fim tem de ser humano, meu pai.

– Então, enquanto estiver concedendo-lhe a posse do seu mistério, humanize-o e ele sempre se mostrará a você na forma humana que vier a dar-lhe.

– Farei isso!

– Faça-o logo, senão logo mais nada conseguirá fazer além de gerar energias.

– Sim, senhor, meu pai!

Resoluto, não resisti mais àquela atratividade e me senti puxado de encontro àquele macromistério da vida.

A única coisa que fiz foi imaginá-lo humano e que assumisse uma forma humana que me agradasse sob qualquer ângulo visual que eu viesse a observá-lo.

Num piscar de olhos me vi tragado para dentro daquele mistério e só parei quando cheguei ao seu âmago. E, já dentro dele, me vi frente a frente com o mais belo ser feminino que poderia existir ou ser imaginado.

De cada ângulo que eu a observava, agradava-me totalmente. Só que ela não dizia nada e observava-me fixamente. Acho que eu também estava sendo observado sob todos os seus ângulos visuais.

Após algum tempo nessa mútua observação, ajoelhei-me, cruzei o “solo” diante dos seus pés e a saudei. Então falei:

– Minha senhora e meu fim na Criação, estou pronto para conceder-lhe, conscientemente, a posse integral do meu mistério gerador.

– Levante-se, guardião humano do mistério que sou em mim mesma, pois assumi essa forma segundo sua vontade e seus desejos. Levante-se e conceda-me a posse do seu mistério enquanto possui o meu.

– Também vou poder possuir o seu, minha senhora?

– Só assim haverá equilíbrio entre nós, pois o fim tem que ter o seu meio e vice-versa, meu primeiro guardião humano.

– Eu sou o primeiro a alcançá-la como um fim em si mesma, minha senhora?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. Por que outros espíritos humanos não conseguiram chegar até a senhora?

– Eles preferem ficar destruindo-se mutuamente pela posse de mistérios menores que os paralisam em vez de se ajudarem na conquista definitiva dos mistérios maiores que os levariam ao encontro dos seus fins na Criação, quando, aí sim, finalmente se tornariam em si meios da vida.

– É, acho que é isso que nós, os humanos, fazemos conosco. Criamos milhares e milhares de religiões e nenhuma delas reconduz os seres ao encontro dos seus fins, pois os paralisam com seus dogmas e falta de perspectivas.

Criamos religiões que, teoricamente, nos levarão para perto de Deus, mas o que fazemos conosco é que criamos uma noção tão limitada Dele que sempre chegamos a um beco sem saída e somos obrigados a recuar e criar outras e, nelas, recomeçamos tudo novamente.

A noção que os humanos têm de mistério e dos mistérios da Criação é tão pobre e tão limitada que, se não mudarmos, nunca alcançaremos nossos fins na Criação.

– Por que você não começa a ensiná-los e a abrir-lhes novos horizontes descortinadores dos verdadeiros mistérios da Criação, meu primeiro guardião humano?

– Não sei se conseguiria algum sucesso junto a espíritos tão difíceis de serem ajudados.

– Vale a pena tentar. O mínimo que fizer, muito os ajudará. Afinal, você é um filho do Pai Gerador Humano e poderá sustentar tudo o que semear corretamente no seio da humanidade!

– Bom, isso ficará para o futuro porque, ou começa a possuir esse meu mistério ou meu íntimo explodirá e me transformarei numa fonte viva geradora de energias.

– Estou vendo como esse meio que usa para irradiá-la está ativado. Isso é bom, sabe?

– Não sei, não. Por que essa ativação máxima é boa?

– Só com seu mistério ativado ao máximo eu poderei possuí-lo e conceder-lhe a posse do meu.

– Entendo. Essas irradiações que o seu está enviando-me tem a finalidade de acelerar a ativação dele em meu íntimo?

– Tem, sim. Ou ele consegue absorver todas ou quando eu começar a possuí-lo você perderá os sentidos e se transformará em uma fonte viva desequilibrada que logo se negatizará e se transformará em mais um mistério atormentador das minhas filhas.

– Entendo, muitas das que já acolhi em meu campo, possuidoras desse seu mistério, estavam ligadas a mentais sem forma e eram atormentadas o tempo todo pelas vibrações e energias que recebiam deles.

– Meu primeiro guardião humano, você traz em si essa sua vibração humana que usará para abrir o meu mistério gerador. E, quando ela estiver toda ativada, começarei a possuir o seu mistério. Então, daí em diante, quando minhas filhas atormentadas entrarem nos campos de ação e atuação do seu mistério, essa sua vibração se ativará e as desligará das fontes vivas desequilibradas e negatificadoras do mistério gerador delas.

Eu contemplei o portal de acesso ao seu mistério e um nó se formou em minha garganta, que engoli antes que me engasgasse, pois sua atratividade magnética era tão grande que eu não conseguia desviar meus olhos dele. Então, comigo olhando-o fixamente, ouvi-a dizer-me:

– Você está pronto, meu primeiro guardião humano!

– Estou, minha senhora?

– Está, sim. Só quando o desejo de possuir um mistério torna-se maior que o temor de possuí-lo o ser está pronto. E você está pronto, pois o seu mistério já não irradia, mas sim, verte as energias que gera no âmago dele.

– Qual a diferença, minha senhora?

– Ao vertê-las, seu mistério alcançou o ponto ideal de maturidade sem degenerar-se ou desequilibrar seu geracionismo. De agora em diante, tudo o que ele gerar se liquefará e irá se acumular em seu reservatório natural nesse seu corpo humano, indicando-lhe o nível do acúmulo delas. Olhe-se e veja como você está sobrecarregado nesse momento.

Olhei-me e vi-me possuidor de um reservatório que estava enorme e continuava a receber mais e mais daquela energia liquefeita. E chegou um momento em que ele se encostou ao solo, de tão cheio que estava.

Aquele reservatório era como uma bolsa elástica que crescia à medida que ia recebendo e acumulando aquela energia líquida. E a sobrecarga dela era tanta que comecei a vertê-la em abundância. Então ela me ordenou:

– Ou você começa a enviar-me essa sua energia liquefeita ou em instantes começará seu processo de transformação em uma fonte viva geradora de energias líquidas.

Não esperei mais nem um segundo e fiz o que me havia ordenado. E bastou irradiá-la toda para que eu visse um símbolo abrir-se em seu peito e começar a irradiar-me um fluxo energético tão poderoso que quase desfaleci.

Em poucos segundos eu havia me transformado em uma massa energética multicolorida que começou a crescer. Então aquele mistério que havia assumido uma forma humana fixou seus olhos nos meus e ordenou-me:

– Meu primeiro guardião humano, já possuí seu mistério gerador. Agora é sua vez de possuir o meu ao seu modo e forma humana. Inicie-a!

– Minha senhora, absorvi tanto das suas energias que me sinto paralisado e sobrecarregado.

– Isso aconteceu porque você deixou que esse meu fluxo energético se espalhasse pelo seu corpo quando o correto era você tê-lo absorvido através do símbolo em seu peito, concentrado-o nesse seu reservatório para que se misturassem às suas para, aí sim, você começasse a irradiá-las de forma correta.

– Bom, é a primeira vez que o micro chega até o macro, sabe?

– Não sei, não. Você está na minha frente e o seu “corpo” é um pouco maior que o meu. Logo, você não é inferior a mim nesse sentido. Lembre-se de que já viveu no interior do seu mistério até que chegou um momento em que o absorveu nessa forma humana dada ao seu corpo divino e ele se alojou no seu sétimo sentido e está contido nessa parte desse seu corpo original.

Não dê ao seu corpo divino as limitações do seu corpo espiritual porque aí limitarás a si mesmo.

Eu voltei os meus olhos para onde ela apontava e, espantado, vi meu corpo espiritual ainda deitado ao lado daquela “primogênita” que havia adormecido após eu ter assumido a cabeça do seu mistério.

– Como isso é possível, minha senhora?

– Você está aqui porque possui um corpo divino e original. Aquele que está vendo e que chama de corpo espiritual é o invólucro contedor desse seu corpo divino.

Naquele corpo você possui um limitador para este que, fora dele, é ilimitado e assume a forma que você desejar dar-lhe.

– Entendo. O macro, às vezes, está contido no micro.

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. E, já que é assim, vou iniciar a posse do seu mistério para poder irradiar-lhe esse imenso acúmulo de energias.

– Faça isso, meu primeiro guardião humano! Faça isso e todos os portais que o conduzirão ao âmago do meu mistério se abrirão tão naturalmente a você que se surpreenderá com tanta facilidade.

– Como será isso, minha senhora?

– Como o macro está no micro e vice-versa, então entrarás em todos e através deles chegará ao âmago do meu, onde irradiará todo o excesso energético que o seu gera e acumula nesse reservatório de energias existente no seu corpo divino. Energias essas que, se não me forem enviadas, transbordarão para aquele seu corpo espiritual e o incomodarão até que as envie para mim.

– Isso me obrigará a vigiar continuamente esse meu corpo divino e seu reservatório energético!

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim.

– Então o que está esperando para iniciar a posse do meu mistério e possuir um mistério divino que absorverá todo o excesso de energias geradas pelo seu?

– Bom, se assim tem que ser, então que assim seja.

– Não faça da posse do meu mistério um ato negativo, senão não extrairá nenhuma satisfação ou prazer quando tiver que me enviar seus acúmulos energéticos, está bem?

– Se, para a senhora está bem, então para mim também está.

– Torne a posse do meu mistério algo tão satisfatório e prazeroso que nunca reclamarás, ou se sentirá lesado quando os microportais energéticos se abrirem diante dos seus olhos humanos e exigirem que você lhes envie seus acúmulos energéticos. Quando isso acontecer, será uma ação que lhe proporcionará satisfação.

- Se a senhora diz que assim será, assim será!
- Será, sim. Agora, pare de falar e faça o que tem de fazer.

Eu a observei e, próximo de uma explosão energética, dei início à posse do mistério daquela Senhora-Mistério da Vida.

Durante o processo de posse do seu mistério, por várias vezes estive prestes a explodir e transformar-me numa “super nova”. Mas, com o auxílio dela e seguindo suas orientações, consegui possuí-lo integralmente e alcancei seu âmago gerador-irradiador.

Ali tudo era quente e agradável de sentir. Então, com a posse completada, ela me ordenou:

– Meu primeiro guardião humano, agora sim você pode esvaziar dentro do âmago do meu mistério esse seu imenso reservatório energético porque elas não refluirão, e sim, correrão por dentro do lado divino da criação.

– Como é isso, minha senhora?

– Olhe os meus olhos que verá como é, e entenderá mais do que se eu lhe disser como é.

Fixei meus olhos nos daquela ser-mistério e dei início ao envio das energias líquidas acumuladas em uma parte específica do meu corpo divino.

Curiosidade, satisfação e prazer se fundiram e tornei tão prazeroso aquele envio de energias que, mesmo ele tendo durado muito tempo e já com o reservatório completamente vazio, ainda continuava vivenciando aquele momento único e indescritível, que só cessou quando adormeci profundamente.

O que me lembro e o que posso dizer é que o “fluir por dentro da Criação” é o oposto do fluir para dentro.

Como uma cascata, as energias iam fluindo do seu corpo divino para o espiritual de todas as suas filhas e, quando os inundam, o energizam por completo, deixando em êxtase os beneficiados por essa ação única e indescritível.

Eu vi, através dos olhos dela, uma cascata energética que descia do macro até o micro e, nesse, não transbordava, mas sim, acumulava-se no corpo divino dos seres ligados aquele mistério original, proporcionando-lhes satisfação e prazer.

Quando acordei, estava dentro do meu corpo espiritual e nos braços daquela “primogênita”, que me contemplava com o mais amoroso dos olhares.

Eu via sair dos seus olhos raios lindos e multicoloridos que iluminavam minha alma.

Abracei-a com tanto amor e ternura que ela, entre soluços de amor, falou-me:

– Meu senhor, sou sua para sempre porque não conseguirei viver sem o senhor!

– Espero nunca me tornar um incômodo para você ou desonrá-la na guarda do seu mistério, minha amorosa irmã de mistério.

– Meu senhor, aperte-me com seus braços e ame-me como antes nunca amastes alguém! Conduza-me ao auge do prazer e da satisfação e extasies-me até que eu exploda como uma estrela viva, meu senhor.

– Como uma estrela viva, é?

– Foi o que eu disse, meu senhor.

Bom, é verdade mesmo que o macro está no micro, pois eu vi através dos olhos dela aquela senhora regente de um mistério original da Criação que, se estava em seu lado divino, no entanto também estava nela, a minha amada estrela viva que, a cada minuto, mais se parecia com ela, a sua genitora divina. E chegou um momento em que a única diferença entre elas é que uma era divina e a outra era “espiritualizada”.

Mas ambas tinham a mesma aparência, forma e natureza. Eu, sem pressa, a observei atentamente, pois, através do micro, eu iria conhecer o macro. E chegou um momento que tinha em meus braços a mais vívida das estrelas vivas.

E, como toda estrela viva, ela não parava de gerar e irradiar-me suas energias vivas.

Só quando deixei de ver o macro através dos seus olhos e passei a vê-lo nela é que seu âmago gerador foi acalmando-se e as suas emissões energéticas foram diminuindo de intensidade, até o momento em que ela adormeceu.

Eu a acomodei em meus braços e chorei sentido, pois eu havia desejado que ela fosse como aquela senhora divina.

Minhas lágrimas corriam faces abaixo e caíam sobre seus cabelos de cor dourada, correndo para dentro deles.

Acomodei-a no leito e ali mesmo abri um portal que me conduzisse ao vazio absoluto, onde dei vazão àquele meu pranto sentido sem incomodar ninguém com meu choro altíssimo.

Em dado momento bati no peito com os punhos fechados e exclamei:

– Meu pai e meu criador, o que foi que eu fiz, meu pai? Por que tive de ceder ao meu desejo de ter só para mim uma réplica espiritual de um ser divino? Por quê, meu pai amado?

Mas a voz interior não falou comigo nesta vez, deixando-me ainda mais aflito e angustiado, aumentando ainda mais meu pranto sentido.

Já fazia muito tempo que eu chorava sem parar e talvez nunca mais viesse a parar se uma voz feminina triste, mas agradável aos meus ouvidos, não tivesse começado a falar comigo:

– Guardiã humano, por que incomodas o silêncio do meu vazio com seu pranto triste, amargurado e aflito?

Como não consegui parar de chorar, ela tornou a perguntar-me:

– Por que você não foi a qualquer outro lugar da Criação para dar vazão a tão sentido pranto?

Como a voz foi mais audível, olhei em volta para ver quem falava comigo, mas nada vi. Enxuguei meus olhos e aquietei meu pranto para ouvir melhor quem se aproximava sem se mostrar. Então perguntei:

– Quem me fala sem assumir uma forma?

– Eu lhe falo, Aprendiz Sete!

– Quem sois?

– Eu sou o Vazio Absoluto, e você está no meu âmago, incomodando o silêncio aqui reinante com seu pranto sentido.

– Sinto tê-la incomodado, minha senhora. Eu só queria ficar a sós para dar vazão a um sentimento de culpa.

– Tal como você, milhões de seres recolhem-se a todo instante no Vazio para darem vazão aos seus sentimentos de culpa, na maioria infundados, sabe?

– Não creio que o meu seja infundado, minha senhora. Desejei dar a forma de um ser divino a um ser espiritual, só para, ao olhá-la, rever alguém invisível aos olhos dos espíritos.

– Imagine isso: um ser divino que é um mistério em si mesmo assumiu uma forma humana extraída do seu inconsciente, forma esta que para você é o modelo da beleza feminina humana.

Então você, ao ver a forma que só existe no seu inconsciente, pois para você esta é a forma ideal, apaixonou-se por ela e desejou tê-la ao seu alcance, dando-a a um ser espiritual. O que há de errado nisso, Aprendiz Sete?

– A culpa por ter desejado e dado uma forma divina a um ser espiritual.

– Rememore como tudo aconteceu e outra conclusão se mostrará a você.

– Que conclusão é esta, minha senhora?

– O ser divino, e que é um mistério em si, não tinha uma forma humana! Então retirou do seu inconsciente uma que era fruto de sua imaginação e assumiu-a para mostrar-se de forma aceitável aos seus olhos humanos.

Como a forma assumida o agradou e despertou em seu íntimo o amor pelo ser divino, este o induziu a reproduzir a forma assumida em alguém próximo de você, pois está do mesmo lado da Criação que você.

Com isso feito, tudo se realizará de forma mais intensa, pois, para você, o que estava fora de seu alcance agora está bem na sua frente e à sua disposição!

– Talvez isso possa ter acontecido, minha senhora.

– Eu tenho certeza de que foi isso que aconteceu, Aprendiz Sete. Afinal, os seres-mistérios não têm forma, mas, para melhor serem entendidos e amados pelos seres contidos em uma forma, assumem uma que é o protótipo ideal para eles. Com isso, mesmo não tendo uma forma, passam a ser vistos e entendidos mediante as que vão assumindo, sempre em acordo com essa necessidade dos seres espirituais.

– Se é assim, então por que me sinto culpado?

– Seu inconsciente vibrava uma forma ideal, um modelo da beleza feminina humana. E, quando um ser-mistério a assumiu e tornou-a concreta e palpável a você através de um ser espiritualizado, você reagiu assumindo a culpa por ter dado forma a algo sem uma forma definida.

– O que diz pode ser a verdade, mas, e se não for e essa nossa conversa mental não passar de uma reação do meu inconsciente ao meu profundo sentimento de culpa por ter dado a forma de um ser divino a um ser espiritual?

E se essa nossa “conversa” for só fruto da minha imaginação para justificar-me por ter feito algo condenável aos olhos de Deus, da Lei e da Vida?

– O que você vê à sua volta, Aprendiz Sete?

– Não vejo nada além do vazio.

– Você consegue ver a si mesmo?

– Sim, eu vejo o meu corpo espiritual.

– Você afirmaria com convicção que você existe porque tem uma forma definida e limitada ao seu espírito?

– Sim, isto eu afirmaria com convicção.

– E quanto a mim, que sou o vazio em mim mesma mas não estou contida em uma forma? Você afirmaria com convicção que não existo e sou só fruto da sua imaginação?

– Bom, agora não sei o que dizer, pois, para mim, o vazio é um estado de consciência. É a ausência de algo ao qual possa me agarrar, ou me sustentar, ou me apoiar. E esse meu sentimento de culpa tirou-me essas coisas porque não encontro o que justifique algo que atribuo a uma fraqueza minha.

– Quantos seres humanos já alcançaram a esfera onde vive o ser-mistério, objeto dos seus desejos?

– Segundo ela, eu fui o primeiro.

– Então você pode estabelecer os procedimentos em relação a ela. E é seu direito dar a forma assumida por ela a um ser espiritual.

– Como posso ter certeza disso?

– Acreditando que compete unicamente a você determinar os procedimentos. Afinal, você já esteve diante de outros seres-mistérios, mas que já haviam assumido formas extraídas do inconsciente de quem primeiro chegou até eles.

Com esses seres-mistérios já modelados ou contidos em formas ideais, você não teve problema algum de consciência.

– É, não tive problema de consciência.

– Então, assumo esse seu direito, pois, onde você for o primeiro a chegar, é o seu direito e seu dever dar forma e modelar o que ainda é abstrato.

– Bom, pensando dessa forma, então encontro uma razão para a ela me agarrar, com ela me sustentar e nela me apoiar.

– Faça isso por você, Aprendiz Sete. Faça-o enquanto me é acessível, pois com os já inacessíveis é impossível para mim devolvê-los ao lado pleno da Criação.

E, em função dessa impossibilidade, o Vazio não é tão vazio com pensa ser, porque está sendo ocupado por seres que se sentem vazios. Só não os percebe porque, tal como você, se fecharam em seus sentimentos de culpa ou em suas frustrações e nada mais veem além de si.

– Entendo.

– Saia do seu vazio, Aprendiz Sete! Comece a ver como o Vazio está cheio de seres vazios, impossibilitados de retornarem à plenitude da vida.

Eu, pouco a pouco, recompus-me e reequilibrei-me até alcançar um estado íntimo que me permitiu começar a ver o lado Vazio da vida.

Surpreso e assustado com o que começava a ver muito nitidamente, exclamei: meu Deus, estou tendo alucinações!

– Não está não, Aprendiz Sete.

– Se não estou tendo alucinações, então que horror é este que vejo? Isto não é real, voz que fala dentro da minha mente?

– Você está vendo o verdadeiro lado oculto da vida, Aprendiz Sete. O Vazio é anterior à Criação porque, quando nada existia, o vazio imperava absoluto no lugar onde transita e se realiza como ser vivente e existente.

– Meu pai!!!

– Admire-se o quanto quiseres. Mas o Vazio é tão real quanto a plenitude, só que está oculto.

– Este lado oculto parece não ter fim, Senhora do Vazio!

– Ele tem o tamanho da Criação e a envolve totalmente. E, para ele, vêm todos os seres que se sentem completamente vazios.

– Tal como eu optei por me recolher ao Vazio quando me senti culpado de ter tornado profano algo sagrado?

– É isto mesmo, Aprendiz Sete.

– Há tantas coisas, tantos mistérios que desconhecemos!

– Sua mente, habituada a pensar a partir da visão humana da Criação, não está apta a imaginar as coisas como elas são realmente.

Saiba que, para o Vazio, vêm os que se sentem vazios e, para o lado Pleno, vão os que se sentem plenos.

– Entendo!

– Saiba que antes de algo existir, o Vazio absoluto já existia. E foi no Vazio que o Divino Criador começou a gerar as coisas, inclusive os espíritos.

Por isso, tudo tende ora para a Plenitude, ora para o Vazio.

– Os dois extremos da Criação!

– É isto mesmo, Aprendiz Sete. Entre os dois extremos está localizado o vasto meio através do qual a vida flui e todos evoluem.

– Eu preciso refletir um pouco, Senhora do Vazio.

– Reflita à vontade, Aprendiz Sete. Faça-o até encontrar a razão que até aqui o conduziu, pois, enquanto você não a encontrar, não sairá do meu domínio, esteja onde quiser estar. Afinal, no âmago dos seres, quando lhes faltam razões para sentirem-se plenos e começam a sentir-se vazios, lá eu também estou.

– Entendo. Por serdes um mistério original és onipresente e estás na origem de tudo e todos.

– Isto é certo. Agora, reflitas Aprendiz Sete!

– Sim, senhora, Senhora do Vazio e minha senhora!

– Espero nunca mais voltar a falar-lhe, Aprendiz Sete. Mas também espero nunca mais deixar de ouvi-lo.

– Como é que é?!!


– Interpretes o que eu disse ou serás engolido por mim, Aprendiz Sete!

– O enigma da esfinge!!!

– Ele mesmo.

– Ou interpreto corretamente ou serei engolido pelo Vazio Absoluto!
É isso?

– É isso mesmo. Você traz em si um mistério que proporciona a plenitude no sétimo sentido a quem possui-lo.



Saiba que ninguém alcança a plenitude em todos os outros sentidos se antes não o tiver alcançado no sétimo.

– Por que isso é assim, Senhora do Vazio?

– A resposta é simples. Tudo começou pelo sétimo sentido, aprendiz dos mistérios do sétimo sentido da vida!

Ou não é isso que o seu nome significa?

– É, acho que é isso mesmo! Agora entendo o que ouvi de uma guardiã de mistérios.

– Se entendes agora o que dela ouviu, espero que nunca mais se esqueça do que ouviu da Senhora de um mistério guardião da Criação que tem o poder de engolir tudo e todos!

– Vou refletir, minha senhora.

Ela não voltou a me falar. Deduzi que aguardava minha reflexão.

Então comecei a refletir!

Minha mente recuou no tempo e retornei aos meus tempos de aprendiz dos mistérios de Umbanda Sagrada.

Em poucos instantes eu rememorei tudo o que lera, ouvira e praticara. E lembrei-me do Orixá Exu* que era possuidor de uma “boca” que era insaciável e devorava tudo.

Por isso, Exu tinha de ser oferendado em primeiro lugar, pois só após os médiuns o oferendarem é que adquiriam estabilidade em seus trabalhos mediúnicos ou mágísticos.

Se a Senhora do Vazio podia engolir tudo e todos que comessem a sentir-se vazios, então o Orixá Exu era o guardião do mistério original do Vazio, anterior à própria Criação, pois, como ela me dissera, o Divino Criador começou a criar no vazio, já existente.

Por isso o Orixá Exu tinha de ser oferendado em primeiro lugar!

Tudo é ato criador e, para criarmos algo antes, temos de pedir licença ao guardião do mistério do Vazio que é o Orixá Exu.

O vazio começou a assumir um sentido em minha mente e entendi o que ela quis dizer com “sua mente habituada a pensar a partir da visão humana da Criação”.

Exu não tem de ser oferendado porque é encrenqueiro, cria transtornos ou confusões, mas porque todo ato gera algo novo na Criação e esse algo novo ocupa um espaço.

Logo, a oferenda ritual é um pedido de licença que o médium faz à Senhora do Vazio para poder gerar ações, que gerarão algumas coisas que precisarão ser acomodadas.

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Orixá Exu*, de Rubens Saraceni, Madras Editora.

E quem recebe as oferendas em nome Dela é ele, o Orixá Exu, guardião do mistério original do Vazio, preexistente e anterior à Criação dos mundos e dos seres.

Esse ato, tão questionado pelos médiuns umbandistas porque não foi associado de forma correta ao Orixá Exu pelos seus intérpretes, deu-lhe uma conotação negativa e temida.

Além dessa conclusão sobre o mistério original do Vazio, lembrei-me de que ela dissera que tudo começara pelo sétimo sentido, que é o da geração.

Como a reprodução humana acontece a partir do ato reprodutor, minha mente recuou mais uma vez ao tempo em que eu vivera encarnado e revi um assentamento tradicional do Orixá Exu em um local ermo próximo a um vilarejo nigeriano.

Revi o local só com o deslocamento da minha mente e pude ver pessoas oferendendo o Orixá Exu por meio de um totem fálico.

Inclusive, revi uma antiga dança ritual de um médium que brandia um falo esculpido em madeira, como símbolo da vitalidade e da reprodução das espécies.

O tridente fora incorporado pela visão cristã do Orixá Exu, pois, no passado, o gládio romano brandido contra os primeiros cristãos associara essa primitiva arma de guerra ao “Demônio”.

Além do mais, como incutir na mente puritana dos cristãos convertidos à Umbanda um totem fálico se no Judaísmo o sexo havia sido associado ao pecado cometido por Adão e Eva?

Melhor um tridente que um falo nos assentamentos de Exu, não?

Tudo começava a assumir um novo sentido em minha mente e os mistérios começaram a tomar uma nova forma.

Minha mente não parava de pensar e voltei minha reflexão ao momento em que descobrira que os “órgãos” do corpo espiritual de um ser estão ligados por cordões divinos a fontes originais sustentadoras deles.

Eu havia sido “atraído” pelo magnetismo do âmago do mistério do aparelho reprodutor feminino e “entrara” nele através da gigantesca vulva de uma fonte viva e divina, geradora de energias.

Já dentro do âmago daquele mistério, eu vi plasmar na minha frente uma imagem feminina que transcendia qualquer forma que eu pudesse imaginar, porque ela era divina e não comportava as nossas limitações humanas.

Pouco a pouco tudo foi assumindo um novo sentido em minha mente e consciência: eu entendi tudo ao contrário e o que aconteceu foi que a “consciência” daquele mistério feminino sustentador da reprodução das espécies queria me ver atuando com meu mistério, também original mas humano, nos vastos domínios do Vazio.

Tudo assumiu sentido, minha consciência deixou de cobrar-me uma reparação e começou a cobrar-me ações em benefício daqueles seres “esvaziados”.

Após minhas deduções sobre a minha ida ao Vazio, retornei para junto do espírito ainda adormecido daquela minha irmã cuja aparência era igual à da “Senhora de um mistério do sétimo sentido”.

Contemplei-a demoradamente enquanto refletia e deduzia novas coisas.

Então enviei aquela “primogênita” de volta ao domínio de sua mãe e, a sós, refleti mais uma vez em tudo o que até aquele momento me acontecera desde que eu voltara para o “mundo maior”, o mundo dos espíritos!

Minhas reflexões me levaram àquela flauta encantada que poderia ser um meio para atuar no Vazio.

Afinal, como tocar o Vazio se nele tudo e todos são “vazios”?

Mas, para atuar no Vazio de forma correta, eu precisava dominar outros sons, além de explorar mais fundo todos os mistérios contidos naquela flauta encantada.

Dali mesmo abri um novo portal para o reino das Ninfas Musicais, onde poderia conhecer a fundo os mistérios dos sons harmônicos e criadores. Mas preferi não voltar até aquelas ninfas já minhas conhecidas, e procurei outras, neutras quanto ao meu mistério.

Eu não queria misturar as coisas e ter de atuar como guardião, mas queria ser adotado como um aprendiz dos mistérios delas... e nada mais.

Ao entrar no reino das ninfas, procedi com respeito e reverência e, do outro lado do portal, fui recebido por uma austera ninfa guardiã das passagens que, após receber minhas saudações, perguntou-me:

– O que desejas das ninfas sustentadoras da Vida, guardião humano dos sagrados mistérios da Criação?

– Desejo aprender sobre os mistérios dos sons sagrados e saber como e quando usá-los corretamente para não infringir em momento algum as leis que regem o uso deles.

– Quem o enviou até aqui, guardião humano?

– Quem me enviou me é invisível, pois atua em mim a partir do meu íntimo e não se mostra aos meus olhos e visão humanos. Logo, deduzo que é o nosso Divino Criador que está me conduzindo e quer que eu me aperfeiçoe nos sagrados sons da vida.

– Só procura aperfeiçoar seus conhecimentos nos mistérios dos sons ou outras razões o conduziram até aqui?

– Só o aperfeiçoamento me interessa, minha senhora. Não desejo interferir com nada mais aqui existente. E, se algo além disso vier a acontecer, não será por minha iniciativa, e sim, por iniciativas alheias em função

do que trazem em si ou por causa do que trago em mim, mas que ocultei ao atravessar essa passagem guardada pela senhora, minha senhora ninfa guardiã dos mistérios das passagens.

– Por que ocultastes os mistérios que trazes em teu íntimo, guardião humano dos sagrados mistérios da Criação?

– Minha senhora, só um propósito me conduziu até aqui. Não quero desviar-me dele em momento algum até que aqui retorne à sua frente para retirar-me, levando comigo o saber sagrado que só aqui existe.

– Você não mente quanto ao seu propósito. Sua sinceridade o credenciou a adquirir o que necessita para melhor realizar o que o nosso Divino Criador espera que faça em benefício do todo, que é Ele em si.

– Muito obrigado por me conceder sua licença para eu me instruir sobre os mistérios dos sons harmoniosos e criadores, minha senhora.

– Podes adentrar no Reino das Ninfas e deslocar-se livremente até que tenhas adquirido aqui o que até aqui te trouxe. Só não interfiras na vida de nenhuma ninfa enquanto aqui permaneceres.

– Não interferirei, minha senhora. Com sua licença!

– Licença concedida, guardião humano dos sagrados mistérios da Criação.

– Minha senhora, como faço para encontrar alguém que me inicie nos mistérios dos sons harmônicos e criadores?

– Caminhe calmamente e observe com olhos neutros tudo o que a você se mostrar, que no momento certo encontrará quem o iniciará. Só não se precipite, pois como essa passagem é atemporal, retornará à sua dimensão da vida no mesmo instante em que nela entrou.

– É, já que assim é, não há razões para eu ter pressa, não é mesmo?

– Foi o que eu disse!

– Foi, sim. Com sua licença, minha senhora!


– Licença concedida.

Eu me afastei dela e me virei para o interior daquele reino regido pelas Ninfas Musicais.

Meus olhos viram um reino belíssimo, harmônico e exuberante. Tudo ali transpirava harmonia e encantou-me.

Caminhei por entre jardins, bosques, praças e alamedas divinas, em nada comparável ao que me lembrava de ter visto na Terra ou na dimensão dos espíritos.

A tudo eu contemplava com olhos neutros e de tudo eu extraía o entendimento sobre a perfeição divina existente nos reinos originais da Criação. Minha neutralidade era total!



Lembro-me de que caminhei por tanto tempo no meio daquelas belezas que devo ter caminhado milhares de quilômetros sem ver um só ser. Só a “natureza” ali existente eu via e contemplava.

Era o meu aprendizado, creio eu.

Vi frutas belíssimas e muito atraentes, mas não toquei em nenhuma!

Vi águas cristalinas ou coloridas e não provei o sabor de nenhuma delas!

Vi flores belíssimas e únicas na Criação e não toquei ou inalei o odor de nenhuma!

Eu aprendia a me manter neutro diante de tanta beleza natural e tanta perfeição, pois o único imperfeito ali era eu.

E, para mim, o imperfeito não deve tocar no perfeito para não maculá-lo com suas imperfeições.

Neutralidade era a palavra-chave para um espírito como eu, ainda cheio de imperfeições.

Quando cheguei ao sopé de uma montanha de uns mil metros de altura, embrenhei por uma trilha que entrava na vasta floresta que a recobria.

A trilha serpenteava dentro da mata fechada e me levava lentamente para o pico daquela montanha.

Às vezes, eu parava e ficava contemplando árvores tão altas que pareciam ter mais de cem metros de altura. Seus troncos possuíam dezenas de metros de diâmetro.

Tive vontade de subir em algumas delas, mas me contive, pois escalar árvores altíssimas não fazia parte dos meus propósitos.

Finalmente, quando cheguei ao cume da montanha e encontrei uma clareira ampla, sentei-me e contemplei-a desde o cume até o seu sopé por cima da densa floresta.

Após contemplar tudo o que havia deixado para trás, dirigi-me ao outro extremo da clareira e diante dos meus olhos estava à mostra uma outra realidade, coalhada de “vidas”.

Vi algo parecido com cidadelas espalhadas num campo vasto e ondulado que parecia não ter fim, pois avançava ao infinito à minha frente.

Sentei-me e fiquei contemplando do alto aquele espetáculo da Criação. A perfeição divina ali se esmerara e dera aos seres que ali viviam um lugar único na Criação.

– Meu Deus, este lugar é tão belo e tão perfeito que não tenho coragem de prosseguir! – murmurei, entre embevecido e admirado diante de tanta beleza e harmonia num só lugar.

Recuei lentamente e retornei à trilha, voltando sem pressa ao sopé da montanha.

Quando cheguei ao sopé dela, contemplei-a por um instante. Em seguida dei meia-volta e dei um novo rumo à minha caminhada em busca de alguém que me iniciasse nos mistérios dos sagrados sons da Criação.

Margeei-a caminhando pelo extenso e florido vale ao seu sopé e tive a impressão de ter caminhado por anos sem que aquela cadeia de maciços tivesse fim. Somente parei quando vi uma larga correnteza que descia sua encosta, íngreme e pedregosa.

No sopé, uma queda d'água formava uma cachoeira encantadora e um lago belíssimo, cheio de peixes também belíssimos.

Sentei-me em uma pedra na margem e fiquei observando os peixes nadarem de um lado para outro como se executassem um balé interminável.

Fiquei ali tanto tempo que observei cada um e sua dança sem fim. Quando não vi mais nada de novo, levantei-me e já ia retomando minha caminhada, mas uma voz às minhas costas fez com que eu me voltasse e visse uma “mocinha” pairando sobre a água do lago. Seu rosto belíssimo e levemente rosado e seu discreto ar de sorriso me encantaram e levaram-me a perguntar-lhe:

– Quem é você e de onde saiu se aqui não havia ninguém além de mim e esses peixes.

– Eu estava aqui o tempo todo e sou alguém, não?

– Que é alguém, isto é certo. Mas eu não havia percebido que estava aqui. Desculpe minha falta de atenção.

– Desculpas aceitas. Agora, diga-me quem é você e o que faz aqui.

– Bom, eu sou Aprendiz Sete, um espírito humano. E vim aqui para aprender sobre os mistérios dos sagrados sons criadores.

– Que interessante!!!

– Por que tanta admiração? Por acaso nunca soube da existência dos espíritos humanos?

– Disso eu soube, mas nunca soube de um que se interessasse pelos sagrados sons criadores. Isso é uma raridade, sabe?

– Já estou sabendo... que os humanos se interessam mais pelos sons profanos, certo?

– É isto mesmo, Aprendiz Sete. Você é uma raridade entre os seus semelhantes.

– Não me sinto nem um pouco confortável por ser considerado uma raridade.

– Descontraia-se, Aprendiz Sete! Sempre há um primeiro a abrir o caminho para muitos. Torne-se esse caminho, guardião humano dos sagrados mistérios da Criação!

– Meus caminhos não são estes. Quero aprender sobre os sons sagrados para melhor realizar o que de mim espera o nosso Divino Criador. Você sabe onde há alguém que possa me iniciar?

– Não sei, não. Sou uma ninfa da vida aquática e meu mistério é sustentador das muitas espécies de peixes que vivem nas águas doces.

– Entendo. Bom, vou retomar minha caminhada até encontrar alguém que possa me iniciar. Até outro encontro, senhora ninfa da vida aquática!

– Você não quer aprender sobre os mistérios sustentadores da vida aquática?

– No momento, não. Esse conhecimento não faz parte dos meus propósitos atuais. Quando eles fizerem, até aqui voltarei e será com prazer que aprenderei sobre a fascinante vida aquática.

– Se precisar do meu saber, já sabe onde me encontrar, Aprendiz Sete!

– Até a vista, senhora ninfa aquática.

– Até, Aprendiz Sete! – exclamou ela com um sorriso nos lábios. A seguir, transformou-se em um peixe e mergulhou no lago, nadando e misturando-se aos outros peixes.

Sorri com o que acabara de ver e retomei minha caminhada, margeando o riacho que saía da lagoa. Mas percebi que um cardume também avançava nadando na direção que eu ia. E, se eu parava para observar alguma coisa que chamava minha atenção, eles paravam de nadar e ficavam boiando rente à superfície.

Deduzi que era aquela ninfa da água plasmada em peixe que me seguia. Então me aproximei da margem e perguntei:

– Ninfa da água, você está me seguindo?

– Estamos! – exclamou um “cardume”, transformando-se em encantadoras ninfas da água doce, todas me olhando nos olhos. Eu, se já conhecia algo sobre as ninfas, deduzi que elas queriam ser adotadas por mim.

Sentei-me na margem e expliquei-lhes que havia prometido à senhora ninfa das passagens que não interferiria com nada ou na vida de ninguém enquanto ali permanecesse. Portanto, eu estava impedido de assumi-las como pares ou de fazer qualquer outra coisa mais.

– O amor que começamos a vibrar por você não desaparecerá só porque prometeu não interferir em nada ou na vida de alguém. Saiba que você traz em si tudo o que precisamos, mesmo tendo ocultado os mistérios que traz em seu íntimo.

– Mesmo eu os ocultando, ainda assim vocês os identificaram?

– Sim. Nós captamos as vibrações que eles emitem continuamente... e a elas nos ligamos imediatamente porque você traz em seu íntimo tudo o

que precisamos para finalmente podermos sair da água e caminharmos nas margens dos rios, lagos e riachos.

– O que fazer, se não posso interferir na vida de ninguém?

– Nós já o escolhemos como nosso par ideal. De agora em diante, só nos resta a esperança de sermos assumidas por você ou de aguardarmos a sina de vivermos o resto da nossa existência vazias e infelizes por não termos sido correspondidas em nosso amor por você, Aprendiz Sete.

– Vocês são tão jovens! Com certeza surgirão outros guardiões de mistérios em suas vidas, sabem?

– Não sabemos, não. O que sabemos é que você já é o amado guardião humano dos nossos mistérios.

– Mas vocês ainda poderão amadurecer muito até que estejam prontas para serem adotadas como par por um real portador de mistérios que, aí sim, as adotará.

– No reino aquático em que vivemos falta um guardião como você, que gera tudo o que nos falta.

– O que lhes falta, jovem e encantadora ninfa das águas?

– Falta-nos um real guardião que possa nos assumir e amadurecer-nos e aos nossos mistérios. Que nos inicie nos mistérios da vida e dê sustentação à formação do domínio individual de cada uma de nós. Que nos conceda o direito e o amparo integral para nos tornarmos reais mães da vida e nos realizarmos como seres, plenas e felizes!

– Há muitas na mesma situação que vocês?

– Sim. Mas muitas das nossas irmãs de mistério já foram absorvidas pelo vazio porque cansaram de esperar por um real guardião dos mistérios da vida.

– Entendo.

– Se entendes, então não nos negue o que geras em abundância e que irá amadurecer-nos e tornar-nos plenas e felizes, meu senhor.

Quando ela parou de falar, seus olhos encheram-se de lágrimas, que correram pelas suas faces rosadas. O seu corpo, que não aparentava mais de 13 ou 14 anos pelos padrões humanos, começou a tremer todo e seu mistério gerador começou a ativar-se, a abrir-se diante dos meus olhos e a irradiar-me um fluxo denso de energias geradas no íntimo dela. E o mesmo começou a acontecer com todas as suas irmãs de mistérios.

Eu já conhecia muito bem o que estava acontecendo com elas e, ou eu as assumia como pares ou elas sucumbiriam ante o furor avassalador do desabrochar dos seus mistérios a partir do íntimo delas.

– Meu senhor, ampare-nos ou submergiremos, pois já não estamos conseguindo pairar sobre a água.

– Bom, lá se vai meu aprendizado sobre os mistérios dos sagrados sons da Criação!

– Meu senhor, muitos são os sons sagrados da Criação. Um sorriso alegre é um som sagrado!

– É, acho que é.

– Há outros, muitos outros, meu senhor! E a soma de todos eles formam a mais bela das sinfonias: a sinfonia da vida!

Eu a olhei atentamente e vi em seus olhos uma sinceridade admirável.

Então estendi os braços em sua direção e a puxei da água para junto de mim, abraçando-a com ternura, carinho e amor.

Eu reconheci nela a minha iniciadora nos sagrados sons da vida.

Ela me abraçou e apertou-me tão forte que tive a impressão de ser sua “tábua de salvação”. Mas o que mais me comoveu foi ouvir o seu pranto, dolorido aos meus ouvidos porque era o de alguém que se sentia até há pouco à beira de um precipício e prestes a cair no Vazio.

Estendi mais uma vez os braços e puxei todas as suas irmãs para junto de mim. E no instante seguinte me via abraçado por um “cardume” de ninfas, ainda mocinhas, chorando um dos mais doloridos dos prantos: o dos que acabaram de ser salvos de uma sina muito triste!

Eu olhei para o alto e, com os olhos lacrimejando, clamei:

– Meu pai, que prevaleça sempre a Sua Vontade sobre os meus desejos humanos! Se esta é a minha sina e o meu destino, que sejam sempre a concretização de Suas Vontades Divinas através desse Teu filho, fruto do Teu Amor à Vida!

E aquela voz sublime e divina ecoou em minha mente, dizendo-me:

– Meu filho, fruto do meu amor à Vida, em você minhas vontades sempre se mostrarão diante dos teus olhos humanos nos seres que só desejam viver a Vida, e nada mais.

Nunca lhes negue essa minha Vontade, e a você nunca negarei os créditos de suas ações em prol da Vida, realizadas em meu Nome.

Saibas que, mesmo quando todos os teus semelhantes te negarem a Minha Divindade nos teus atos, ainda assim lá estarei Eu, vibrando em teu íntimo e mostrando a todos eles que és um fruto muito especial para Mim, pois te gerei num ato de Amor à Vida!

És para mim, esse fruto doce e succulento, capaz de saciar a fome dos famintos e a sede dos sedentos de Vida.

Seja Vida sempre, meu filho!

Seja isso, e Vida será teu fruto, meu filho semeador da Vida!

– Que assim eu seja, meu Pai!

Um enorme facho de luz multicolorida descia do alto do Altíssimo e nos envolvia de tal forma que nossos corpos cintilavam fagulhas das mais diversas cores. E todas elas, ainda abraçadas à minha volta, olhavam para o alto e sorriam felizes.

Aquele pranto dolorido havia sido substituído por sorrisos plenos de felicidade. Seus rostos resplandeciam gratidão, alegria, felicidade e vida, muita vida!

Então, acariciando o rosto banhado de lágrimas multicoloridas daquela primogênita ninfa das águas, falei-lhe:

– Minha irmã no meu amor à Vida, conceda-me a posse do seu mistério e torne-me seu guardião humano, pois já lhe concedi a posse do meu mistério sustentador da expansão da Vida.

– Estou pronta para ser possuída, meu senhor. Assuma-me em todos os sentidos e inicie o que só o senhor pode e sabe como fazer, pois sou só uma jovem e inexperiente ninfa das águas doces, sabe?

– Sei, sim. Recue um pouco para que eu possa irradiar-lhe um fluxo energético que penetrará em teu corpo e explodirá por todo ele conduzindo-a a uma catarse energética.

– Ampare-me, pois não quero perder os sentidos, meu senhor. Não agora que sinto que todos os meus desejos irão ser realizados.

Eu a amparei e dei início à irradiação de um poderoso fluxo energético. Mas o enviei sob controle e, lentamente, ele foi entrando em seu corpo, quase infantil. Pouco a pouco, ela foi sendo inundada pelas energias multicoloridas geradas em meu íntimo.


Eu a via na minha frente, quase fora de si e balbuciando palavras desconexas mas que denotavam um profundo êxtase. E quando todo o fluxo foi absorvido por ela, eu a vi explodir mil cores por todos os poros do seu corpo que, pouco a pouco, deixava de ser infantil e amadurecia, tornando-a belíssima aos meus olhos.

Eu não lhe desejara forma alguma; porém, a que ela assumia não era inferior em nada àquela que eu desejara dar àquela outra primogênita e que me “pesara” na consciência.

Quando todo o processo de posse do mistério dela foi concluído, foi sua vez de enviar-me um fluxo energético. E ele veio intenso e totalmente fora de controle. Quando ela terminou sua irradiação, tive que ampará-la nos meus braços senão cairia na minha frente.

Mas quanto às suas irmãs, também participando de todo o processo, não tive como impedir que caíssem sobre a relva às margens daquele riacho.

Acomodei aquela primogênita sobre a relva e fui acomodar melhor as suas irmãs, todas adormecidas.



Após tê-las acomodado lado a lado, sentei-me um pouco afastado e fiquei contemplando o vasto campo à minha frente.

A tudo eu via, mas em nada eu fixava minha visão, pois o que eu contemplava era o imensurável lado Vazio do outro lado da Criação. E dos meus olhos correram dois filetes de lágrimas, pois agora eu conseguia distinguir formas e mais formas vazias a perambular na vastidão Vazia.

Então um soluço dolorido brotou em meu íntimo e pouco a pouco se tornou um dos mais doloridos dos meus prantos de angústia, aflição e de dor pelos seres vazios, todos eles meus irmãos e irmãs em Deus.

Quanto mais alto eu chorava, mais e mais daqueles espectros vazios eu via. E o meu pranto dolorido chegava aos ouvidos deles, atraindo-os e fazendo com que se voltassem para mim.

Pouco a pouco, todos aqueles espectros vazios começaram a soluçar. E pouco tempo depois choravam compulsivamente.

Eu, num ímpeto, estendi meus braços na direção deles, que eram milhões e milhões, e exclamei aflito:

– Venham, meus irmãos em Deus! Venham e me abracem porque em mim se encontrarão, e através de mim reencontrarão o nosso Divino Criador e senhor Deus!

Eu não tinha noção do que estava fazendo, mas Deus estava em mim porque abracei a todos e por todos fui abraçado.

Como aquilo foi possível, só Deus pode dizer. Mas, abraçados por mim, todos deixaram de ser espectros e readquiriram a aparência de espíritos plenos, felizes e transbordando alegria por todos os seus polos espirituais.

Ficamos abraçados por um longo tempo. E só quando nosso pranto cessou, eu pude ver o que ali havia acontecido: os campos, antes belíssimos mas sem uma só construção, agora estavam ornados por belíssimas construções que formavam cidadelas tão encantadoras quanto as que eu vira do outro lado da montanha. E mesmo a montanha quase havia desaparecido, deixando em seu lugar uma elevação recoberta por uma floresta florida e coalhada de esplendorosas árvores frutíferas carregadas dos mais variados e saborosos frutos.

Como aquela multidão de espíritos plenos de alegria estavam olhando-me à espera de uma orientação, falei-lhes:

– Meus irmãos em Deus, estes campos lhes foram dados por Deus, o nosso Divino Criador. Caminhem para as cidadelas e só entrem nas residências se, ao chegarem diante da porta principal, ela se abrir para vocês.

Não se apressem porque cada um recebeu a sua e, quando a encontrarem, ela se mostrará a mais atraente de todas.

Entrem, ajoelhem-se e orem a Deus em gratidão, respeito e reverência, pois é isto que Ele espera de vocês. E, quando sentirem necessidade, venham até a cachoeira que está ali adiante e desce do alto daquele morro e orem à Senhora Ninfa Mãe das Águas Doces que ela lhes enviará seus fluxos de amor à Vida, que é Deus, fortalecendo-os e direcionando suas evoluções de agora em diante.

Pouco a pouco, aqueles espíritos foram dispersando-se e indo à procura de suas residências.

Algum tempo depois só restavam ali eu e aquelas ninfas da água doce, ainda adormecidas. Mas logo elas despertavam e, mais uma vez, fui envolvido por seus amorosos abraços.

Aquela primogênita me abraçou com tanto amor que não resisti quando ela me ofereceu os seus lábios e a beijei demoradamente, só soltando-a dos meus braços porque ela ia desmaiar novamente.

Só muito tempo depois, e só após receber beijos de todas elas, é que se animaram a entrar no véu de águas da cachoeira para retornarem ao domínio natural da Mãe Ninfa da Vida delas que, do outro lado, as aguardava pacientemente, não as apressando porque as queria de volta maduras e plenas na vida.

Quando finalmente fiquei a sós, eis que surgiu na minha frente aquela ninfa guardiã das passagens e ficou ali, calada e a olhar-me nos olhos.

Vendo que ela não dizia nada, falei:

– Senhora ninfa guardiã, estou pronto para ser conduzido para fora desse reino.

– Por quê? Por acaso sua primeira lição sobre os sagrados sons da vida não corresponderam às suas expectativas?

– Essa foi minha primeira lição?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim.

– Como você esperava que ela fosse?

– Bom, em momento algum imaginei que ela seria dessa forma. Mas... tenho certeza de que foi uma lição inesquecível, minha senhora.

– Você precisa reconhecer quando os sons são emitidos pela Vida. Só assim poderá diferenciá-los dos ruídos profanadores.

Saiba que a Vida nunca nos pede para fazermos algo que a contrarie ou bloqueie-a no seu fluir na vida dos seres.

Então, sempre que os pedidos ou os clamores indicarem que a Vida quer seguir adiante, não deixe de ouvir os seus sagrados sons.

– Deveria haver uma forma mais fácil de identificar esses sons dos ruídos profanadores do equilíbrio.

– Aprendiz Sete, todo ser-mistério tem em si um identificador que lhe indica quando o que está ouvindo é um som ou um ruído.

– Preciso descobrir em mim esse mecanismo identificador senão acabarei realizando ações que me paralisarão ou desequilibrarão ainda mais os seres desequilibrados.

– Quando você o descobrir, tudo mudará em seu modo de atuar, pois daí em diante não terá de deslocar-se na Criação, e sim, ela se deslocará à sua volta, só ficando na sua frente os domínios com desequilíbrios.

– Isso demorará para eu conseguir?

– Não sei. Você está vivenciando um processo de amadurecimento e cada uma de suas ações tem sido um aprendizado valioso que tem delimitado seus campos de atuação.

– Entendo. No fim, atuarei com esse meu mistério e nada mais. É isso?

– Sim, é isso. Todo mistério original traz em si tudo o que é preciso para que, quando ele entrar em ação, tudo mais se realize naturalmente na vida dos seus beneficiários.

Você não notou que a plenitude aflorou na vida daquela jovem ninfa assim que você a acolheu nos domínios do seu mistério?

– Ela mudou completamente. E isso eu tenho visto após todas as minhas ações.

– A cada um, segundo suas necessidades, Aprendiz Sete!

– Assim age a Vida, não?

– É, assim ela age. Basta deixarmos ela seguir seu curso natural que tudo se acomoda e adquire estabilidade, evoluindo daí em diante.

– Vou refletir sobre isso, minha senhora.

– Faça-o e entenderá como a Vida vem se servindo do seu mistério, tanto nas pequenas quanto nas grandes ações já realizadas por você.

– Farei isso.

– O que você pretende fazer agora que já sabe diferenciar os sons sagrados da vida dos ruídos profanos emitidos pelos seres desequilibrados?

– Vou caminhar por esse plano infinito e ver que outras lições a Vida reservou-me.

– Aqui você irá repetir a mesma lição. A Vida não dá duas lições diferentes no mesmo lugar a um mesmo ser. As outras lições que completarão sua formação, só as receberá em outros campos da Vida, Aprendiz Sete.

– Como entender os inúmeros clamores que já capto e que provêm desse plano, todos emitidos por ninfas nas mesmas condições desta que a Vida usou para ensinar-me a diferenciar os sons dos ruídos?

– A lição você já aprendeu e, como todo bom aprendiz, de agora em diante deverá colocá-la em prática e beneficiar o maior número possível de seres necessitados.

– Creio que demorarei um bom tempo para atender a tantos clamores que me chegam.

– Não poderia ser diferente, pois em todos os planos a Vida é infinita e imensurável.

– É, acho que é isso mesmo.

– Então pratique o que aprendeu e verá que a Vida só acrescenta mais vidas a quem ampara seu incessante fluir.

– Farei isso, minha senhora ninfa guardiã das passagens. Com sua licença!

– Também peço sua licença, guardião dos sagrados sons da Vida.

Ela desapareceu da minha frente, deixando-me a sós com meus pensamentos. Como os clamores de auxílio eram muitos, sentei-me e comecei a estabelecer um cronograma a partir da intensidade de cada um deles.

Pouco a pouco todos foram encadeando-se e eu conseguia diferenciar os mais prementes e aflitivos dos que poderiam aguardar mais um pouco.

E chegou um momento em que eu conseguia ouvir todos ao mesmo tempo e saber qual deveria ser o primeiro a ser atendido.

Então dei início às minhas ações em prol da Vida e da sua plenitude.

Quando não ouvi mais nenhum clamor por auxílio, todo o vasto e belíssimo campo estava coalhado de belíssimas moradas, coalhadas de vidas plenas.

Só então voltei até onde estava aquela senhora guardiã das passagens e pedi-lhe licença para retirar-me do campo sob sua guarda.

– Acompanhei-o enquanto praticava a sua lição aqui aprendida, guardião humano dos sagrados mistérios da Vida!

– Acompanhou, é?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. E vi você receber tantos beijos e abraços de gratidão que, se não abraçá-lo e beijá-lo, vou sentir um vazio em meu íntimo, sabe?

– Sei sim, minha senhora ninfa guardiã.

Abracei-a e dei-lhe o mais terno, amoroso e grato beijo, só conseguindo soltar-me dos seus braços quando prometi vir visitá-la de vez em quando.

Atravessei aquela passagem e me vi novamente dentro do aposento de onde eu havia partido para receber uma lição inesquecível.

Então retomei meu dever de devolver em harmonia e equilíbrio todas aquelas outras irmãs de mistério aos seus reinos e domínios.

Quando todas foram encaminhadas, sentei-me na guarita na ala sul e comecei a refletir sobre tudo o que acontecera e o que havia sido realizado.

O campo à minha frente estava claro e muito luminoso. Então deduzi que ali nada mais havia para ser feito.

Retornei para dentro da fortaleza em forma de estrela e consegui chegar ao lugar onde havia “caído”. Mas ele estava vazio e silencioso, ainda que estivesse bem claro.

Refleti mais um pouco e deduzi que aquela mudança era fruto de minhas ações e que em momento algum eu havia saído dos domínios daquela fortaleza estelar.

Como não havia passagem para outras alas, disse para mim mesmo:

– É, tudo foi feito! Agora, o jeito é esperar que o meu Senhor e meu Pai indique-me uma saída e um novo lugar onde aprenderei novas lições da vida.

Sentei-me em um banco e, sem pensar em nada ou em nada pensar, fiquei no aguardo de que novas oportunidades de ação surgissem.

Quanto tempo durou minha espera, não tenho noção. Mas, num dado momento, abriu-se uma passagem e surgiu ali, naquele salão, um guardião de mistérios ainda desconhecido por mim.

Ele estava acompanhado de uma escolta enorme, formada por seres que, deduzi corretamente, eram Exus guerreiros, uma classe desconhecida ou conhecida por poucos iniciados no plano material humano da vida.

Aquele guardião, pelo símbolo sagrado no peito de sua armadura, era um Ogum do Tempo ou Ogum das Passagens.

Seus olhos negros e penetrantes fixaram-se nos meus e ele me perguntou de repente:

– Espírito humano, onde estão os candidatos a guardiões do Tempo que aqui sempre ficavam à espera de alguém que viesse dar um rumo correto às suas tortuosas caminhadas?

– Não sei, meu senhor, quando aqui cheguei não havia ninguém. E, desde que me sentei nesse banco, ninguém apareceu por aqui.

– Espírito humano, você vai ficar aí, sentado?

– Eu deveria ter me levantado, meu senhor?

– Vocês humanos não saúdam um superior quando se veem diante de um?

– Eu não sabia que me eras superior só porque sou humano. Mas, se estás dizendo que me és superior, então eu te saúdo respeitosamente, meu senhor.

Ajoelhei-me diante dele e cruzei o solo diante dos seus pés, cobertos com botas que pareciam feitas de ferro, ainda que fossem flexíveis. Então lhe pedi a bênção e permaneci naquela posição.

Durante algum tempo reinou um silêncio “pesado”, mas, em dado momento, ele falou:

– Que o nosso Senhor te abençoe, espírito humano. E eu, em nome Dele, te abençoo e te assumo como meu servo-auxiliar, ainda que eu não tenha visto em ti nada que me sirva ou valha a pena assumir.

– O senhor adotou-me, é? – perguntei, ainda curvado.

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. Desculpe-me, meu senhor! Nós, os espíritos humanos, somos meio redundantes, sabe?

– Sei, sim. Vocês são tão redundantes que vivem cometendo os mesmos erros e nunca aprendem nada com eles.

– É isso mesmo, meu senhor.

– Como você veio parar aqui, espírito humano?

– Bom, após ter desencarnado, fui agregado a uma fortaleza localizada numa faixa transitória da luz para as trevas, e vice-versa, mas permaneci pouco tempo nela porque o meu superior decidiu enviar-me para esta, sabe?

– Já estou sabendo que você não era útil a ele, que o enviou a uma fortaleza onde não há nada para se fazer. Você pertence à classe dos espíritos humanos inúteis à Criação?

– Não sei se sou inútil, meu senhor. Só sei que estou aqui à espera de um rumo à minha caminhada.

– Você já encontrou em mim seu rumo! Sua caminhada começará na fortaleza do Tempo sustentada e dirigida por mim, um Ogum do Tempo.

– Sim, senhor, meu senhor Ogum do Tempo.

– Pela veste que cobre o seu perispírito, você professou a fé umbandista em sua última encarnação, não?

– É, eu fui um médium umbandista, meu senhor.

– O que você fez na Umbanda e por ela?

– Fiz o que todos fazem, creio eu.

– Se você só fez o que todos fazem, então não fez nada, pois na Umbanda os que fazem o que todos fazem só o que fazem é ceder seus corpos para seus guias espirituais incorporarem e auxiliarem aqueles espíritos encarnados confusos, problemáticos e encrenqueiros, quase sempre em vão, porque, ou perdem tempo com eles, ou colhem decepções e mais decepções.

– Sinto muito, meu senhor.

– Não se lamente por ser agora um espírito humano inútil. Você deveria ter descoberto na Umbanda sua utilidade para o seu Senhor, que é nosso Pai e nosso Divino Criador. Ainda há tempo para tornar-se um utilíssimo espírito humano, sabe?

– Sei, sim, meu senhor. Confio que farás isso por mim.

– Vou agregá-lo às minhas legiões num gesto de complacência para com você. Só não espere compaixão ou misericórdia, pois em Ogum elas inexistem, certo?

– Sim, senhor, meu senhor.

– Ogum é a guerra, é a luta, é o combate, é a fleuma, é a prontidão, é retidão, é o respeito, é a hierarquia, é o caráter, é a moral, é a vigilância eterna sobre todos os campos da vida, meu servo auxiliar!

– Sim, senhor, meu senhor.

– Não espere descaso, complacência, clemência ou absolvição dos seus erros, das suas falhas ou dos seus pecados, pois em Ogum só encontrará a reparação dessas fraquezas, imperdoáveis aos Seus Olhos Rigorosos!

– Sim, senhor, meu senhor.

– Creio que agora já sabes parte do que a vida lhe reservou em meus domínios, certo?

– Certíssimo, meu senhor.

– Muito bem, meu mais novo soldado! Levante-se e apresente-se! Levantei-me, fiquei em posição de sentido e apresentei-me:

– Sou Aprendiz Sete e estou à disposição como soldado raso, meu senhor.

– Soldado raso, Aprendiz Sete! Interessante o seu nome. Por que você não usa seu nome humano terreno, soldado raso?

– Alguém me deu esse nome, meu senhor. Como gostei dele, adotei-o e anulei em meu íntimo meu nome humano terreno.

– O que você já aprendeu como Aprendiz Sete?

– Não tive muitas oportunidades para aprender. Não até agora! Mas creio que, com o senhor, muito aprenderei, meu senhor.

– Você é promissor, soldado Aprendiz Sete.

– Obrigado, meu senhor Ogum do Tempo.

– Soldado Aprendiz Sete, creio que se a Umbanda tivesse bons instrutores, agora você não seria um espírito humano inútil, sabe?

– Sei, sim, meu senhor.

– Você sabe quando a Umbanda irá formar utilíssimos espíritos humanos?

– Não, senhor.

– Ela só os formará quando os umbandistas deixarem de se comportar de forma antiética para com seus semelhantes, quando se sentirem humanos; quando deixarem de se levar pelo emocional e racionalizarem seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações.

Racionalismo, caráter e moral ilibada formam um bom espírito, seja ele humano ou natural, soldado raso Aprendiz Sete!

– Sim, senhor, meu senhor Ogum do Tempo.

– Você também vivia firmando as forças do senhor Orixá Exu contra os seus semelhantes?

– Não, senhor. Eu só firmava as forças dele para me proteger e para auxiliar os que me pediam ajuda, se a solução de suas dificuldades se localizasse nos campos à minha esquerda, meu senhor.

– Você nunca firmou uma vela preta de Exu contra um inocente, soldado raso Aprendiz Sete?

– Que eu me lembre, não. Mas talvez eu o tenha feito achando que alguém fosse um culpado, meu senhor.

– Vou olhar o seu carma e, se eu localizar uma só ação sua contra um inocente, terei que agregá-lo como soldado raso em alguma das legiões à minha esquerda. Mas, se não localizar uma só ação sua que afronte à lei que me rege, então o agregarei a alguma legião à minha direita. E, caso localize muitas dessas ações negativas no seu carma, então o executarei aqui mesmo com minha espada e enviarei seus restos ao meu embaixo, onde irá alimentar as criaturas bestiais, que se servem dos restos dos espíritos inúteis e afrontadores das leis sustentadores da vida... pois, fazer uma demanda na força do senhor Orixá Exu contra um inocente é uma afronta imperdoável aos olhos de Ogum.

– É isto mesmo, meu senhor.

– Você não teme algo parecido?

– Não, senhor. Se isso me acontecer, só estarei recebendo o que fiz por merecer, meu senhor.

– Ótimo! Vou olhar o seu carma, soldado raso Aprendiz Sete.

– Olhe-o com os olhos rigorosos de Ogum, meu senhor. Estou aguardando sua decisão porque sei que será justa, reta e direta.

– Assim ela será! – falou aquele senhor Ogum do Tempo, fixando seus olhos nos meus. E algum tempo depois, mas não muito, dos olhos dele começaram a correr lágrimas e mais lágrimas.

E tantas corriam sem parar que ele, com a voz embargada, ordenou aos seus auxiliares que se retirassem dali imediatamente e retornassem à sua fortaleza.

Assim que ficamos a sós, ele se atirou no solo à minha frente e, aos prantos, clamou-me:

– Perdoe-me, meu pai! Perdoe-me, pois lhe faltei com o devido e merecido respeito, meu pai e meu senhor! Perdoe-me... perdoe-me... perdoe-me, pois eu não tenho coragem de levantar mais os meus olhos na altura dos teus pés.

Perdoe-me e depois me puna rigorosamente, meu pai e meu senhor! Reserve-me o pior destino e ainda assim não me sentirei justificado por tê-lo desrespeitado!

Ajoelhei-me na frente dele e pedi-lhe:

– Meu senhor Ogum do Tempo, levante-se por favor! Eu não estou entendendo esse seu comportamento.

– Eu não posso, pois ofendi ao classificá-lo como um espírito humano inútil. Eu o desrespeitei ao julgá-lo inútil ao nosso Criador e ao nosso Senhor. Eu o inferiorizei ao graduá-lo como soldado raso. Eu ousei olhar nos seus olhos quando deveria olhar para os seus pés. Eu desonrei meu grau, inferior ao do senhor, quando exigi que ajoelhasse, curvasses seu corpo e tocasse o solo diante dos meus pés com a testa e ficasse no aguardo de minha licença para se levantar!

Meu pai, eu errei, falhei e pequei, meu pai! Perdoa-me... perdoa-me e perdoa-me!

O pranto daquele senhor Ogum do Tempo era tão sentido e dolorido de se ouvir que também comecei a soluçar, logo pranteando sua aflição.

Então, vendo que ele não pararia de chorar e clamar por uma seriíssima punição, falei:

– Em nome do nosso Pai e nosso Senhor, eu o perdoo, meu irmão Ogum do Tempo.

Pouco a pouco, o pranto dele foi se acalmando. E quando se recom pôs, pediu-me:

– Meu pai e meu senhor, emita sua sentença punitiva para que eu comece a cumpri-la e alivie esse meu sentimento de culpa. Não seja complacente ou clemente com esse seu filho que errou, falhou e pecou. Por favor, meu pai!

– Está certo. Já que só sendo sentenciado se satisfarás, então eu determino que se levante imediatamente e se recomponha no seu grau. Só depois disso feito, emitirei sua sentença!

– Sim, senhor, meu senhor.

Imediatamente, ele se pôs de prontidão e ficou no aguardo da sua punição.

– O que o senhor viu quando olhou o meu carma? – perguntei-lhe, não porque soubesse, mas sim porque estava curioso sobre o que ele havia visto.

– Meu senhor, eu...

– Isto é uma ordem, senhor Ogum do Tempo. Cumpra-a! – ordenei-lhe taxativo.

– Meu pai e meu senhor, eu vi os sete pais divinos à sua esquerda e vi as sete mães divinas à sua direita. E atrás do senhor eu vi o nosso Pai e o nosso Divino Criador.

– O senhor sabe o que isto significa?

– Sim, meu senhor. És um Filho do Pai enviado ao meio para reparar nossos erros, nossas falhas e nossos pecados, cometidos diante dos olhos do nosso Senhor e nosso Divino Criador.

– Quem o senhor viu à minha frente?

– Eu vi o nosso Pai e nosso senhor Ogum Sete Estrelas abrindo-lhe os caminhos nos campos da Vida, esterilizados ou esgotados, para que o senhor refertilize-os e revivifique-os, meu senhor.

– O que mais o senhor viu?

– Nada mais eu consegui ver, pois, assim que vi o que vi, fiquei cego, meu senhor.

– Que tua visão lhe seja devolvida, meu irmão Ogum do Tempo. Só com ela de volta e integral poderás cumprir a sentença que emitirei.

Logo ele falou, abaixando os olhos:

– Minha visão retornou, meu senhor. Estou pronto para ouvir e cumprir minha sentença.

– Tua sentença é esta, meu irmão Ogum do Tempo: deverás olhar melhor os espíritos humanos e ver neles filhos tão importantes para o nosso Pai e nosso Divino Criador, quanto todas as outras Criações Dele.

Punirás os que devem ser punidos!

Ampararás os que devem ser amparados.

Esclarecerás os que devem ser esclarecidos.

E ensinarás os que querem aprender.

Essa é a tua sentença e tens toda a eternidade à frente para cumpri-la.

– Obrigado por não ter sido complacente ou clemente comigo, meu pai e meu senhor.

– É, não fui mesmo. Mas, no fim, verás que foi a mais correta, meu irmão!

– Tenho certeza de que foi a mais correta, meu pai e meu senhor. Nenhuma sentença emitida por um Filho do Pai deixa de ser a mais correta, justa e certa.

– Por que o senhor e tantos outros seres naturais têm ressentimentos ou aversão aos espíritos humanos?

– Os espíritos humanos, aos nossos olhos, tratam de forma profana as coisas sagradas e sacralizam as coisas profanas.

Eles se destroem quando deveriam se amparar.

Eles usam das forças e dos poderes superiores de forma inconsequente e se servem dos seres e dos mistérios sagrados para ajustes de contas pessoais porque são movidos pela inveja, pela luxúria, pelo egoísmo, pela prepotência e pela soberba.

Não refletem sobre seus atos ou suas palavras e não aceitam ser sentenciados, mas querem ser perdoados o tempo todo, pois vivem errando, falhando e pecando incessantemente, sem atentarem em momento algum para os limites ou para o mau uso que dão ao livre-arbítrio, que receberam como uma dádiva, mas o usam como um tormento para si e seus semelhantes, assim como para o resto da Criação e das criaturas.

– Como foi tua experiência no tempo em que estagiastes na Terra?

– Foi decepcionante e de péssimas recordações.

– Em que religiões estagiastes?

– Eu estagiei no Cristianismo e na Umbanda. Mas em ambas solicitei dispensa porque em ambas vi os espíritos e as pessoas cometendo os mesmos erros, as mesmas falhas e os mesmos pecados, aos quais já citei, meu senhor.

– Entendo. Trazes em seu íntimo profundas decepções e amargas lembranças dos atos desumanos cometidos por seres que deveriam ser humanistas.

– Foi o que eu disse, meu senhor.

– É, foi sim. Quero que saibas que um ser, para ser humano, ele tem de manifestar todas as naturezas e todas as personalidades existentes na Criação. Por isso é tão difícil para os espíritos humanos ser como são e encontrarem o ponto em que tudo flua em harmonia e em equilíbrio.

Mas, na soma final, o saldo tem sido positivo, e a maioria consegue ascencionar-se, não sem antes alcançar grandes avanços ou sofrerem profundas regressões.

O processo humano é lento e difícil, e só os fortes, os muito fortes mesmo, conseguem concluí-lo em umas poucas encarnações, pois a maioria precisa de muitas para alcançar esse ponto de equilíbrio, quando se harmoniza com todo o resto da Criação.

Eu não sou exceção, meu irmão Ogum do Tempo!

– Provavelmente não atentei para essa complexidade da natureza humana, meu senhor.

– O que contigo aconteceu é que quis ver eles repetirem na dimensão humana da vida os procedimentos existentes nas dimensões naturais, onde tudo é hierarquizado e todos procedem conforme padrões estáveis de evolução.

Obediência e desobediência convivem lado a lado no ser desde que ele encarna. E o acompanha após o desencarne. Concordância e discordância também convivem lado a lado.

Livre-arbítrio significa obedecer ou concordar até com quem ou com o que estiver ou for errado e desobedecer ou discordar até de quem ou do que estiver certo.

– Mas, agindo assim, pagam um preço altíssimo e vivem sendo punidos pelas leis da vida, que são as mesmas para todos, meu senhor.

– Erro e punição e acerto e recompensa também caminham lado a lado. Então, que cada um seja punido ou recompensado segundo seu merecimento. Mas que a nenhum seja negado o seu direito ao livre-arbítrio, meu irmão Ogum do Tempo!

– Que assim seja para mim então, meu pai e meu senhor.

– Assim será, não tenha dúvidas. Por que o senhor e tantos outros guardiões naturais dos mistérios da vida afastaram-se da Umbanda, e não só dela?

– Porque os espíritos humanos, mesmo estando errados, não recuam em seus intentos destrutivos.

Na Umbanda, e não só nela, assim que aprendem a usar o poder e as forças dos sagrados senhores Orixás sustentadores da vida, dão vazão aos seus negativismos, já citados por mim.

E, ainda que vivam clamando por ajuda e perdão o tempo todo, só muito raramente ajudam de fato ou perdoam com sinceridade os seus semelhantes.

Quando ajudam, sentem-se superiores a quem ajudam, e quando perdoam, sentem regozijo por terem perdoado.

Ajudam e nunca deixam de lembrar ao ajudado quem o ajudou e perdoam sem nunca se esquecer do perdão concedido.

Em ambos os casos não são superiores e no entanto vivem apregoando aos quatro cantos que ajudam quem precisa e perdoam quando solicitados. E em momento algum entendem como superior o ato de pedir ajuda e como sublime o ato de clamar por perdão.

Para as leis da Vida, o pedinte, seja de ajuda ou de perdão, está praticando um ato superior, que só será igualado por quem atendê-lo se for concedida a ajuda ou o perdão com amor e sinceridade, meu senhor.

– Isto é certo, meu irmão Ogum do Tempo.

– Atender aos clamores de auxílio ou de perdão, nas leis da Vida, é um dever e não uma concessão, meu senhor.

Em uma mesma espécie, enquanto houver um pedinte, seja de ajuda ou de perdão, nela reina o desequilíbrio e nenhum dos seus membros deve ostentar ou sentir-se superior.

Feliz deve sentir-se quem pode ajudar ou perdoar seu semelhante porque está cumprindo seu dever para com a Vida e o faz por amor.

– Isto é verdade.

– Nós, os Orixás naturais invocados nos pontos de forças da natureza, estamos à disposição dos que nos invocam por amor à Vida, não à dos que nos invocam para anularmos a vida dos semelhantes deles, meu senhor e meu pai.

– Eu sei disso, meu irmão Ogum.

– Mas os espíritos humanos encarnados fazem isso conosco o tempo todo, desrespeitando-nos e tratando-nos como se fôssemos seus escravos.

– Eu também sei disso.

– É por isso... e muitos outros procedimentos inaceitáveis que muitos Orixás naturais estão se recolhendo às suas realidades e deixando os espíritos humanos entregues à própria sina e destino, que é o de se anularem ou de se autoanularem.

As “sombras” dos Orixás estão assumindo o nosso lugar na maioria dos cultos tradicionais e logo o mesmo provavelmente acontecerá na Umbanda, porque os espíritos humanos “orixalizados” não conseguirão conter a maldade humana nos seus limites.

Se isso acontecer, desmoronará mais uma iniciativa luminosa e milhões de espíritos caídos serão arrastados para o caos dos Abismos ou para o horror das esferas Extra-Humanas ou para o silêncio do Vazio, onde o único som audível é a gargalhada sarcástica ou de regozijo dos filhos naturais do Orixá Exu, que não se conformam com a retirada dos seus domínios dos espíritos arrependidos pelo perdão, concedido a eles por nosso amado pai e senhor Oxalá.

O senhor viu os Exus guerreiros à minha esquerda, não?

– Eu os vi, meu irmão Ogum do Tempo.

– Pois é isso! Eles são enviados periodicamente às faixas vibratórias negativas e, quando voltam, trazem em suas correntes milhões de seres bestificados porque se entregaram aos seus negativos e têm de ser anulados e esvaziados totalmente, pois se tornaram sombras da Vida, e na vida dos seus semelhantes, tal como vem acontecendo já há muito tempo nos cultos tradicionais aos Orixás, em que um iniciado vive combatendo outros

por causa dos seus interesses pessoais; por causa da sua inveja dos mais bem-sucedidos; por se sentirem superiores e não admitirem que outros alcancem o reconhecimento público.

São falsos porque se reúnem em público como se fossem irmãos fraternos, mas se combatem na calada da noite, meu senhor e meu pai.

E o mesmo está acontecendo na Umbanda, tão jovem como religião e já com um carma terrível gerado pelos seus iniciados, que mal aprendem sobre os poderes inerentes a ela e já começam a usá-los para acertar suas contas pessoais com seus desafetos.

– É, isso vem acontecendo na Umbanda, meu ressentido irmão Ogum do Tempo.

– Meu pai e meu senhor, achas certo que alguém que se diga sacerdote ensine aos seus discípulos como fazer o mal? Que os ensine a destruir a vida de quem não os agrada? Que os instigue a revidarem a mais banal ofensa com pesadas demandas feitas na força do senhor Orixá Exu?

– Não acho certo. Combati esses procedimentos enquanto vivi entre os espíritos encarnados.

– Obtivestes sucesso, meu senhor?

– Os que acreditaram no que eu pregava, ou nunca procederam assim ou deixaram de assim agir.

– Foram muitos os que creram no que o senhor pregou?

– Não sei, meu irmão Ogum do Tempo. Ainda não retornei à dimensão humana da vida desde que desencarnei. O nosso Divino Criador e nosso Pai tem me conduzido numa direção oposta à humanização e está me naturalizando continuamente.


– Como foi sua passagem pelo plano material entre os espíritos humanos, meu senhor?

– Foi turbulenta, meu irmão Ogum do Tempo. Fui amado pelos que seguiam o que eu pregava e fui odiado pelos que são adeptos dos procedimentos condenáveis pela Lei.

Os humildes, os sensatos e os bondosos me viam como um igual e me apoiavam. Já os invejosos, os vaidosos, os prepotentes, os ambiciosos, os raivosos, etc., estes tudo fizeram para destruir-me e calar-me, pois o que eu pregava os incomodava.

– É por causa desse combate mortal que o senhor tem um semblante marcado pelo sofrimento e pela tristeza, não?

– É por isso sim, meu irmão Ogum do Tempo. Mas eu vivi muitas vidas entre os espíritos encarnados e entendo que isso é assim mesmo, sabe?



– Não sei não, meu senhor. Por baixo dessa minha armadura está um corpo marcado por cortes profundos adquiridos por mim quando tive de descer às trevas humanas para resgatar do meio das sombras o espírito da médium que era amparada por mim em seus trabalhos espirituais.

– Conte-me como isso lhe aconteceu, meu sofrido irmão Ogum do Tempo.

– Meu senhor, eu, tal como todos os Oguns naturais protetores dos médiuns umbandistas, servimos a algum dos Senhores Orixás Divinos e guardamos com nossos mistérios os trabalhos espirituais abertos por Eles para que os Espíritos-Guias assistam os que os procuram.

Por 20 anos protegi uma médium que desenvolveu um trabalho caritativo único, muito invejado pelos seus pares umbandistas e muito odiado pelos adeptos da cobraça por trabalhos realizados em nome dos Sagrados Orixás.

Eu e meus auxiliares a defendíamos das pesadas magias negativas que eles lhe faziam na calada da noite.

Os ataques foram se acentuando e chegou um momento em que foram tantos de uma só vez que ela foi atingida, ou melhor, todos nós fomos atingidos.

Reergui-me no meio das trevas humanas e combati, combati e combati. E tanto combati que consegui resgatar o espírito dela e devolvê-lo, muito debilitado, à sua mãe Orixá Iemanjá.

Voltei ao combate e lutei sem parar até resgatar todos os Espíritos-Guias que atuavam através dela. E, quando tudo foi concluído, pedi ao meu Pai e meu Senhor, o Senhor Orixá Ogum do Tempo, que me redirecionasse, pois eu não queria fazer parte de uma religião na qual os pais espirituais, que são sacerdotes, ensinam seus filhos espirituais, que são seus discípulos, a fazerem pesadas magias negativas contra quem os desagradar, ou contra quem se tornar seu desafeto!

Recusei-me a continuar participando de uma religião que, ainda no seu nascedouro, já pregava a lei das trevas do olho por olho, dente por dente.

A Umbanda foi criada para ser uma religião redentora, não para ensinar os seus adeptos a combaterem o mal e os maus com o mal e a maldade desumanizadora.

– Entendo. Foi um típico desfecho cármico, meu irmão Ogum.

– Não foi, meu senhor. Aquela médium não tinha nenhum débito cármico porque ela é um espírito bondoso e estava cumprindo mais uma etapa da sua evolução. Se carma houver, é ali que ele começa.

– Sinto muito por ela e por você, meu irmão guardião natural dos mistérios do nosso Pai e nosso Senhor, o Orixá Ogum do Tempo.

– Eu também sinto muito, meu senhor e meu pai Guardiã dos Mistérios da Vida.

– Posso curar seus ferimentos com os recursos que trago em meu íntimo. Isto o aliviará do mal-estar que eles lhes causam e que não deixam com que sua imensa luz resplandeça aos olhos dos seus auxiliares.

– Eu pedi ao meu pai e meu senhor Ogum do Tempo que deixasse em meu corpo esses ferimentos, pois são a minha punição por não ter atentado para a perfídia humana, para a imensa capacidade de destruição e para a imensurável maldade dos espíritos encarnados que “se dizem servos de Deus”.

Eu não quero me esquecer disso, meu senhor. E estes ferimentos profundos farão isso por mim, sabe?

– Sei, sim, meu ressentido irmão Ogum do Tempo. Creio que fui muito rigoroso na penalização que lhe impus.

Por isso, vou adicionar uma observação.

– Que observação adicionarás, meu senhor?

– Você só começará a *cumpri-la quando a vida curar estes teus ferimentos e, mais que a eles, curar tua alma ferida pelo desumanismo* reinante na dimensão humana da vida. Só então cumprirás com sua sentença, pois então, creio eu, verás em cada ser humano um primogênito ou primogênita de uma “Onda Viva” que sucumbiu ante os rigores das Leis Naturais da Vida nas dimensões paralelas à dimensão humana.

– O que o senhor disse?

– Eu disse o que descobri por conta e a duras penas, meu irmão Ogum do Tempo. Eu estive no Vazio, estive nos Abismos e estive na Plenitude.

Eu vi com esses meus olhos humanos o horror da aflição dos que não têm o livre-arbítrio e aguardam na angústia o fim inexorável do esgotamento de suas vidas porque as primogênitas não encontram algum ser de sexo oposto para assumir suas vidas e seus destinos.

Eu vi Mães Naturais da Vida caídas nos Abismos ou recolhidas no Vazio porque seus pares naturais sucumbiram ante a vertiginosa expansão da Vida sob suas guardas.

E, em meio e tantos clamores, eu voltei meus olhos à dimensão humana da vida e vi o que desconhecia: o nosso Divino Criador criou-a para que a ela fossem enviados os primogênitos e as primogênitas das “Ondas Vivas da Vida”, onde não só recuperam suas faculdades e capacidades como desenvolvem um imensurável poder geracionista que os habilitam a sustentarem energeticamente quantas Ondas Vivas lhes forem confiadas pela Vida.

Eu vi espíritos, agora encarnados, sucumbindo ante o clamor de seus irmãos e irmãs recolhidos nos Abismos ou no Vazio. E eles nem têm noção do que lhes está acontecendo, porque não há ninguém a ensiná-los de que devem desenvolver ao máximo o humanismo para poderem reassumir o amparo e a condução do destino dos seus irmãos e irmãs de “Onda Viva”, todos mergulhados nos horrores dos Abismos ou nos tormentos do Vazio.

Não alimente o ressentimento contra os espíritos humanos, estejam eles encarnados ou não, pois, na verdade, estão tentando sair dos Abismos ou livrar-se do Vazio que teima em brotar no íntimo deles a todo instante para arrastá-los de volta às suas “Ondas Vivas”.

Inconscientemente eles tentam fugir dos Abismos e do Vazio porque temem sucumbir outra vez ante a inexorabilidade das Leis Naturais que regem as dimensões paralelas da Vida.

Os espíritos humanos são só vítimas de Leis que desconhecem, meu irmão Ogum do Tempo!

– Isso eu não sabia, meu senhor e meu pai.

– Isso eu só descobri há pouco tempo, quando permaneci em uma outra dimensão da Vida por um tempo que, pelos padrões humanos, durou alguns milhares de anos até que eu lhe devolvesse todas as “Ondas Vivas” recolhidas ao Vazio, o destino inexorável de todas as ninfas solitárias.

As gargalhadas esporádicas emitidas pelos filhos naturais do senhor Orixá Exu, eles as dão quando arrastam para o Vazio os espíritos humanos primogênitos que, finalmente, sucumbiram no desumanismo.

Só desumanismo em todos os sentidos, eles são arrastados para o Vazio onde, aí sim, reassumem o comando de suas Ondas Vivas e liberam os filhos naturais do senhor Orixá Exu de terem que sustentar essas Ondas Vivas.

Então, livres dos tormentos dessas “Ondas Vivas”, aí eles gargalham felizes e aliviados.

Isso, e muito mais, eu descobri em minhas reflexões, meu irmão guardião natural dos mistérios do nosso pai e nosso senhor Ogum do Tempo!

– Isso eu não sabia, meu pai e meu senhor. Estou admirado com essas revelações!

– Eu ainda não me acostumei ao que descobri após começar a refletir sobre o rumo que minha vida tomou após eu desencarnar.

– Eu não sei como reagir ante essas revelações, meu senhor Filho do Pai, o nosso Divino Criador. Como reagir, meu senhor?

– Perdoando os espíritos humanos e reassumindo a guarda daquela primogênita, que foi vítima de uma reação natural de suas irmãs, caídas em

um abismo qualquer porque se sentiam abandonadas por ela quando encarnou para desenvolver seu potencial gerador de energias alimentadoras dos mistérios dos seus dependentes naturais.

Ela, mais do que nunca, precisa do teu auxílio, amparo e proteção, meu amado irmão Ogum do Tempo. Ela reencarnou paraplégica numa família formada justamente pelas duas pessoas que, em 1940, fizeram as pesadas magias que a levaram a desencarnar subitamente.

As duas pessoas de então reencarnaram em 1980 e, agora, estão casadas e vivendo uma vida de agruras, receberam-na como filha e a amam tanto ou mais do que a invejavam e a odiavam quando a viam como uma bem-sucedida “mãe de santo” na nascente religião umbandista.

A lei é inexorável, meu irmão Ogum do Tempo!

– Ela é sim, meu pai e meu senhor.

– Então aceite desse teu irmão guardião dos mistérios da Vida o auxílio que curará seus ferimentos e facilitará seu trabalho junto dela.

– Eu pedi essa punição ao meu pai e meu senhor Ogum do Tempo. Não tenho o direito de levantá-la, meu senhor.

– Como guardião dos mistérios da Vida posso determinar-lhe que cumpra com o que, nesse momento, lhe é recomendável.

– Isso podes porque és um Filho do Pai e és um guardião dos mistérios da Vida, enquanto eu sou só um guardião dos mistérios da Lei no Tempo, meu pai.

– Então já está determinado! Voltarás a guardar e a amparar aquela nossa irmã, primogênita de uma “Onda Viva” que foi espiritualizada e humanizada para que no futuro ela retorne às suas funções na Criação sob o amparo da nossa amada mãe Iemanjá.

– Assim determinas, assim será, meu pai e meu senhor! – exclamou ele aliviado, pois seus ferimentos por baixo daquela armadura fecharam-se e sua luz resplandeceu do seu espírito. Então me perguntou:

– Como procederei, meu senhor?

– Para guardá-la e ampará-la, não despenderás mais que uma fração do tempo que ocupa com sua função de comandante de uma fortaleza sob a regência do nosso Pai e Senhor Ogum do Tempo.

– Assim será, meu senhor. Peço sua licença para retirar-me e reassumir meus deveres e afazeres.

– Licença concedida. Mas... e quanto a mim, como ficamos?

– Como ficamos sobre o quê?

– Eu sou um soldado raso agregado a alguma das legiões à sua direita, não?

– Isso foi dito por mim quando eu não sabia quem eras. Agora tudo mudou, pois me és superior em grau e funções na Criação.

– Nada mudou e continuo a ser um soldado raso. Logo, que a Lei do Silêncio envolva o que aqui aconteceu. Leve-me até sua fortaleza e agregue-me a uma de suas legiões como um simples soldado raso. Pressinto que lá há um campo tão vasto para a vida atuar que, ou me agrega ou baterei tanto na porta dela que alguém acabará abrindo-a para mim.

– Prefiro que batas na porta dela porque, se eu, sabendo o que sei sobre o senhor, agregá-lo como um simples soldado raso, no instante seguinte serei enviado ao Vazio pelo meu Pai e Senhor Ogum do Tempo.

– Está certo! Pode retirar-se com a consciência em paz, meu amado irmão guardião dos mistérios da Lei no Tempo.

Ele desapareceu de minha frente e me dediquei à reflexão sobre a Umbanda, chegando à conclusão de que ela é um emaranhado cármico que precisa ser resolvido lentamente, senão explode e desaparece como religião e só restará uma seita formada por pessoas descompromissadas com suas propostas originais espiritualizadoras.

Mas isto já não era problema meu e sim dos espíritos encarnados.

Como eu havia acompanhado a volitação do meu irmão Ogum do Tempo, já sabia onde se localizava a fortaleza comandada por ele.

Dali mesmo, visualizei-a totalmente assim como aos domínios à sua volta, todos sombrios e pouco recomendáveis a um espírito movido pelo bom senso.

Abri uma passagem à minha frente e entrei em uma região astral sombria sob sua regência.

Aos poucos adaptei minha visão à escuridão ali reinante e comecei a ver o que a tornava tão escura: espíritos e mais espíritos esgotados e entregues à própria sorte gemiam baixinho, pois temiam despertar a ira de seus algozes.

Aos poucos fui vendo melhor e já distinguia suas feições sofridas.

Caminhei por entre uma multidão deles, todos caídos, até que cheguei na base da imensa fortaleza cujas muralhas tinham duas centenas de metros de altura.

Como naquele lado não havia qualquer porta de acesso, comecei a contorná-la e cheguei a alcançar a outra lateral dela. Mas andei pouco porque logo fui cercado por um grupo de sentinelas fortemente armados que me cercou e um deles me perguntou:

– O que o senhor, um espírito de luz, faz aqui nessa região sombria?

Abaixei-me, cruzei o solo diante dos pés dele, saudei-o e só então lhe respondi:

– Meu senhor, procuro espíritos conhecidos que, por ventura, tenham vindo parar em algum desses domínios, sabe?

– Sei, sim. Muitos espíritos de luz adentram nesses domínios sombrios em busca de entes queridos.

– Que domínios são estes, meu Irmão Vigilante?

– Estes são domínios do Tempo regidos pela Lei. Na verdade, este é o polo negativo da Lei no Tempo, meu senhor.

– Há muitas fortalezas iguais a esta ou com as mesmas funções?

– Não sei quantas há. Mas ouvi relatos sobre algumas outras e acredito que sejam muitas.

– Este plano sombrio parece não ter fim, Vigilante.

– O que sei é que ele tem o tamanho exato da Criação e está ligado diretamente ao Tempo, meu senhor.

– Entendo. Qual é a saída natural desse domínio, Irmão Vigilante?

– Só se sai dele pelo portal que há no andar mais alto dessa fortaleza.

– Como se chega naturalmente a ele?

– De forma positiva ou negativa, meu senhor?

– De ambas, Irmão Vigilante.

– Positivamente, só se entre pelo portal que existe no topo dessa fortaleza. E, negativamente, só entra alguém quando for alcançado pelas vibrações recolhedoras da Lei no Tempo.

– Entendo. A lei se realiza automaticamente na vida dos seres que se desarmonizam com a vida.

– Foi o que eu disse, meu senhor.

– É, foi isso mesmo que dissestes, Irmão Vigilante. Nos domínios regidos por esta fortaleza já foram recolhidos espíritos que professavam a religião umbandista?

– Muitos, meu senhor!

– Pela sua expressão, deduzo que esse “muitos” são muitos mesmo, certo?

– Foi o que eu disse, meu senhor. E muitos mais haverão de ser enviados para esgotamento se os adeptos da religião umbandista não mudarem o modo de agirem diante do que ou de quem os desagradar, sabe?

– Sei, sim. Fazem magias negativas para tudo o que os desagrada e não têm a mínima noção do mal que fazem para si ao agirem assim. É uma pena que uma religião fundamentada nos Mistérios Sagrados esteja enviando para os polos negativos tantos dos seus seguidores ou adeptos.

– Os responsáveis são seus sacerdotes, meu senhor. Eu servi como Vigilante de um centro de Umbanda por 38 anos, o tempo que ele funcionou.

– Como foi esse tempo de serviços prestados à Umbanda, Irmão Vigilante?

– No início, parecia-me promissor, mas com o passar do tempo, foi se mostrando decepcionante. E chegou um momento em que a Lei decidiu encerrar as atividades no seu lado material e fechá-lo no espiritual.

– Como Vigilante, o que o senhor viu nesses 38 anos de serviços prestados à Umbanda?

– Vi um pouco de tudo o que é bom e recomendável e vi outro tanto de tudo o que é mau e reprovável.

– No final, o saldo empatou?

– Não há empate quando alguém é chamado pela Lei para servir à Vida e em dado momento se serve do que aprendeu para atentar contra a vida de um semelhante seu.

– Entendo. São os tais trabalhos de “magia negra” feitos à “torta e à direita” por médiuns umbandistas contra quem os desagrada ou com eles se antagonizam, não?

– Foi isso que eu disse, meu senhor.

– É, foi sim. Eu vi espíritos que seguiram as mais diferentes religiões, caídos e sendo esgotados no curto trajeto que fiz para chegar até aqui. Não há uma separação por religião?

– Não, meu senhor. A separação ocorre pelo tipo de erro, falha ou pecado cometido pelo “criminoso religioso”.

– Entendo.

– Escute o mental inferior ou polo negativo deles e ouvirá todos clamarem por perdão pelo mesmo erro, falha ou pecado, meu senhor.

Eu fiz o que ele recomendara e, de fato, todos os espíritos ali retidos pela Lei clamavam a Deus por perdão por terem cometido o mesmo tipo de erro, falha ou pecado.

Ativei meu mistério identificador de clamores, já totalmente desenvolvido, e ouvi o mental inferior de todos os espíritos caídos, ali retidos pela Lei, e em pouco tempo fiz uma separação por religiões.

Então fiz minha “estatística demográfica” dos “caídos”.

Havia poucos espíritos de ex-umbandistas. Mas, isso decorria do fato de a Umbanda ainda ser “nova” se comparada a outras religiões, estas muito mais velhas e com muito mais seguidores.

Comentei isto com aquele Vigilante e ele me respondeu:

– Meu senhor, o crime contra criança não é o mais marcante entre os umbandistas. Se quiseres conhecer a extensão dos erros, falhas e pecados mais cometidos por eles, deves dirigir-se a outra fortaleza, localizada

nos domínios negativos da nossa Mãe e senhora Iansã do Tempo. Lá, verás os horrores que os “burros” encarnados geraram para si quando foram ao Campo-Santo para levantarem os “mortos” contra os vivos.

– Como faço para chegar a essa fortaleza, Irmão Vigilante?

– Dentro desta aqui há uma passagem para ela, meu senhor. Mas eu não recomendo que vá até os domínios dela sozinho.

– Por que não?

– Dizem que naquela só há entrada.

– Se há uma entrada, então há uma saída.

– Não foi isso que me disseram os meus mestres-instrutores.

– Bom, só vendo para saber se há ou não uma saída, certo?

– Isso é certo... ainda que, repito-lhe, não seja recomendável.

– O senhor pode me conduzir até essa entrada?

– Eu não tenho autoridade para fazer o que me pede.

– Quem tem?

– Um dos meus mestres-instrutores tem. Mas não creio que ele vá permitir que entres por aquele portal assustador, meu senhor.

– Bom, conduza-me até ele, por favor!

– Está certo! Se insistes em suicidar-se, então acompanhe-me!

Pouco depois eu entrei no interior do “ piso térreo ” daquela fortaleza e espantei-me com o que vi:

– Milhares de falanges ou legiões de soldados do senhor Ogum do Tempo, todas de prontidão e à espera de que fossem designadas para ações nos campos de ação e atuação daquela fortaleza.

O “Pátio” era imenso, ou melhor, eu não via o outro lado dele, pois estava coalhado de soldados de Ogum, com cada falange ou legião em alerta.

Aqueles soldados com seus elmos e suas armaduras prateadas, suas capas azuis, escuras, lança, escudo e espada, formavam um exército magnífico de se ver e, creio eu, era o sonho de todo general, de tão organizado que era.

Ajoelhei-me, cruzei o solo granítico e pedi-lhes mentalmente a bênção em nome de Deus, o nosso Divino Criador.

Imediatamente ouvi, também mentalmente, isto:

– Que sejas abençoado em nome do nosso Divino Criador! E em nome d’Ele vos pedimos sua bênção, meu senhor!

Eu os abençoei em nome de Deus e, para minha surpresa, todos, mas todos mesmo, se ajoelharam e cruzaram o solo, em sinal de respeito e reverência.

Assim que se levantaram e voltaram a ficar de prontidão, ouvi uma voz grave dizer isto:

– O comandante-geral está vindo!

Imediatamente todos se ajoelharam e se curvaram até tocarem o solo com a testa. Em seguida, ouvi a mesma voz dizer:

– O comandante-geral já chegou! Sentido!

Mais uma vez, todos voltaram a ficar de prontidão e em sentido.

– Impressionante! – murmurei admirado.

– O que o impressionou, meu senhor? – perguntou um senhor ao meu lado, e que era justamente o comandante-geral daquele exército único. Após saudá-lo, falei:

– Esse exército do nosso Pai e nosso Senhor, o Orixá Ogum do Tempo, meu senhor.

– Fico satisfeito que tenhas aprovado essa unidade de combate do nosso Pai e Senhor. No que posso servi-lo, meu pai e meu senhor?

– Por que eles ficam assim, de prontidão, comandante-geral?

– Estão no aguardo de suas missões de auxílio aos que enviam seus clamores ao nosso Divino Criador e ao nosso pai e senhor Ogum do Tempo.

– Quer dizer que, caso alguém em algum lugar da Criação enviar o seu clamor a Deus e ao senhor Ogum do Tempo, no mesmo instante uma falange ou uma legião parte em auxílio do pedinte.

– Foi o que eu disse, meu senhor. É uma honra e um dever para nós servirmos ao nosso Divino Criador servindo a todos os que clamarem pelo Seu auxílio divino.

Servir é a razão da nossa vida, meu senhor!

– Se alguém, lá no plano material, acender uma vela ao senhor Ogum, nosso pai, uma falange ou uma legião é deslocada imediatamente para responder ao clamor! – exclamei admirado.

– Foi o que eu disse, meu senhor.

– É, foi sim. Não imagina como estou maravilhado em ver “por dentro” o que antes eu só imaginava como seria. Quem é o senhor?

– Eu sou um servo guardião dos Mistérios do Senhor Ogum do Tempo a serviço da Lei e da Vida. E sou o comandante-geral desse pavimento, meu senhor.

– Muito prazer em conhecê-lo! Sou o Aprendiz Sete, um espírito humano em minha jornada de aprendizado sobre os Sagrados Mistérios da Vida.

– Também me sinto honrado em conhecê-lo, meu pai e meu senhor Aprendiz Sete. Em que posso servi-lo?

– Eu preciso que alguém me leve até o portal de acesso a uma fortaleza regida por uma Senhora e nossa Mãe guardiã dos Mistérios da nossa

amada Mãe e Senhora Iansã do Tempo, onde estão recolhidos pela Lei os espíritos de muitos ex-umbandistas que praticaram atos de magia negativa contra seus semelhantes quando serviram à Umbanda.

– Eu não recomendo uma ida aos domínios daquela fortaleza, meu senhor.

– Já ouvi isso do Vigilante que me recepcionou. Mas, mesmo assim, só aprenderei caso vá até ela e veja tudo com os meus próprios olhos e avalie tudo com meu senso.

– Está certo. Mas antes de se suicidar não gostaria de conhecer melhor este pavimento?

– Ótima ideia!

– Acompanhe-me, meu senhor!

Pouco depois eu já estava no “mezanino” que volteava todo o pátio. E, daquela “sacada interna”, pude visualizar o exército todo, que tinha uns 200 mil soldados em estado de prontidão.

E, olhando-o por cima, comecei a ver falanges ou legiões desaparecendo dali e indo atender aos clamores de auxílio enviados a Deus e ao senhor Ogum do Tempo.

– Para onde eles vão, comandante?

– Para todos os lugares, meu senhor! Até aqui chegam clamores de auxílio provenientes de muitas realidades. Eles não vão só para uma ou outra, sabe?

– Já estou sabendo. Por que alguns retornam por meio da volitação e outros o fazem por aquela escadaria que tem no meio do pátio?

– Os que retornam pela volitação são os que não sofreram ferimentos ou baixas. Já os que retornam pela escadaria, é porque antes tiveram de passar pela “enfermaria”, pois foram feridos durante os combates que tiveram de travar para impor a Lei aos seres rebelados ou revoltados.

– Entendo. Posso conhecer vossa enfermaria?

– Acompanhe-me, meu senhor!

No instante seguinte estávamos dentro de um hospital que parecia não ter fim e que era o piso abaixo do pátio. Só que ele me pareceu muito maior.

Eu via leitos e mais leitos ocupados por soldados feridos dos mais diversos modos: cortes profundos, rasgos, quebras, queimaduras, necroses, buracos, mordidas, picadas, arranhões, etc.!

Vi milhares de “enfermeiras” e de “médicos” assistindo-os, tanto lhes aplicando plasmas energéticos como lhes irradiando energias com as mais diversas propriedades.

Ali era o pronto-socorro, pois naquele imenso hospital de “campanha” havia portas que conduziam a alas específicas onde espíritos sem membros eram colocados dentro de câmaras de regeneração.

Nelas, com eles adormecidos, seus corpos começavam a ser regenerados.

Os que tinham buracos que atravessavam seus corpos também eram colocados em câmaras de regeneração.

Também havia alas para desradiação, para desintoxicação, para purificação, para assepsia, etc.

Um outro “exército” estava em alerta máximo para socorrer os valerosos soldados do exército do nosso amado Pai e Senhor Ogum do Tempo.

Eu poderia ter feito algo que regeneraria e curaria a todos num piscar de olhos, mas me contive para não desmerecer o magnífico trabalho de tantos espíritos abnegados totalmente voltados para aquela “assistência hospitalar”.

Era o aprendizado deles nos mistérios da Vida e não seria justo para com eles demonstrar poderes superiores aos seus estágios evolutivos.

Todos estamos aprendendo segundo nossas necessidades evolucionistas! Isto Deus não nos nega e isto sempre nos será facultado.

A última ala que visitamos foi a dos soldados em “choque emocional”, que tiveram seus mentais atingidos durante os combates com forças e poderes negativos desequilibrados usados em magias negativas feitas por pessoas contra seus semelhantes no plano material.

Dali, fomos ao outro lado do pátio e entramos por uma porta que abriu outro dos mistérios daquela fortaleza que tinha tamanho por fora mas que, no seu lado de dentro, era infinita em si mesma e não tinha fim, podendo inclusive abrigar toda a Criação dentro dela ou do Mistério que havia gerado-a como um mistério em si mesma.

Aquela ala que eu visitara era a hospitalar e esta era a de preparação de soldados do Senhor Ogum do Tempo.

Ali, jovens “seres naturais” manifestadores dos mistérios do Mistério “Ogum do Tempo” eram instruídos sobre como usá-los corretamente em suas ações de amparo à vida.

Naqueles jovens “Oguns do Tempo” os mistérios do nosso pai e senhor Ogum do Tempo fluíam naturalmente e eles precisavam aprender a controlar a intensidade de suas ativações para que, quando em ação, não se excedessem ou não impusessem a força ideal nos choques com outros seres naturais desequilibrados mas também manifestadores de mistérios naturais da Criação.

Eu, sempre acompanhado pelo Vigilante e pelo Comandante-Geral daquele piso, assisti a várias “aulas práticas” dadas a eles pelos seus instrutores.

Eles aprendiam a irradiar vibrações energéticas com as mãos, com a ponta dos dedos, com suas lanças, com suas espadas, com seus escudos, com seus olhos, com seus assopros, etc.

Aprendiam como concentrar plasmas energéticos positivos e benéficos e como dispersar os plasmas ou as condensações energéticas negativas prejudiciais aos seres ou aos meios onde a Vida flui.

Neles, é natural a manifestação do “mistérios Ogum do Tempo”, no entanto precisam aprender a graduar a intensidade dessa manifestação, senão podem piorar as coisas onde o caos do desequilíbrio se instalar.

Aqueles jovens espíritos naturais Oguns do Tempo, tal como os cadetes de uma escola militar, recebiam treinamentos específicos e especiais e tinham de passar por provas difíceis e exames rigorosos preparados por seus mestres-instrutores antes de serem agregados às falanges ou às legiões de ações e reações da Lei no Tempo.

Só quando eram aprovados em todas as provas e exames é que eram graduados como guardiões manifestadores naturais do Mistério Ogum do Tempo e encaminhados aos comandantes das falanges ou das legiões onde começavam a participar de ações, inicialmente brandas.

Só com o passar do tempo e com o amadurecimento e a experiência prática é que se habilitavam a ações mais “perigosas”.

No geral, um novo soldado era assistido por um já experiente, que continuava a instruí-lo no uso dos seus poderes naturais.

O método de preparação é perfeito e a hierarquia é rigorosa. Inclusive, o símbolo sagrado do Senhor Ogum do Tempo não lhes era dado, e, sim, à medida que iam se habilitando, ele ia surgindo naturalmente em suas capas, em seus escudos e no peitoral de suas armaduras que, se pareciam feitas de prata, no entanto, eram um mistério em si mesmas porque eram vestimentas maleáveis e dobravam-se segundo os movimentos deles.

A cada poder dominado e desenvolvido, o símbolo sagrado era acrescentado do seu signo correspondente.

Um soldado iniciante tinha em sua capa um círculo ovalado com um ponto no centro.

O círculo significa o todo, a Criação! Já o ponto no seu centro significa o ser. E só com o crescimento interior do ser vai surgindo o símbolo sagrado, formado de signos simbolizadores dos poderes plenamente desenvolvidos e controlados pelo manifestador do Mistério Ogum do Tempo.

Cada signo é um grau e cada grau é um campo de ação e atuação do soldado de Ogum do Tempo.

Os soldados iniciantes são chamados de guardião de primeiro grau do mistério Ogum do Tempo.

Olhei para a capa do Vigilante e, vendo um símbolo cheio de filigranas, perguntei-lhe qual era o seu grau.

– Meu senhor, meu grau é o 33º! – respondeu ele, orgulhoso de tê-lo conseguido após alguns milhares de anos a serviço da Lei no Tempo.

Lembrei-me da Maçonaria com seus graus, e uma luz se acendeu em minha mente, ocorrendo-me uma ideia:

“A Maçonaria existente no plano material é uma reprodução humana da hierarquia existente nas dimensões naturais, paralelas à dimensão humana da vida. E a hierarquia existente nas forças armadas terrestres é uma reprodução da existente nos exércitos naturais do Orixá Ogum”, pensei, sendo que meus interlocutores ouviram-me pensar e disseram-me:

– É isso mesmo, guardião dos mistérios da Vida.

– É, é isso mesmo, meus senhores. Intuitivamente a humanidade reproduz o que já vivenciou quando viveu no lado de dentro da Criação, lado esse formado pelas dimensões naturais da Vida.

Na verdade, a humanidade não cria nada de novo, e sim, reproduz em seu meio o que preexiste em outras dimensões da Vida e pelas quais os espíritos humanos já passaram, uns por umas, outros por outras.

– Foi o que dissemos! – responderam os dois, uníssonos.

– É, foi sim. – concordei, demonstrando-lhes novamente o quanto nós, os espíritos humanos, somos redundantes.

Dali me conduziram à área de lazer; à de meditação; a de... e até que chegamos ao Templo.

Diante do seu pórtico prateado enfeitado com filigranas e ramalhetes dourados, ajoelhamo-nos e cada um ao seu modo orou a Deus e ao senhor Ogum do Tempo, nosso pai e nosso senhor. Depois, saudamos os sentinelas guardiões do Templo e nele entramos.

Ele tem uma centena de metros de largura e um milhar deles de comprimento.

Na verdade, tem 112 metros de largura por 1.122 metros de comprimento. Tem o teto formado por muitas cúpulas, umas côncavas e outras convexas e cada uma simboliza um dos mistérios naturais do mistério divino Ogum do Tempo.

O teto daquela nave se mostrou “vivo” aos meus olhos humanos, admirado diante da grandeza ali existente.

A cada 33 passos nos ajoelhávamos e fazíamos uma oração. Então nos levantávamos e dávamos outros 33 passos e nos ajoelhávamos novamente para orarmos.

Até chegarmos na frente do altar nos ajoelhamos e oramos 33 vezes. E na 33ª vez que nos ajoelhamos, dali até a parede viva no fundo da nave havia uma distância de metros.

– O 34º grau simbólico! – exclamei.

– Ele mesmo, meu pai e meu senhor. – concordou à minha direita o comandante-geral. E o vigilante à minha esquerda concluiu:

– A elevação, meu senhor! A conquista maior de um degrau na Criação. Ores e veja-a com seus próprios olhos!

Ajoelhei-me e comecei a orar. E, à medida que minhas palavras iam saindo dos meus lábios ali, naqueles 33 metros do 34º grau daquele Templo Sagrado, foi se formando o Degrau Ogum do Tempo.

E, quando terminei minha oração, vi com meus olhos humanos o Degrau completo do senhor Ogum do Tempo, nosso pai e nosso Senhor.

Ali, naqueles 33 metros de comprimento por 112 de largura, eu vi o Degrau divino Ogum do Tempo!

Meus olhos encheram-se de lágrimas e um nó formou-se em minha garganta, sufocando o pranto que brotava no âmago do meu ser imortal.

Estirei meu corpo no solo sagrado diante dos pés do Trono ocupado pelo senhor Ogum do Tempo e ali, de braços diante dele, chorei, chorei e chorei. E tanto chorei que minhas lágrimas se empossaram formando um pequeno lago por cima do piso.

Quando só soluços restaram, a voz divina do senhor Ogum do Tempo ordenou-me:

– Ajoelhe-se novamente, filho humano do nosso Divino Criador e nosso Pai Eterno!

Fiz o que ele havia ordenado. Então mais uma vez ele me ordenou:

– Filho humano do nosso Divino Criador e nosso pai eterno, olhe no espelho formado por tuas lágrimas e veja a tua saga humana desde o momento em que encarnaste pela primeira vez, meu filho amado!

Eu abri meus olhos e olhei para aquela poça de lágrimas e comecei a ver minha saga humana desde o momento que encarnei pela primeira vez.

À medida que o “filme de minha vida” ia passando, novas lágrimas caíam, aumentando o tamanho daquela poça de lágrimas.

Quando nela ficou refletido o degrau Ogum do Tempo, ele me ordenou:

– Levante-se, dê seus 33 passos no solo divino que sustenta o meu Degrau na Criação e dê-me o seu mais humano abraço, meu filho amado!

Caminhei na direção dele, mas, a cada passo eu me ajoelhava, cruzava o solo e pedia-lhe sua bênção.

Quando me ajoelhei pela 33ª vez, curvei-me e beijei o solo diante dos pés do meu senhor e do meu pai, Senhor Ogum do Tempo.

Senti sua mão divina cruzar minhas costas e tocar minha nuca. Então ele tocou meus ombros e ordenou-me:

– Levante-se, meu filho amado! Honra-me com teu mais humano abraço! Deixe-me sentir como é bom receber um abraço humano e ser abraçado por um filho humano do nosso Divino Criador e nosso Pai Eterno!

Eu me levantei e o vi de pé na minha frente. Então ele abriu seus braços divinos e me envolveu com eles. A seguir, beijou minhas faces banhadas pelas lágrimas que meus olhos vertiam em abundância e pediu-me:

– Abrace-me, meu filho! Dê-me, finalmente, o teu mais humano abraço, meu filho amado!

Eu o abracei e mais uma vez chorei, chorei e chorei. E tanto chorei que molhei com minhas lágrimas o peitoral de sua “armadura” prateada.

Meu peito se abriu e dele jorrou uma luz que cintilava fagulhas multicoloridas, que o símbolo sagrado em seu peito absorvia continuamente.

Então, abraçado a ele fortemente, beijei sua face direita e o apertei ainda mais enquanto, num sussurro entrecortado por soluços, exclamei enquanto olhava para o fundo de luz infinita atrás dele:

– Meu pai, por que fizestes isto comigo, meu pai?

– Foi preciso, meu filho! – exclamou uma voz provinda do meio daquela luz infinita.

– Meu pai, por que me afastastes de Ti se o amo tanto e só em Ti sou pleno em mim mesmo?

– Foi preciso, meu filho amado!

– Por quê, meu pai amado?

– Eu não o afastei de mim, meu filho amado! Eu só o enviei para junto dos que de mim haviam se afastado e de mim estavam se esquecendo porque chegaram ao outro extremo da minha Criação! Só isso eu fiz com você, meu amado filho!

– Eu sofro na Tua ausência, meu Pai amado!

– Eu sei que sim, meu filho. Mas, muito mais sofrem os que de mim já não se lembram e não sabem como voltar à minha Presença em suas vidas vazias de sentido, meu filho amado.

Em você, Fui, Sou e sempre Serei Onipresente e, através de você, eles têm sentido a minha presença e têm conseguido encontrar o caminho que vem conduzindo-os à plenitude, que Sou Eu em Mim mesmo!

Não os abandone para estar Comigo, pois estarei com você por meio de cada um dos que Me devolveres, recolocando-os no caminho que conduz à plenitude.

– Meu Pai, eu sofro na Tua ausência, meu Pai amado!

– Não os abandone, meu filho! Nesse momento eles precisam mais de você do que de Mim, pois poderá lembrá-los de que também Existo e Vivo no íntimo deles, meu filho amado. Não os abandone à própria sorte, pois eles ainda não sabem o que fazem!

– Meu pai... e mais eu não falei porque me soltei dos braços do meu pai Ogum do Tempo e ajoelhei-me. E mais não ouvi porque meu peito explodiu como um vulcão e eu só ouvia o meu choro, o mais sentido já emitido por mim e que era o de alguém que estava diante do Divino Criador, mas que não podia retornar para Ele por causa dos que O haviam abandonado, que O haviam esquecido e deixado-O para trás em suas longas jornadas rumo aos seus fins, que é viverem na Sua plenitude.

Ali chorei, chorei e chorei, pois descobrira que minha jornada de retorno a Ele não terminaria enquanto houvesse alguém caminhando em sentido contrário ao da Vida, que é Ele em Si mesmo.

Enquanto eu chorava, também ouvia o choro dos aflitos, dos atormentados, dos vazios e dos abismados.

Eu ouvia o choro dos abandonados, dos desencaminhados, dos esquecidos e dos desterrados.

Eu ouvia todos os tipos de choros sentidos e o que mais se destacou foi o dos arrependidos... por terem abandonado-O e terem trocado Sua presença pela Sua ausência em suas vidas.

Então o meu pai e meu senhor Ogum do Tempo agarrou-me pelos braços, levantou-me e, olhando nos meus olhos, falou-me:

– Meu amado Filho Humano do Pai, vire-se de costas para mim, mas permaneça bem na minha frente para que possa ter uma visão única da sua jornada de retorno ao nosso Divino Criador!

Eu fiz como ele ordenara e, aos poucos, fui começando a ver a “Criação” e, nela, eu via bilhões e mais bilhões de seres luminosos ajoelhados orando a Deus e dando-Lhe graças por estarem bem.

Eu via aquelas ninfas mães da Vida acolhidas por mim com meu mistério, todas muito luminosas e felizes. E via suas hereditariedades, também ajoelhadas, orando e agradecendo.

Mas eu vi muito mais seres de costas para mim e todos estavam opacos, cabisbaixos, revoltados, perdidos, iludidos, desesperançados, etc.



Eu fiquei feliz com a visão dos espíritos luminosos voltados para Deus, mas senti pena e entristeci-me com a visão dos que estavam caminhando em sentido contrário à Vida, que é Deus.

Às minhas costas meu pai Ogum do Tempo falou-me:

– Toda vez que você chega a um domínio, reino ou realidade e ousa ativar seu mistério e acolher nele quantos aceitam tornar-se beneficiários dele, eu vejo uma região clarear-se, regenerar-se, revivificar-se, reordenar-se, reequilibrar-se... e lembrar-se do nosso Pai Eterno.

Mas, quando você se omite ou teme atuar com seu mistério divino, eu sinto vontade de levantar-me desse meu Trono e ir até você para lembrá-lo do seu compromisso como real portador de um Mistério da Vida, e que é o de conceder a posse dele a quantos quiserem.

– Às vezes, sinto-me constrangido por ser como sou e manifestar naturalmente esse meu mistério.

– Meu filho, és como Teu Criador te fez e como Ele quis que fosses.

– Minhas atuações nunca constrangeram teus olhos divinos, meu amado pai?

– Só quando elas foram contrárias à Vida. Aí sim, tive vontade de levantar-me e ir até você para lembrá-lo de que seu compromisso é com a Vida, não com o oposto a ela, que é a Morte.

Portanto, aproveite a liberdade de ação que lhe foi concedida pelo nosso Pai Eterno e faça por eles o que não posso fazer por eles e por ti, porque estou assentado nesse meu Trono e só posso me levantar dele quando, finalmente, um filho humano ou natural do nosso Pai Eterno consegue dar seus 33 passos após se ajoelhar pela 34ª vez seguidamente.

– Sim senhor, meu pai. Com certeza, em algum momento de minha existência, senti vontade de levantar-me do meu Trono e ir até os que estavam de costas para o nosso Pai Eterno, só para lembrá-los de que estavam trilhando caminhos contrários à Vida, não?

– Foi o que aconteceu contigo e com muitos outros Filhos do Pai Eterno!

Não resistiram ao impulso de ir até eles e auxiliá-los nas suas jornadas evolutivas.

– Meu pai, em algum lugar do lado divino e oculto da Criação deve existir um Trono vazio, porque o deixei para ir até o meio conturbado auxiliar os que não sabem que rumo dar para suas vidas, não?

– Isto é certo, meu filho.

– Obrigado por esclarecer-me sobre o vazio em meu íntimo. Agora sei que, por mais que eu faça, esse vazio não será preenchido porque pleno só

me sentirei quando eu me reassentar no Trono que deixei vazio. Esse vazio é o vazio existente no assento do meu Trono.

– Não se lamente, porque tens realizado ações tão maravilhosas nessa tua jornada que nossos olhos divinos brilham mais quando você, com o que tens em si, clareia vastas regiões escurecidas pelos que caminham em sentido oposto à Vida.

Continues agindo como tens agido e um tempo chegará em que, quando olhares o vasto meio, só verás rostos voltados para o nosso Pai e nosso Divino Criador, meu filho.

Agora, caminhes até saíres do lado divino da Criação, pois há muito a ser feito pelos teus irmãos em evolução.

– Sim senhor, meu pai amado.

Eu caminhei lentamente até estar novamente no 33º degrau. Então me virei e já não vi mais o celestial senhor Ogum do Tempo, e sim, uma fonte viva irradiadora de luzes divinas.

Ajoelhei-me e orei agradecido por Ele, um ser divino, ter se dignificado a receber, abraçar e consolar um espírito humano ainda caminhando no meio, no vasto meio por onde a Vida flui em todo o seu esplendor... e suas dificuldades.

Levantei-me e recuei até ficar novamente entre o guardião e o vigilante. Então me ajoelhei e os saudei. A seguir nos retiramos em silêncio.

Já fora do templo, pedi-lhes:

– Levem-me até o portal de acesso a uma das fortalezas da nossa amada mãe Iansã do Tempo, meus irmãos!

– Não vá, meu senhor! – recomendaram-me os dois ao mesmo tempo.

– Só indo até lá e vendo o que há nos domínios regidos por ela satisfarei esse meu desejo de saber o que acontece em espírito com os que, na Terra, deram vazão aos seus negativismos através da magia negativa.

– Lá só há domínios do horror, do pavor, do medo... etc. Esta fortaleza está localizada no polo negativo da Lei no Tempo e a ela são enviados os espíritos dos seres que atentaram gravemente contra a Vida.

– Está certo, já sei o que há lá. Só não sei como é. Então, vamos até esse portal, está bem?

– Não está, não, meu senhor! – exclamou o Vigilante, muito preocupado. – Eu o trouxe à esta fortaleza, mas não o levarei ao encontro do horror. Isto que viu do lado de fora dessa fortaleza é um “jardim das delícias” se comparado ao que lá existe, sabe?

– Sei, sim. Mas preciso ir até lá, meus irmãos. E, caso vocês não me mostrem onde fica o portal, eu abrirei outro que me levará até ela.

– Faça-o caso não resistas ao impulso que o move, mas não imputes a nós, teus irmãos naturais, o ônus de tua ida ao encontro do horror.

– Não lhes imputarei nada. Apenas peço que me mostrem o portal!

– Siga-nos, irmão movido por um desejo suicida.

Eu os segui e descemos por uma escada em caracol que nos levava a um átrio escuro. E, no meio dele, havia um vórtice energético, ou melhor, uma passagem que girava em sentido anti-horário, puxando para baixo tudo o que entrava em seu campo eletromagnético.

Eu vi “entrar” nele manchas escuras que, não sabia como, só se tornavam visíveis quando entravam naquele campo. Perguntei-lhe o que ou quem eram aquelas manchas e me explicaram isto:

– São espíritos que cometeram faltas graves contra a Vida e estão sendo recolhidos aos polos negativos da Lei no Tempo para um violento e dolorido esgotamento.

– Não para de entrar manchas, meus irmãos!

– Este vórtice recolhe somente espíritos que, encarnados ou não, participaram de atuações mágicas negativas que levaram pessoas à morte antecipada.

Para tudo há um limite, inclusive para os espíritos naturais ou humanos que atuam na magia negativa. Quanto às pessoas que recorrem a ela para os mais diversos fins, são duplamente onerados e culpados porque não deveriam recorrer a ela para seus acertos de conta pessoais, para obtenção de vantagens temporárias, etc.

O que deveriam fazer é dar aos espíritos menos evoluídos que atuam na magia a oportunidade de evoluírem, auxiliando outros espíritos ou pessoas com problemas ou dificuldades que têm suas origens nas esferas negativas.

Mas não! Muitas pessoas preferem se entregar ao acerto de contas vingativo porque querem ver seus adversários mortos ou destruídos.

Este vórtice os aguarda, sem pressa alguma, porque, depois de serem absorvidos por ele, dificilmente sairão dos domínios do horror onde serão aprisionados.

– É, eu vi muitas pessoas sofrendo por causa das pesadas magias negativas feitas por adeptos dos muitos cultos afro-brasileiros existentes no Brasil. Era um horror os males que elas causavam às suas vítimas.

Lares eram destruídos, famílias estáveis entravam num processo de dissolução; jovens se entregavam aos vícios; empresas eram fechadas ou arruinadas; casamentos eram desfeitos; pessoas adoeciam; personalidades eram destruídas e as vítimas mudavam completamente após os ataques cerrados de falanges de espíritos trevosos, etc.

– Combati isso tudo por 28 anos com um Ogum de Lei, meu pai. Eu e minha legião travamos combates cerrados contra a desenfreada prática da magia negativa que se espalhou nos cultos afro-brasileiros.

– Por que o senhor não continuou lá, dando combate a elas, meu irmão Ogum do Tempo?

– O regente dessa fortaleza da Lei no Tempo confiou-me a incumbência de preparar esses jovens Oguns naturais para que entendam melhor a perfídia dos humanos encarnados que se dizem cultuadores dos sagrados Orixás e, no entanto, vivem fazendo terríveis trabalhos de magia negativa justamente para atingirem os espíritos-guias e os Orixás naturais de quem os desagrada ou a eles não se submetem.

– Entendo.

– E tem também os que, tal como os mercenários, vendem seus “serviços” e se prestam a fazer suas magias negativas contra os desafetos de seus “clientes”. Esses são os que mais são onerados, porque nunca mais reencarnam e sofrem os piores tormentos existentes do outro lado desse vórtice da Lei, meu pai.

– É a justa punição a quem atentou contra a vida alheia em troca de polpudas remunerações, irmão guardião da Lei! Eu conheci alguns desses falsos seguidores da religião dos sagrados Orixás. Eles eram vaidosos, soberbos, prepotentes, temidos, etc.

– Eles “não eram”, ainda são, pois para cada um que desencarnava e começava a ser punido, vários outros “nasciam” e começavam a atormentar seus semelhantes. Essa é uma “corrente do mal” que não tem fim, meu senhor.

– É lamentável, mas é a verdade. Espíritos com um grande potencial encarnam, encontram dificuldades no plano material e se entregam a essa corrente do mal, engrossando-a cada vez mais, meu irmão Ogum do Tempo.

Eu mesmo sofri pesadas magias negativas e fui perseguido implacavelmente pelos adeptos da corrente do mal, porque ousava alertar as pessoas sobre as consequências desse tipo de ações contrárias às leis da Vida.

As pessoas gostam de ser elogiadas pelas suas boas ações, mas ficam irritadas, iradas e revoltadas quando as alertamos sobre os erros que estão cometendo.

Esta é a sina dos adeptos da corrente do bem: serem perseguidos diuturnamente pelos adeptos da corrente do mal!

Por mais que sejam alertados sobre o que os aguarda após a morte física, desdenham dos que querem livrá-los dos horrores do pós-morte.

A maioria não acredita que lhes acontecerá algo de ruim, porque acreditam que os poderosos seres que vivem nas sombras irão acolhê-los e torná-los “nababos do inferno”!

– Eu sei como é isso, meu senhor. Lidei muito com essas pessoas desequilibradas no tempo em que atuei como guia espiritual de Umbanda.

– Bom, que cada um colha o que semear e que a Lei nunca desampare os adeptos da humanística corrente do bem, meu irmão Ogum do Tempo!

– Essas coisas nunca deixarão de acontecer, meu senhor.

– Então, porque assim é e sempre será, até outro encontro, meus irmãos no Tempo e na Vida!

– Até... irmão no Tempo. – responderam o Vigilante e o Comandante daquele piso térreo daquela fortaleza da Lei no Tempo.

Eu olhei para aquele vórtice e pensei: sou energia e, como tal, sigo o fluxo que nos conduz. Que Deus me ampare e me conduza!

Volitei direto para o centro dele e, quando entrei, me senti puxado por uma corrente eletromagnética poderosíssima.

Não demorou mais que alguns segundos para eu sair do outro lado. Mas foram os mais longos segundos já vividos por mim!

E, quando saí do outro lado dele, estatelei-me sobre um “chão” seco e pedregoso em um lugar sombrio e assustador, pois espectros horrorosos vagavam de um lugar para outro.

Outros se deslocavam no “ar” silvando assustadoramente enquanto à minha volta ouvia sibilos preocupantes.

Levantei-me rapidamente e me pus de prontidão com todos os sentidos alertas.

Então comecei a fazer um levantamento daquela região e descobri que estava num vale árido coalhado de serpentes e escorpiões. Eu estava literalmente cercado por eles, que só não me atacavam porque uma luz muito forte e “densa” me envolvia, criando um campo protetor à minha volta.

Aos poucos, minha visão se adaptou ao meio onde me encontrava e pude divisar o horror aludido pelo Vigilante e pelo Comandante do “lado de cima” daquele domínio do Tempo.

Comecei a “ouvir” o que pensavam aquelas criaturas e descobri que eram espíritos que haviam regredido consciencialmente e recolhidos àquelas formas de cobras ou escorpiões venenosíssimos.

Minha visão e audição expandiram-se ao máximo e algo parecido com o que acontecera quando as apurei na dimensão belíssima das ninfas, ali aconteceu: aquele domínio não tinha fim e estava totalmente ocupado por espíritos reduzidos àquelas formas inferiores e instintivas.

Eu ia iniciar mais uma das minhas reflexões sobre tudo o que via e em como proceder, mas não tive tempo, porque vi surgir no espaço escuro uma manada de cavalos de fogo alados montados por “amazonas” também de fogo.

E, se digo que eram amazonas de fogo é porque calçavam umas botas rubras que alcançavam as suas coxas, usavam uma capa que parecia ser de fogo vivo e tinham na cabeça um elmo do qual saíam raios em todas as direções. Também tinham uma espada de fogo pendurada na cintura e um chicote incandescido na mão.

Elas, pairando a alguns metros acima do solo, cercaram-me e uma, que era a “chefe”, dirigiu-se a mim, perguntando-me:

– Espírito da luz, o que você faz aqui no meio das trevas?

Ajoelhei-me, saudei-a respeitosamente e então lhe respondi:

– Minha senhora, eu soube da existência desse domínio da Lei no Tempo e senti vontade de conhecê-lo.

– Quem é você, espírito humano?

– Eu sou o Aprendiz Sete, minha senhora.

– Ah! Um aprendiz dos mistérios! És isso, não?

– Sou, sim, minha senhora.

– O que achou desse domínio, Aprendiz Sete?

– Não achei nada por enquanto. Acabei de chegar e só pude constatar que esse domínio é infinito em todas as direções e está tomado por espíritos reduzidos a estas formas.

– Então você já o conheceu. É hora de retirar-se dele, não?

– Eu acabei de chegar, minha senhora. Peço sua licença para permanecer nele até que eu descubra por que desejei conhecê-lo.

– Aqui não é permitida a permanência de espíritos da luz.

– Está certo. Onde posso ficar até descobrir o que me induziu a vir até aqui?

– Isto não sei. O que sei é que aqui não podes permanecer, certo?

– Quem pode me dizer onde posso ficar?

– A minha senhora não permite a permanência de nenhum espírito da luz. Portanto, saia deste domínio, Aprendiz Sete.

– Por favor, minha senhora, leve-me até a sua regente para que eu peça a ela uma permissão para aqui permanecer.

– Você é insistente, não?

– Sou, sim. Se algo me induziu a vir até aqui, daqui só poderei sair quando descobrir a razão de ter que vir até aqui.

– Entendo.

– Ótimo! Então me levará até ela?

– Não sei se devo. Você tem algo que o torna simpático e ao mesmo tempo temido, sabe?

– Não sei, não. Por que a senhora me acha temível?

– É por causa da sua simpatia que o torna atraente. Ela não é natural nos espíritos humanos, sabe?

– Não sei, não. Os espíritos humanos não são atraentes?

– Não mesmo. São cheios de deformações que os tornam feios aos meus olhos.

– Entendo.

– Bom, já que você não vai retirar-se, então vou levá-lo até minha superiora. Siga-nos, Aprendiz Sete! – exclamou ela, dando uma risada e atirando sua montaria “fogosa” no espaço escuro, riscando-o como um cometa incandescente.

Eu permaneci ali, vendo elas sumirem na escuridão. Acompanhei-as visualmente com minha visão mental e podia ter volitado, seguindo-as, mas não fiz isso.

Não demorou muito e elas voltaram, e desta vez seus cavalos de fogo alados “pousaram” no solo ressequido, explodindo onde tocavam com seus cascos em brasa.

Se aqueles espíritos regredidos já haviam recuado um pouco, desta vez fugiram apavorados, pois uma onda de calor era emitida pelos cascos deles e espalhavam-se pelo solo, incandescendo-o.

Aquelas ondas de calor iam se expandindo rapidamente, queimando tudo que tocavam, deixando o solo rubro.

Aquelas criaturas se afastaram apavoradas dali, desaparecendo na escuridão.

Aquela guardiã apeou do seu cavalo de fogo e postou-se na minha frente, perguntando-me:

– Então, simpático espírito humano? Você vem ou não?

Ela media mais ou menos 1,90 metro e seu porte imponente impunha respeito. Dei um passo para trás para observá-la melhor e a examinei da cabeça aos pés, parando um pouco em cada parte que formava aquela “guerreira” incomum.

Enquanto eu a examinava e ao seu uniforme, armas e cavalo, ela também me examinava da cabeça aos pés.

Aquele exame mútuo não demorou mais que um minuto e, em dado momento, falei:

– Minha senhora, também és muito simpática e atraente!

– Ótimo! Agora que me aprovou, perguntou-lhe novamente: você virá conosco ou não?

– Bom... posso ir montado em seu cavalo de fogo?

– Você não volita?

– Sim, mas gostaria de experimentar a sensação de “voar” num cavalo alado de fogo, sabe?

– Já estou sabendo que você, como todos os espíritos humanos, é muito curioso.

No instante seguinte ela já estava montada em seu cavalo e estendeu-me a mão direita. Segurei nela e fui içado à sua garupa.

Mal tive tempo de sentar-me e aquele cavalo alado projetou-se *no ar*, fazendo com que eu me agarrasse à sua cintura para não ser jogado para trás e cair.

Mais um minuto e acostumei-me à montaria. Soltei-me da sua cintura, mas ela ordenou:

– Segure-se bem em mim que vou proporcionar-lhe fortes sensações, espírito humano!

Assim que disse isso, ela conduziu seu cavalo alado de fogo em manobras ousadas. Após algum tempo fazendo volteios e deslocamentos arriscados, perguntou-me:

– Então, Aprendiz Sete? Gostou da sensação de cavalgar um cavalo de fogo alado?

– Este não é um cavalo alado de fogo?

– Existem cavalos de fogo alados e não alados. Logo, este é um cavalo de fogo alado.

– Certo. E, respondendo à sua pergunta, gostei sim. Deslocar no lombo dele é quase tão rápido quanto a volitação, mas é mais emocionante.

– Também acho. Agora que você já sabe como é cavalgar um cavalo de fogo alado, vou levá-lo até quem decidirá se você pode permanecer aqui e prosseguir nos seus estudos ou se terá de se retirar desse domínio da Lei. Segure-se bem em mim que vou impor a velocidade máxima ao meu cavalo!

– Faça isso, minha senhora!

Foi um deslocamento vertiginoso e, em poucos segundos, volteávamos uma fortaleza impressionante, erigida sobre um “lago de fogo”.

Da superfície dele brotavam labaredas que subiam e queimavam o ar.

Os cavalos alados pousavam em um pátio, amplo o suficiente para acomodar milhares daqueles cavalos de fogo, alados ou não, pois vi muitos sem asas.

Pouco depois eu já era conduzido até quem decidiria se eu poderia permanecer ali ou não.

Entramos em uma ala interna muito bonita, com várias portas que conduziam a outras dependências.

Assim que entramos por uma porta localizada no fundo daquela ala, eu me vi de frente com uma senhora comandante que inspirava respeito, seriedade e reverência.

Ajoelhei-me diante dela, cruzei o solo diante dos seus pés, saudei-a respeitosamente e pedi-lhe que me abençoasse em nome de Deus.

Após abençoar-me, aquela senhora, uma Orixá natural Iansã, ordenou-me que levantasse. Então me saudou, como eu fazia quando vivia no plano material: tocando os ombros!

Eu estava diante de uma genuína mãe Orixá Iansã!

Não sabia o que lhe dizer, de tão emocionado que ficara.

Por trás dos fios dourados da guirlanda que cobria seu rosto, seus olhos divinos brilhavam muito me impedindo de ver qualquer traço.

Só olhei-a muito rapidamente, desviando os olhos para o solo diante dos seus pés.

Sua veste vermelha com detalhes dourados cobriam-na do pescoço aos pés e, ao redor deles, ela se fundia ao piso, recoberto de um “mármore” rubro como brasa. O piso era uma continuidade da sua veste, ou vice-versa.

O seu Trono, todo raiado e encimado por uma coroa dourada cravejada de pedras rubiáceas, irradiava-se para cima e seus raios incandescidos projetavam-se para o infinito envolvendo todo aquele domínio que, afora aquela fortaleza, parecia ser habitado só por serpentes e escorpiões peçonhentos.

Reconheci nela uma “divindade natural”, sustentadora de um domínio que era gerado por ela e sustentado por seu poder divino.

Após aquele rápido olhar inicial não ousei olhá-la novamente, porque me sentia muito emocionado por estar diante de uma genuína Senhora de Mistério, diante de uma Iansã!

Meus conhecimentos sobre a Mãe Orixá Iansã eram os que existiam no plano material, no tempo em que frequentara a Umbanda, e que eram limitados à adaptação de algumas lendas míticas herdadas da África.

Mas, ali, eu não estava diante de um ser feminino, de uma manifestadora natural de Iansã, Orixá dos Ventos, dos Raios e dos Trovões.

Não! Ali eu estava diante de um ser divino regente de um mistério da Criação, de uma genuína Iansã das Pedreiras. E as guardiãs que haviam me recepcionado eram suas “filhas naturais”, parecidas com as que acompanham os médiuns e que se manifestam quando são cantados os cantos invocatórios da Orixá Iansã.

Todos incorporam guardiãs naturais ou espiritualizadas dos muitos mistérios de Iansã.

As guardiãs naturais são seres que nunca encarnaram e são classificadas como filhas naturais que guardam uma relação direta com suas mães naturais Yansãs, pois há várias delas, e eu estava diante da senhora Iansã Sete Pedreiras!

Já as guardiãs espirituailizadas, essas são as filhas naturais que encarnaram, espiritualizaram, humanizaram-se e atuam na Umbanda como “caboclas de Iansã”.

Há uma diferença entre as guardiãs naturais e as espiritualizadas.

– As naturais guardam uma relação direta com suas mães divinas e, após alcançarem a maturidade, se encontrarem um “par perfeito”, são entronadas por suas mães, assentadas em seus próprios domínios e começam a expandi-lo até os limites da potência e capacitação dos seus pares, que são denominados de guardiões dos seus mistérios naturais herdados de suas mães divinas.

É preciso esclarecer que os domínios dessas Yansãs naturais começam nelas mesmas porque são gerados a partir dos mistérios que elas trazem em si e são eles em si mesmos.

Todos os domínios existentes na Criação são regidos por Orixás entronados e são uma extensão deles mesmos, ou seja, os Orixás geram os meios onde os seres naturais e espirituais vivem e evoluem.

Logo, os Orixás são em si os elementos que formam o que chamamos de natureza.

A água que bebemos, o fogo que nos aquece, a terra que nos sustenta, os vegetais que nos alimentam, o ar que respiramos, etc., são extensões materializadas dos Sagrados Orixás da Natureza.

Por isso a Umbanda é uma religião Natural e da Natureza!

Religião Natural é aquela que guarda uma relação direta com a Natureza e com suas Divindades geradoras e sustentadoras.

Religião mental ou abstrata é aquela que guarda uma relação direta com os princípios sustentadores da evolução dos seres, princípios estes que, se são éticos e morais, no entanto não estão ligados à Natureza ou aos mistérios que a formam e a tornam o meio onde vivemos e evoluímos.

Eu via o solo como uma extensão da veste daquela senhora Iansã porque, de fato, ele o era.

E sua veste, que era energia viva e divina, movia-se no solo como uma parte sua que deslizava ou deslocava-se de um lugar para outro sem que se desligassem.

É difícil descrever o que eu via, mas espero que tenham entendido!

Ali, ajoelhado e com a testa encostada no solo rubro, mas sentindo-o morno e agradável, permaneci até que ela me ordenou que levantasse.

Pus-me de pé, mas levemente curvado e com a cabeça e o olhar voltado para o solo.

Ela me envolveu em seus braços e deu-me um abraço muito “caloroso”, abençoou-me e perguntou-me:

– Meu filho Aprendiz Sete, por que demorou tanto para atender aos meus chamados?

– Eu demorei, minha mãe e senhora?

– Foi o que eu disse, não?

– É, foi sim. Mas eu não ouvi chamado algum, minha mãe. Ainda sou apenas um aprendiz e tenho de aprender muito para que possa identificar corretamente as vibrações que me chegam. Na verdade, ainda não sei como interpretá-las ou separá-las para identificar suas fontes emissoras.

– O tempo o ensinará a identificá-las e interpretá-las rápida e corretamente, meu filho. O que agora importa é que, finalmente, você atendeu meus chamados e veio auxiliar-me no assentamento de muitas das minhas filhas naturais já amadurecidas, que estão mais que preparadas para ser entronadas e assentadas em seus domínios individuais.

– É isso que me trouxe até aqui?

– É isso, sim, meu filho. O que você pensou que o trouxe até aqui?

– Bom, eu achei que havia tomado um rumo errado que chegava até aqui em vez de ele nascer e sair nos domínios de uma fortaleza-prisão do Tempo, sabe?

– Já estou sabendo que se o seu pai não tivesse interferido em meu favor, agora você estaria em outra realidade da Criação.

– Bom, sabe como são essas coisas, não?

– Não sei, não. Como elas são, meu filho?

– Nós, os espíritos humanos, somos movidos pela curiosidade e eu queria ver como ficaram os espíritos de alguns falsos sacerdotes dos cultos afro-brasileiros que se dedicaram a fazer magias negativas contra seus semelhantes lá no plano material.

– Para que saber isto, meu filho?

– Bom, eu fui muito combatido por eles quando vivi no plano material porque não só não aceitava as magias negativas como os denunciava e às suas explorações e charlatanismo praticados em nome dos sagrados Orixás.

– Já não foi ruim ter de combatê-los e ter demandado diuturnamente enquanto viveu entre eles? Por que revê-los se não o agradavam, não o respeitavam e fizeram tudo o que sabiam na tentativa de matá-lo e se livrarem de um incômodo que vivia falando a todos que eles eram a escória religiosa da humanidade?

- Bom... acho que é porque quero confirmar o que eu pregava convicto.
- O que você pregava?
- Eu pregava que eles iriam ser arrastados pelo mal que praticavam e que seriam punidos com os tormentos que criavam com suas magias tenebrosas.
- Isto é o que acontece com todos os que interferem de forma negativa na vida dos seus semelhantes.
- Infelizmente, muitos são os que recorrem à magia negativa para qualquer coisa que os desagrade, minha mãe.
- Meu filho, um sacerdote que faz magia negativa contra quem o desagradar não é um, sabe?
- Sei sim, minha mãe e senhora. Muitas pessoas boas e muitos médiuns excepcionais abandonaram a Umbanda só por causa desses que assim procedem. É uma pena!
- O tempo a tudo concerta e a todos esclarece... ainda que eles tenham de vivenciar coisas desagradáveis. Mas, não falemos do que é regra e sim, das exceções.
- Que exceções, minha senhora?
- Falemos de você e do seu mistério predominante, sabe?
- Predominante, é?
- Foi o que eu disse.
- O que tem ele?
- Você traz em si um mistério que se desenvolveu e amadureceu de tal forma que o habilitou a sustentar “pares perfeitos” por toda a eternidade.
- Por toda a eternidade? Não é só por algum tempo?
- Quem deixaria de formar ou de ser par de um senhor de mistérios para adotar alguém que só seja guardião?
- Eu não sou só guardião desse mistério, minha mãe e senhora?
- Meu filho, ele é seu. Ele é você em si mesmo.
- Entendo. Por toda a eternidade vou vivenciá-lo e atuar com ele, quer eu queira ou não. É isso, não?
- É isso sim, meu filho.
- Está certo. O que a senhora quer que eu faça?
- Eu quero que você conceda a posse desse seu mistério a quantas das minhas filhas que aceitarem ou desejarem formar “par perfeito” com você.
- São muitas, minha mãe e senhora?
- Se você não fosse uma exceção, não seriam tantas. Mas, como muitos dos iguais a você se perderam na longa jornada amadurecedora dos seus mistérios predominantes, então lhe digo que são muitas sim, meu filho.

– Devo preocupar-me com a quantidade?
– Não deve. Quando há qualidade em quem doa a posse do seu mistério, a quantidade não importa porque qualidade é algo divino e está na origem das coisas. Já a quantidade, esta é só uma questão de números, sabe?

– Já estou sabendo que são muitas mesmo!
– Qualidade original é a chave, meu filho. Quanto à quantidade, é só uma questão de números, certo?

– É, foi o que a senhora já disse.

– Então, por que você está preocupado?

– Eu não deveria estar?

– Não vejo porque se preocupar se fui eu quem o escolheu para habilitá-las a se assentarem no seu mistério para que, amadurecendo o delas no seu eu possa entroná-las, assentá-las e iniciar a abertura dos seus domínios dentro da realidade regida por mim na Criação.

– Bom, doar a posse do meu mistério parece-me natural. Mas, assumir, assentar e habilitar suas filhas nele para que elas possam ser entronadas e assentadas no seu domínio para que deem início à abertura dos delas, aí é preocupante para mim, minha mãe e minha senhora.

– Você traz em si esse campo de ação e atuação humanizadoras do seu mistério. E, porque nesse campo ele se mostra maduro e inesgotável, então é hora de você realizar o seu destino na Criação, senão estarás faltando com o seu Divino Criador e seu Pai Eterno.

Você já viu muito do que é capaz de fazer e também o imensurável alcance e poder desse seu mistério. Portanto, é chegado o momento de vivenciar todo o seu potencial e o seu destino como ser-mistério, meu filho!

– Eu... minha mãe... eu...

E mais não falei porque minha mente ficou confusa e mil pensamentos brotaram ao mesmo tempo.

Eu estava a alguns metros daquela minha mãe e senhora Iansã, mas eu a ouvia como se ela estivesse muito distante e sua voz quase que me era inaudível.

Voltei a ajoelhar-me diante dela e do seu majestoso Trono e dos meus olhos brotaram lágrimas, pois o que ela pedia que eu comesse a fazer por suas filhas naturais era unir o destino delas ao meu para todo o sempre, porque eu me tornaria o sustentador da abertura, da formação e da expansão dos seus domínios e de tudo o que dali em diante viesse a acontecer com eles ou dentro deles.

Para que entendam o que ali me era solicitado, era como que um “casamento”, uma união do tipo “até que a morte os separe”.

Não se tratava mais de conceder a posse do meu mistério para que outros pudessem seguir adiante em suas evoluções, mas de tornar-me o responsável humano pela abertura e manutenção de meios ou domínios onde outros seres passariam a viver e evoluir.

Minha mente refletia vertiginosamente e eu relembrava o que acontecera com muitos dos guardiões sustentadores de reinos ou domínios já resgatados e reequilibrados por mim durante as ações na fortaleza estrelada.

Eu havia observado os domínios caídos nos abismos, e a razão de suas quedas era o esgotamento ou a destruição implacável dos seres que formavam par com as senhoras regentes deles assentadas em seus Tronos energéticos, porque, à medida que eles se expandiam, maiores eram suas necessidades enérgicas.

Esses domínios, após alcançarem uma expansão média, tornavam-se meios de a vida fluir e para eles afluíam dezenas ou centenas de milhares de seres ainda no estágio evolutivo infantil, e que eram acolhidos e assumidos como filhos e filhas pelas senhoras regentes deles.

E, com o passar do tempo, começavam a surgir problemas, pois muitos dos seres em evolução, ao atingirem a fase “adulta”, também se tornavam insatisfeitos ou inconformados com suas limitações e começavam a procurar uma saída ou alternativa, fato esse que os negativava e os desequilibrava, tornando-os presas fáceis dos senhores e senhoras regentes dos domínios do Vazio ou dos Abismos, que os atraíam e os submetiam às suas “regras e dominação” obsessivas.

Tudo isso eu vira e estudara e era uma preocupação íntima que eu não havia externado em momento algum, mas que já não havia como ser ocultada.

Dos meus olhos tristes corriam filetes de lágrimas, tanto pelo que eu revia e que acontecera com seres guardiões de domínios como com o que eu pressentia que aconteceria comigo, um iniciante Aprendiz Sete que, de fato, pouco já havia aprendido.

Aqueles filetes de lágrimas engrossaram e do meu peito brotou um protesto de revolta ante Deus e eu exclamei:

– Por que tem que ser assim, meu Deus? Por que o Senhor não nos deixou outra alternativa?

No mesmo instante eu vi tudo escurecer à minha volta, e o solo sob meu corpo ficou negro como o ônix e rachou-se, abrindo uma fenda que me engoliu e puxou-me para baixo com uma força irresistível.

Enquanto era tragado por aquele abismo, ainda pude ouvir aquela senhora Iansã dizer:

– Que pena! Esse espírito humano parecia tão promissor... mas se mostrou tão fraco como todos os outros, que só são fortes e tenazes quando se combatem e se destroem, porque não se respeitam como irmãos e filhos do mesmo Criador.

Eu ouvia aquilo e não reagi porque não quis e não desejei reagir a uma verdade dita por um ser divino cujo juízo sobre os espíritos humanos era reprovador, juízo esse compartilhado por muitos outros seres divinos e seres naturais.

Eu mesmo, quando vivera no plano material, também emitira juízos semelhantes sobre muitos seguidores dos cultos afro-brasileiros dados a fazerem trabalhos de “magia negra” contra seus “irmãos de fé” ou contra quem os desagradasse; contra quem os contrariasse ou desafiasse.

Eu mesmo os chamara de vis covardes por, na calada da noite, fazerem magias tenebrosas contra tudo e contra todos, desafiando as leis da Vida.

Eu combatera esses procedimentos até os limites do recomendável e do sensato e atraía para mim o ódio, a ira e a fúria dessa escória da humanidade e quanto mais eu os alertava e os advertia para o mal que estavam disseminando no meio humano, mais eu era combatido e “demandado”.

De nada adiantara eu alertá-los!

E eu não desejei reagir ao comentário daquela senhora Iansã, decepcionada com minha relutância em assumir a “abertura dos domínios” de suas filhas.

À medida que eu “descia” naquele Abismo, em meu íntimo desaparecia a minha vontade ou qualquer tipo de desejo, mesmo o de reagir ante a inexorabilidade das coisas.

Não sei como, mas eu via olhos divinos vertendo lágrimas e, num clamor mudo, diziam-me:

– Reajas, filho humano do pai Gerador da Vida! Reajas porque teus irmãos humanos precisam de você, acreditando que vale a pena lutar pelo que acreditam!

– Reajas porque, se você sucumbir, eles perderão de vista um dos mais poderosos sustentadores do humanismo!

– Reajas senão teus irmãos umbandistas perderão contato com um dos espíritos fundadores da Umbanda!

Cada par de olhos divinos que contemplava aquela minha queda vibratória me dizia uma coisa, e ainda assim eu não sentia vontade de reagir à inexorabilidade das coisas para com os “filhos do pai”, acuados diante de tantas solicitações e chamamentos.

Eu caía a “olhos vistos” e não reagia.

Eu havia me recolhido no meu “vazio existencial” e, de dentro dele, eu contemplava minha própria queda sem fim.

Mas eu também via seres deformados incrustados nos paredões daquele abismo sem fim, todos possuídos pelo horror, pelo terror e pelo pavor, todos eles vítimas dos seus erros, falhas e pecados.

Eu ouvia urros de dores lancinantes e de extremo desespero, e ainda assim eu não reagia.

Eu via seres possuídos por horrores indescritíveis clamando por Deus, e ainda assim eu não reagia aos seus sofrimentos, coisa que antes nunca me acontecera, pois sempre era solícito com os espíritos e pessoas sofredoras.

Eu estava me tornando insensível à dor e ao sofrimento alheio porque eu também estava deixando de acreditar que valia a pena reagir contra a inexorabilidade das coisas.

Foram tantos olhos divinos e tantos clamores que chegou um momento em minha queda vibratória em que fechei os olhos, tapei os ouvidos e disse para mim mesmo: Que seja o que Deus quiser para você, Aprendiz Sete!

E foi! Como foi, meu Deus!

Senti-me agarrado no vácuo sem fim por algo parecido com um imenso corvo, que cravou suas unhas em meu corpo e levou-me para alguma saliência daqueles paredões sem fim e logo abria o meu peito e aspirava minha energia vital, só parando quando me exauriu totalmente.

Largou-me ali mesmo e alçou voo no vazio do abismo.

Num relance entre os gemidos de dor, vi-me à beira daquele abismo sem fim, e num esforço supremo rolei para ele, voltando a cair, cair e cair!

E tanto caí que perdi a noção de tudo e de todos. E só voltei a sentir algo quando afiadas presas cravaram-me no meu corpo e puxaram-me para outro promontório.

Preso em uma bocarra ofídica, ainda vi outras criaturas parecidas com gigantescas serpentes, todas armadas e prestes a dar um bote certo em quem, na sua queda, passasse diante delas.

Ainda tive tempo de ver duas daquelas criaturas darem seus botes certos e encolherem-se novamente, já com alguém preso em suas bocarras medonhas.

O que elas faziam com suas presas?

Elas injetavam nos nossos corpos um líquido viscoso que fazia com que explodíssemos de dor e, aí sim, conosco emanando dor, sorviam com prazer a energia que evaporava dos nossos doloridos corpos.

Quantas “picadas” recebi ali, não sei! O que sei é que, quando já não reagia a elas, fui atirado de volta ao abismo e voltei a cair.

No estado em que já me encontrava eu não tinha mais controle sobre nada. Então uma sensação e um sentimento de alheamento apossou-se de mim e dali em diante nada mais me atingiu, ainda que meu corpo tenha sido rasgado, violado, seviciado, devorado por vermes e tenha se tornado putrefato.

Então, sem mais nada a oferecer às trevas abismais além de dor, fui lançado pela última vez no abismo que pareceu ter um fim, pois me estateei num solo lodoso, pegajoso e movediço.

Imóvel, senti que afundava naquele pântano fétido. E nova horda de formas de vida que pareciam aberrações servira-se do que restara do meu corpo.

A tudo e a todos eu assistia sem reagir ou sequer emitir um só gemido de dor ou de sofrimento. A par do meu alheamento me possuíram a resignação e a abstração.

Naquele pântano eu afundei. E, enquanto afundava, ouvia gemidos de dor e de sofrimento emitidos por muitos espíritos.

Cheguei a olhar para muitos deles, com quais olhos não sei, pois no meu corpo só havia dois buracos, já que os que eu possuía haviam sido devorados por umas criaturas com aparência de aves de rapina.

Em dado momento cheguei ao fundo daquele pântano e ali fiquei sentindo que aquele “barro” entrava em meu ser, enlameando-me de tal forma que éramos uma coisa só.

E mesmo assim eu não reagia.

O tempo passava e dali, no fundo do pântano, eu via e ouvia a tudo e a todos presos nele.

Com o tempo eu sabia o que cada um havia feito de errado e que até ali o conduzira.

Muitos, de vez em quando, subiam puxados por uma força estranha e desapareciam, esvaziando um pouco aquele pântano. Mas logo ele voltava a ficar cheio de novos habitantes.

Em dado momento, e depois de muito tempo, eu também fui puxado e enviado para algum lugar na crosta terrestre.

O que nos tirara daquele pântano era uma magia negativa, uma magia negra feita na força destrutiva do mistério Exu do Lodo.

Eu e muitos outros espíritos fomos projetados e instalados no campo vibratório de uma pessoa que, quase de imediato, foi hospitalizada.

Era um “trabalho de morte” feito por um especialista “formado” em algum dos vários cultos afros existentes no Brasil.

Vários daqueles espíritos sofrendores agarraram-se ao corpo do encarnado na ânsia de não voltarem ao pântano lodoso.

A pessoa vítima daquela magia terrível saiu do hospital e foi levada a um centro, conosco presos dentro dos seus campos vibratórios.

Do meu posto de observação, localizado em algum lugar no meu íntimo, eu assistia àquele horror e vi quando fizeram um círculo de pólvora e atearam fogo nela, provocando uma explosão poderosíssima que nos projetou, já queimados, para um local sombrio e não menos assustador que o abismo dos horrores ou o pântano de sofrimento.

Ali também fomos supliciados por novas hordas de criaturas disformes. E ali ficamos até que novo trabalho de magia negra nos enviou a outra casa onde, sem controle algum, passamos a prejudicar outras pessoas com nossas emanções de dor e sofrimento.

Permanecemos um bom tempo presos ao campo áurico daquelas pessoas vítimas de uma terrível magia negra feita na força de um Exu Tranca Ruas das Almas, que era o que havia livrado outra família de uma atuação na força do mistério Exu do Lodo.

E esse Exu Tranca Ruas das Almas, quando foi oferecido e solicitado por outra pessoa, usou-nos para atingir a família vítima do ódio do seu invocador.

Mais algum tempo ali presos àquelas pessoas, e nova descarga. Mas, desta vez, alguém fez um círculo mágico em um local ermo de um cemitério e fomos puxados para dentro dele, sendo tragados para uma outra região sombria do astral inferior.

O círculo mágico fora aberto no nome de uma Pombagira dos Cemitérios e fomos parar nos seus domínios “subterrâneos”, onde nova horda de seres e criaturas pavorosas se serviram de nós como quiseram e até quando desejaram, só nos deixando em paz quando nada mais tínhamos a oferecer além do sofrimento absoluto.

Ali, vi a extensão do horror que existe embaixo dos cemitérios existentes no plano material.

Eu não podia mexer um dedo sequer! Mas a tudo e a todos eu observava e ouvia. E todos os ali caídos que reagiam, logo eram tragados por uma força terrível que os enviava contra alguma pessoa vítima dos trabalhos de magias negras feitos por algum adepto ou seguidor de algum culto contra pessoas vítimas de suas “magias”... e de seu ódio, sua inveja, sua soberba ou seus interesses.

Dali, não sei como, comecei a ver pessoas chegando àquele cemitério na calada da noite. E, se uns vinham se descarregar nele, outros vinham levantar os “mortos” para auxiliá-los nos seus acertos de contas contra outras pessoas.

Eu via e ouvia o que faziam e pediam. E, aos poucos, fiz meu próprio juízo sobre tudo e todos... e o guardei para mim.

Ali permaneci até que aquela “Pombagira”, guardiã daquele domínio negativo, “negociou” um grande número de espíritos sofredores com outra que, com um movimento da mão esquerda, envolveu-nos e enviou-nos ao seu domínio.

Mas não fomos novamente supliciados por criaturas-aberrações e, sim, fomos deixados em um local sombrio, mas não tão assustador como os anteriores.

Essa outra Pombagira possuía uma legião de escravos-auxiliares que a obedecia cegamente.

Ela era “poderosa” e vaidosa, ostentando poder e “riqueza”, pois cobria seu corpo com joias que, na verdade, eram bijuterias baratas ganhadas em oferendas rituais.

Eu a examinei com atenção por vários dias e várias noites a partir do meu privilegiado posto de observação.

Vi como atuava, o que fazia e como se comportava, assim como com quem mantinha relações amistosas ou inamistosas.

Ela se prestava a todas as solicitações, fossem elas certas ou erradas. E seu campo de atuação era vastíssimo.

– Ela era uma “Pombagira” de Iansã! Que se deslocava com desenvoltura tanto de dia quanto de noite.

Avancei no seu passado através da linha do Tempo e a vi como uma das muitas filhas insatisfeitas, solitárias e caídas vibratoriamente daquela senhora Iansã das Pedreiras que havia me solicitado que formasse par com suas filhas já maduras.

Na verdade, ela era uma filha natural de Iansã que, por não ter formado par com algum guardião natural de mistério, havia caído vibratoriamente e acabara sendo possuída por algum mistério parcial do mistério geral que, na Umbanda, é denominado de “Pombagira”.

Examinei algumas de suas companheiras e detectei que eram filhas naturais de outras Mães Orixás.

Vi “Pombagiras” de várias das Mães Orixás já conhecidas por mim e de outras que eu nem sabia que existiam. E se elas se apresentavam como Pombagiras, é porque haviam possuído ou haviam sido possuídas pelo de alguém que eu havia conhecido como “Mistério Pombagira”.

Meu pai e senhor Ogum do Tempo havia me dito que eu não poderia voltar para o lado divino da Criação porque minha presença no meio era necessária.

Assim, já que eu viveria nele para sempre, optei por conhecê-lo a partir do seu lado “escuro” antes de assumir o que solicitara aquela minha mãe e senhora Iansã.

Se eu tivesse feito o que ela pedira, ficaria “preso” em seus domínios para sempre, pois formar um par naquelas condições era renunciar ao meu livre-arbítrio e ao meu direito de deslocar-me livremente por toda a Criação, onde estão meus campos de ação e atuação.

Eu sempre poderia voltar até ela e assumir suas filhas, mas só o faria quando a cabeça dos pares fosse minha.

E, ali, caído em algum lugar do domínio daquela “Pombagira das Pedreiras” eu estava iniciando pela “dor”, o que nunca aprenderia se tivesse aceitado sua oferta de iniciar a abertura dos domínios de suas filhas já maduras, tornando-me prisioneiro dos seus destinos.

Eu, sem me mover ou emitir um só gemido de dor, comecei a estudá-la com acuidade.

Mediante um conhecimento já adquirido com as ninfas, localizei todas as irmãs de “onda viva” dela e descobri que ela era a “primogênita”.

Quanto às suas irmãs, a maioria estava espalhada por domínios sombrios, assustadores mesmo!

Muitas se encontravam em estado tão deplorável que senti pena delas, de tanto que estavam sofrendo.

Dali, imóvel, acompanhei aquela Pombagira e, a partir dela, comecei a acompanhar várias outras que a contatavam pelas mais diversas razões.

Quando já achava que havia entendido algumas coisas, surpreendi-me com a violência com que seu domínio foi atacado por uma horda de seres que pareciam infensos às armas e poderes daquela Pombagira das Pedreiras, tido como poderosa pelos seus pares da esquerda.


Após subjugarem-na e a todo o seu domínio, começaram a esgotá-la energeticamente seveciando a todas as suas auxiliares.

Como eu estava com meu corpo reduzido a pele e ossos, retalhado, esburacado e exaurido, nenhum daqueles seres me incomodou.

Mas outros espíritos em melhor estado foram seveciados e esgotados por eles, que rondavam por todo o domínio à procura de novas vítimas.

Algum tempo depois, talvez dias, eles desapareceram da mesma forma que haviam chegado, e deixaram para trás um domínio arrasado e desolado.

Assim que localizei aquela Pombagira, chefe daquele domínio, liguei-me mentalmente a ela e comecei a “ouvir” seus pensamentos e saber o que se passava em seu íntimo.



O que eu ouvia entristeceu-me muito, pois ao seu modo ela tentava arregimentar à sua volta suas irmãs de “onda viva” e de mistério. Só que falhara, porque muitas estavam caídas nos domínios daqueles seres, e suas tentativas de resgatá-las despertara a ira e uma violenta reação do senhor deles, que os mandou darem uma lição nela.

Aqueles seres possuidores de longas e pontiagudas garras, assim como de enormes genitálias, haviam rasgado e violentado tanto a ela e às suas auxiliares que, em dado momento, o sofrimento se tornou tão intenso que começaram a clamar num sussurro:

– Mamãe, onde está você? Por que não vem nos socorrer e nos libertar desse sofrimento?

Sussurrando isso continuamente, começaram a regredir e a ficar encolhidas na posição fetal e com os olhos já não vendo nada, porque se refugiaram nas suas infâncias, quando eram felizes e desconheciam a dor ou outros sofrimentos.

Mesmo não tendo olhos no meu espírito, lágrimas de tristeza correram dos olhos de minha alma quando voltei minha visão na direção da mãe delas, e que era justamente aquela minha mãe e senhora Iansã que solicitara que eu assumisse suas filhas.

Mesmo com o rosto coberto pelo véu dos mistérios, vi as suas lágrimas correndo em abundância. E ela ficou tão triste que sentiu vontade de levantar-se do seu Trono e ir socorrer suas filhas caídas.

Então me lembrei do que ouvira do meu pai Ogum do Tempo, que me dissera que um dia, no passado, eu me levantara do meu e deixara o lado divino da Criação, deslocando-me para o seu lado espiritual.

Agora sim suas palavras assumiam um significado real para mim, pois me vi na mesma situação daquela mãe Iansã das Pedreiras.

O dilema dela era difícilíssimo porque, se viesse socorrer suas filhas caídas, arrastaria consigo todas as ainda equilibradas.

Como deixar seu domínio solto no Tempo e no Espaço? Como socorrer umas e abandonar à própria sorte as outras?

Eu, ali e naquele momento, me reconheci importantíssimo para o meio, pois eu tinha uma liberdade de ação que ela, assentada em seu Trono Celestial, não possuía.

Aos poucos fui suplantando a paralisia que tomara conta do meu corpo e fui reassumindo seu comando, ainda que voltasse a sentir dores atrozes.

Lentamente fiquei de joelhos, e chegou um momento em que consegui ficar de pé. Então elevei meus braços para o lado e comecei a reenergizar-me e a reconstituir meu corpo.

Quando aquele processo de regeneração terminou, vi-me refeito e já não sentia dor alguma.

Mas algo havia amadurecido em meu íntimo porque já não me sentia um espírito jovem, e sim, sentia e me via mais maduro e menos emotivo.

Algo havia mudado em meu íntimo!

Caminhei até onde estava aquela primogênita e fiquei observando-a por um longo tempo, até que me lembrei da minha flauta encantada.

Peguei-a e olhei-a demoradamente.

Então, do meu íntimo começou a brotar uma música que evocava o tempo da alegria e da esperança, vivenciado por cada uma das filhas daquela minha mãe e senhora Iansã das Pedreiras.

O som que saía daquela flauta encantada era divino, pois começou a entrar nos ouvidos delas e a retirá-las daquele estado de prostração e de regressão.

O som divino emitido por aquela flauta, não sei como, alcançou todas as filhas naturais “caídas” daquela abençoada mãe divina e começou a despertar no íntimo delas sentimentos nobres e a regenerá-las de dentro para fora, até que chegou um momento em que todas as outras, retidas em outros domínios das sombras, a ser puxadas para aquele onde eu me encontrava.

O som entrava nos seus ouvidos e nos da mãe delas que, encantada e extasiada, voltara seus olhos divinos para o domínio onde tudo acontecia.

Toquei, toquei e toquei! E só parei de tocar aquela flauta quando todas as filhas daquela minha mãe e senhora adormeceram com um leve sorriso nos lábios.

O domínio, antes sombrio e assustador transformara-se por completo, mostrando-se muito claro e possuidor de uma flora encantadora que extasiou meus olhos.

Cidadelas haviam surgido em vários pontos até onde minha vista alcançou.

Da elevação onde me encontrava, olhei em todas as direções e via um belíssimo e infinito domínio da vida pronto para ser ocupado por elas e por quem mais quisesse viver nele.

Dali eu podia ver a mãe de todas elas abençoando-me e agradecendo-me pelo que eu havia feito com minha flauta encantada, ganhada por mim de uma encantadora Ninfa da Música.

Até nos falar mentalmente foi possível. Então ela me perguntou:

– Que domínio encantador é esse, Filho do Pai Gerador?

– Amada mãe, esse domínio é resultado de um desejo que brotou em meu íntimo. Ele é fruto do meu desejo de ver todas as suas filhas reunidas em um lugar tão pleno em si que nele haveria tudo o que elas precisassem para evoluir e nele abrirem seus domínios pessoais.

– Filho do pai, você gerou uma realidade encantadora só para as minhas filhas?

– Foi isso que eu fiz, não?

– Foi, sim, meu filho amado. Por que você fez isso por mim?

– Bom, eu desejei compensá-la por não ter aceitado seu pedido como a senhora queria e por tê-la decepcionado, sabe?

– Não sei, não. Quem é você, Filho do Pai?

– Eu sou o Aprendiz Sete que a decepcionou, minha mãe e minha senhora.

– Você é o mesmo espírito humano que fraquejou ante a responsabilidade de formar par com minhas filhas já maduras?

– Bom, se eu tivesse feito o que me pediu, agora estas suas outras filhas não estariam aqui, repousando em paz, harmonia e equilíbrio, pois a cabeça dos pares seria delas e eu ficaria paralisado em seu domínio.

– O que houve com sua aparência anterior?

– Não sei. Creio que aconteceu em meu íntimo um profundo amadurecimento que a mudou. Acho que foi isso que aconteceu.

– Naquela vez você era tão jovem e agora se mostra tão maduro!

– É, acho que foi isto que aconteceu comigo.

– Você me concede a realização de um desejo, Filho do Pai?

– Um desejo? Isso não é normal em uma mãe divina assentada em seu Trono Celestial.

– Não acontece... a não ser quando temos na nossa frente um genuíno Filho do Pai. Mas se o temos por um instante na nossa frente, aí um grande desejo brota em nosso íntimo, e, ou o realizamos, ou ele nos atormentará até que o realizemos.

– Bom, se é assim, então diga qual é o seu desejo, minha mãe.

– Eu gostaria de levantar-me desse meu Trono e entrar nessa realidade gerada pelo nosso Pai e nosso Divino Criador a partir do seu desejo de amparar nele todas as minhas filhas.

– Se isso não irá alterar sua divindade, então o realize, minha mãe e minha senhora.

– Crie o meio que ligará o meu domínio ao seu, meu filho!

– Como faço isso, minha mãe?

– Ora, abra um portal bidimensional entre os nossos domínios, e o meu que é divino, se unirá ao seu, que é espiritual.

– Bom, se é assim, então vou orar e clamar ao nosso amado pai Obaluaiê que o abra, sabe?

– Sei sim. O portal que Ele abrir, só Ele fechará... se nós não nos fizermos merecedores.

Eu orei e clamei ao nosso amado pai Obaluaiê para que Ele abrisse um portal bidimensional que unisse os dois domínios, um divino e outro espiritual.

Ainda estava ajoelhado e com a testa encostada no solo quando ouvi aquela minha amada mãe Iansã das Sete Pedreiras falar-me:

– Levante-se, meu amado filho humano do nosso pai e nosso Divino Criador! Já estou dentro do seu domínio espiritual, sabe?

Eu levantei um pouco a cabeça e vi o solo todo brilhante, pois seus pés iluminavam-no.

– Meu Deus!!!

– Por que o espanto, meu amado Filho do Pai?

– A senhora é divina, minha mãe! E eu sou só um espírito humano ainda muito ignorante e que não sei o que fazer, agora que vejo sua divindade incandescer e iluminar o solo onde pisa.

– Este domínio é seu. Logo, é você quem determinará como devo proceder nele, sabe?

– Já estou sabendo... que não sei como proceder.

– Por que você não se levanta e começa a descobrir como proceder com quem realiza um desejo em seu domínio espiritual?

Levantei-me e fiquei de pé diante dela, mas mantive a cabeça curvada e os olhos voltados para o solo diante dos seus pés.

– Assim você nunca verá quem entrar em seu domínio, meu filho. Nele, você é o senhor e é quem determina como deve proceder quem vier visitá-lo.

– Bom, eu não tenho experiência nessas coisas, sabe?

– Sei, sim. Sua pureza e ingenuidade, inocência e humildade o tornam tão encantador aos meus olhos que sinto um desejo imenso de olhar nos seus olhos e, através deles, ver o nosso Pai e nosso Divino Criador. E também sinto o desejo imenso de abraçá-lo e de ser abraçada com o mais humano dos seus abraços.

Pronto! Consegui dizer-lhe quais são os meus desejos, meu filho humano!

– Bom... eu... sabe... bom, que seja o que Deus quiser!

Então eu levantei a cabeça e os olhos e olhei seu rosto num relance, desviando novamente o olhar.

Como eu não faria nada porque estava petrificado e envergonhado, aquela minha mãe divina envolveu-me com seus braços de luz viva e inundou-me com sua luz cor de ouro.

Eu estremei em seus braços e comecei a soluçar. Então ela me pediu:

– Vamos, meu filho, conceda a essa tua mãe divina o teu mais humano dos abraços! Quero sentir-me humana, ainda que seja só por um breve instante!

– Mamãe Iansã... e mais eu não falei, pois a abracei com tanto amor que meu peito se abriu e uma luz intensa a envolveu toda.

Não sei se era eu quem a abraçou e se aquela luz era eu quem irradiava ou se era o nosso Divino Criador concedendo-lhe um abraço humano muito luminoso.

O que sei é que aquele abraço durou uma eternidade, ainda que não tenha durado mais que uns minutos.

Quando nos soltamos, eu estava muito quente e ela irradiava uma luz viva que mesclava o dourado e o violeta. Então ela me pediu:

– Meu filho caminhante, leve-me para passear pelo mais humano dos domínios espirituais que já vi!

– Não era só aquele desejo que a senhora vibrou em seu íntimo?

– Esse não é um desejo, e sim, uma vontade de sentir o lado humano da Criação, pois você é o mais humano dos Filhos do Pai que já vi, sabe?

– Já estou sabendo... que quando a senhora reassentar-se em seu Trono Celestial, irá humanizar seu domínio Celeste.

– Isso acontecerá, meu filho?

– Bom, o humanismo é contagiador, minha mãe!

– Ótimo! Contagie-me bem para que eu nunca mais deixe de sentir-me divina e humana ao mesmo tempo, está bem?

– A um desejo, nós o realizamos ou não, a uma vontade sempre a cumprimos!

– Assim é e assim sempre será, meu filho amado.

Ela passou seu braço esquerdo por baixo do meu braço direito, segurou minha mão entre as suas e ordenou-me que a levasse para caminhar e a conhecer um genuíno domínio humano da vida.

Descemos aquela leve elevação e caminhamos por entre bosques, jardins e gramados lindíssimos. E a tudo ela observava, tocava ou aspirava o suave perfume das flores.

Chegando a um riacho raso cujo leito era coberto por uma finíssima areia branca, ela, sem soltar minha mão direita, enfiou um dos pés nele e sentiu o frescor da água.

Então enfiou o outro e caminhamos assim: ela pelo córrego e eu na sua margem gramada.

Em dado momento, ela pediu:

– Meu filho, sente-se na margem para que eu possa sentar-me e usufruir o frescor dessa água, tão agradável!

Obedeci e, admirado mas sem olhar para ela, a ouvi soluçar. E, entre soluços, ouvi esse comentário: agora tenho certeza de que minhas filhas serão muito felizes aqui e se humanizarão naturalmente, sem a necessidade de encarnarem no plano material humano.

– É, elas se humanizarão sim, mamãe. – concordei.

– Leve-me de volta ao portal, meu filho amado. Já sei como é o meio humano da vida!

– Eu a levo, mamãe. A senhora não imagina como estou feliz por sua aprovação e por ter realizado seus desejos e vontade.

– É, eu não imagino. Eu sinto sua felicidade! Compartilhe-a com minhas filhas e, aí sim, me sentirei tão feliz quanto você, está bem?

– Esse é um desejo ou uma vontade sua, mamãe?

– É uma vontade, meu filho. Antes, eu o achei promissor. Agora, vejo-o como o filho prometido pelo Divino Pai quando me ordenou que permanecesse assentada em meu Trono, pois o seu filho prometido às Mães da Vida cuidaria das minhas filhas.


E logo você fez por elas e por mim o que Ele prometera. Sim, você é o Filho do Pai prometido às Mães da Vida sustentadoras do crescimento e da expansão dela no meio.

– Bom... eu não sei o que sou. Mas sinto-me feliz por ser isso para a senhora.

Não sei quantas mães Iansã das Sete Pedreiras existem na infinita Criação, mas eu já a amo desde que vivi no plano material da vida... onde, de vez em quando, eu ia oferendá-la e clamar por seu auxílio divino a mim ou aos meus irmãos e irmãs necessitados de sua ajuda. Muito obrigado, mamãe!

– Sua gratidão e seu amor incondicional o tornam um anjo aos meus olhos, meu filho. Não sou a sua mãe Iansã que acolheu seus clamores e pedidos, mas, por ela, recebo sua gratidão e seu amor e digo-lhe: meu filho, muito obrigada por ter me confiado seu amor, sua fé e sua confiança no mistério que manifesto porque sou ele em mim mesma.

Eu sou um mistério da fé, do amor e da confiança existente no nosso Divino Criador. Nunca deixe de ter fé n'Ele, nunca deixe de amar a tudo e a todos e nunca deixe de confiar na providencia divina, pois assim estará vivenciado o mistério Iansã Sete Pedreiras.

- 
- Sim, senhora, mamãe.
 - Bom, chegamos!
 - É, chegamos sim. O tempo passou rápido, não?
 - Passou, sim, meu filho.
 - Vou sentir saudades da senhora.

– Por que, se poderá me visitar quando quiser? E, além disso, me verá sem esse véu de mistério em cada uma das minhas filhas agora confiadas a você e me abraçará toda vez que as abraçar. Não creio que terá tempo para sentir saudades, sabe?

– Não sei, não. Mas, se a senhora diz isso, então está tudo bem.

– Ótimo! Até o momento em que sentirá uma saudade irresistível e irá visitar-me no meu domínio celestial!

– Sim, senhora, mamãe.

Ela me deu um abraço tão maternal que só a soltei dos meus braços quando ela falou: preciso retornar ao meu lado da vida senão logo o frescor agradável que ainda sinto se transformará em um frio gelado, meu filho!

Eu a soltei e ajoelhei-me, para então pedir sua bênção.

Pouco depois eu a via através daquele portal, já assentada em seu Trono celestial. Como ele não se fechara após retornar ao seu lado divino da vida, ela me falou:

– Meu filho, este portal bidimensional servirá de meio para que toda filha minha que desejar evoluir na “sua” dimensão humana, possa fazê-lo sem ter que encarnar, assim como servirá para que todas as que aí evoluírem e amadurecerem possam vir assentar-se na minha dimensão.

– Assim a senhora ordenou, assim será, minha amada mãe Iansã das Sete Pedreiras.

– Só vou impor uma condição, meu filho.

– Qual, mamãe?

– Só conseguirão ver esse portal aquelas que tiverem evoluído e amadurecido nos sete sentidos, senão logo tornarão a desequilibrar-se. E muitas serão tentadas a retornar ainda imaturas ou muito emotivas.

– A senhora sabe o que é melhor para elas.

Mais não foi preciso ser dito e, com o passar do tempo, concedi a posse do meu mistério a todas as filhas dela que manifestaram o desejo ou a vontade de possuí-lo e assentar o seu nos domínio dele, pois a cabeça dos pares assim formados seria minha e não me paralisariam.

Mas aí já é uma outra história, pois assim que aquela filha primogênita dela acordou e ficou sabendo de tudo o que lhe acontecera, concedi-lhe a regência daquela dimensão humana da vida, aberta justamente para abrigá-la e às suas irmãs de mistério.

Após ela ter assumido sua nova função, perguntei-lhe:

– Minha querida irmã, quem eram aqueles seres assustadores que as atacaram?

– Meu senhor e meu irmão Aprendiz Sete, eles são seres que pertencem a uma realidade desconhecida por mim, mas que tem funções opostas às do mistério Iansã Sete Pedreiras.

– Bom, eu preciso estudar um pouco sobre as funções dos mistérios, conhecê-las e descobrir seus opostos. Só quando eu tiver esse conhecimento saberei avaliar corretamente as ações negativas que classifico como desumanas... mas que devem ter suas razões para ser realizadas da forma como as vejo acontecer.

– Meu senhor, conhecer os polos opostos implica ser possuído por seus regentes e em servi-los como eles determinam aos seus manifestadores.

– Como isso acontece, minha irmã?

– O que aconteceu conosco quando o senhor me assumiu e às minhas irmãs caídas como beneficiárias do seu mistério amparador e expansor da vida?

– Vocês foram regeneradas, reequilibradas e puderam retomar suas evoluções naturais.

– Não é a isso que me refiro, mas sim ao nosso “estado de espírito”, pois éramos intolerantes, iradas, bravas, agressivas, explosivas, impacientes, apressadas, instintivas, interesseiras, egoístas, traiçoeiras, falsas, mentirosas, lascivas, libidinosas, insaciáveis, possessivas, dominadoras, exibicionistas, exploradoras, ciumentas, soberbas, etc., não?

– Isso tudo e muito mais vocês eram quando as conheci a partir do vosso “lado” negativo.

– Como somos, agora que o senhor nos assumiu e concedeu-nos o benefício do amparo irrestrito do seu mistério amparador e expansor da vida?

– Eu as vejo opostas em tudo o que você disse que eram antes de serem atacadas por aqueles seres que as trucidaram.

– É isso, meu senhor. Os mistérios opostos têm, por função, agir com rigor sobre os seres que se desviam dos seus domínios naturais porque tiveram suas evoluções naturais interrompidas quando lhes faltaram o auxílio dos seus mistérios complementares.

– O mistério complementar supre o ser e fornece-lhe os recursos e as condições necessárias para continuarem a evoluir. Já os mistérios opostos anulam os seres que estão regredindo consciencial, racional e emocionalmente?

– É isso mesmo, meu senhor.



- Bom, é hora de conhecer um mistério oposto e seus domínios.
- O senhor pretende ir até os domínios dos seres que nos trucidaram?
- Pretendo.
- Não vá, meu senhor! Aqueles seres são insensíveis e malignos, não respeitam ninguém que não faça parte de sua espécie.
- Bem, só conhecerei a razão de serem como são se eu for até seus domínios na Criação e conhecê-los por dentro.
- Se o senhor entrar nos domínios daqueles seres, nunca mais sairá ou, se saíres, virá marcado pelo mistério que manifestam e que os tornam tão temidos, insensíveis e cruéis com suas vítimas.
- Veremos, minha irmã natural. Até outro encontro!
- Não vá, meu senhor – clamou ela, mas eu já volitava rumo a um daqueles domínios opostos aos dos da senhora minha mãe Guardiã das Sete Pedreiras.

Quando meu espírito entrou nos limites do domínio escolhido por mim, uma irradiação parecida com uma tela de aço envolveu-me por completo, absorveu toda a luz que eu irradiava e aderiu ao meu corpo cortando-o todo.

A dor foi insuportável e caí no solo, formado por uma crosta ferruginosa e toda cheia de saliências pontiagudas que penetraram por entre as malhas da tela cortante.

Eu mal conseguia respirar, de tão forte que era a dor que eu sentia. Mover-me, nem pensar!

Mas, se pensei que ali terminava o meu tormento, estava enganado, pois um grupo de seres iguais aos que eu vira surgiu à minha volta, cercando-me e cravando em meu corpo umas lanças cujas pontas cortantes queimavam como ferro em brasa, acabando ali com qualquer resistência por minha parte.

Exaurido até os “ossos”, fui arrastado até uma gruta iluminada por algo parecido com tochas rubras, em cujo fundo havia um enorme trono de pedra ferruginosa ornado com lanças e alguns outros instrumentos de poder.

Fui largado na frente do trono e sua ocupante ordenou que meus algozes saíssem, deixando-a a sós comigo.

O líquido escuro que escorria pelos cortes daquela malha cobria meus olhos e não pude vê-la direito, mas vislumbrei o meu semblante e pareceu-me ter uns dois metros e meio de altura.

Mais adiante a vi bem e digo agora que ela tinha essa altura mesmo.

Seu corpo era “esculpido em pedra” e suas formas eram firmes e perfeitas.

Sua “pele” era da cor de ferrugem e tinha todos os atributos de uma fêmea escultural.

Ela projetou algo pela mão esquerda e fui acorrentado ao seu Trono, sofrendo nova descarga energética que acabou de esgotar-me por completo.

Algum tempo depois, ela tornou a irradiar com a mão esquerda e a tela que me envolvia foi retirada, mas só da cintura para baixo.

A seguir, ela projetou algo que consumiu o que restara da minha calça e sapatos brancos, deixando-me exposto aos seus olhos, que se fixaram em certa parte do meu corpo, à qual ela observou por um longo tempo antes de levantar-se e tocar-me, primeiro com cautela. Mas logo me apertava com as mãos e sentia-me melhor.

Aquele exame demorou algum tempo até que, gemendo de dor, a ouvi rir satisfeita e exclamar feliz:

– Meu oposito masculino, já conheço o seu mistério e já sei como ativá-lo à sua revelia.

Com grande esforço, consegui dizer-lhe:

– Minha senhora, não sou seu oposito masculino, e sim, sou um servo do meu pai e meu senhor.

– É sim, espírito humano. Acompanhei-o visualmente desde o momento em que você auxiliou aquelas minhas escravas, libertando-as do meu domínio e possessão.

– Elas não eram suas escravas, minha senhora. Apenas não tinham pares complementares para sustentá-las.

– Você interferiu em um domínio que já era meu e agora começou a pagar por sua afronta. Seu tormento apenas começou, espírito humano! Daqui nunca mais sairá.

– Se esse é o seu desejo, que assim seja, minha senhora. Não sairei daqui até a senhora desejar que eu saia, está bem?

– Estando bem ou não, daqui não sairá!

– Então, que assim seja, minha senhora.

– Quem é você, espírito humano?

– Eu sou o Aprendiz Sete, minha senhora.

– Ah! Um aprendiz! Eu devia ter imaginado que só um aprendiz ignorante ousaria invadir meus domínios, achando que ficaria impune, ainda mais depois de roubar-me um domínio tão importante como aquele. Aqui termina o seu aprendizado e começa o seu tormento, espírito humano!

– Na dor também se aprende, minha senhora.

– Então será na dor que aprenderá que ninguém fica impune se interfere em meus domínios.

– Sinto muito se pensa assim. Não tive intenção de prejudicá-la, apenas ajudei aquelas minhas irmãs que estavam sofrendo muito.

– Eu havia iniciado o esgotamento delas, Aprendiz Sete! – exclamou ela, muito irritada, apertando com força certa parte do meu corpo.

– O que a levou a esgotá-las com tanta fúria, minha senhora?

– A rainha delas estava interferindo em meus domínios tentando retomar suas escravas caídas neles.

– Alguém deve ser punido se tenta minorar o sofrimento de outros seres?

– Isso eu não sei e não discuto! Cumpro minha função na Criação, que é a de esgotar pela dor todos os seres que caem nos meus domínios. Isso eu faço muito bem, sabe?

– Já estou sabendo, minha senhora. Vendo-a apertar com ódio o que mais desejais, não tenho dúvida de que é resultado de uma grande decepção.

– O que você insinua, mísero espírito humano?

– O que percebi. Aperta com raiva o que gostaria de acariciar. Deseja destruir o que gostaria de possuir e ter sempre ao seu alcance e à sua disposição. Isto é sempre assim, sabe?

– Não sei, não. Você é um insolente e um tolo, pois está vivenciando o seu fim na dor, que só aumentará de agora em diante.

– É, acho que sou um tolo que acredita no respeito, na bondade, na fraternidade e na misericórdia entre os seres, sejam eles guardiões de mistérios ou beneficiários deles.

– Pois eu acredito que os fracos e os tolos devem ser esgotados na dor, pois só assim se tornarão fortes ou serão reduzidos ao que já são: seres sofredores!

– São pontos de vista conflitantes os nossos, não?

– São, sim. Agora você é meu escravo e irá servir-me para sempre com o seu mistério que, em vez de amparar a expansão da vida, irá puni-la e contraí-la na dor com esse seu “instrumento humano”.

Logo, logo estarás como os meus outros escravos, que já vistes em ação.

– Eles também caíram em seus domínios?

– Quando aqui caíram eram fracos e tolos, mas eu os tornei fortes e insaciáveis. Eles são capazes de tudo e servem bem à minha função na Criação.

– Entendo. És portadora de um mistério que abre o polo negativo dos seres através do sétimo sentido, e torna-o aberrações devassas, libidinosas e insaciáveis. Todos implacáveis e insensíveis ao sofrimento alheio.

– Eles são fortes e poderosos. Isso é o que eles são!

– Entendo. Para a senhora, o que tem valor e importância é a capacidade deles de trucidar suas vítimas, e nada mais.

– É isso mesmo, Aprendiz Sete! Logo o tornarei mais um a servir-me com esse seu órgão ainda humano, mas que se petrificará e se transformará em um instrumento punidor das fracas e tolas fêmeas que comecem a cair porque não subjugaram seus desejos de terem um “par perfeito ou ideal”.

Pares perfeitos não existem, Aprendiz Sete! Isso é pura ilusão para criar na mente dos seres uma esperança que nunca se concretiza em suas vidas e paralisa-os, aprisionando-os no desejo irrealizável e na expectativa abstrata de que serão felizes assim que o par perfeito aparecer.

– Lamento ouvir isso da senhora. Já fostes uma delas e hoje és a algoz que paralisa em seus domínios todos os que sucumbem diante das dificuldades inerentes à própria evolução e ao desabrochar em seus íntimos de um dos mistérios da vida.

Isto me faz sofrer mais que o que seus escravos ou a senhora fizeram comigo.

– Você é um fraco e um tolo, Aprendiz Sete! Você é mais um que acredita nessa ilusão e alimenta no íntimo dos infelizes a esperança de que serão felizes.

Você deve ser duplamente punido, sabe?

– Não sei, não, minha senhora. Por que devo ser punido tão rigorosamente?

– Você não só propaga essa ilusão como crê nela. E isso, a meu ver, o faz duplamente culpado!

Ela falou isso com ódio e seus olhos cinzentos tornaram-se rubros, enquanto suas duas mãos apertaram-me com força, arrancando de mim um urro de dor. Então ela, possuída por uma fúria incontrolável, começou a ordenar-me aos gritos:

– Urre de dor, Aprendiz Sete! Chore em minhas mãos, espírito humano fraco e abominável! Urre e chore porque será através da dor extrema que fecharei esse mistério em seu espírito e abrirei seu polo negativo, tornando-o meu escravo obediente.

Urre de dor e chore desesperado, maldito iludidor! Em minhas mãos você se arrependerá por ter desejado possuir esse mistério, espírito humano fraco e tolo!

A dor era tanta que eu não fazia outra coisa além de urrar. Eu não conseguia dizer-lhe que em mim aquele mistério que ela tanto odiava era



natural, e não que eu o havia possuído. Logo, ele não possuía um polo positivo ou negativo, e sim era como era, e ponto final.

Nos seres classificados como “Filhos do Pai” os mistérios que manifestam são originais e não estão sujeitos às bipolarizações, normais nos mistérios do meio ou voltados para ele.

Comigo mergulhado no tormento da dor extrema, ela tapou com a palma da mão direita o meu chacra básico e irradiou-o intensamente. Então, totalmente histérica e possuída por aquela fúria incontrolável, torturou-me com violência e insensibilidade.

Transtornado pela dor, eu a via “violentando-me” com ódio. Mas algo até então inimaginado por mim, e muito menos por ela, começou a acontecer: meu corpo começou a esquentar de forma incontrolável e aquele calor intenso e abrasador espalhou-se por todo ele, consumindo aquela malha de fios de aço, assim como fechou todos os cortes feitos por ela e os buracos feitos pelas lanças, regenerando-me por completo.

No instante seguinte, aquele calor abrasador fluiu pelo meu peito e entrou no dela alterando imediatamente suas faces que, do ódio, passou para o prazer, anulando em seu íntimo a fúria que a havia possuído quando sucumbira diante do poder do polo oposto ao do Mistério das Sete Pedreiras, que é positivo e amparador da expansão da vida.

Eu já não sentia dores e conseguia vê-la bem. E a via rubra como uma brasa.

Enquanto seu enorme corpo tremia todo, ela abraçou-me e apertava-se toda contra mim, quase me sufocando.

Aquela alteração durou alguns minutos para então vir uma descarga energética tão poderosa que ela se extasiou toda.

O que sentia, só ela sabia. Mas aos meus olhos era uma avassaladora descarga emocional e energética que vinha se acumulando há muito tempo.

Aquela descarga parecia não ter fim e chegou um momento em que ela atingiu seu auge, fato esse que a fez chorar enquanto se contorcia.

Quando, finalmente, aquela descarga terminou, eu via uma mocinha chorando de forma incontrolável.

Como aquele choro não cessava, abracei-a e a confortei dizendo-lhe:

– Está tudo bem, minha irmã querida que acordou de um terrível pesadelo.

Após olhar-me com os olhos lacrimejando, abraçou-me e continuou a chorar seu dolorido despertar ou libertação da fúria e do poder do polo negativo oposto do Mistério das Sete Pedreiras, que a havia possuído por inteira.

Vendo que ela não pararia de chorar, toquei em sua nuca e a adormeci. Então a cobri com uma veste energética e refiz a minha, toda esfarrapada.

Sentei-me numa pedra e comecei a abrir minha visão e audição superiores, começando a ver e a ouvir todos os seres aprisionados naquele domínio, que era vastíssimo.

Meus tímpanos quase explodiram de tantos que eram os clamores de ajuda ou os urros de ódio e revolta.

Aos poucos reassumi o controle de minha visão e audição e pude fazer um reconhecimento total daquele domínio.

Dos meus olhos começou a correr lágrimas, tanto era o sofrimento ali existente.

Identifiquei uma passagem atrás daquele trono de pedra e entrei por ela para ver o que havia no outro lado.

Estarrecido, vi milhares de seres femininos parecidíssimos com ela, mas todas estavam dementadas e deitadas, ou sentadas, ou andando trôpegas e com os olhos perdidos no vazio, alheias a tudo e a todas.

Deduzi que eram irmãs de onda viva daquela que eu adormecera e que devia ser a primogênita delas.

O estado em que se encontravam indicava o sofrimento e tormentos a que haviam sido submetidas.

Sexos dilacerados, corpo rasgado por cortes profundos, seios mutilados, etc., fizeram-me cair de joelhos e exclamar aflito: “Por que, meu Deus e meu Pai? Isto parece não ter fim! Quanto mais eu desço, maior é o horror a ser visto!”

Não obtive resposta, mas, aos poucos, comecei a divisar ao longe a figura imponente, altaneira e marcial do meu pai e meu senhor Ogum de Ronda. E, mesmo estando muito longe, vi seus olhos sérios fixados no meu, como a me ordenar algo, mas só entendi isto:

– Honra teu Pai e tua Mãe e por Eles serás honrado, meu filho.

– Sim, senhor, meu pai e meu senhor Ogum de Ronda, eu os honrarei!
– respondi-lhe, também com os olhos.

Ele empinou seu cavalo e lançou-se no espaço infinito desaparecendo do meu campo visual. Quando olhei para o solo diante dos meus pés, vi uma espada simbólica envolta por uma bainha azul-escura.

O seu cabo era de madreperlas, presas por sete anéis dourados. Tornei a olhar no horizonte, para ver se conseguia vê-lo novamente e saber a razão de ter deixado aos meus pés uma espada simbolizadora do seu poder, mas nada vi.

Então a apanhei e a desembainhei, vendo uma lâmina dourada com minúsculas pedras incrustadas nos seus dois lados.

Ao ver que haviam minúsculas pedras de muitas espécies, murmurei:

– De quantos domínios e mistérios essa espada será guardiã?

– De todos, meu filho! Ogum de Ronda guarda e protege todos os domínios e mistérios. Por isso ele vive a rondar a tudo e a todos, só interferindo em casos excepcionais, pois prefere que seus filhos, que também são Oguns e vivem fazendo suas rondas, interfiram e reordenem o caos estabelecido onde a Lei e a Vida deixaram de ser o bem maior dos seres! – falou dentro da minha cabeça aquela voz que não era voz, mas que eu já conhecia.

– Agora, você também tem o grau de filho do senhor Ogum de Ronda, que é Meu Filho e Meu Servo dedicado e incansável. Até que ele volte e reclame a posse desse domínio, você é o responsável por ele e pelos que aqui se encontram. Assuma-o, meu filho!

Eu ouvi o que a voz me ordenava e cravei a espada dourada da Lei naquele solo rochoso e escuro.

Ela cravou fundo e com um estrondo ribombante. Em seguida, começou a colorir todo aquele domínio e a clareá-lo.

Quanto mais a espada se encravava nas rochas, mais intenso era o ribombar. E quando entrou até o cabo, ouvi um urro de dor e ódio terrível e temível.

Mas não soltei seu cabo, e sim a segurei mais firme com as duas mãos e irradiei tão forte que algo “embaixo” daquele domínio começou a explodir.

E as explosões pareciam não ter fim, abalando o solo rochoso, de forma parecida com um abalo sísmico do plano material.

Ouvindo urros de dor e imprecações inomináveis, fechei a mão esquerda ao redor do cabo da espada dourada, elevei o braço direito e, com o dedo indicador em riste e apontando para o alto, exclamei:

– Nos meus domínios não há um embaixo, porque neles sou seu alto, seu meio e seu embaixo! Na irradiação do meu pai Ogum eu sou tripolar e não admito que alguém interfira neles impunemente!

Então emiti o grito de guerra dos filhos de Ogum: ooogunnn-yê, meu pai! E um estrondo ensurdecedor abalou tudo.

A seguir, girei a espada e a puxei, fazendo voltar o silêncio e a calma.

Tal como havia feito em outros lugares, ali também comecei a reordenar aquele domínio, curando e regenerando todos os seres retidos.

Demorei um pouco mais, porque fiz observações importantes para o meu aprendizado, mas que me seriam de grande utilidade no futuro, quando

voltasse a encontrar seres cujos polos negativos tivessem sido abertos quando submetidos à dor extrema.

Os estudos que realizei esclareceram-me a razão de seres antes racionais agirem unicamente por meio do instinto e da força bruta, física ou mental, e de só encontrarem o prazer se submeterem suas vítimas a tortura e dor.

O que descobri? Guardo para mim, porque não creio que os espíritos encarnados estejam preparados para tomarem conhecimento no momento em que transmito a minha longa jornada de estudos e aprendizados.

O que posso dizer, por alto, é que os polos negativos existentes nas faixas vibratórias negativas atuam intensamente sobre os seres que se negativam e os possuem de tal forma que os transformam em verdadeiras bestas feras ou os esgotam de tal forma que os paralisam totalmente.

Nos que são possuídos, abre-se no íntimo deles um mistério em tudo oposto ao que se abriria nas esferas positivas, caso o ser alcançasse os polos positivos das faixas vibratórias.

Eu já relatei que, quando alcancei o âmago do mistério sustentador do coração dos seres, no meu abriu-se um mistério que me transformou num doador inesgotável de energias que alteram totalmente quem estiver “carente” de amor.

Também já relatei que sou portador natural de um mistério da vida em meu sétimo sentido e que, mesmo contra a minha vontade, ele começa a gerar energias vivas para suprir a carência de quem estiver desequilibrado nesse sentido ou estiver carente delas.

No sétimo sentido, gero uma energia viva que traz em si todos os fatores relacionados a ele.


Muitos guardiões de mistérios do sétimo sentido ou dos outros geram energias vivas em um ou outro padrão vibratório, mas, por não gerá-las em todos os padrões do mistério maior, são classificados como guardiões.

Já quem, em um mistério maior, gera sua energia em todos os padrões possíveis e pode doar a posse do seu mistério a todos que o queiram, ou dele precisem para evoluir mais rapidamente, estes são os “Filhos do Pai”, com maiúscula mesmo.

Quem é beneficiado pela posse do mistério de um Filho do Pai torna-se guardião dele em apenas um dos seus padrões vibratórios e não em todos. Sua limitação não lhe permite tal coisa.

Um Filho do Pai, no sentido que se manifesta, é inesgotável e, quanto mais doa a posse do seu mistério, mais tem para doar.

E, se mediante um ser guardião de mistério um Filho do Pai possuir o dele, em função dessa posse alcança o âmago do mistério geral possuindo-o



para, daí em diante, passar a manifestá-lo em sua totalidade quando for preciso ou quando quiser.

Um Filho do Pai é um ser diferente porque, por uma parte de um mistério, ele o possui em sua totalidade e torna-se portador natural dele daí em diante, pois passa a gerar sua energia original, que traz em si todos os fatores puros pertinentes ao mistério e que, combinando-se, faz gerar suas energias mistas ou complexas em todos os padrões vibratórios existentes na Criação manifestada.

Alguém assim é desejado por muitos, evitado por outro tanto e odiado por todos os “Filhos do Pai” que caíram, regrediram e tornaram-se prisioneiros dos seus próprios polos negativos.

Ainda há os “Filhos do Pai” unipolares e que só conseguem manifestar seu mistério no lado positivo ou no lado negativo da Criação.

Os que são classificados como positivos atuam nas faixas vibratórias positivas. Os que são negativos só manifestam seu mistério nas faixas vibratórias negativas.

Suas funções não se misturam, e um não “sobrevive” no campo de ação do outro. Portanto, não se “conhecem” nunca.

Já nós, os filhos tripolares, aí tudo se complica, porque ora estamos na luz, ora no meio, ora nas trevas.

Para que entendam como é difícil ser um Filho do Pai, para nós a detecção de um desequilíbrio é automática e ativa nosso mistério no instante em que o desequilíbrio é detectado.

A partir desse ponto, podemos ocultar o que detectamos, ou nos afastar do ser em desequilíbrio, ou nos anularmos, ou irmos ao seu encontro e descobrir como melhor auxiliá-lo. Isto, se for possível, pois não é raro sermos repelidos por conta da profundidade do desequilíbrio já instalado nos seres desequilibrados.

Eu, ainda novo nas ações de longo alcance com meu mistério, já havia descoberto muito e estudado cada uma das minhas atuações sob a luz da razão, e estava edificando em meu íntimo um modo de atuar só meu porque sou humano e estava atuando em dimensões ou realidade da vida extrahumanas.

Nelas eu era o “estrangeiro”, ora desdenhado, ora desprezado, ora aguardado com ansiedade.

Eu já havia descoberto que cada “Onda Viva” tinha uma primogênita que trazia em si e integralmente o mistério de sua Mãe Natural e que, assim que “amadurecia”, manifestava-o naturalmente, não se diferenciando em nada da sua genitora.

Após serem assentadas em seus tronos energéticos, diferenciá-las era quase um exercício de adivinhação, pois são “clones” perfeitos de suas mães.

Há detalhes insignificantes ao mal observador e que só são identificados por quem os conhecer e que indicam se é “nova ou antiga” de trono.

Portanto, se eu era humano e era novo, no entanto eu aprendia rápido sobre os procedimentos e o comportamento no “mundo natural”.

Uma coisa que eu já havia observado e estudado era o comportamento das irmãs de Onda Viva das primogênicas:

– Elas as consideram muito como irmãs e as têm na conta de suas líderes. E quando uma primogênita é assentada, todas as suas irmãs passam a tê-la como sua “rainha” e as obedecem cegamente.

Mas, como eu havia descoberto, se uma primogênita vier a encarnar no plano material da dimensão humana, suas irmãs passam a dar-lhe sustentação desde a dimensão e do domínio onde vivem. Mas, quando esta se negativa e começa a cair vibratoriamente, regredindo, ela arrasta toda a sua “irmandade” para o mesmo nível vibratório negativo onde estacionar, prejudicando-as muito.

Não é raro algumas dessas irmãs desfavorecidas se revoltarem contra sua responsável e abandoná-la à própria sorte, submetendo-se ao mistério de algum guardião de mistério que queria adotá-las como beneficiárias do que ele manifesta naturalmente.

Se são guardiões positivos, tudo farão para resgatarem as primogênicas caídas atuando através das irmãs delas que adotaram.

Agora, se são guardiões negativos, então tudo farão para subjugar e dominarem as primogênicas através das que adotaram e submeteram aos rigores dos mistérios que manifestam.


Os guardiões agregados às faixas vibratórias negativas são possessivos e creem que quem se submete a eles lhes pertence, não tem o direito de deixá-los e deverá servir-lhes para sempre.

Mas o mesmo acontece com as guardiãs agregadas às mesmas faixas vibratórias negativas. E ali eu estava em um domínio regido por um mistério negativo, mas a partir do seu polo negativo e oposto.

Quem o regeia de fato em sua totalidade, se eu só havia entrado em um dos seus domínios, e que não era um dos piores?

Pensando nisso, voltei meus olhos para aquela primogênita ainda adormecida e com uma aparência diferente da poderosa “Rainha de Pedra” que eu conhecera em sua insensibilidade, arrogância e prepotência.

Centrei minha visão nela e, aos poucos, fui visualizando os cordões energéticos divinos que, já desatrosfiados, irrigavam cada uma das partes



que formavam seu belíssimo corpo feminino, não mais possuidor de qualquer tipo de deformação ou de transformação.

Curioso como só eu era, comecei a segui-los um a um para ver onde chegavam e onde estava o início da hierarquia divina sustentadora dela.

Só que agora eu observava tudo com outros olhos e “a distância”!

Visualizei ligações sutilíssimas em tudo análogas às minhas outras observações que fizera quando estava na fortaleza estrelada.

Sem pressa e examinando tudo com muita atenção, cheguei onde precisava, vi tudo o que tinha de ver e possuí os mistérios que me dariam condições ideais para reordenar todos aqueles domínios negativados do Mistério Sete Pedreiras.

E tudo isso fiz sem sair dali, pois até isso eu já havia aprendido.

Se muito eu ainda precisava aprender, no entanto eu aprendia rápido para um dia voltar à minha dimensão de origem: a dos espíritos humanos!

Quando isso aconteceria, não sabia!

Então, quando aquela primogênita despertou do seu sono profundo e merecido, olhou-me e vi rolares lágrimas sentidas dos seus olhos verdes-claros.

Eu a abracei e passei-lhe confiança e segurança. E quando se acalmou, pedi-lhe:

– Conte-me o que aconteceu contigo e que a tornou tão pétreia e insensível, querida irmã.

Ela inspirou profundamente e aí, já mais calma, começou a contar-me sua desventura:

– Meu senhor, já houve um tempo em que eu era plena e meu domínio era belíssimo, exuberante mesmo!

Mas, em dado momento, o meu par masculino positivo foi requisitado para adentrar na dimensão humana e auxiliar com seu mistério uma religião nascente.

No início, daqui, deste domínio, eu enviava-lhe minhas vibrações e energias sutis, sustentando-o e aos nossos filhos naturais que começaram a encarnar para poderem desenvolver sob o amparo divino dele o mistério humano, tão importante para os seres naturais e tão difícil de ser desenvolvido positivamente em toda a sua plenitude.

Mas, mesmo com todas as dificuldades inerentes ao desenvolvimento do mistério humano, tudo fluía a contento até que um dos nossos filhos humanizados foi possuído por um dos mistérios do polo negativo oposto do mistério humano e, daí em diante, começou a negatizar tudo e todos à sua volta.

Em seus seguidores encarnados, oriundos de muitos domínios naturais da Criação alojados nas dimensões paralelas à dimensão humana, ele desencadeou a abertura do mesmo mistério negativo na vida deles.

Os que se submeteram foram contemplados com um horror indescritível. Já os que recusaram submeter-se a tão vil procedimento, ele os torturou e matou na carne, ceifando-lhes o direito natural do livre-arbítrio nas suas evoluções e no desenvolvimento do tão desejado mistério humano.

De queda em queda vibratória, moral e consciencial, esse nosso filho desumanizado arrastou para as trevas humanas tantos outros filhos e filhas nossos e de outros pais e mães divinos e naturais que, em dado momento, tornou-se uma ameaça concreta à evolução natural nas dimensões paralelas porque começou a arrastar para os seus domínios humanos, ou melhor, desumanos!, todos os seres naturais que se desequilibravam e eram atraídos pelo polo negativo complementar do Mistério das Sete Pedreiras.

Os seres naturais masculinos, ou eram subjugados mentalmente por ele e eram tornados seus escravos auxiliares ou eram executados pelos piores tormentos das trevas humanas, possuídos por aquele meu filho degenerado.

Já os seres femininos, ele subjugava indistintamente com algum mistério que desconheço e as tornava suas escravas sexuais, alimentando-se das energias geradas por elas e que o tornavam cada vez mais poderoso.

O meu par natural, que era o pai natural desse meu filho, renegou-o e virou-lhe as costas, deixando-o senhor do seu destino e sina desumanizadora.


Ele retornou da dimensão humana, fechou-se em si mesmo e, pouco a pouco, foi desaparecendo do meu campo visual como uma linda estrela que se apaga e some em si mesma.

Ele se fechou em si e recolheu consigo o mistério que me sustentava, aos meus domínios e às minhas Ondas Vivas.

Com isso, fiquei vulnerável e meus domínios naturais começaram a ser invadidos, subjugados e negativados por esse meu filho desnaturado e desumanizado.

Ele fez tudo isso com seus irmãos e irmãs naturais até que eu deixei de reagir às suas investidas, para poupar minha hereditariedade do sofrimento indescritível a que eram submetidos os que reagiam.

Para evitar um mal irreparável, optei por outro mal reparável, pois os que se submetem merecem o amparo divino. Já os que são submetidos à força, estes se revoltam e facilitam ainda mais os propósitos dos seus algozes e, daí em diante, deixam de crer em tudo e em todos, inclusive no nosso Divino Criador.



Mas o preço que paguei foi tão dolorido que comecei a negativar-me e, em dado momento, fiquei tão vulnerável que caí sob o domínio mental do meu filho desnaturado e desumanizado.

Daí em diante, de queda em queda, cheguei onde me encontrou, meu senhor.

– Por que você atacava outros domínios regidos pelo mesmo mistério que o seu?

– Eu, totalmente desequilibrada, voltava-me contra quem amparasse espíritos humanos desequilibrados. Creio que esta seja uma reação do polo negativo oposto do mistério que manifesto e que me induzia a arrastar para esse meu domínio quem assim procedesse. E aquela minha irmã de mistérios estava amparando um espírito encarnado que recorria com muita frequência às magias negativas e desumanas para solucionar seus problemas, criados por ele mesmo porque é intolerante, presunçoso, soberbo, exibido, vingativo e falso, muito falso!

– Bom, ela também estava negativada, senhora! Provavelmente estava sendo possuída por algum outro mistério negativo irradiado pelo polo negativo oposto do mistério humano, pois, até onde sei, esse polo oposto, em vez de anular no ser esses sentimentos, estimula-os ainda mais.

Com isso, as pessoas possuídas por sentimentos negativos os têm exacerbados, e essa ação gera para elas toda uma reação das outras, que não as suportam e as isolam cortando todos os canais de ligações ou comunicações com elas, só admitindo-as por perto caso ainda lhes sejam úteis em alguma coisa.

Do contrário, bloqueiam-nas e as afastam ou as tratam com desprezo e desdém. E isso faz com que pessoas assim sejam segregadas em sua própria família, seu círculo de amizades, seu ambiente de trabalho ou de lazer. E essa reação se acentua após o desencarne, quando os espíritos em questão são isolados nas faixas vibratórias negativas humanas, onde são juntados aos seus afins e uns destroem os outros, tornando-se todos eles espíritos sofrendores merecedores da pena e da compaixão dos mais evoluídos, que aguardam pelo esgotamento total do negativismo deles, para então poderem ajudá-los a se reerguerem e retomarem suas evoluções.

Saiba que não são poucos os espíritos já ascencionados que se voltaram para os encarnados enviando-lhes vibrações estimuladoras das virtudes e anuladoras dos vícios.

Bilhões de espíritos atuam sobre os menos evoluídos, auxiliando-os a superarem os negativismos instalados em seus emocionais.

Há um imenso trabalho desenvolvido permanentemente desde o começo do ciclo reencarnacionista, iniciado pelos que ascendem em benefício dos que regridem ou encontram dificuldades em suas evoluções.

Saiba que é esse movimento contínuo que sustenta a evolução material e espiritual da humanidade que, se não é melhor que a evolução nas dimensões paralelas, no entanto, não é pior ou inferior. Apenas, esta é a forma humana de evolução.

– E os nossos filhos e filhas enviados à dimensão humana, meu senhor? Onde estão eles que não retornaram mais?

– Minha senhora, elas e eles estão envolvidos nesse imenso movimento evolucionista. Ora estão auxiliando os menos evoluídos, ora estão sendo auxiliados pelos mais evoluídos. O movimento é intenso!

– Por que os que evoluem não se voltam para as dimensões paralelas e reassumem seus graus e começam a dar sustentação aos seus irmãos e irmãs de “Onda Viva”?

– Isto não sei responder, minha senhora. Talvez um poder superior esteja retendo-os para que, quando retornarem, o façam estando mais preparados.

– Ou talvez os adeptos das religiões abstracionistas venham afastando-os de suas origens, não?

– Talvez seja isto também, minha senhora. Quem terá essa resposta?

– Eu não a tenho, meu senhor. O que sei é que nossos filhos e filhas naturais estão retidos na dimensão humana e não retornaram como esperávamos, sabe?

– Sei, sim. Já fiz uma longa jornada pelas dimensões paralelas e seus reinos e domínios naturais, e encontrei só uns poucos espíritos oriundos da dimensão humana da vida atuando em benefício da evolução natural.


– Talvez muitos tenham retornado e não tenham se readaptado ou não estivessem preparados para reassumir suas antigas funções de amparadores da evolução dos mais novos.

– Meu senhor, a dimensão humana é um meio anulador dos mistérios individuais, pois nela os espíritos são induzidos a crer que são os únicos seres no Universo e que fora eles ninguém mais existe, sabe?

– Sei, sim, minha senhora. O abstracionismo é isolacionista e os seres possuídos por ele separam Deus, o nosso Divino Criador, do resto da Criação. Colocam-no num pedestal, dando-Lhe uma imagem que não condiz com a verdade, pois se negam a crer num Deus vivo, concreto, que vive no íntimo de cada um de nós e habita no seio da sua Criação.

– O que o livrou dessa prisão consciencial abstracionista, meu senhor?

– Chame-me de Aprendiz Sete, por favor!



– Mas és o meu senhor, senhor Aprendiz Sete. E, além do mais, este nome não se aplica a um “Filho do Pai”, já que agora, livre do negativismo que turvava meus sentidos, eu o vejo claramente e o reconheço como meu senhor e meu superior.

– Este é o meu nome, minha senhora.

– Um “Filho do Pai” nunca é um aprendiz em nada, pois eles são os reformadores do que se deformou; são os reequilibradores do que se desequilibrou; são os reordenadores do que se desordenou; são os regeneradores do que se degenerou... etc., etc. e etc.

Saiba, caso o adormecimento na carne tenha lhe turvado algum sentido, que um “Filho do Pai” caminha pelos caminhos já percorridos pelos Pais Criadores e vai reparando tudo e todos que, após terem sido estabelecidos e assentados, encontraram dificuldades para manter-se e aos seus meios em perfeito equilíbrio.

– Entendo. Mas, ainda assim, gosto do meu nome e pretendo usá-lo enquanto me for possível, minha senhora.

– Está certo, meu senhor Aprendiz Sete. Mas é meu superior em todos os sentidos e esta sua opção por um nome que não lhe faz justiça não mudará nada para mim. Agora és o meu senhor e meu guardião sustentador.

Sou-lhe grata por teres me libertado do negativismo que havia me possuído. Só sinto-me culpada por tê-lo atormentado quando estava cega.

– Minha senhora, não se sinta culpada por ter agido em função do seu instinto. Seu sofrimento e sua revolta ante os acontecimentos adversos justificam seu procedimento agressivo contra tudo e todos que a lembravam dos humanos.

Peço-lhe que faça uma distinção com os humanos e passe a classificá-los em dois grupos: o dos equilibrados e o dos desequilibrados.

Aos primeiros, ame-os e ampare-os. Aos segundos, compadeça-se deles e, na medida dos seus esforços, ajude-os a se reequilibrarem para que logo façam parte do primeiro grupo, está bem?

– Está sim, meu senhor.

– Ótimo! Agora vamos caminhar um pouco, pois quero ver umas coisas nesse seu domínio.

– Não farás nada para auxiliar minhas irmãs, filhas e filhos necessitados de socorro urgente?

– Já fiz! Desliguei seu domínio do polo negativo que o puxava continuamente para baixo e para perto do centro neutro desse polo oposto ao do Mistério das Sete Pedreiras.

Quanto às suas irmãs, filhos e filhas necessitados, já estão sendo auxiliados pelo meu mistério. E, quando eu ver o que preciso, aí sim os ajudarei a se reerguerem de vez.

Eu saí daquela caverna e caminhei por muito tempo por aquele domínio recém-positivado.

Aquela senhora regente dele caminhava atrás de mim, sem nada dizer ou perguntar. Apenas observava o que eu observava. Mas, se minhas observações tinham um sentido para mim, para ela era como olhar para o que eu olhava.

Muito tempo depois, com ela já enfadada de tanto caminhar sem um rumo definido, divisei uma imensa pedreira.

Ela era altíssima e, no meio das rochas graníticas, eu via pequenas pedras preciosas cintilando suas cores características e embelezadoras.

Atravessei um riacho cujo leito era arenoso e coalhado de minúsculas pedras preciosas, e ajoelhei-me no sopé daquela esplendorosa pedreira, pondo-me a orar e refletir.

Em dado momento aconteceu um estrondo no interior dela, enquanto do alto do Altíssimo desceu um facho de luz amarela que, ao tocar no cume daquela pedreira, explodiu em mil cores ao mesmo tempo, como se fossem fogos de artifício.

E no meio daquela explosão de luz e cores desceu um raio azul que, ao tocar na pedreira, espalhou-se, encobrindo-a por completo. Em seguida, começaram a acontecer explosões e mais explosões por debaixo daquele manto azul que a encobria.

Quando cessaram as explosões, o raio azul e o facho de luz amarela cintilante refluíram para o alto do Altíssimo, deixando visível uma fortaleza que lembrava um antigo castelo medieval.

Voltei-me para aquela senhora regente daquele domínio e falei-lhe:

– Eis sua nova morada, minha senhora! No salão principal há um trono à sua espera. Assente-se nele, pois seu antigo poder e função na Criação serão reativados em seu íntimo.

Com isso, tudo e todos aqui vivendo serão ajudados pela senhora.

– Vá na frente, meu senhor, conduza-me!

– Não posso entrar nessa sua morada celeste, minha senhora. Não até seu par natural e senhor guardião do seu mistério não ser reassentado no trono existente à esquerda do seu.

– Ele se recolheu em si mesmo, meu senhor!

– Eu sei disso, mas vou auxiliá-lo a sair desse recolhimento e reassumir suas funções como seu par natural.

– Não creio que consiga isso.

– Bom, não custa tentar. Reassumas teu trono, grau e mistério para que eu possa deixar esse domínio sem me preocupar com o destino dos que aqui vivem.

– Assim ordenas, assim farei.

A distância, fiquei observando-a reassentar-se em seu trono e, de fato, quando ela reassumiu seu grau e mistério, tudo e todos que ali viviam começaram a receber suas vibrações mentais e energéticas.

O que eu não havia feito, ela começou a fazer, livrando-me da obrigação de assumir o destino de tantos seres até a pouco desamparados e entregues à própria sorte.

Se antes eu assumia o destino dos seres, eu estava começando a agir de outra forma, pois era melhor auxiliar o reerguimento de seus responsáveis do que ocupar seus lugares na vida deles.

Essa forma de atuar estava se cristalizando em meu íntimo e logo se tornaria meu método preferencial.

Quando tive certeza de que não haveria nova queda vibracional naquele domínio, abri um portal direto para a dimensão dos espíritos humanos. E, no instante seguinte, já estava de volta ao meu meio natural.

Eu estava de volta à Terra!

Então escolhi um local ainda preservado dos avanços populacionais e científicos, pois era um parque de preservação ecológica e, dali, dei início ao que tinha em mente:

– Auxiliar guardiões e guardiãs de mistérios que haviam sucumbido no exercício de suas funções e atribuições na vida dos seres colocados sob suas guardas.

Eu havia desencarnado na década de 1950 e retornava à dimensão humana 50 anos depois.

Nesses 50 anos de aprendizado, eu havia vivido muitos “milhares de anos” dentro de realidades (planos), de dimensões, de reinos e de domínios desconhecidos dos espíritos encarnados, e só conhecidos de um pequeno número de “guardiões humanos da Criação”.

Eu havia sido um médium umbandista em minha última encarnação e isto me ajudara nesse meu despertar para o lado oculto da vida, ainda que eu não tivesse a menor noção de como ele era ou do quão vasta é a Criação do nosso Pai e nosso Divino Criador, Infinito e Ilimitado em todos os sentidos.

“Assentei-me” em um lugar agradável e, a partir dele, dei início ao meu método de atuar:

– Por meio de um elemento da natureza, projeto-me para uma realidade paralela à humana e faço-o através de um portal ou passagem atemporal.

Então atuo reordenando a vida dos seres naturais, seus domínios e reinos e retorno no mesmo instante em que parti daqui.

Vivo minha vida como acredito que deva vivê-la e que seja do agrado de Deus e dos meus Pais e Mães Divinos.

Integrei-me à eternidade e à natureza terrestre, da qual me sirvo para servir Deus servindo aos meus semelhantes com os mistérios que herdei d'Ele quando fui gerado n'Ele e por Ele.

Sou um "Filho do Pai"... e você que acabou de ler este meu breve relato também o é.

Afinal, no fim, todos nos descobriremos Filhos d'Ele!